



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

IONEIDE NEGROMONTE DE VASCONCELOS ROCHA

O USO DO LÉXICO SOBRE PRÁTICAS AGRÍCOLAS NA FALA
DE DOCENTES E DISCENTES DE AGRONOMIA E DE
AGRICULTORES DA REGIÃO DE DOURADOS/MS

São José do Rio Preto - SP
2015

IONEIDE NEGROMONTE DE VASCONCELOS ROCHA

O USO DO LÉXICO SOBRE PRÁTICAS AGRÍCOLAS NA FALA
DE DOCENTES E DISCENTES DE AGRONOMIA E DE
AGRICULTORES DA REGIÃO DE DOURADOS/MS

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva

São José do Rio Preto - SP
2015

Vasconcelos Rocha, Ioneide Negromonte de.

O uso do léxico sobre práticas agrícolas na fala de docentes e discentes de Agronomia e de agricultores da região de Dourados/MS / Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha. -- São José do Rio Preto, 2015
202 f. : il., gráfs., tabs.

Orientador: Maria Cristina Parreira da Silva

Tese (doutorado) -- Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística aplicada. 2. Língua portuguesa - Lexicologia.
3. Sociolinguística. 4. Língua portuguesa - Variação. 5. Linguística de corpus.
6. Linguagem e cultura - Dourados (MS) 7. Agronomia - Terminologia.
I. Rocha, Ioneide Negromonte de Vasconcelos. II. Silva, Maria Cristina Parreira da. III. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. IV. Título.

CDU – 469.0-13

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

IONEIDE NEGROMONTE DE VASCONCELOS ROCHA

O USO DO LÉXICO SOBRE PRÁTICAS AGRÍCOLAS NA FALA DE
DOCENTES E DISCENTES DE AGRONOMIA E DE AGRICULTORES DA
REGIÃO DE DOURADOS/MS

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva (orientadora)
IBILCE - São José do Rio Preto

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
UFMS – Campo Grande

Prof. Dr. Celso Fernando Rocha
IBILCE/FCLAR – São José do Rio Preto/Araraquara

Profa. Dra. Maria Elias Soares
UFC - Fortaleza

Profa. Dra. Vivian Regina Orsi Galdino
IBILCE – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto – SP
2015

DEDICATÓRIA

Dedico a todas as pessoas que inspiraram e contribuíram para esta caminhada, que sempre estiveram presentes com o apoio, a força, o incentivo, a energia positiva, a amizade e que compartilharam de minha ideia e orações.

AGRADECIMENTOS

Os anos em que realizei esta pesquisa foram uma árdua jornada, de constantes desafios, e de amadurecimentos. Sofri, sorri e chorei muitas vezes; mas não há realização de um projeto de pesquisa que seja fácil e sem esforço. Aproveitei a oportunidade que Deus me deu. Por isso, registro aqui:

Meus sinceros agradecimentos

A Deus, pela fé que me mantém viva e fiel à vida honesta de trabalho e de estudos; por me amparar nos momentos difíceis, dar força para superar as dificuldades; mostrar os caminhos nas horas incertas e suprir todas as minhas necessidades.

A meus filhos, Cláudia e Carlos Augusto, com a esperança de que entendam, em algum momento, minhas inúmeras ausências e as incontáveis respostas como “não posso”, “agora não” e “depois da tese”. Dediquei muito do meu tempo a este trabalho acadêmico, consciente de que foi por uma nobre razão. Na verdade, a própria vida e a dedicação a outras pessoas ficam sempre para “depois da tese”.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva, por acreditar em mim, e mostrar-me o caminho da ciência. Sempre me ajudou com suas precisas e incisivas pontuações. Exemplo de profissional que sempre fará parte de minha vida.

Aos professores da área de Agronomia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), do Centro Universitário da Grande Dourados-UNIGRAN e da Faculdade Anhanguera de Dourados/MS, Prof. Dr. Alan de Souza, Prof. Dr. Fábio Régis de Souza, Prof. Dr. Omar Daniel (*in memoriam*), Prof. Me. Rubens Di Dio por contribuírem como informantes para o *corpus* do estudo e com dados substanciais de sua área de especialidade. Nesse grupo, destaco o Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze por sua nobreza, pois sempre colaborou quando precisei de seu auxílio, e as professoras que estiveram presentes desde o meu curso de Mestrado: Profa. Dra. Paula Pinheiro Padovese Peixoto que, generosamente, abriu as portas do curso de Agronomia da UFGD, auxiliou de modo efetivo para minha

interação com os docentes e discentes e compartilhou seus conhecimentos para que eu pudesse refletir e construir este estudo; Profa. Me. Roseli Áurea Soares Sanches, pessoa magnânima, de luz irradiante, e minha fonte de inspiração; a Profa. Dra. Rute Izabel Simões Conceição, um ser superior, que explica os conteúdos, inspirando seus alunos. A essas pessoas todo o meu carinho, respeito e admiração.

Aos informantes, acadêmicos de graduação em Agronomia e agricultores de Dourados/MS, por me permitirem entrar em seus mundos, disponibilizarem de seu tempo, compartilhando conhecimento para que eu pudesse desenvolver este trabalho.

Ao corpo docente, discente e funcionários do IBILCE, Câmpus de São José do Rio Preto da UNESP, onde fui aceita e acolhida. Conheci muitas pessoas nesse local e fiz muitos amigos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP, por auxiliarem para minha formação científica. Em especial, à profa. Dra. Fabiana Komesu, pela orientação no processo da Qualificação Especial do Curso. Ela é excelente exemplar de generosidade e paciência; também à profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa – FCLAR/UNESP – por sua ajuda em “desatar alguns nós” nesta minha caminhada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudo durante o período do curso, imprescindível ao desenvolvimento desta pesquisa.

EPÍGRAFE

“De fato, a própria língua não é algo rígido, inteiramente idêntico em milhares de pessoas que a falam. A língua é um substrato, modelo ou esquema que cada um de nós tem e que usa no momento em que fala. Mas esta língua depositada, por assim dizer, na nossa mente, é alguma coisa que vai sendo constantemente retocada, porque cada um de nós, em certo sentido, tem uma ‘língua’ própria”.

(Theodoro Henrique Maurer Júnior, 1967, p. 23)

RESUMO

A língua de um povo é a forma mais representativa de sua cultura, visto que é por meio dela que cada falante manifesta as crenças, os costumes, os valores, a religião, a visão de mundo de uma sociedade. Assim, estudar o léxico de uma língua natural revela o conhecimento da história social do povo que a utiliza. O propósito deste estudo foi investigar a variação do léxico corrente sobre práticas agrícolas em uso, no caso de falantes urbanos de Instituições de Ensino Superior (IES) e em falantes do meio rural da Região da Grande Dourados no Estado de Mato Grosso do Sul, que se distribuem nos seguintes grupos: A – docentes do curso de graduação em Agronomia, B – estudantes em formação no curso de graduação em Agronomia e C – agricultores. Esta pesquisa baseia-se nos pressupostos teóricos da Lexicologia, acrescentando fundamentos da Dialetoлогия e da Sociolinguística, duas áreas da linguística que têm a língua em uso como objeto de estudo, com o enfoque voltado para o fenômeno da variação. No que concerne a Lexicologia, especificamente os aspectos léxico-semânticos, os estudos foram orientados por Sapir (1961), Rey (1970), Pottier (1978), Lyons (1979), Biderman (2001); a base da Dialetoлогия tem como fonte Ferreira e Cardoso (1994), Ferreira et al (1996); da Sociolinguística, Tarallo (1986), Preti (2003), Bortoni-Ricardo (2004), dentre outros. A Linguística de *Corpus*, segundo preceitos de Berber Sardinha (2003, 2004, 2005), contribuiu para a realização dos procedimentos metodológicos. O léxico é analisado dentro de um processo de interação com o próprio meio social, possibilitando a identificação das diferenças e semelhanças dos níveis de uso, que podem ser observados tanto em unidades lexicais técnicas (próprias da Literatura de práticas agrícolas) quanto na fala corrente, revelando a variação lexical na fala dos informantes. Assim, na análise foram essenciais os Campos Léxico-Semânticos (CLS) para descrição do *corpus*. A pesquisa foi realizada a partir de uma amostragem de 41 entrevistas orais gravadas com falantes dos três grupos e moradores na região da Grande Dourados/MS, de onde foram catalogadas as lexias mais frequentes classificadas nos CLS. O procedimento de entrevista, *in loco*, e a transcrição do *corpus* usam, como modelo, o banco de dados da Amostra Linguística do Interior Paulista (PROJETO ALIP). O processamento, a seleção das lexias e a análise dos dados foram realizados por meio das ferramentas disponibilizadas no Programa *WordSmith Tools* 6.0. Os resultados demonstraram que os falantes das amostras A, B e C, com conhecimento especializado e não especializado em práticas agrícolas, utilizam escolhas lexicais semelhantes que perpassam tanto por um uso do léxico específico da área quanto por um uso de nível popular como os jargões. O grupo A dialoga com maior frequência com o grupo B, enquanto este interage tanto com o grupo A quanto com o grupo C, resultando dessa interação um percentual de 59,44% de semelhanças lexicais entre A, B e C em oposição a 40,55% de escolhas individuais em A, B e C. Constatou-se também que o comportamento linguístico dos informantes da amostra em questão evidencia influências socioculturais, históricas e ambientais, refletidas na variação lexical, decorrentes da própria identidade frente à realidade vivenciada nas práticas agrícolas.

Palavras-chave: Lexicologia. Variação lexical. Campos Léxico-Semânticos de práticas agrícolas. Agronomia. Dourados/MS.

ABSTRACT

The language of a commonwealth is the most representative form of their culture, since it's through it that every speaker manifest beliefs, traditions, religion and a world view of a society. So, studying the lexicon of a natural language reveals the knowledge of the social history of the commonwealth that uses it. The purpose of this study was to investigate the usage of the lexical variation current on agricultural practices of urban speakers of Higher Education institutions (IES) and among speakers of rural area in the great region of Dourados on Mato Grosso do Sul state, which are distributed in the following groups: A - teachers from the graduation course in Agronomy, B - students from the graduation course in Agronomy, C - farmers. This research is based on theoretical assumptions of Lexicology, adding some fundamentals of Dialectology and Sociolinguistics, two areas of linguistics which have the language in use as object of study, with the focus turned to the variation phenomenon. Regarding the Lexicology, specifically the lexical-semantic aspects, studies were oriented by Sapir (1961), Rey (1970) Pottier (1978), Pottier (1978), Lyons (1979), Biderman (2001); the base of the Dialectology has as its source Ferreira e Cardoso (1994), Ferreira et al (1996); of the Sociolinguistics, Tarallo (1986), Preti (2003) Bortoni-Ricardo (2004), among others. Corpus Linguistics, according to precepts of Berber Sardinha (2003, 2004, 2005) contributed to the realization of the methodological procedures. The lexicon is analyzed in a process of interaction with its own social environment, enabling the identification of the differences and similarities in levels of use, which can be observed both in technical lexical units (inherent of Literature farming practices) and in everyday speech, revealing the lexical variation in the speech of informants. Thus, in the analysis, the Lexical and Semantic Fields (CLS) were essential for the description of the corpus. The survey was conducted from a sample of 41 oral interviews recorded with speakers of the three groups and residents in the Greater Dourados/MS, from where they were cataloged the most frequently lexias classified in CLS. The interview procedure was IN LOCO, and the transcription of the corpus uses as a model, the database Sample Linguistics Interior Paulista (ALIP PROJECT). The processing, the selection of lexias and data analysis were performed using the tools available in the program WordSmith Tools 6.0. The results showed that speakers of the samples A, B and C, with expertise and not specialized in agricultural practices, use similar lexical choices that underlie both by use of the specific vocabulary of the area or by a popular level such as jargon. Group A dialogues more frequently with group B, while it interacts with both group A and group C with resulting from this interaction, while it interacts with both group A and group C resulting from these interaction a percentage of 59.44% of lexical similarities between A, B and C as opposed to 40, 55% of individual choices in A, B and C. Also It was found that the linguistic behavior of the sample informants in question highlights socio-cultural, historical and environmental influences, reflected at the lexical variation, resulting from the own identity faced with the reality experienced in agricultural practices.

Keywords: lexicology. Lexical variation. Lexical and Semantic fields of agricultural practices. Agronomy. Dourados/MS.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS.....	16
2	LEXICOLOGIA, VARIAÇÃO LEXICAL E A TEORIA DOS CAMPOS	25
2.1	O papel da língua no cenário social.....	25
2.2	A língua no contexto urbano e rural	35
2.3	Estudos do léxico: base teórica.....	39
2.3.1	Noções de palavra, de vocábulo e de unidade lexical	43
2.3.2	A unidade lexical: da lexia simples à textual	46
2.4	Variação linguística: o movimento da língua	48
2.5	Nas trilhas da teoria dos Campos Léxico-Semânticos.....	58
3	O INSTRUMENTO DA LINGUÍSTICA DE <i>CORPUS</i> NO PROCESSO DOS DADOS ..	65
3.1	A Linguística de <i>Corpus</i> e o <i>corpus</i> : características e conceitos	65
3.1.1	O <i>corpus</i> de estudo na Linguística de <i>Corpus</i>	69
3.1.2	Os <i>corpora</i> desta pesquisa: <i>corpus</i> de referência e <i>corpus</i> de estudo	71
3.2	O programa <i>WordSmith Tools</i> 6.0 e a descrição das ferramentas	74
4	PERCURSO DOS PROCESSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	85
4.1	Os participantes envolvidos na pesquisa	85
4.2	Materiais e métodos.....	89
4.3	O armazenamento dos dados	92
4.4	Material de apoio das Ciências Agrárias	93
4.5	Alguns aspectos demográficos e agrícolas de Dourados/MS	94

5 ANÁLISES EM CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS DA VARIAÇÃO LEXICAL DE FALANTES PERTENCENTES AO UNIVERSO DA AGRICULTURA.....	103
5.1 As lexias mais frequentes no <i>corpus</i> de estudo	103
5.2 Descrição dos Campos Léxico-Semânticos de práticas agrícolas	119
5.3 Análises das lexias em Campos Léxico-Semânticos.....	122
5.3.1 Campo Léxico-Semântico de Preparo do Solo.....	123
5.3.2 Campo Léxico-Semântico de Semeadura ou Plantio	131
5.3.3 Campo Léxico-Semântico de Tratos Culturais.....	140
5.3.4 Campo Léxico-Semântico de Estágios Fenológicos	147
5.3.5 Campo Léxico-Semântico de Recursos Tecnológicos e Pós-colheita.....	152
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICES	174
APÊNDICE A – Ficha de Informante	174
APÊNDICE B – Roteiro de questões para os grupos A, B e C	175
APÊNDICE C –Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	176
APÊNDICE D – Amostra de transcrições de entrevistas orais do grupo A.....	177
APÊNDICE E – Amostra de transcrições de entrevistas orais do grupo B.....	183
APÊNDICE F – Amostra de transcrições de entrevistas orais do grupo C.....	192
ANEXOS.....	198
ANEXO A – Primeiro Parecer Consubstanciado do CEP.....	198
ANEXO B – Segundo Parecer Consubstanciado do CEP	200

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O programa <i>WordSmith Tools</i> 6.0	74
Figura 2 – Amostra da lista por frequência	76
Figura 3 – Amostra da lista por ordem alfabética	76
Figura 4 – Amostra da lista por estatística	77
Figura 5 – Procedimento inicial para busca da lista de palavras-chave	80
Figura 6 – Amostra da lista de palavras-chave	81
Figura 7a) – Dados gerais das concordâncias da lexia “solo” e dados numéricos	83
Figura 7 b) – Amostra das concordâncias da lexia “solo”	84
Figura 8 – Armazenamento dos arquivos de áudio.....	92
Figura 9 – Monumento em homenagem aos colonos	98
Figura 10 – Colheita da soja em Dourados/MS	101
Figura 11 – Informações gerais do <i>corpus</i> no programa <i>WordSmith Tools</i>	104
Figura 12 – Amostra das lexias mais frequentes no <i>corpus</i>	105
Figura 13 – Agrupamento da lexia “plantio direto”	107
Figura 14 – Agrupamento da lexia “agricultura de precisão”	108
Figura 15 – Amostra das palavras-chave e palavras-chave chave	110
Figura 16 - Agrupamento da lexia “acidez do solo”	128
Figura 17 – Padrões de ocorrência da lexia “agrícola”	134
Figura 18 – Agrupamento da lexia “agricultura”	135
Figura 19 – Agrupamento da lexia “plantadeira”	138
Figura 20 – Amostra de concordância da lexia “colheitadeira” em uso nos grupos B e C ...	151
Figura 21 – Amostra da lexia “colhedeira” em uso nos grupos B e C	151
Figura 22 – Amostra de concordância da lexia “preço” em uso nos grupos B e C	155

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Semelhanças nas escolhas lexicais entre os informantes	117
Gráfico 2 – Semelhanças lexicais no CLS de Preparo do Solo entre A, B e C	130
Gráfico 3 – Diferenças lexicais no CLS de Preparo de Solo em A, B e C	130
Gráfico 4 – Semelhanças lexicais no CLS de Semeadura ou Plantio entre A, B e C.....	139
Gráfico 5 – Diferenças lexicais no CLS de Semeadura ou Plantio de A, B e C	139
Gráfico 6 – Semelhanças lexicais no CLS de Tratos Culturais em A, B e C	146
Gráfico 7 – Diferenças lexicais no CLS de Tratos Culturais de A, B e C	146
Gráfico 8 – Semelhanças lexicais em Recursos Tecnológicos e Pós-colheita entre A, B e C	156
Gráfico 9 – Semelhanças e diferenças das escolhas lexicais nos CLS	158

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Amostra das lexias mais frequentes na área da agricultura	106
Tabela 2 – Palavras-chave do <i>corpus</i> de estudo em relação ao <i>corpus</i> de referência	111
Tabela 3 – Lexias mais frequentes dos grupos A, B e C	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo das teorias	63
Quadro 2 – Extensão do <i>corpus</i> de estudo	71
Quadro 3 – Extensão do <i>corpus</i> de referência escrito	73
Quadro 4 – Extensão do <i>corpus</i> de referência falado	73
Quadro 5 – O perfil dos informantes	88
Quadro 6 – Escolha dos Campos Léxico-Semânticos do <i>corpus</i> em estudo	120
Quadro 7 – Lexias representativas do CLS Preparo de Solo	123
Quadro 8 – Lexias representativas do CLS de Semeadura ou Plantio	132
Quadro 9 – Lexias representativas do CLS de Tratos Culturais	140
Quadro 10 – Lexias representativas do CLS de Estágios Fenológicos	147
Quadro 11 – Lexias representativas do CLS de Recursos Tecnológicos e Pós-colheita	152

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A – Docente do curso de graduação em Agronomia

B – Acadêmico graduando em Agronomia

C – Agricultor

CLS – Campo Léxico-Semântico

LC – Linguística de *Corpus*

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A língua de um povo é a forma mais representativa de suas características culturais. Por isso, o estudo do léxico de uma língua natural (lugar ideal para encontrar essas características) permite caminhar, num determinado momento, pela história e costumes de um povo, decorrente do fato de o léxico conseguir manifestar a realidade de uma sociedade, anunciando os valores pessoais do comportamento linguístico de seus usuários.

Com base nesse princípio, o léxico revela todo o conhecimento da história do povo que a utiliza, uma vez que a língua, a história e a cultura encontram-se interligadas e, desse modo, estudar uma dessas dimensões significa imergir nas outras também. Não por acaso, Biderman (1981, p.132) concebe o léxico como “patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural”. Dito de outro modo, o léxico é o “patrimônio” vocabular de um povo ao longo de sua história e, portanto, essencial para revelar aspectos latentes da história e da linguística da língua estudada.

Entende-se, desse modo, que o léxico relaciona-se com a própria cultura do falante nativo, devido ao fato de se vincular a maneira como cada cultura interpreta a realidade, resultando em um processo de nomeação e de cognição nos mais diferentes registros linguísticos. O léxico se configura como o acervo vocabular de uma língua natural, cujos falantes têm à sua disposição para seus usos orais e escritos. Além disso, o léxico gera constantes mudanças de forma gradual e, às vezes, imperceptíveis por ser um domínio da língua que mais se aproxima da realidade extralinguística.

Como o falante, por meio da língua em uso, manifesta o seu comportamento e a sua visão de mundo. Nesse segmento, infere-se que a cultura e a língua são inseparáveis; por isso, nesta pesquisa, cultura é considerada em sua concepção ampla como conjunto de padrões de comportamento do indivíduo ou de um grupo social. Monteiro (2000, p. 22), citando Tylor refere-se à cultura como “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”, em consonância com o nosso entendimento sobre cultura.

É nesse aspecto que o léxico de uma língua natural impregna-se de dinamismo. Biderman (1998, p. 138) concebe o léxico como “um conjunto aberto” e abrange os universos “linguístico e extralinguístico”. Entre estes, inferem-se os fatores históricos, geográficos e culturais, compreendendo a ideia de cultura; entre aqueles, estão às modificações em termos

fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais. Desse ponto de vista, a língua em uso mostra-se sujeita a variações e essas são fortemente evidenciadas no léxico.

Desse ponto de vista, esta pesquisa está assentada na perspectiva de que para o estudo do léxico é necessário também considerar hábitos, costumes, valores e crenças de uma sociedade. É por meio do léxico que todo saber adquirido em vários momentos da vida dos indivíduos é transmitido às gerações seguintes e não é ao acaso que o léxico é mais associado ao extralinguístico.

É com esse espírito que nos interessa o movimento propiciado pelo uso da língua no campo que concerne à variação lexical, considerando que a língua, especialmente na modalidade falada, sofre variações relativas às situações de comunicação e ao ambiente social do usuário, por conseguinte é natural que se instaurem diversas variedades características de seu sistema. Nesse universo da língua, os estudos sincrônicos permitem ao pesquisador verificar os processos de transformações na língua, cujo objetivo é apresentar seu funcionamento de modo sistemático.

Em relação à variação, Ferreira et al. (1996, p. 479) assinala que ela consiste no modo de a língua mostrar seu dinamismo, “estando todas as línguas vivas e sujeitas a fatores de mudança, a variação que deles decorre faz parte integrante da linguagem humana e pode ser estudada e descrita”. Sendo assim, as línguas vivem por força da variedade, que pode, em determinado momento, produzir mudanças na língua.

Nesse âmbito, Tarallo (1986, p.8) compreende que as formas em variação recebem o nome de “variantes linguísticas”. Para o sociolinguista, “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. O uso de uma ou outra variante linguística é influenciado por fatores linguísticos ou sociais.

A variação diastrática ou social, por exemplo, consiste em um tipo de variação linguística utilizada por falantes pertencentes a um grupo social específico, às vezes, decorrente da convivência. As particularidades no comportamento linguístico distinguem as pessoas de um grupo com relação às de outros grupos, decorrentes das diferenças entre os estratos socioculturais, visto que a manifestação desse tipo de variação relaciona-se a um conjunto de fatores de identidade dos falantes e com a própria organização sociocultural.

O estudo da variação, portanto, estimula o interesse linguístico, histórico e cultural e torna-se importante objeto de pesquisa para estudiosos dos mais variados ramos da Linguística, como a Dialetoлогия, a Lexicologia, a Sociolinguística. Isso mostra a relevância deste objeto – a língua – para o conhecimento do ser humano e das civilizações.

Como nos interessamos muito por esse tema, cabe ressaltar que esta pesquisa realiza-se na sequência de outra, um trabalho anterior que descrevemos a seguir. Por meio do estudo linguístico de um estrato social – amostra de falantes de acadêmicos de graduação em Agronomia – foi uma pesquisa realizada, por Vasconcelos Rocha (2010), na dissertação do Curso de Mestrado da UFMS, intitulada *A gíria na fala de acadêmicos da graduação em Agronomia da Grande Dourados – MS*. O trabalho demonstrou o perfil do acadêmico do curso de graduação em Agronomia da cidade de Dourados/MS e o uso linguístico no cotidiano entre os estudantes.

Os estudos revelaram que as escolhas lexicais realizadas por acadêmicos do curso de graduação em Agronomia das universidades assemelhavam-se àquelas de pessoas moradoras da zona rural, especialmente as que atuavam em práticas tanto da agricultura como da pecuária. Os estudantes privilegiavam essas escolhas por acreditarem ser importantes para as relações sociais e profissionais após o término do curso de graduação.

Esses resultados contribuíram para a definição do atual objeto de investigação e forneceram uma visão da norma em uso por estudantes: as escolhas lexicais utilizadas no dia a dia por universitários de Agronomia semelhantes às do homem do campo. Por consequência, esse comportamento linguístico motivou ainda mais estudos sobre o léxico usado por pessoas da área de Ciências Agrárias, incluindo neste novo estudo não só universitários, mas também docentes de graduação em Agronomia. O foco é verificar se as opções lexicais de pessoas ligadas ao meio acadêmico do curso de Agronomia mantêm similaridade com o léxico do produtor rural, especificamente em relação às atividades práticas da agricultura da região de Dourados/MS.

As descobertas que podemos observar nos estudos linguísticos são importantes em vários aspectos como: fornecer subsídio para reflexões sobre uma realidade de falantes que deve ser considerada; constituir material para estudo de componentes de língua e de cultura; disponibilizar material sobre aspectos da fala em uso e da região pesquisada, servindo como fonte de esclarecimentos para estudos especialmente sobre temas histórico-culturais e interessados na linguagem ou não.

Por outro lado, a realização deste novo estudo na área do léxico, no tocante à variação lexical de uma amostra de falantes, requer antes algumas reflexões sobre diversos conceitos importantes das Ciências do Léxico, para citar alguns, temos: signo linguístico, lexema, e lexia, item e unidade lexical, palavra, e vocábulo. A título de exemplo, trazemos na sequência uma breve descrição dos conceitos de signo linguístico e de lexema e lexia.

A noção de signo linguístico, por exemplo, foi criada por Ferdinand de Saussure, linguista considerado "o pai da linguística" estruturalista. Para ele, o signo se refere à relação que há entre o nome dado às coisas existentes e a coisa em si. Pottier, linguista francês, por sua vez, com base estruturalista hjelmsleviana, que corresponde a uma releitura da teoria de Saussure sobre os conceitos de significado e de significante, parte das concepções de plano de conteúdo e plano de expressão das unidades lexicais, relevantes para a aplicação das relações de significado.

Na perspectiva terminológica de Pottier, *lexia* é o termo para a manifestação do *lexema*, a unidade abstrata do léxico, tornando-se, assim, a manifestação discursiva do *lexema*. Nos estudos, o linguista distingue as *lexias* do seguinte modo: *lexia* simples, *lexia* composta, *lexia* complexa estável e *lexia* textual.

Neste *corpus* de estudo lexical, é comum a existência de um plano de expressão que dá suporte material para um conteúdo, nascendo desta relação o signo. Por essa razão, no plano das realizações discursivas, a *lexia* é o uso considerado nas análises desta pesquisa. O *corpus* de estudo é constituído a partir de gravações de fala de uma amostra de indivíduos em situação de comunicação informal – o léxico no discurso falado – mostrando-se coerente, portanto, referir-se ao léxico coletado e utilizado pelos informantes com a denominação de *lexia*.

No tocante à precisão terminológica em linguística, ao tratar das distinções de Pottier, Biderman (2001, p.169) esclarece que “os linguistas cunharam o termo *lexema* para designar a unidade léxica abstrata em língua”, enquanto a *lexia* representa a unidade lexical concreta. Dessa maneira, um *lexema* se manifesta de várias formas no nível do discurso oral ou escrito. Cada uma das formas de um *lexema* é representada por uma *lexia*, por ser entendida como a unidade lexical funcional do discurso, ou seja, as realizações concretas do *lexema* acontecem por meio das *lexias*.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento desta pesquisa se baseia nos estudos da Lexicologia. Parte-se de uma amostragem de falantes ligada à área de Ciências Agrárias, de modo específico nas práticas da agricultura da região de Dourados/MS. O objetivo do trabalho é descrever a variação léxico-semântica utilizada pelo universo de informantes composto por falantes urbanos, representados por acadêmicos, profissionais do curso de Engenharia Agrônômica – docentes que representam o sistema educacional – (informantes A); acadêmicos em formação no curso de Engenharia Agrônômica (informantes B); e falantes

do meio rural, representados por produtores em agricultura na região da Grande Dourados /MS – (informantes C)¹.

Os estudos baseiam-se nos fundamentos da Lexicologia e retomam teóricos que trataram de aspectos léxico-semânticos como Sapir (1961), Rey (1970), Pottier (1978), Lyons (1979, 1987), Biderman (1981, 1993, 1998, 1999, 2001, 2004), Haensch (1982), Abbade (2012), Silva (2013); a Dialetoogia se faz presente por estudos orientados por Ferreira e Cardoso (1994), Ferreira (1996); a Sociolinguística, por Tarallo (1986), Preti (2003), Bortoni-Ricardo (2004), dentre outros que têm contribuído para a ampliação do papel dos estudos da língua.

A análise em Campos Léxico-Semânticos baseia-se nas teorias de Trier (1931, 1934), Ullmann (1964), Genouvrier e Peytard (1974), Coseriu (1979), porque acreditamos que discussões e pesquisas que privilegiam a Teoria dos Campos Léxicos podem trazer importantes contribuições para a análise de pesquisa priorizada neste trabalho.

No tocante aos procedimentos metodológicos foram apoiados nos preceitos da Linguística de *Corpus* norteados por Berber Sardinha (2003, 2004, 2005, 2006), que contribuíram para a organização do *corpus* de estudo e para análise dos itens lexicais distribuídos em Campos Léxico-Semânticos da agricultura.

Para análise dos itens lexicais do contexto das práticas agrícolas, contamos com o amparo de obras didáticas de referência no curso de Engenharia Agrônômica como Yamada et al. (2007), Gomes et al. (2004), Azevedo et al. (2007) e Ormond (2006), que se constituem como material de apoio específico da agricultura. Essas obras funcionam como forma de consulta das escolhas lexicais em uso coletadas no *corpus* de estudo pertencentes ou não à área da Agricultura. Acrescentamos ainda, nesse ensejo, que estas obras foram sugestões de docentes das universidades de Dourados que participam deste estudo. Também há consultas em dicionários de língua geral, como Ferreira (2004) e Houaiss e Villar (2009), além do terminológico das áreas agrárias de Ormond (2006), a fim de contemplar a compreensão do uso na língua geral como marca diatópica ou variante popular.

Envolvidos com informantes do campo rural e urbano para constituição do *corpus* deste estudo - registros lexicais coletados - produzimos uma média de cinco horas de entrevistas orais gravadas com cada um dos grupos, A, B e C. Para tanto, foram necessárias à realização de 41 entrevistas, distribuídas em 5 informantes do grupo A; 21 informantes do grupo B e 15 informantes do grupo C.

¹ A, B e C foi a forma de tratamento adotada, neste texto, aos informantes da região de Dourados/MS.

A amostragem é constituída por informantes com características distintas: jovens e adultos; moradores da zona rural, moradores da zona urbana; detentores de conhecimento científico, detentores de conhecimento empírico, mas todos os informantes interagem no universo da cultura das práticas agrícolas.

Isto posto, no *corpus*, evidenciamos variantes lexicais das práticas ensinadas no curso de graduação em Agronomia e as escolhas lexicais utilizadas no cotidiano dos informantes concernentes à área da agricultura, visando refletir sobre como o conhecimento se processa para esses falantes do meio urbano e do meio rural e de conhecimentos especializado ou não especializado. Os objetivos se concentram em:

1. Coletar e analisar uma amostra lexical dos informantes A, B e C do domínio da agricultura.
2. Observar a variação léxico-semântica das unidades lexicais catalogadas nas entrevistas gravadas de A, B e C no *corpus* de estudo e as relações de semelhanças e diferenças nas escolhas lexicais dos grupos em questão.
3. Organizar, selecionar e classificar em Campos Semânticos as escolhas lexicais sobre as práticas da agricultura de A, B e C.
4. Analisar, com base no *corpus* e no *corpus* de referência, a importância do uso da variação lexical na cultura do informante e de sua experiência com a agricultura, de acordo com a classificação em Campos Léxico-Semânticos.

As transcrições das entrevistas gravadas geraram um *corpus* de 112.594 *tokens* correntes, tendo sido disponibilizados para o estudo 6.317 *types*. São utilizados dois *corpus* de referências do *Banco de Português* do Brasil: uma lista de palavras de *corpus* escrito, com 254.405 itens lexicais distintos; uma lista de palavras de *corpus* falado, com 46.095 itens lexicais distintos. O objetivo de uso desses *corpora* de referência é comparar a relevância significativa do léxico do *corpus* de estudo em relação a outro *corpus* geral.

O comportamento linguístico na modalidade falada envolvendo esta amostragem coloca em destaque as escolhas lexicais realizadas no cotidiano de práticas agrícolas. Desse modo, algumas questões que perpassaram neste trabalho são: i) até que ponto pode-se delimitar as relações de semelhanças e diferenças entre os termos científicos e o uso dos falantes A, B e C?; ii) como o conhecimento científico pode contribuir na relação comunicativa entre os grupos aqui denominados de A, B e C?; iii) o léxico científico está presente na fala dos usuários entrevistados A, B e C?

Algumas hipóteses foram traçadas no sentido de orientar as respostas aos questionamentos, considerando, pois: i) o comportamento linguístico dos falantes se reflete na adequação do vocabulário da agricultura entre os interlocutores nas relações acadêmicas no ambiente universitário entre A e B e profissionais entre A e C, e B e C; ii) o conhecimento científico prevalece na comunicação entre A, B e C, em função do interesse pela agricultura, especialmente na troca de conhecimento técnico-científico e prático e para a relação comunicativa entre grupos; iii) o comportamento linguístico dos falantes dessa área de conhecimento com relação à variação lexical diferencia-se de acordo com o grau de instrução e da situação de comunicação de cada grupo da amostra. As lexias extraídas do *corpus* da produção oral dos três grupos, A, B e C são os condutores da análise deste trabalho.

Para organização do texto, esta tese contempla, além destas Considerações Introdutórias que apresentam uma visão geral do trabalho desenvolvido e também os objetivos da pesquisa, quatro capítulos organizados da seguinte maneira:

No primeiro capítulo constam as reflexões teóricas que embasaram esta pesquisa, traçando inicialmente alguns aspectos sobre o papel da língua e a cultura para os estudos do léxico, incluindo a questão sobre uso da língua em contexto urbano e rural. A Lexicologia é revisitada, enquanto disciplina e ciência, revelando seu objeto de estudo e trazendo noções de conceito sobre “palavra”, “vocábulo”, “lexema” e “lexia” que subsidiaram o direcionamento da temática eleita na pesquisa e visando focalizar a variação lexical da fala na amostra social, envolvendo reflexões sobre as escolhas lexicais. Igualmente importantes são os tópicos sobre a Teoria dos Campos Léxicos e dos Campos Semânticos, sendo necessários para a seleção e a distribuição das lexias em Campos Léxico-Semânticos.

O segundo capítulo versa sobre aspectos teórico-metodológicos importantes sobre o tratamento do *corpus* da pesquisa, trazendo a definição de Linguística de *Corpus*, além da descrição e definição sobre o *corpus* de estudo e o *corpus* de referência. Inclui-se uma descrição do programa *WordSmith Tools* 6.0, apoio utilizado para processamento do *corpus*, destacando as ferramentas disponibilizadas no programa que geram listagens como listas de palavras (*WordList*), palavras-chave (*KeyWords*) e concordâncias (*Concord*) das lexias do *corpus*.

O terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos utilizados para realização da pesquisa, salientando os critérios para a escolha dos participantes, construção da ficha do informante, roteiro de questões direcionadas para entrevista oral gravada, realizada com o recurso de gravador de voz. Soma-se a isso a apresentação do perfil dos informantes, quanto à sua relação com a agricultura, idade, nível de instrução e outros dados. Apresentamos também

um recorte histórico sobre a região de Dourados/MS, privilegiando aspectos concernentes ao início da demografia no município e as suas terras agricultáveis. Destacam-se a população, a cultura agrícola praticada e a economia baseada na agricultura, que vão influenciar na escolha lexical. Como se trata de uma seção descritiva de um referente real, são incluídas ilustrações de um dos monumentos importantes da história do município e de uma imagem da agricultura (a colheita de grãos da soja, um dos tipos de agricultura mais praticados na região).

A análise da proposta objetivada nesta pesquisa, pautada nos pressupostos teóricos da Lexicologia, encontra-se no quarto capítulo, por meio de um estudo descritivo por amostragem dos dados da variação lexical e sistematizado em Campos Léxico-Semânticos. Em princípio, apresenta-se uma amostra das lexias de maior frequência utilizadas pelo grupo de informantes A, B e C, com a finalidade de tornar familiar o léxico de uso comum nos procedimentos de práticas agrícolas. Para organizar o vocabulário dos informantes, as lexias são distribuídas em cinco Campos Léxico-Semânticos (CLS), segundo marcas comuns de significações, reunidos em quadros de classificação compostos por: CLS 1- Preparo do Solo; CLS 2 - Semeadura ou Plantio; CLS 3 - Tratos Culturais; CLS 4 - Estágios Fenológicos; CLS 5 - Recursos Tecnológicos e Pós-Colheita, denominações orientadas pelo grupo A. Essa maneira de disposição operacionaliza o processo de organização das lexias, auxiliando para melhor esclarecimento quanto às semelhanças e diferenças das escolhas lexicais, utilizadas pelos informantes A, B e C.

Por último, as Considerações Finais oferecem a revisão dos principais resultados obtidos a partir das análises, constituída com base nas teorias apresentadas. No final do trabalho, estão divulgadas as Referências que reúnem o material da fundamentação teórica que sustentou a pesquisa; os apêndices, que apresentam a ficha de informante, o questionário de entrevista elaborado para a coleta de dados, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento e uma amostra de entrevistas transcritas; os anexos, que revelam dois pareceres do Comitê de Ética em Pesquisa, documentos que funcionaram como motores para o processo inicial de desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, este trabalho permite perceber que os estudos de comportamento linguístico denotam grande relevância social, uma vez que se constata a estreita relação entre o comportamento social de um grupo estudado e a suas opções lexicais. Sendo assim, afirmamos que por meio do uso da língua é possível conhecer o grupo falante que a utiliza.

De fato, as pesquisas linguísticas promovem também aos falantes, da amostra estudada, o conhecimento mais aprofundado do uso da língua em que poderá contribuir para a melhoria da comunicação entre os integrantes do grupo. É provável que possa minimizar possíveis

situações de conflito linguístico, visto que a maneira peculiar como grupos restritos falam ultrapassa um simples ato comunicativo; pois, além de favorecer as relações entre si e os outros, demonstra também a sua visão de mundo, suas marcas individuais e a identidade enquanto grupo.

Sob essa ótica, apresentar o universo linguístico da variação léxico-semântica que pertença ao léxico de comunidades específicas – em especial da amostra envolvida com a prática da agricultura – promove a importância da variedade em uso, que se constitui, assim como outros estudos dessa perspectiva, como o fenômeno imprescindível no processo natural da renovação da língua. Por isso, acreditamos que os resultados desta pesquisa possam contribuir efetivamente para o reconhecimento do comportamento linguístico do grupo em questão.

Devemos considerar ainda que, embora existam estudos voltados para o léxico entre o rural e o urbano da Língua Portuguesa no Brasil, não foram encontradas, até o momento da realização desta, pesquisas referentes à variação lexical de práticas agrícolas usadas por comunidades acadêmicas e rurais na região de Dourados no Estado de Mato Grosso do Sul. Destaca-se, portanto, a relevância que coloca esta pesquisa original na sua concepção, contribuindo para o conhecimento e desenvolvimento de novas pesquisas de Dourados/MS, neste ou em outros campos semânticos na área da Lexicologia.

2 LEXICOLOGIA, VARIAÇÃO LEXICAL E A TEORIA DOS CAMPOS

Este capítulo delineia características sobre o papel da língua no cenário social, considerando que falar sobre o léxico é também falar sobre língua e sobre alguns aspectos culturais que emergem, decorrentes da relação do indivíduo com o ambiente. Por isso, em função da ambiguidade que por ventura possa se criar, apresentamos, nesta seção, os significados que a unidade lexical “cultura” pode assumir em contextos de diferentes situações de comunicação, devido ao fato de tratarmos nesta tese do fator cultural na língua e da prática de cultura agrícola. Também são tratadas, à luz da Lexicologia, as noções concernentes no tocante à unidade “palavra” e aos termos vocábulo, lexema, lexia simples, lexia composta, lexia complexa e lexia textual que são designações relevantes para as análises do *corpus*. A seção é avultada com estudos da variação lexical e da Teoria dos Campos léxicos, que subsidiaram as reflexões resultantes da pesquisa, no sentido de esclarecer conceitos da relação “variação léxico-semântica” utilizada pela amostra deste estudo.

2.1 O papel da língua no cenário social

A maneira de ser e de falar do indivíduo deixa transparecer sua relação e seu conhecimento sobre o universo em que vive. Uma parcela do saber alcançado pelo ser humano é decorrente das manifestações da língua por experiências individuais e está ligada às influências do meio ambiente físico e social ao qual pertence o falante. Sob essa ótica, a língua no contexto social relaciona-se não só com o ambiente físico mas também com os aspectos culturais da sociedade. Por esse contato, julgamos necessário apresentar, antes de finalizar esta seção, alguns conceitos teóricos que abrangem a unidade lexical “cultura” correlacionada à língua, focalizando as noções distintas que aparecem nos contextos falados do *corpus* desta pesquisa.

Na interação do ser humano com o ambiente, Sapir considera que o estudo do léxico de uma língua direciona a “inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam; e, ainda mais, que o aspecto relativamente transparente ou não transparente do próprio léxico permite deduzir o grau de familiaridade que se tem adquirido com os vários elementos do ambiente.” (SAPIR, 1961, p.49). Isso evidencia a condição que liga o ser humano e a sociedade e também o modo histórico de existência do indivíduo em uma sociedade.

No tocante à língua, Saussure a concebe como ao mesmo tempo “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 1974, p.17). A linguagem, na perspectiva de Saussure, mostra-se “heteróclita e multifacetada”, pois sua abrangência cerca-se de uma complexidade e de uma diversidade de assuntos que emergem a reflexão de outras ciências, exemplificam-se aqui a Psicologia e a Antropologia.

Para o linguista suíço, a linguagem é compreendida como um objeto unificado e suscetível de classificação e tem na língua uma parte essencial para a sua realização. Assim, ao comparar língua e fala, afirma que “embora seja uma manifestação concreta da língua (uma atualização real do sistema abstrato) através do exercício físico-psíquico da linguagem, a fala não se confunde com a língua.” (SAUSSURE, 1974, p.17). Por conseguinte, a língua, em seu uso prático, é um sistema utilizado como meio de comunicação entre os componentes de uma comunidade.

Na comunicação, os falantes de uma língua em uso sofrem influências de fatores internos e os externos à língua que estão ligados às características físicas e culturais da região, ao grau de instrução, à faixa etária, ao meio ambiente social e familiar, à profissão, à situação da comunicação, dentre outros fatores que contribuem para o surgimento de variações linguísticas. A respeito do processo de apreensão da língua do indivíduo sobre a realidade, Biderman esclarece que

o acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o ambiente físico como o meio cultural. (BIDERMAN, 1981, p. 134).

Nessa relação entre homem e o meio em que vive, existe uma influência ambiental que é solidificada ou transformada de acordo com as forças sociais. Desse modo, a língua é determinada e mantida por seu uso na sociedade, agrega-se isso a maioria de atitudes, sentimentos e crenças do povo como produto de socialização.

Nesse contexto social, Biderman (1998) explica que a língua é considerada como patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros elementos de herança cultural. A linguista enfatiza que “de fato, através do processo de educação social o homem adquire tanto a língua da sua comunidade como o seu vocabulário.” (BIDERMAN, 1998, p. 103 e 104). A autora enfatiza que o falante constrói o seu acervo lexical por meio de processos sociais, na educação informal, dada na família ou de uma geração à outra e na

educação formal. O léxico, por sua vez, exerce funções importantes na categorização e conceptualização do universo, isso porque ambas permitem ao indivíduo apreender uma grande quantidade de conceitos já estabelecidos na cultura.

Em se tratando de língua, Sapir (1961) afirma “que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado o grupo humano, convém compreender o termo ‘ambiente’ tanto os fatores físicos como os sociais”. O autor detalha os aspectos de caráter físico e social do ambiente, explicando que

por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuva, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte. (SAPIR, 1961, p. 44).

Quanto ao léxico de uma língua, considerando como fator que mais visivelmente reflete o ambiente físico e social dos falantes, Sapir (1961, p. 45) esclarece que “o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade”. Os fatores físicos e sociais no léxico ocorrem em função da importância que a sociedade atribui ao ambiente físico e o ponto de vista em que se coloca o interesse e não a mera presença de tal ambiente que vai determinar a natureza lexical.

Nessa perspectiva, Sapir (1961) indica três pontos que exercem influência sobre a língua, aqui apresentados de modo resumido: 1) quanto ao assunto ou conteúdo (aspecto semântico-lexical); 2) quanto ao sistema de sons com que opera para construir as palavras (aspecto fonético-fonológico); 3) quanto aos processos de formação e às classificações das palavras (aspecto morfossintático).

Em sua obra, Sapir (1961) menciona sobre a influência do ambiente na língua, verificada nas línguas de povos chamados primitivos, refletida nas marcas do ambiente físico de seus falantes e na necessidade da população, assim como na população contemporânea. Ele traz algumas ilustrações com exemplos das semelhanças existentes entre o léxico de uma tribo indígena costeira, os índios *nutka*, seu léxico preciso para muitas espécies de animais marinhos e o léxico específico de populações pesqueiras da Europa. Em relação à pesca, o interesse do povo em fazer uma referência com mais cuidado de unidades lexicais ligadas à

pesca provém da necessidade imediata dessas populações de definir com maior especificidade o ambiente físico que o cerca.

Há obviamente uma relação entre língua, cultura e realidade. É por meio da língua que um falante consegue expressar suas ideias e comunicar-se na sociedade, portanto sua interpretação e concepção do mundo só se estabelecem a partir do reconhecimento e processamento dos dados pelo sistema linguístico que nos permite pensar e falar. De acordo com Sapir (1961, p. 20), “os seres humanos não vivem apenas num mundo objetivo, nem apenas no mundo da atividade social como ela é geralmente entendida, mas também se acham em muito grande parte à mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão da sua sociedade”. Para o autor,

é uma completa ilusão imaginar que alguém se ajuste à realidade sem o auxílio essencial da língua e que a língua seja, meramente, um meio ocasional de resolver problemas específicos de comunicação e raciocínio. O fato inconcusso é que o “mundo real” se constrói inconscientemente, em grande parte, na base dos hábitos linguísticos do grupo. Não há duas línguas que sejam bastante semelhantes para que se possa dizer que representam a mesma realidade social. (SAPIR, 1961, p. 20).

Assim como toda língua natural, seu uso em grupos sociais também possui características próprias, além disso, suas realidades são diferentes, não se tratando de um mesmo mundo. É, portanto, por meio da língua que qualquer sociedade humana enxerga a sua realidade.

Partindo da tese do “relativismo linguístico” e da linguagem como guia para a “realidade social” de Sapir (1961, p. 20), por mais parecidas que sejam, não há como considerar a existência de duas línguas que possam ser representantes da mesma realidade social, assim, o referido autor acrescenta que “os mundos em que vivem as diversas sociedades humanas são mundos distintos e não apenas um mundo de muitos rótulos diversos”. Esse viés de estudos da língua foi aplicado na língua Hopi por Benjamin L. Whorf, relacionando a língua dos índios americanos a fatores etnológicos e a fenômenos de tempo e espaço. Essa pesquisa promoveu novas maneiras de ver as ciências da linguagem, fazendo com que esse estudioso e também outros pudessem analisar o processo de aculturação desse povo em decorrência da evangelização e das mudanças que tal fenômeno ocasionaria.

O comportamento do usuário da língua, que aproxima a noção de mundo em que ele se insere e do conhecimento que ele apresenta não só em situação de comunicação, mas dos valores atribuídos a esse fenômeno linguístico, avizinha duas áreas de estudos de estreita

delimitação: a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem, que justificam os limites de fronteira e as várias perspectivas de estudos em pesquisas sobre o léxico.

De fato, o léxico de qualquer língua consiste num universo amplo e de difícil delimitação que envolve as subáreas da linguística. Biderman considera essa possibilidade quando se refere ao fenômeno social que o léxico alcança e em relação às pesquisas declara: “o que gostaria de frisar é que os lexicólogos mais ilustres dificilmente conseguiram isolar a sua ciência das várias ciências afins e realidades próximas em que o léxico de uma língua vai necessariamente desaguar.” (BIDERMAN, 1981, p. 132 e 133). Nesse contexto, a autora retoma ideias de Matoré (1953), afirmando que

a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo. Também está certo ao afirmar que é pela palavra (diríamos nomeação) que o homem exerce sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes. (BIDERMAN, 1981, p. 132).

É notória no uso individual da língua, em manifestações da fala, a escolha dos elementos da língua que convém ao falante, conforme a sua necessidade e de acordo com a situação de comunicação. É nas escolhas realizadas pelos indivíduos que a língua se mostra aberta a criatividade e ao desenvolvimento de expressões.

Nesse sentido, Biderman (2001, p. 12) defende que “o léxico é, pois, um sistema aberto com permanente possibilidade de ampliação à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade linguística”. Compreendido, nesse caso, como um universo de poucas fronteiras limitadas, além de incluir nele todos os contextos significativos relativos à língua. Quanto à ampliação do léxico de um sistema, Biderman (2001) considera que léxico é construído no seio de um povo, demonstrando que se refere à

somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade e do acervo da sua cultura funcionam como sujeitos-agentes, no processo da perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. (BIDERMAN, 2001, p. 171).

A linguista acrescenta que todo esse processo de desenvolvimento e extensão faz com que o léxico se movimente, amplie-se, modifique-se e até se reduza. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso ou vir a desaparecer; no

entanto, podem ser ressuscitadas unidades lexicais que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Essas mudanças de comportamento da língua, provocadas pela inserção de novos vocábulos e/ou novas significações, funcionam como elementos enriquecedores para o léxico e são promovidas pelo uso da comunidade de falante. Sobre esse dinamismo da língua a autora esclarece que

embora o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua, particularmente os indivíduos mais criativos e de maior competência linguística como os escritores e poetas. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 179).

A respeito das manifestações linguísticas por meio da realidade é relevante lembrar o que Tarallo (1986, p.14) concebe sobre a língua em uso, chamando a atenção para a identidade de grupos. Em suas palavras: “A língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio da comunidade”. Sob essa ótica, a língua representa uma das mais imediatas marcas de identidade social, visto que se incorpora nas pessoas, trazendo-lhes maior ou menor prestígio no contexto social em que se envolvem.

Em relação à língua revelada na expressão oral, o mesmo autor esclarece, por meio de uma tentativa de definição (como ele mesmo afirma), que no momento da sua realização destaca-se a força existente na espontaneidade, caracterizando-a nos diferentes ambientes e contextos de comunicação, assim,

a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico da comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados. (TARALLO, 1986, p.19).

Essa fala de Tarallo permite uma imagem retratada da realidade social da língua falada. Em se tratando de um estudo, além do misto de elementos que se instaura nas situações ou

condições em que uma fala acontece, é preciso considerar também a origem e a formação de uma comunidade.

Além disso, as relações entre língua, sociedade e cultura se encontram interligadas de maneira que, muitas vezes, se mostra difícil separar uma da outra ou identificar onde uma termina e onde a outra começa. Há também outros elementos que se vinculam ao uso da língua em determinados grupos socioculturais, como é o caso do elemento geográfico.

Nesse contexto de uma amplitude maior que a língua atinge, Gusdorf (1995) também considera que “a língua é sistema de expressão falada própria de uma determinada comunidade humana”; por essa razão, organiza-se, segundo o autor, numa “espécie de depósito sedimentar que adquire valor de instituição.” (GUSDORF, 1995, p. 6). Esse acervo reflete a identificação do grupo que, ao manifestá-lo, repassa informações que representam a expressão da sua realidade, ou seja, representa a imagem identitária de grupo.

Neste estudo, em vistas da influência da cultura no uso da língua no cenário social e da constante recorrência do item lexical “cultura” se fazer presente na fala dos grupos A, B e C, julgamos relevante apresentar algumas acepções concernentes à unidade lexical “cultura”, inicialmente do ponto de vista linguístico e antropológico.

Ao apresentar estas noções em torno da unidade lexical “cultura”, tem-se a intenção de discutir sobre o conjunto de acepções que recai sobre esta unidade lexical, devido à ambiguidade criada pela relação de cultura na língua e cultura na agricultura. O foco da pesquisa aqui se concentra no fenômeno linguístico da variação lexical denotado no léxico de uma amostra e não se volta especificamente à cultura do falante.

A pluralidade de sentido da unidade lexical “cultura”, neste corpus, aparece em contextos distintos na fala dos informantes. Cada um deles, ao falarem sobre os próprios conhecimentos teóricos ou práticos a respeito do tema “agricultura”, deixava transparecer significados diferentes, em função da unidade “cultura” apresentar campos de significação que variam de acordo com o contexto, o falante, o ambiente em que se insere.

No sentido antropológico, Lyons (1987) defende a unidade lexical “cultura” em relação ao modo cultural próprio de cada sociedade, salientando que o termo

‘cultura’ é empregado sem nenhuma implicação de progresso humano uniforme do barbarismo à civilização e sem nenhum julgamento de valor *a priori* quanto à qualidade estética ou intelectual da arte, literatura, das instituições etc. de determinada sociedade. Nesse sentido do termo, que se espalhou da antropologia para as outras ciências sociais, cada sociedade tem a sua própria cultura; e diferentes subgrupos dentro de uma sociedade pode ter a sua própria subcultura. (LYONS, 1987, p. 274).

O autor ainda assenta que cultura “pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente: isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de determinada sociedade.” (LYONS, 1987, p. 274).

Em relação ao uso, pode-se entender que a língua é considerada como um recurso para comunicar a realidade física e cultural das sociedades que a criaram e a utilizaram. Isso mostra que o desenvolvimento da cultura depende de sua correlação primordial com a língua, movido pelo dinamismo da sociedade em interação social e em transmissão de costumes como uma herança. No entanto, não se pode esquecer que é pelo instrumento da língua que os traços culturais de um povo se revelam, é por meio dela que as sociedades representam o mundo e expressam seus pensamentos e experiências.

Para compreendermos melhor as acepções da unidade lexical “cultura”, recorreremos inicialmente ao registro do dicionário eletrônico de Houaiss e Villar (2009) no qual a primeira acepção vem descrita assim: “1. Ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavoura, cultivo.” Já o registro na quinta acepção insere a unidade no campo da antropologia: “5. conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social”. É importante mencionar que a palavra “cultura” possui não só essas, mas várias acepções, podendo ser estudadas a partir do ponto de vista ou interesse do pesquisador, mas trazemos aqui apenas aquelas que contribuem para melhor definir nossa pesquisa.

Comparamos essas definições, de uma obra mais moderna, com aquelas do primeiro dicionário monolíngue, o *Dicionário de Língua Portuguesa* de Antônio Morais Silva (que tem origem na orientação da obra o *Vocabulário Portuguez Latino* de Raphael Bluteau²), o qual registra a entrada “cultura” inicialmente com acepção de “o modo, e arte, o trabalho de cultivar a terra”. Mais adiante, apresenta outra acepção de sentido metafórico como “a cultura do engenho, do entendimento; instruindo-nos”, referindo-se ao conhecimento, à instrução e às artes de modo geral. Esta acepção é bem apropriada no uso da língua e chama a atenção o fato de que ao falar sobre qualquer tema, o indivíduo reúne todo seu conhecimento intelectual para o discurso de que precisa como o escrito ou falado.

Nesse trânsito pelo qual os vários sentidos da unidade “cultura” emergem nos contextos de fala, Silva (2008, p. 2022) esclarece que “A unidade lexical ‘cultura’ tem sua origem em cultivar (sentido mais denotativo), passa pela cultura enquanto estado de língua e chega à cultura enquanto atitude do falante, seus hábitos, costumes e subentendidos e à cultura, enquanto visão do mundo”. Pode-se compreender, então, que a palavra “cultura” assume

² Os dicionários estão disponíveis em: < www.ieb.usp.br/catalogo_eletronico >.

concepções vinculadas às situações de comunicação em diferentes contextos, como a ação de cultivar a terra e, ao mesmo tempo, a de revelar o próprio conhecimento de mundo do falante de acordo com o contexto exigido.

Ainda de acordo com Silva (2008), o léxico de uma língua é todo organizado de maneira especial em dicionários, no entanto, “apesar de descontextualizado nessa obra, não se trata de um conjunto de unidades significativas que sobrevivem desvinculadas de um contexto. O significado se constitui em contextos. Assim, o nível pragmático tem um papel muito importante na descrição.” (SILVA, 2008, p. 2022).

Pensando assim, na sociedade, a cultura de um povo é resultante de um contínuo processo cumulativo de conhecimentos e práticas originários das interações, conscientes e inconscientes, entre o homem e a realidade em que vive, sendo a língua a sua expressão comunicativa. A cultura, por sua vez, implica em um sistema de práticas sociais em que os indivíduos de uma comunidade compartilham na sociedade por meio de signos linguísticos elaborados e armazenados ao longo de suas vidas. Nesse sentido, a língua funciona como um mecanismo social e cultural, já que viabiliza a relação do homem com sua atuação sobre a realidade, possibilitando a vida em sociedade.

Nesta pesquisa, entendemos a necessidade de esclarecer o uso, em especial, de duas acepções de “cultura” apontadas pelos usuários deste estudo da variação léxico-semântica. O fato é decorrente de o *corpus* se referir a um grupo de falantes que se expressa sobre o tema agricultura, que, na mesma proporção que fala sobre a cultura do cultivo agrícola, revela também a cultura de seu conhecimento do meio ambiente social. Enfim, a realidade do léxico inserido numa comunidade linguística possui base nos fatores socioculturais, sendo cristalizado por meio do conhecimento de mundo dos falantes.

É no contexto de fala que a língua revela os valores, as crenças, os hábitos e costumes de seu povo, assim como as descobertas e inovações tecnológicas, as transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Por essa razão, o léxico conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade.

Desse modo, o universo lexical de uma sociedade mostra e resume o seu modo de enxergar a realidade e também a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeiam e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define também, fatos de cultura. É claramente notória, portanto, a relação intrínseca do estudo do léxico no contexto social e cultural.

Depreende-se, pois, que a língua tanto constitui como é constituidora social, não podendo ser dissociada da cultura de uma sociedade, pois ambas se correlacionam: uma existe

em função da outra. A língua representa um instrumento essencial para transmissão dos valores que sustentam uma sociedade. De outra forma, é coerente afirmar que a língua só existe no seio de uma comunidade que a utilize e que possibilite a interação humana, a categorização da realidade, bem como a manutenção das diversas culturas.

De acordo com esse ponto de vista, a língua reflete o ambiente físico. No caso específico desta pesquisa, compreende-se a possibilidade de fatores do ambiente rural agrícola influenciando nas escolhas lexicais das pessoas envolvidas com a agricultura. Mesmo que os informantes da pesquisa apresentem diferentes perfis (docentes e estudantes do curso de graduação em Agronomia e agricultores), de alguma forma encontram-se ligados à prática da agricultura e partilham da mesma “cultura”. Destaca-se ainda que o léxico da amostra em questão configura relações estreitas com o meio ambiente de terras agricultáveis.

É nesse viés do uso da língua que o indivíduo interage histórica e socialmente, como se confirma nas palavras de Abbade (2012, p. 141) quando diz que “o homem só existe histórico e socialmente quando houver linguagem para expressar essa história social”. Isso gera a reflexão de que estudar a língua, uma das formas de linguagem, promove a compreensão do universo de outro ser na sociedade, porque a língua é capaz de retratar a realidade vivenciada por outro, por um grupo social ou por um povo falante de uma língua.

Assim, a língua não existe como uma instituição própria, ela precisa inserir-se no contexto de uma cultura para refletir, por meio do uso, não somente um indivíduo ou um subgrupo social de falante, mas principalmente o povo todo que a utiliza. Como uma sociedade traz consigo marcas culturais próprias, pode-se inferir que uma cultura não consegue existir se não tiver no seio a estrutura de uma língua natural, como se uma espelhasse a outra e vice-versa. Desse modo, a linguagem é considerada em si mesma como um fenômeno cultural.

É nesse liame que a língua em uso consegue representar as intenções particulares dos falantes ou de cada grupo, como portadora dos valores presentes e desvendados no comportamento linguístico de seus usuários. O uso da língua falada da amostra em questão nesta pesquisa, apesar de pertencer a uma mesma variante, o português brasileiro, apresenta características particulares de variação lexical, que se assemelham, diferenciam-se, envolvendo falantes de uma mesma localidade, Dourados/MS.

As noções apresentadas sobre língua e ambiente das hipóteses de Sapir (1961), as reflexões de Biderman (1981, 1998) sobre o léxico e outros teóricos referidos encontram-se aqui discutidas por entendermos que as considerações desses estudiosos evocam reflexões sobre as relações do léxico de uma língua natural com aspectos do ambiente físico e social. As

discussões exprimem importantes contribuições para o desenvolvimento de pesquisas sobre escolhas e usos lexicais realizados por falantes de uma língua.

O vocábulo “cultura”, na amostra linguística, é registrado não só no sentido de cultivar a terra mas também deixa transparecer a sua cultura de conhecimento sobre as práticas agrícolas, adquirida de modo social ou científico, que, neste *corpus* de estudo, contribui para desvendar o universo da Lexicologia nas searas do léxico referente à Agronomia, que contempla as áreas dos centros urbanos e dos campos de áreas rurais, destacadas na seção a seguir.

2.2 A língua no contexto urbano e rural

O papel social da língua, no âmbito brasileiro, envolve a diversidade cultural do local, cujas origens retomam características desde a colonização portuguesa no país, que, em sua história, traz as influências dos imigrantes até os meios de comunicação de massa contemporâneos. Assim sendo, muitas pesquisas, há muito tempo, vêm sendo realizadas na tentativa de conhecer e descrever a língua portuguesa utilizada em território brasileiro. Nos estudos sobre a língua portuguesa oral no Brasil veem-se marcas enraizadas da língua rural, como observa Bortoni-Ricardo, ao esclarecer que

A sociologia tradicional no Brasil enfatiza as características rurais da sociedade brasileira e nossa urbanização tardia e desordenada. Nossa urbanização é desordenada porque, ao contrário do que aconteceu no Primeiro Mundo, no Brasil e em outros países periféricos, a urbanização não foi precedida pela industrialização, como nos países onde a revolução industrial teve início ainda no século XVIII. Até o início do século XX, o Brasil é considerado um país rural. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 196 e 197).

Nesse contexto, podemos retomar obras importantes sobre os estudos dialetais no Brasil da língua portuguesa que, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994, p. 37), podem ser divididos em três partes:

1. Segundo as referidas autoras, “a primeira fase vai de 1826 a 1920, data de publicação de *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral”. Esta obra forneceu a primeira descrição do vernáculo regional, revelou a assimilação de unidades lexicais do guarani no vocabulário da língua portuguesa, bem como aspectos da variação lexical no âmbito desse vocabulário e que, nesse período, já começava a sofrer interferência das variedades urbanas. Amaral (1982) documentou a

linguagem rural dos paulistas do início do século XX, discutiu a tendência de se atribuir aos paulistas "a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios vícios de linguagem, de cuja influência pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar." (AMARAL, 1982, p. 41). Estudos dessa natureza já marcam o início de pesquisas sobre preconceitos linguísticos.

2. O segundo momento dos estudos dialetais, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994), inicia-se com a publicação de *O Linguajar Carioca* de Antenor Nascentes em 1922, que apresenta o entendimento da fala do brasileiro e procura situar a linguagem do carioca no conjunto de falares.
3. Por fim, a terceira fase, datada no ano de 1952, é caracterizada pela “produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática e é marcada pelo início das preocupações com o desenvolvimento e implementação dos estudos da geografia linguística no Brasil.” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.44).

A realidade dos estudos sobre a descrição da língua oral no Brasil é manifestada pelos trabalhos dos falares locais, gerando, na época, a intenção dos pesquisadores em elaborar o atlas linguístico do Brasil.

Desse modo, o falar caipira ou a maneira dita diferente de se expressar, bastante característica do povo brasileiro nas várias regiões, tem atraído a atenção de muitos estudiosos, vinculados a diferentes subáreas de estudos da Linguística, em que sempre há um interesse peculiar por uma ou mais entre as diversas características da língua em uso no meio social. São pesquisas em torno da língua falada nas disciplinas como a Dialetologia, a Geolinguística, a Sociolinguística, a Etnolinguística e a Lexicologia que, com diferentes enfoques, dão conta da variação da língua. Esses estudos têm demonstrado que o acervo lexical se vincula ao modo como cada cultura interpreta a realidade, resultando em um processo de nomeação e de cognição nos mais diferentes registros.

A variação linguística está ligada às modificações ocorridas na língua dentro do sistema relacionadas à pronúncia, ao léxico, à sintaxe em situações linguísticas e extralinguística. Para analisar o léxico, como é o caso desta pesquisa, os estudos da Dialetologia e da Sociolinguística mostram-se importantes para nossas reflexões em busca da variação lexical de falantes urbanos e rurais.

Para efeito de estudo, é preciso considerar que lentamente as cidades brasileiras foram crescendo e recebendo uma população marcada por características da zona rural. Dessa maneira, o chamado “caipirismo” era percebido em todas as manifestações da vida da

sociedade do Brasil Colonial, sobretudo naquelas referentes ao uso da língua. Com o intuito de refletir sobre o panorama linguístico no Brasil no tocante à fala rural, pesquisas não param e têm sido desenvolvidas, no sentido de desmitificar e combater as atitudes preconceituosas em relação a esses dialetos minoritários.

Na década de 1980, Bortoni-Ricardo (1985) realizou a pesquisa sobre migrantes radicados na periferia de Brasília, revelando como a população de origem rural vive à margem do sistema de produção e mantém características culturais pré-migratórias. Para essa população, a sua inserção da cultura urbana é gradativa e depende, em grande escala, de sua rede de relações sociais e da sua familiarização com as práticas sociais letradas.

Em seu estudo, Bortoni-Ricardo (1985) percebeu uma alteração na fala dos migrantes, devido ao contato com o meio urbano. Para efetuar tal pesquisa, a estudiosa se utilizou de dois índices: o índice de integração e o índice de urbanização. Tais índices foram usados com o objetivo de perceber a relação entre a integração social do indivíduo no ambiente urbano e sua pré-disposição à alteração de uso da língua. Conforme esclarece Bortoni-Ricardo que

os indivíduos que conseguem se engajar no processo de mobilidade social, por outro lado contraem redes mais esparsas e estão, conseqüentemente, mais abertos à influência das pressões padronizadoras da cultura dominante, inclusive da língua padrão. (BORTONI-RICARDO, 1985, p.171).

Mais recentemente, pesquisas sobre o léxico e a variação léxico-semântica na área da agricultura focalizam falantes de contextos urbanos e rurais, sejam eles detentores de conhecimento especializado ou de conhecimento não especializado. É o que ocorre na tese de Oliveira (2004), realizada da UFBA, intitulada: *O léxico da agricultura na interação verbal*, o estudo revelou a convergência e a divergência na comunicação entre técnicos profissionais da agricultura e o homem do campo. Já na UFMS, na dissertação de Marins (2012), intitulada de *Rural e urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*, a pesquisadora analisou aspectos da variação lexical que permeiam no cotidiano tanto de falantes urbanos quanto de ruralistas (habitantes da região), tratando-se das inferências do meio ambiente para nomeação dos mesmos elementos da realidade. Há também outra pesquisa realizada na UFMG, uma dissertação mais recente, de Miranda (2013), com o título *Léxico e cultura: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis-MG*, na qual o pesquisador estabeleceu semelhanças e diferenças entre períodos diferentes, presente e passado, do léxico rural e destacou a relação do homem com cultura e o ambiente em que se encontra inserido.

O presente estudo se aproxima do trabalho de Bortoni-Ricardo (1985) e das pesquisas mais recentes, na medida em que também pretende analisar a fala característica de falantes das zonas rurais; entretanto, diferentemente do estudo de Bortoni-Ricardo, esta pesquisa analisa a variação no léxico de informantes habitantes nas áreas urbanas e também residentes em áreas rurais.

Para se compreender a variação do português brasileiro, evitando o risco de se determinarem fronteiras muito rígidas entre as variedades linguísticas, Bortoni-Ricardo (2004, 196) propõe “três *continua*: *continuum* rural-urbano, o *continuum* de oralidade-letramento e o *continuum* de monitoração estilística”. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), o contínuo de urbanização compreende desde as variedades rurais geograficamente isoladas, conhecida genericamente como dialeto caipira, até a variedade urbana. A pesquisadora considera que se pode situar qualquer falante em função da região onde nasceu e foi criado, sua história e sua rede de relacionamento e também concebe esse contínuo com os atributos sociodemográficos e sócio ecológicos do falante.

No contexto rural, são comuns os chamados traços descontínuos, muito estigmatizados, como as construções “nois qué”, “nois percisa”. Esses traços vão se tornando menos comuns nos falantes que se aproximam do polo urbano, a chamada zona “rurbana”, assim caracterizada pela autora:

No espaço entre eles fica uma zona rurbana. Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia seja pela absorção da tecnologia agropecuária (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Bortoni-Ricardo aponta para o fato de que a questão ideológica ligada à variação dialetal, no caso brasileiro, parece ser de ordem econômico-social historicamente constituída, como esclarece:

no Brasil, a variação está ligada à estratificação social e à dicotomia rural/urbano. Pode-se dizer que o principal fator de variação linguística no Brasil é a secular má distribuição de bens materiais e o consequente acesso restrito da população pobre aos bens da cultura dominante. Diferentemente de outros países, como os Estados Unidos, por exemplo, a variação linguística não é um índice sociossimbólico de etnicidade, exceto nas comunidades bilingues, sejam as de colonização européia ou asiática, sejam as das nações indígenas. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 131).

O contínuo de urbanização considera as variedades rurais isoladas; área “rurbana”, variedades urbanas padronizadas. Na área rural, por sua vez, por se relacionar de forma diferente com as práticas de letramento e com as práticas linguísticas e por nutrir outros valores em relação à linguagem, coíbe menos o uso das regras linguísticas estigmatizadas. Pode-se, então, reconhecer os chamados traços graduais, que se caracterizam por terem uma distribuição descontínua nas áreas urbanas. Assim, poderíamos mesmo neles reconhecer uma gradação, isto é, a presença desde construções muito estigmatizadas até outras consideradas padrão.

Há um pressuposto quase consensual entre os linguistas brasileiros que a área rural, por estar isolada, tende a conservar padrões linguísticos que nos centros urbanos, sob pressão da escrita e da escola, inovam-se mais rapidamente. Muitas regras estigmatizadas são inovadoras no português e refletem a identidade linguística do brasileiro, não é surpresa que as inovações linguísticas caminhem mais rapidamente nas áreas urbanas do que nas rurais.

O contínuo rural-urbano é importante para o estudo da variação lexical desta pesquisa e destina-se especialmente à análise dos atributos socioecológicos dos falantes, visto que há uma acomodação entre a fala rural e a fala urbana. Bortoni-Ricardo (2004), quando se refere aos migrantes rurais, aponta também para critérios de natureza cultural, no caso de examinar o grau de urbanização de uma comunidade. Nesse contexto, o conceito de “rurbano”, para definir populações rurais com razoável integração com a cultura urbana e populações urbanas com preservação de seus antecedentes rurais, torna-se muito operacional.

No âmbito dos estudos da fala no contexto rural e urbano, nesta pesquisa, encontramos uma amostra de falantes com esse perfil envolvida, de certa forma, com a área urbana e a rural, visto que o grupo A – docente – está ligado às Ciências Agrárias; o grupo B – universitários – cursa Engenharia Agrônoma e, normalmente, se é filho de agricultor, retorna ao campo rural para levar o conhecimento; o grupo C – agricultor – pratica a agricultura e interage com os centros urbanos.

2.3 Estudos do léxico: base teórica

Neste trabalho, como elegemos o estudo a variação lexical das escolhas lexicais realizadas por uma amostra de docentes, discentes e agricultores da região de Dourados/MS, consideramos importante a discussão de alguns conceitos teóricos das Ciências do Léxico, principalmente no que diz respeito à Lexicologia.

O interesse pelos estudos sobre a palavra é antigo, de acordo com Rey (1970, p. 5, tradução nossa), “os primeiros estudos da história sobre a escrita são marcados por uma

abordagem lexicológica através do desenvolvimento de ideograma, que assinala cada correspondente à expressão linguística de um conceito ou uma relação conceitual”.³ Bidermam (1981) também resgata a informação de que a Lexicologia, com tradição na Linguística Românica, no final do século XIX e início do século XX, apresentou grandes estudos de prestígio promovidos por pensadores de algumas províncias do Império Romano.

Esses estudos culminaram na compreensão de que o léxico é um sistema aberto e perpassa por aspectos culturais, geográficos e históricos da língua natural de comunidades. Por essa razão surgem reflexões sobre a importância do estabelecimento das fronteiras da Lexicologia e áreas afins, uma vez que o léxico permite abertura e características de outras áreas.

No contexto linguístico, o léxico mostra-se, por um lado, independente em relação a outros elementos da língua, mas, por outro lado, encontra-se correlacionado a vários aspectos, como Lorente (2004) reafirma, ao situar o léxico

em uma espécie de intersecção linguística que absorve informações providas de caminhos diversos: os sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso linguístico e das situações comunicativas (pragmática). Não há unidade lexical sem que algum destes aspectos esteja presente, de modo que a variação que afeta as palavras também tem origem em algum destes componentes. (LORENTE, 1998, p. 83 apud LORENTE, 2004, p. 20).

Dessa forma, o conjunto lexical de uma língua natural consegue abarcar os domínios internos que envolvem o sistema linguístico e os domínios externos concernentes ao físico, ao social, ao cultural de um povo.

Biderman (2001, p. 13) considera que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem classifica simultaneamente”. Para a autora, esse processo de nomeação representa como os primeiros passos científicos do indivíduo na busca do conhecimento do universo, visto que a necessidade constante de nomeação existe por causa de transformações socioeconômicas e políticas.

Para Picoche (1992, p. 45, tradução nossa), o léxico representa um “conjunto de palavras que a língua põe à disposição de seus locutores”,⁴ cujo falante nativo tem disponível

³ “*Le premier stade de l’histoire de l’écriture est marqué par une approche lexicologique, par l’élaboration de signes graphiques correspondant chacun à l’expression linguistique d’un concept ou d’une relation conceptuelle, les idéogrammes.*” (REY, 1970, p. 5).

⁴ “*l’ensemble des mots qu’une langue met à la disposition des locuteurs.*” (PICOCHÉ, 1992, p. 45).

no momento da comunicação. No entanto, devido a constantes modificações por meio de palavras novas e palavras não mais utilizadas, um indivíduo não consegue adquirir o léxico na sua totalidade, decorrente da constante expansão em que o léxico se encontra.

Na perspectiva dos estudos do léxico, alguns linguistas, como Barbosa (1990, p. 153), concebem que a Lexicologia é o estudo científico do léxico, sendo que seu amplo universo do léxico é decorrente do fato de uma unidade lexical representar um nível de articulação morfossintático-semântico complexo. Vilela (1994, p.10), por sua vez, explica que normalmente esse termo é definido como a “ciência do léxico de uma língua, isto é a Lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua; incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações”, revelando que a interação da língua com fatores internos e externos é um procedimento natural.

Uma proposta mais atual sobre os estudos da Lexicologia e antecipação de sua autonomia é apresentada como a

[...] disciplina linguística que se ocupa do vocabulário global de uma língua como um conjunto estruturado de medida e mesmo volume, de seus movimentos e tendências gerais, segundo as épocas; ou seja, dos problemas gerais relativos ao sistema ou conjuntos estruturados de palavras. (FERNÁNDEZ-SEVILHA, 1974, p. 18-19 apud FERNÁNDEZ, 2003, p.35)⁵.

Na mesma vertente, Werner (1982, p.92) considera que a Lexicologia “se ocuparia das estruturas regulares ‘[...] dentro da totalidade de um sistema individual ou de um sistema coletivo [...]’, com duas linhas: ‘morfologia léxica’ e ‘semântica léxica’”.⁶ Estas correspondem respectivamente às regularidades formais do significado ou das regularidades relacionadas ao léxico com outros fatores de comunicação linguística.

Rey (1970) aponta que o léxico promove, nos contextos sociais, a capacidade das comunidades linguísticas transmitirem informações entre si, quando afirma que

o estudo das relações e das estruturas do léxico é um domínio privilegiado para descobrir as interações entre o sistema formal da língua e a atividade

⁵ “[...] disciplina linguística que se ocupa del vocabulário global de una lengua como conjunto estructurado, de la medida y volumen del mismo, de sus movimientos y tendencias generales, según las épocas; es decir, de los problemas relativos al sistema o conjuntos estructurados de palabras.” (FERNÁNDEZ-SEVILHA, 1974, p. 18-19 apud FERNÁNDEZ, 2003, p. 35).

⁶ “La lexicología se ocuparía ‘[...] de las estructuras regulares dentro de la totalidad de un sistema colectivo [...]’ con dos orientaciones: ‘morfología léxica y semántica léxica’”. A tradução desta nota e das demais são de nossa autoria.

humana que a torna possível, a linguagem. Essa atividade é exercida dentro do tempo, do espaço e da sociedade pelo fenômeno geral que é a comunicação.⁷ (REY, 1970, p. 149, tradução nossa).

Percebe-se então que o movimento contínuo da sociedade revela a naturalidade de não ser possível conseguir alcançar todo seu conjunto lexical, em função da velocidade que ele se renova e da influência dos fatores externos que o envolve. Diante disso, o léxico pode ser considerado como um elemento mais dinâmico de uma língua, decorrente da sua relação com as transformações da sociedade.

Biderman (2001, p.16) afirma que a Lexicologia “tem como objetos básicos de estudo e análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. Desse ponto de vista, compreende-se que a Lexicologia corresponde ao estudo científico do léxico, com a proposta de estudo do universo de todas as palavras de uma língua, com vista em sua estruturação, funcionamento e mudança, entre outras atividades.

Algumas tarefas a serem realizadas no âmbito da Lexicologia, de acordo com Andrade (2004, p. 191e192), seriam: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; conceituar e delimitar a unidade lexical de base - lexema e lexia -, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; abordar a palavra como instrumento de construção e detecção de uma visão de mundo, de uma ideologia, de um sistema de valores da realidade, como geradora de reflexo de sistemas culturais; analisar a existência de um contexto em cada palavra, a determinação e a atuação de cada palavra em determinados contextos possíveis; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os decorrentes fenômenos; estudar um conjunto de palavras de um determinado sistema, ou de um determinado grupo de indivíduos, como universo léxico ou como vocabulário; analisar o léxico efetivo (ativo ou passivo) e fazer estimativas sobre o léxico virtual, em uma perspectiva diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica⁸; procurar sistematizar os processos fundamentais de criação lexical em seus aspectos fonológico, semântico, sintagmático e alogenético; formalizar a dinâmica do léxico e do processo neológico, observando as fases de criação da palavra, sua aceitabilidade no meio social, sua desneologização e possível recategorização; enfim, muitas outras possibilidades de estudo.

⁷ “l’étude des relations et des structures du lexique est un domaine privilégié pour découvrir les interactions entre le système formel de la langue et l’activité humaine qui la rend possible, le langage. Cette activité s’exerce dans le temps, l’espace et la société, par le phénomène général qu’est la communication.” (REY, 1970, p. 149).

⁸ Perspectiva geográfica, histórica, social e estilo individual respectivamente. Mais adiante, há uma abordagem teórica mais específica de cada um desses elementos na seção 2.4 referente a variações linguísticas.

Agregam-se aos estudos lexicológicos da história e da cultura de uma comunidade linguística, uma vez que o conjunto lexical de uma população é construído em decorrência de sua experiência na história econômica, política, religiosa, social e sob a influência de outras instituições da comunidade em que vive.

Assim, os estudos que envolvem o léxico buscam esclarecer os invólucros concernentes à língua. É nesse ponto que se encontram, de certa forma, os estudos desta pesquisa, visto que as escolhas lexicais da amostra de falantes possuem características próprias, decorrentes da necessidade dos falantes e do cotidiano, inseridas no cotidiano e no ambiente da agricultura.

De fato, o léxico da língua comum, em determinados grupos sociais, pode ser modificado e renovado para que se possa atender ao desejo do falante em fazer uso de novas opções lexicais mais adequadas ao seu contexto individual e a serem compartilhadas dentro do seu próprio grupo. Para entender melhor o objeto do léxico e de nosso estudo, dedicaremos a próxima seção a algumas distinções importantes: palavra, vocábulo, unidade lexical, lexema e lexia.

2.3.1 Noções de palavra, de vocábulo e de unidade lexical

Como visto na seção anterior, o léxico representa o universo das palavras que existem numa língua com as quais as pessoas podem nomear tudo que integra o acervo das palavras do idioma, além de ser considerado como o único domínio da língua que constitui um sistema aberto. Tendo em vista a área da Lexicologia, os estudos do léxico têm como objetivo investigar a origem, a forma e o significado do acervo lexical e o uso dentro de comunidade de falantes. A lexicologia permite a observação e a descrição cientificamente das unidades lexicais de uma língua dentro de uma comunidade linguística.

Para esta seção, abordamos, inicialmente, considerações sobre o termo “palavra” que é amplamente difundido na sociedade, facilmente compreendido no senso comum como unidade que compõe a língua. Quanto ao uso de palavra, Biderman (1996, p.33) considera que “o termo palavra é operacional como elemento da linguagem comum. Num uso não específico é a designação pertinente, já que qualquer falante do idioma identifica o seu designatum sem problemas”. É dessa maneira que “palavra” se mostra abrangente e paradoxal principalmente quando se refere a seu conceito e a sua tensa complexidade no meio científico. Para Biderman (1984), a “palavra” representa a

unidade psico-sociológica fundamental da língua, essencial tanto no processo de comunicação, como no processo simbólico de apreensão do

universo pelos sujeitos. É termo da língua comum, sendo pouco rigoroso para o uso técnico da Lexicologia e da Lexicografia. Charles Muller, em várias de suas obras, tentou atribuir aos termos *mot* (= palavra) e *vocabule* (= vocábulo) valores técnicos na língua francesa para os seus trabalhos de Estatística Léxica (cf. essa palavra). A meu ver, essa tentativa se frustrou pelo mero fato de que essas palavras estão desgastadas pelo uso comum. (BIDERMAN 1984, p. 141).

Diante dessa perspectiva, o conceito de palavra perpassa pela noção de relatividade, não sendo possível situá-lo de maneira absoluta, nem tampouco validá-lo para todas as línguas. A sua definição, como Biderman (1999, p. 81) afirma, não é tarefa fácil, pois “o conceito de palavra é um problema complexo em linguística, não sendo possível definir a palavra de modo universal”. Isso ocorre em função de cada língua recortar a realidade de maneira diferente e moldar essa realidade em categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas. Biderman (1999, p. 87) concebe três critérios para delimitar o conceito de “palavra” ou, como se trata do seu texto, “unidade léxica”: o fonológico, o morfossintático e o semântico. Desse modo, chega à conclusão de que:

a fonologia e a morfossintaxe ajudam-nos a reconhecer segmentos fonicamente coesos e gramaticalmente pertinentes enquanto formas funcionais; contudo, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica no discurso. Assim, no topo da hierarquia, a semântica vem a congregar as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra. (BIDERMAN, 1999, p. 87).

Sabemos que não só “palavra”, mas também “vocábulo” são termos comumente utilizados para designar a unidade lexical de uma língua. Biderman (1984, p. 144) apresenta a acepção de “vocábulo” como “sinônimo de palavra na língua comum; portanto, é ambíguo e não tem os requisitos de rigor técnico necessários à linguagem científica, a saber: um significado unívoco”, ou, pelo menos, específico da área.

Do ponto de vista científico, “palavra” e “vocábulo” são termos ambíguos e abrangentes. Sua definição não é unânime nem mesmo para os linguistas. No meio social, Biderman (2001) frisa a noção de que a palavra varia conforme o nível de consciência do falante. Em suas considerações, afirma que “nas nossas culturas ocidentais, herdeiras do patrimônio greco-latino, ao lado da intuição espontânea, se sobrepõe a longa tradição gramatical [...] em que o indivíduo aprendeu a isolar palavras, a identificá-las e a apor-lhes rótulo” (BIDERMAN, 2001, p. 100), consequente de sua realidade.

A noção geral sobre palavra é que apresenta unidade mínima significativa gramatical – o morfema – e uma unidade sintagmática maior – o sintagma. No entanto, Biderman observa

que “só é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua. E insiste também na postura teórica de que, na sua análise, o linguista nunca deve superpor a estrutura léxico-semântica e gramatical da sua língua aos dados de outra língua.” (BIDERMAN, 2001, p. 115). Considerações que reafirmam não ser possível universalizar o conceito do termo palavra.

A unidade lexical de uma língua pode ser analisada em seus aspectos fonológicos, morfossintáticos e semânticos. Por consequência, motivam muitos linguistas a optarem, para maior eficácia de um trabalho científico, por delimitar o enfoque que se pretende analisar na unidade lexical de uma língua, por meio de uma denominação mais adequada para o seu objeto de análise. No entanto, isso não significa que a escolha de um desses aspectos possa rejeitar absolutamente os outros.

Parafraseando Biderman (2001), baseada em conceitos do sintaticista Tesnière (1959), há uma crítica sobre a clássica definição atribuída à unidade “palavra”, uma vez que o seu significado é bastante delicado para o linguista. Nos argumentos, defende que, com frequência, parte-se da noção de palavra para se chegar à noção de frase, em vez de realizar o caminho inverso - da frase para se chegar à palavra - visto que, como a frase é anterior à palavra e somente é possível definir palavra a partir da frase.

Dessa perspectiva, portanto, é no plano do discurso que se chega às unidades lexicais. De acordo com Biderman (2001, p. 158), “a segmentação do discurso em vocábulo supõe a identificação das unidades léxicas no plano da língua”, ou seja, quando uma sequência discursiva é segmentada possibilita reconhecer implicitamente as ocorrências de unidades lexicais da língua registradas no enunciado. A linguista considera que o reconhecimento não é tarefa fácil, visto que o estudioso pode defrontar-se com inúmeras ambiguidades e de difícil solução, mas que podem ser resolvidas a partir dos critérios eleitos para executar a segmentação do discurso.

Pensando assim, o uso indiscriminado de “palavra” e “vocábulo” produzem ambiguidades e imprecisões, especialmente, “no plano das realizações discursivas, qualquer sequência significativa será chamada indiferentemente e imprecisamente de palavra ou vocábulo” como destaca Biderman (1999, p. 88).

No plano do sistema abstrato, que é a língua, Biderman (2001, p. 169) fala sobre a distinção de “dois módulos componentes: 1) o Lexical e 2) o Gramatical”, destacando a unidade lexical como “unidade vocabular tanto com respeito à significação como com respeito à forma gramatical, que tem um uso característico no discurso. Sinônimo de lexema (cf. essa palavra), ou de lexia (cf. essa palavra) conforme o contexto”.

Nessa discussão, considerar aspectos da unidade lexical como lexema e lexia funciona nos textos para minimizar problemas decorrentes do uso dos termos “palavra” e “vocabulo”. No que diz respeito a esse domínio de estudo, buscamos embasamento na teoria e na terminologia do linguista estruturalista Bernard Pottier (1978), apresentado na seção seguinte.

2.3.2 A unidade lexical: da lexia simples à textual

O linguista francês, Pottier, destacou a importância do termo lexia e apresentou uma teoria sobre esse termo. Para Pottier (1978, p. 268 e 269), “a lexia é uma unidade memorizada [...] nasce de um hábito associativo”, ou seja, ela está disponível para atualização em diferentes contextos do discurso pelo falante de uma língua. De acordo com o linguista, a lexia constitui unidade de comportamento lexical, pertence a uma categoria (um significado) e representa, portanto, a unidade funcional significativa do discurso.

Para Pottier (1978), as lexias, portanto, também apresentam formas e estruturas linguísticas de natureza diferente, em razão de serem unidades lexicais da língua que se opõem às reuniões fortuitas no discurso, quer dizer, são unidades já dadas na língua e não foram criadas pelo falante no momento da elaboração de seu discurso.

Como explica Silva (2004), as características consistem em que as lexias estão acumuladas no léxico, na parte da consciência linguística que envolve as unidades denominativas, e em que elas exercem uma função denominativa para fenômenos da realidade.

Tendo em vista a tipologia das lexias, Pottier (1978, p. 268-271), classifica as lexias em simples, compostas, complexas e textuais. Como a menor unidade lexemática é a palavra, Pottier a denomina de lexia simples. A lexia simples é monolexemática, isto é, constitui-se de um só radical, de um único lexema, com ou sem afixos, que coincide com a noção de palavra simples e de palavra derivada da gramática tradicional.

A lexia simples, no que lhe diz respeito, combina-se com outras lexias simples para formar novas unidades lexemáticas: as lexias compostas - palavra composta - são polilexemáticas, porque contêm mais de um tema ou radical, que Pottier define como resultado de uma integração semântica. Dito de outro modo, a lexia composta consiste em pôr lado a lado duas lexias simples ou derivadas, ligadas pela significação. Ele usa como exemplo a lexia “saca-rolha” e explica composta como simplesmente aglutinadas ou justapostas separadas ou não por um hífen.

Por outro lado, as lexias complexas são entendidas como um conjunto lexicalizado de dois ou mais vocábulos e monossêmicos, mas também são consideradas lexias polilexemáticas, pois são constituídas de uma sequência lexemática, com dois ou mais lexemas. Essas lexias têm sua procedência no uso constante na língua, e assim acabam por se transformar em construções fixas, num processo de lexicalização semântica, adquirindo significado único, em graus diversos. São exemplos: “complexo industrial, guerra fria, sinal vermelho”, que, na maioria das vezes, não são registrados na entrada de dicionários de língua. Para Pottier (1978, p. 270), as siglas também são casos de lexias complexas, pois são o resultado de uma integração semântica que se manifesta formalmente.

Por fim, além desses tipos principais, Pottier (1978) menciona a existência de lexias textuais, representadas por lexias complexas que alcançam o nível de um enunciado ou um texto como hinos, provérbios como, “depois da tempestade, a bonança”, estes são textos reconhecidos pelo senso comum.

Biderman (1996 p. 33), por sua vez, enuncia que o léxico é constituído por todos os elementos lexicais da língua, vale dizer: os lexemas de valor lexical (as palavras plenas) e os lexemas de valor gramatical (as palavras gramaticais, vocábulos-morfema) e, a partir da terminologia de Pottier, considera que

o termo lexia, proposto por Pottier, é bastante útil, sobretudo por se tratar de um termo técnico. Por isso não corre o risco de ser maculado com as conotações discursivas, que podem gerar ambiguidade relativamente a palavra e/ou vocábulo. Assim, no plano da língua, o termo lexema refere à unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos lexemas devem ser referidas tecnicamente como lexias. (BIDERMAN, 1999, p.89).

Para Biderman (1984, p. 139 e 140), o lexema significa “unidade léxica abstrata que faz parte do léxico de uma língua. Ele se atualiza no discurso na forma de uma palavra flexionada com todas as marcas gramaticais exigidas pelo contexto”; a lexia é registrada como a “forma que um lexema assume no discurso”. Ex.: “O dia está claro.” Temos aí quatro lexias, que tecnicamente se opõem a lexema.

Nesse sentido, o lexema constitui um elemento permanente do sistema linguístico e no discurso apresenta-se em forma fixa. Por outro lado, o lexema pode assumir várias formas, compondo um paradigma – dos verbos, dos adjetivos, dos substantivos. Como explica Biderman (2001, p.169) que “os lexemas se manifestam, no discurso, através de formas ora fixas, ora variáveis”. As formas variáveis são as mais frequentes nas línguas flexíveis e aglutinantes. A autora exemplifica essa ocorrência, na língua portuguesa, o lexema “cantar”

que pode se manifestar no discurso como cantei, cantavam, cantas, cantando e outras maneiras. Essas diversas formas do discurso, no nível da norma, correspondem às lexias, que são unidades com significação lexical atualizadas no discurso. Em resumo, são unidades significativas do léxico de uma língua.

Outro exemplo destacado por Biderman (2001, p. 157) é do lexema MENINO, grafado com maiúsculo para representar um processo abstrato, pode variar passando para o plural e pode ainda adquirir a forma flexionada “meninos”, ou permanecer no singular, “menino”. São lexias essas formas flexionadas e atualizadas.

Diante das teorias exposta de Pottier (1978) e Biderman (2001), no presente trabalho, as unidades lexicais que constituem o cerne da pesquisa serão apresentadas em seus respectivos contextos percebidos como o universo do discurso de seus usuários, adotamos, portanto, o termo lexias para nos referirmos às unidades lexicais.

Na próxima seção, à luz dos conceitos teóricos de Coseriu (1979), trataremos da variação lexical.

2.4 Variação linguística: o movimento da língua

Antes de discutir sobre a variação lexical do recorte social em uso, proposta de análise deste estudo, acreditamos ser prudente retomar algumas breves discussões sobre as relações entre língua e fala. A amostra lexical dos informantes desta pesquisa parte das manifestações da fala, constituindo um acervo lexical repleto de valores e crenças dos envolvidos, concorrendo para a promoção da variação lexical na língua e consequentemente dando provas do dinamismo de uma língua natural.

Nossas reflexões são baseadas inicialmente a partir da dicotomia “língua” e “fala” proposta por Saussure (1974), no início do século XX, assinaladas como dicotomia, numa perspectiva em que são estabelecidas as seguintes distinções: a língua é concebida como uma convenção social e abstrata; a fala, como uma prática individual e concreta.

Seguindo um percurso histórico da linguística, encontra-se Coseriu (1979) que, por sua vez, concorda com alguns estudiosos que questionaram a proposta da dicotomia “língua” e “fala” de Saussure, referindo-se a incoerências e a contradições. Os estudiosos pautaram-se especialmente nas dificuldades da definição de “língua” e “fala”. Ettinger (1982), por exemplo, considera que a dicotomia de Saussure levanta uma série de problemas, uma vez que existem também sistemas linguísticos com uma posição forte para sistema da língua e sistema funcional invariante (idioma), além da multiplicidade de variantes específicas (fala).

A partir de lacunas que a dicotomia revela e da observação crítica de estudiosos da língua, surgem discussões científicas e interpretações, principalmente novas propostas de estudo acerca da definição de “língua” e de “fala” de Saussure e a necessidade de se considerar o conceito de norma linguística. O próprio Ettinger (1982) registra que essas discussões se iniciaram no ano de 1938, quando Havránek se ocupou dos problemas da norma na ciência da linguagem e na cultura linguística de uma comunidade, cujo trabalho foi apresentado no IV Congresso de Linguística em Copenhague.

Enquanto Saussure circunscreveu a língua no plano abstrato e a fala no plano concreto, ao criticar as limitações dos conceitos estabelecidos de língua como social e de fala como individual, uma vez que não é possível conceber a língua como um sistema homogêneo. Coseriu (1979) observou que a linguagem encontra-se na interação entre o individual e o social e reformula a dicotomia, propondo uma oposição tríplice entre o sistema, a norma e a fala. Logo, ele emprega o conceito de norma, colocando-a entre o sistema e a fala. Do seu ponto de vista, é preciso compreender a língua não na dicotomia, mas disposta numa relação em que se integra à norma como elo entre língua e fala.

A questão da existência de uma norma linguística não era reconhecida na dicotomia ‘língua e fala’ de Saussure. Em sua teoria, delimitavam-se as possibilidades funcionais da língua e se atribuíam à fala fatos que se tratavam de usos linguísticos habituais ou prescritos. Coseriu, depois de análises e críticas, somadas a várias doutrinas apresentadas por estudiosos, deduz que:

1) de maneira concreta, a linguagem existe só e exclusivamente como **falar**, como atividade linguística; **2)** **língua** e **fala** não podem ser realidades autônomas e nitidamente separáveis, visto que, por um lado, a **fala** é a **realização** da **língua** e, por outro, a **língua** é **condição** da **fala**, constitui-se sobre a base da fala e só na fala se manifesta concretamente”. (COSERIU, 1979, p 35, grifos do autor).

Nessa perspectiva, língua e fala não devem ser dissociadas. De fato, a língua é uma realidade no plano abstrato e as atividades linguísticas se efetivam por meio da fala ou da escrita. Segundo Palomo (2004), Coseriu mostra que é possível distinguir na língua três níveis de características, conforme o grau de abstração e de formalização: a norma; as características concretas, infinitamente variadas e invariáveis, dos fatos linguísticos observados nas infinitas manifestações individuais, a fala; as características normais, comuns e mais ou menos constantes, independente da função específica dos objetos, primeiro grau de abstração: a

norma: as características indispensáveis, ou seja, funcionais, segundo graus de abstração: o sistema. Assim, é por meio das manifestações da fala que a língua se concretiza.

Coseriu (1979) apresenta uma divisão tipológica para norma: a) como uma norma geral – utilizada pela sociedade global ou da nação; b) como normas parciais regionais, ou as normas dos grupos dentro da sociedade. De fato, as realizações de normas são modelos e não manifestações concretas. Nesse sentido, a norma representa obrigações impostas numa dada comunidade por aspectos sociais, linguísticos e culturais, em que se inserem elementos não relevantes, mas normais na fala da comunidade.

Como explica Palomo (2004), a norma se constitui como realização coletiva, de tradição e de repetição de modelos anteriores. Ela se destaca em um grupo ao se estabelecerem códigos e subcódigos para diferentes grupos de uma mesma comunidade; mostra-se convencional e opcional, no entanto é opção do grupo a que pertence o falante; preserva apenas os aspectos comuns na fala, impossibilitando o que é inédito e individual na fala. Enfim, a norma é o modelo de como funciona a língua.

Em consonância com os estudos de Coseriu, Biderman (2001, p.19) acentua que a fala corresponde “ao conjunto de atos linguísticos realizados pelos falantes de um idioma” enquanto a norma, inexistente na oposição dicotômica, agregou-se para explicitar mais claramente o que acontece na linguagem. A fala é esclarecida como aquela que

engloba aquilo que na fala real (e na escrita) constitui repetição de *modelos* anteriores. A norma é, pois, mero costume, a tradição continuada e reiterada no falar e no escrever de uma determinada comunidade linguística. A *norma* contém o sistema e mais os elementos ‘normais no falar de uma comunidade’: as oposições não-pertinentes, mas usuais”. (BIDERMAN, 2001, p. 19, grifos da autora).

Esse nível de abstração, que é a norma, conduz ao sistema. Refere-se à “estrutura da língua que contém apenas aqueles elementos indispensáveis – as oposições funcionais do sistema – ‘que asseguram o seu funcionamento como instrumento cognoscitivo e de comunicação’.” (BIDERMAN, 2001, p. 19). Na interpretação da linguista, a norma representa um primeiro grau de abstração e funciona como papel intermediário entre a língua e a fala. Quanto à língua, que Coseriu denomina de sistema, representa um segundo grau de abstração e guarda as normas indispensáveis, as oposições funcionais e pertinentes, abstraindo tudo o que não fizer parte do mecanismo de oposição.

Biderman, baseada nas teorias de Coseriu, afirma ainda que “‘o sistema é sistema de possibilidades’, ‘um *conjunto de liberdades*’, já que admite infinitas realizações e só exige

que não se afetem as condições funcionais do instrumento linguístico: antes que ‘imperativa’, sua índole é consultiva”. O mesmo não se pode afirmar sobre a norma, pois esta representa “um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade.” (BIDERMAN, 2001, p. 20 grifo da autora).

Alguns estudiosos apresentaram a sua visão sobre a norma – o nível intermediário entre a fala e o sistema – cujas ideias são destacadas aqui em acepções no verbete “norma”, registradas no *Dicionário de Linguística* de Dubois et al. (2006):

1. Chama-se norma um sistema de instruções que define o que deve ser escolhido entre os usos de uma dada língua se se quiser conformar a um certo ideal estético ou sócio cultural. A norma, que implica a existência de usos proibidos, fornece seu objeto à gramática normativa ou gramática no sentido corrente do termo.
2. Chama-se também norma tudo o que é de uso comum e corrente numa comunidade linguística; a norma corresponde, então, à instituição social que constitui a língua.
3. A palavra norma às vezes é empregada com um sentido bem diferente do que tem habitualmente. Para L. HJELMSLEV, a norma é o traço, ou o conjunto dos traços, que permite distinguir um elemento de todos os outros elementos. (DUBOIS et al. 2006)

Em relação aos estudos do léxico, segundo Coseriu (1979), gera-se um maior grau de dificuldade na distinção entre o que representa sistema e o que representa norma, porque é no léxico em que atuam as funções: “representativa e associativa”. Isso se deve à enorme “complexidade e infinita variedade das oposições que se estabelecem neste campo e que tornam tão árduo o estudo sistemático.” (COSERIU, 1979, p. 66). Nessa mesma perspectiva, o autor reconhece, por exemplo, o esforço nos trabalhos lexicográficos, mas ainda vê que, na maioria das vezes, são “simples repertórios em que as palavras são consideradas como entidades isoladas, e não como elementos dum sistema, organicamente opostos e associados” e acredita que

no que concerne ao léxico, corresponde ao **sistema** a particular classificação conceptual do mundo que toda língua representa (**função representativa**) e a maneira peculiar pela qual essa classificação se realiza formalmente em cada idioma, tanto no ato da criação do signo como em sua repetição (**função associativa**). (COSERIU, 1979, p. 66, grifos do autor).

No plano da norma, a realização normal do sistema, entre as variantes admitidas pelo sistema, tanto do ponto de vista significativo quanto do ponto de vista formal, revela que “uma costuma ser a normal, enquanto que as demais, ou são anormais, ou têm um

determinado valor estilístico.” (COSERIU, 1979, p. 67). Dito de outra maneira, um determinado significado é o principal e os demais são os secundários, o que explica o mecanismo de muitas alterações semânticas. No entanto, esses valores semânticos considerados “anormais”, assim como as associações vocabulares, também tidas como “anormais” são funções frequentes. É relevante destacar que o uso de um vocabulário, que vai tornando-se frequente; logo passa a ser considerado “normal” e incorporado à norma lexical.

Guilbert (1972) aborda a definição do conceito de norma lexical. Em princípio, esclarece que a norma gramatical possui aparentemente a definição estável, enquanto a norma lexical continua a ser definida, visto que as regras de transformação de gramática vêm de uma longa evolução; por outro lado, o léxico sofre mudanças muito mais rápidas, acompanhando as transformações do mundo.

Depois de apresentar reflexões de estudo sobre a norma lexical e a norma social, em que sugere ambas como facetas inseparáveis no contexto da linguagem, Guilbert (1972) explica o conceito de norma ligado à criatividade. Ele defende que os falantes possuem a capacidade de criar estruturas linguísticas a partir de regras permitidas no sistema, em que a criatividade linguística representa a norma da linguagem padrão e constitui a norma de comunicação entre os falantes. O linguista também ressalta a diversidade da competência lexical de falantes de uma comunidade.

No aspecto da língua em uso por uma determinada sociedade, a língua é concebida como heterogênea e diversificada, cujos usuários contribuem para o seu dinamismo. Na perspectiva da sociolinguística, as comunidades de fala são entendidas como um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos e distinguem seu grupo de outros, e não como um grupo de pessoas que fala exatamente igual; essas comunidades comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Esses conceitos de sistema, norma e fala que acabamos de apresentar podem ser relacionados com a questão da variação linguística. Frequentemente, existirão formas linguísticas em variação, isto é, que estão em coocorrência (duas formas usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (duas formas que concorrem). Não existe, portanto, caos linguístico, cujo processamento, análise e sistematização sejam impossíveis de serem realizados; há, pelo contrário, um sistema (uma organização) por trás da heterogeneidade da língua falada.

Para Tarallo (1986, p. 8), as formas em variação recebem o nome de "variantes linguísticas" e afirma que as "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma

coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística". Isso implica dizer que a variação linguística é consequência da capacidade do falante e da possibilidade que a linguagem apresenta de ter formas diversas, devido à pluralidade de discursos latentes. A língua, assim como os seus usuários sofrem constantes modificações.

Lucchesi e Araújo⁹, parafraseando Tarallo (1986), resumem que “as variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar”, uma vez que Tarallo (1896, p. 8) deixa claro que variável dependente “correspondem duas variantes linguísticas, as adversárias do campo de batalha da variação”: a presença e, em contrapartida, a ausência. Lucchesi e Araújo também retomam a ideia de que o uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as variáveis explanatórias ou independentes,

A respeito do uso de variantes na língua, Tarallo (1986) pontua que uma variável linguística é representada quando há duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo e as denominadas variantes linguísticas são formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto.

De acordo com Brescancini (2007), é importante enfatizar que em todas as línguas seus falantes podem realizar, em suas falas, escolhas entre dois ou mais sons, duas ou mais palavras, duas ou mais estruturas. Esses comportamentos podem ser observados pelos próprios falantes da língua portuguesa no Brasil, principalmente quando se encontram em contato com falantes de diferentes regiões. Essas mudanças representam as variações que acontecem na própria língua. O pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística não é aleatória.

Por isso, com o objetivo de delimitar as áreas de estudo da variação e tornar as pesquisas mais específicas, Ferreira et al. (1996, p. 480 grifos dos autores) anunciam que “a linguística estruturalista europeia (da escola de Eugenio Coseriu), utilizando o prefixo *dia-* que significa < ao longo de, através de >, estabeleceu uma espécie de compartimentos (...) **diacronia, diatopia, diastratia e diafasia**¹⁰”, campos que correspondem a subsistemas da língua.

⁹ Referente ao projeto: Vertentes do português popular do estado da Bahia. Disponível em <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>.

¹⁰ Esses termos possuem origem grega: *dia*+*kronos* indica “tempos”; *estratos* ou *stratos* significa “camada, nível” e *phasis* “fala, discurso.” (FERREIRA et al, 1996, 480 e 481).

Inicialmente, as variedades são divididas em dois grandes grupos: variedades diacrônicas, que se referem às manifestações de uma língua através dos tempos; variedades sincrônicas, que representam o período de transição de modificação da língua¹¹.

Os estudos da variação diatópica buscam estabelecer relações da língua com o espaço geográfico, ou seja, o uso de palavras diferentes por distintas comunidades para designar os mesmos conceitos. Os estudos dessa variação da língua de uma comunidade no espaço regional e também social têm sempre em vista que se o falante mudar de lugar poderá haver modificações em sua fala.

Já a variação diastrática ou variação social diz respeito aos diferentes estratos socioculturais de uma mesma comunidade de falantes, isso vale dizer que equivale a um grupo social que possui código de comportamento que se diferencia dos demais e permite que os falantes, inseridos no grupo, criem uma identificação mútua.

Por fim, a variação diafásica refere-se ao estilo individual do falante, que se relaciona ao conhecimento de um código estabelecido para cada situação de comunicação.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 12), existe uma relativa homogeneidade nesses subsistemas “garantida pela soma dos traços linguísticos coincidentes”. As autoras apresentam especificidades e mostram aspectos desses subsistemas, que chamam de “unidades”. São as unidades sintópicas - os dialetos¹², como o dialeto nordestino, as unidades sinstráticas - as de estratos sociais, como a linguagem culta, as unidades sinfásicas - de estilo da língua, como a linguagem familiar. Essas unidades ainda podem se encontrar em vários pontos como bem observam as mesmas autoras.

[...] em cada **unidade sintópica**, por exemplo um **dialeto** de determinada região, pode haver ou há **diferenças diastráticas** (socioculturais) ou **diafásicas** (de estilo); em cada **unidade diastrática**, por exemplo uma linguagem culta, há **diferenças diatópicas** (regionais) e **diafásicas** (de estilo); e em cada unidade sinstrática, por exemplo, na linguagem familiar, há **diferenças diatópicas e diastráticas**. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.12, grifo das autoras).

Em relação à variação diafásica, Ferreira et al. (1996) afirmam que cada falante pode usar diversos estilos ou registros linguísticos, dependendo da situação mais ou menos formal em que se encontra ou do tipo de situação discursiva com a qual está lidando (oralidade,

¹¹ As modificações na língua não acontecem de maneira repentina, assim, a sincronia corresponde à transição num determinado momento da história.

¹² Do ponto de vista de Leite de Vasconcellos (apud, HEAD, 1994, p.295), em sua tese de doutoramento, o emprego do termo dialeto, nesse contexto, compreende a variedade da língua portuguesa falada no Brasil, como as variedades geográficas (regionais) e sociais (incluem-se fatores como o grau de instrução e o grupo étnico).

escrita, por exemplo) e isso implica um conhecimento, por parte do falante, de um código socialmente estabelecido para essas situações.

Isso evidencia a diversidade da língua que se manifesta por meio de experiências individuais do falante, porque o modo de ser e de falar de um indivíduo relaciona-se ao seu conhecimento de mundo. Ferreira et al. (1996, p.481, grifo dos autores) também enfatizam que “cada falante tem uma maneira própria de usar a língua, comportamento chamado de **idiolecto**”, ou seja, cada indivíduo, no conjunto todo de sua fala, possui hábitos discursivos próprio, usa preferencialmente determinadas construções gramaticais, determinadas palavras que, de alguma forma, o individualizam.

Essas características específicas representam grande importância para as pesquisas, uma vez que não é possível ao indivíduo dominar todo o léxico do seu idioma, aliás, essa competência nem é verificada em um pesquisador que se interesse na descrição de uma língua, naturalmente em constante processo de movimento.

Assim, acompanhando a língua natural, o acervo lexical individual ou coletivo se amplia relacionado ao universo exterior. Nesse sentido, mostra-se necessário que a norma lexical de uma comunidade linguística seja sistematizada e respeitada, visto que a língua permite pesquisar a correlação entre variantes linguísticas e categoria social por meio de seleção, o cruzamento e a interpretação significativa.

A norma no sentido geral ou as normas usuais deixam transparecer que são escolhas de uma variedade como modelo linguístico para os membros de uma comunidade; ou melhor, remete ao conjunto de características lexicais, fonológicas e morfossintáticas, que identificam tanto a linguagem como o falante pertencente a uma determinada comunidade, como, por exemplo, as variedades linguísticas do carioca, do nordestino, do mineiro, do paulista, no contexto de nosso geograficamente vasto Brasil.

Do ponto de vista da Sociolinguística, Preti (2003, p.48) revela que, provavelmente, a norma tenha o papel de padronizar um grupo de usuários linguísticos, “a norma é o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua”. Nesse sentido, ela representa seus usuários, identifica-os e de certa forma padroniza-os, permitindo por meio dela delinear o perfil de quem a utiliza.

Quanto aos estudos de variações linguísticas, Preti (2003, p. 47-49) assinala que existe um consenso geral de que a linguagem culta é aquela de maior prestígio social, isto é, a que se impõe como uma marca característica dos falantes com maior grau de escolaridade. Embora tal afirmação possa ser aceita, para o autor, ela pode ser ampliada, considerando-se não

apenas a variável escolaridade, mas também os grupos sociais e as condições históricas em que se situam, bem como os gêneros textuais e as situações em que os falantes atuam.

O autor compreende que um dos fatores de prestígio de uma língua decorre diretamente do prestígio dos que a falam. Visto dessa maneira, o valor de importância de um discurso deve uma parte ao valor daquele que o domina, resultando na ideia de que o processo de variação de prestígio se liga a uma espécie de juízo de valor coletivo. Há um valor atribuído na sociedade ao desempenho do indivíduo falante, ou seja, uma língua vale o que valem aqueles que a falam. Ainda é necessário considerar que a língua em sua variação também deve refletir sobre sua relevância e prestígio para a comunidade que a utiliza.

Além disso, principalmente em relação ao léxico, Preti (2003) leva em conta que as variações linguísticas apresentam uma instabilidade que decorre das alterações que se processam, no tempo e no espaço, nos critérios de aceitabilidade social da linguagem como acontece nos costumes de uma sociedade. Como mostra Mateus (2005), um exemplo clássico, na língua falada, de mudança no interior da língua, são os fenômenos fonéticos de supressão de consoantes e vogais ou mesmo de palavras inteiras com menor extensão fonética. Em português, as formas do acusativo dos pronomes pessoais o, a, os, as, que são substituídas em algumas variantes do português brasileiro por formas do nominativo ele(s), ela(s), você(s).

Considerada como uma variação diafásica ou diastrática, um exemplo relativo ao (des)prestígio da língua é o uso da gíria por determinados grupos. Mesmo considerando a situação adequada à comunicação, ao contexto, ao interlocutor e configurando criatividade, ainda assim, ela é considerada, por muitos, de pouco valor de prestígio. Além disso, normalmente é associada ao público de baixa escolaridade. Por isso, um estudo linguístico particularizado no enfoque sobre variações linguísticas de grupos sociais deveria captar e transmitir o tipo de linguagem especial que elas abarcam, já que não escapa, por um lado, do julgamento social e, por outro lado, da importância que exerce para comunidades que utilizam línguas variantes. Nesse universo de atribuição de valor às variações da língua, Bourdieu (1996)¹³, defende que

o discurso não é apenas uma mensagem destinada a ser decifrada; é também um produto que entregamos à apreciação dos outros e cujo valor se definirá na relação com outros produtos mais raros ou mais comuns. O efeito do mercado linguístico (...) não para de se exceder até nas trocas mais comuns da existência cotidiana (...) Instrumento de comunicação, a língua é também sinal exterior de riqueza. (BOURDIEU, 1996 apud CALVET, 2002, p. 106).

¹³ Calvet (2002) refere-se à obra de Pierre Bourdieu, *Ce que parler veut dire*, Paris, Fayard, 1982 (ed.br.: A economia das trocas linguísticas - o que falar quer dizer, São Paulo, Edusp, 1996).

Neste contexto, pode-se ressaltar que a língua serve como ferramenta de manipulação, reconhecida pelo grupo e nominada por Bourdieu (1996) de “estratégias de condescendência”, ou seja, aquelas que os indivíduos utilizam para marcar territórios, mostrando jeitos de ser. O mesmo autor acrescenta que “uma comunidade linguística se apresenta como uma espécie de imenso mercado, no qual as palavras, as expressões e as mensagens circulam como mercadorias.” (BOURDIEU 1996, apud CALVET, 2002, p. 108). Pensando assim, as variedades utilizadas pela amostra do *corpus* de estudo da presente pesquisa deixam transparecer “as mercadorias” veiculadas por meio das expressões recorrentes que fazem referência às situações do cotidiano, enquanto seres sociais, nas inter-relações pessoais, estudantis e outras que se efetivam no meio social em que vivem.

No universo dessas relações sociais, Leite (2003) afirma que não se pode partir da premissa de que as normas culta e popular sejam estanques, isoladas umas das outras. Ao contrário, ambas se enriquecem mutuamente pelo contato de seus usuários e, como se sabe, essa é uma das causas que levam à variação linguística. Fica patente que os estudos da língua na modalidade falada não constituem tarefa fácil, uma vez que uma língua natural encontra-se aberta para as variações regional, histórica, social, situacional.

Os estudos de natureza sociolinguística, que ressaltam a abrangente relação entre a língua e os seus usuários, contribuíram sobremodo para estudos das variações da língua, explicitando não só a dimensão interna e estrutural da língua, mas especialmente revelando as variações que ela sofre em consequência das diversas pressões exercidas por fatores extralinguísticos.

A variação linguística “pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas” (MOLLICA, 2003, p. 10) chamadas de variantes, tecnicamente denominadas de variável dependente, marcada, por exemplo, pela ausência e presença de uma marca linguística. Uma variável acontece influenciada por grupos de fatores de natureza estrutural ou social. A respeito de estudos da Teoria Variacionista, Mollica esclarece que:

as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis dependentes, no sentido de que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis. (MOLLICA, 2003, p. 9).

Nesse sentido, ainda segundo Mollica (2003, p.11), entende-se que a variação encontra-se nos fatores internos da língua como “fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais e nos fatores externos inerentes ao ser humano como a etnia e sexo; os

sociais como escolaridade, profissão, classe social, nível de renda e os contextuais como grau de formalidade e tensão discursiva”. Essa relação da variação linguística pode ser observada também sob diversos enfoques. O uso da variação na sociedade é organizado por estruturas sociais, em que os falantes de uma determinada língua dominam regras de sua gramática, mesmo que estas regras se realizem de modo limitado.

Pode-se dizer que existem várias maneiras de se chegar à identificação social de grupos de falantes, como por meio de vestimentas, postura, traços físicos, ou seja, características essenciais da imagem identitária de um grupo. Conforme explica Bortoni-Ricardo (2004, p. 33), “toda variedade regional ou falar”, ou seja, toda língua é “antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social”. Assim, a língua falada e natural do indivíduo envolve todo o contexto social e traz consigo outras fontes de informações desse falante relacionadas à sua real identidade ou a que se pretende conseguir.

É por meio uso da língua que se nomeia a realidade. Ao utilizarem as palavras, os falantes recorrem a um sistema linguístico, elaboram seus discursos e fazem escolhas lexicais, as quais marcam uma das características lexicais que funcionam não só para nomear, mas espelhar sua identidade.

É nesse âmbito dos estudos do léxico que esta pesquisa, de cunho sincrônico, com enfoque na variação lexical de uma amostra de falantes, busca revelar as marcas das escolhas lexicais, realizadas no cotidiano, relativas a práticas da agricultura, por meio de Campos Léxico-Semânticos. Para isso, antes dedicamos na próxima seção à Teoria dos Campos.

2.5 Nas trilhas da teoria dos Campos Léxico-Semânticos

Os estudos relativos à língua falada possuem um lugar de destaque nas pesquisas, posto que, reiterando, é a partir da fala que a sociedade nomeia a realidade e suas escolhas lexicais exprimem o comportamento de seu contexto histórico-social, retratando a identidade do indivíduo. Visto dessa maneira, para delimitar uma lexia é preciso observá-la dentro de um contexto por ela estar carregada de referentes sociais e significativos. Para esta pesquisa, acreditamos que a Teoria dos Campos reflete importantes contribuições para identificar e reunir, de modo específico, as semelhanças e as diferenças das escolhas lexicais da amostra de informantes de nosso *corpus* de estudo, cujo universo cotidiano cerca-se de atividades das práticas agrícolas.

Os estudos sobre a significação da palavra foram de interesse desde os antigos filósofos. Ullmann (1964) esclarece, por exemplo, que Aristóteles fez várias afirmações sobre o

significado das palavras num nível mais sistemático e do próprio termo “palavra”, tem sido “o primeiro a defini-la como a menor unidade significativa da fala – definição que manteve a sua importância até tempos recentes e que ainda é válida numa forma levemente modificada.” (ULLMANN, 1964, p. 11). Também é contribuição de Aristóteles uma classificação das metáforas, quando estabeleceu a distinção entre duas categorias de palavras: “as que mantêm o seu significado mesmo quando isoladas, e as que são meros instrumentos gramaticais.” (idem, 1964, p.11).

Logo no início do século XX, Saussure (1974, p. 134) concebe a língua como “um todo organizado, cujos elementos se delimitam uns aos outros, derivando a sua significação, o seu valor da arquitetura geral em que estão colocados”. Ele demonstra que a língua é uma estrutura em que as palavras formam sistemas relacionados. Dessa maneira, os signos, num sistema linguístico, apresentam concretude quando relacionados uns com os outros, tanto no aspecto sintagmático como paradigmático. Saussure (1974, p. 135) concebe que “no interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como recear, temer, ter medo só têm valor próprio pela oposição; se recear não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes”. As manifestações de algumas ideias como “sistema”, “valor”, “relações paradigmáticas”, “relações sintagmáticas” funcionaram para alicerçar a teorização sobre campos, cujo início se deu com as relações associativas defendidas por Saussure (1974, p. 135).

Segundo a concepção de que a língua é uma estrutura, Saussure revela a base do que logo passou a ser chamado de Linguística Estrutural. O conceito de significado dos escritos para o linguista configura como elemento-base para a reflexão linguística. Saussure (1974, p. 146) aponta que “um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para o qual convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”. Ele também discute sobre as relações associativas, que gerou motivação para muitos estudiosos. A Semântica, por exemplo, preocupa-se com os sentidos adquiridos pelas lexias ou por seus agrupamentos.

Em relação à teoria dos campos linguísticos, os estudos foram propostos por alguns precursores, nas décadas de 1920 e 1930. Como exemplo, vale destacar aqui as importantes contribuições do filósofo alemão Jost Trier (1931; 1934), que foi o primeiro a aplicar os princípios de Saussure na semântica, destacando uma nova fase dos estudos com a doutrina da teoria dos campos semânticos.

O marco inicial dos estudos foi decorrente da publicação da monografia de Trier sobre itens lexicais que significam “conhecimento” e “inteligência” em alemão, cuja preocupação era a partir das palavras, visando ao campo conceitual abstrato; nesse trabalho, o autor

revelava também que as palavras de uma língua formam uma rede interligada, em que a ocorrência de mudança em um conceito possibilita modificações em conceitos adjacentes (ULLMANN, 1964, p. 20).

Nessa perspectiva, as unidades lexicais constituem uma estrutura formada de interdependência, em que uma está sob a dependência de outras. Essa relação de dependência de determinadas partes que se subordinam a um todo se situa no nível de transição entre a palavra individual e o léxico total. Para Trier (1934), a articulação linguística em campos é consequência do empenho do indivíduo em representar por conceitos a realidade extralinguística, que é infinitamente conectada. As palavras formam um campo linguístico conceitual e revelam a visão do mundo de acordo com as manifestações que elas proporcionam. Jost Trier idealizou o campo semântico, estabelecendo ligações entre o plano dos conceitos e o da expressão com o objetivo de promover a compreensão entre as relações de significado e significante.

Outros linguistas estudaram as cores, as relações de parentesco, as experiências religiosas e místicas e outros temas que, segundo Ullmann (1964), são setores da realidade integrados e que não geram muita dificuldade quanto à organização semântico-lexical. Em todos esses casos, o campo semântico se refere a um determinado domínio ou esfera da realidade.

Importantes contribuições foram dadas por Eugenio Coseriu, que propõe uma análise estrutural em nível da língua, determinando o campo lexical dentro de estruturas lexemáticas. Assim, os lexemas constituem um sistema de oposições simples entre as palavras, e termina quando uma nova oposição exige que o valor unitário do campo se converta em traços distintivos que, não só as palavras se opõem entre si, mas uma oposição de ordem superior opõe campos lexicais distintos. Dessa forma, um significado lexical é autônomo e deve ser tratado como tal. De acordo com Coseriu,

um campo lexical é, do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que resulta repartição de um conteúdo léxico contínuo entre diferentes unidades dadas na língua como palavras e que se opõem de maneira imediata umas a outras, por meio de traços distintivos mínimos.¹⁴ (COSERIU, 1977, p. 136).

¹⁴ “Un campo léxico es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que se origina por la distribución de un continuo de contenido léxico en diferentes unidades, dadas en la lengua como palabras, que están recíprocamente en oposición inmediata mediante rasgos distintivos de contenido simples.” (COSERIU, p. 136, 1977)

Para o linguista, um campo lexical é um conjunto de lexemas unidos por um valor lexical comum. Esses lexemas, por sua vez, repartem entre si com valores mais determinados, ao mesmo tempo em que se opõem uns aos outros pelas diferenças mínimas do conteúdo lexical, ou seja, traços distintivos lexemáticos ou semas. Coseriu (1977) aponta que a estruturação do léxico, no que diz respeito às relações de conteúdo, pode se dar de algumas formas. Uma das estruturas lexemáticas – nome atribuído às possíveis estruturas do léxico – apresentadas pelo linguista¹⁵.

Como princípios básicos para nortear a análise lexical, Coseriu (1977) determinou: a funcionalidade, a oposição, a sistematicidade e a neutralização. Em consonância com Abbade (2011), podemos descrever cada um desses princípios da seguinte maneira: a funcionalidade consiste na existência das unidades funcionais como tais e está baseado na relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão na linguagem em geral e nas línguas; a oposição refere-se ao modo de existir das unidades idiomáticas, como a maneira como funcionam estas unidades, que inicialmente são por meio de oposições; a sistematicidade trata de uma suposição razoável e empiricamente justificada, visto que parte do princípio de que as mesmas diferenças se apresentam organizadas num sistema linguístico, para isso, é necessário esperar a repetição de diferenças para comprovar se em cada caso a repetição se dá efetivamente ou não; por fim, a neutralização refere-se ao genérico, o que é comum aos termos de uma oposição. Isso significa que as oposições podem se neutralizar.

Os estudos do léxico, na perspectiva da Lexicologia tradicional têm sido pouco estrutural, comportamento que, segundo Coseriu (1977), é decorrente dos estudos, nessa área, realizarem-se frequentemente a identificação entre significado linguístico e realidade extralinguística. Somado a isso, considera-se como Lexicologia basicamente o que une o plano da expressão ao plano do conteúdo e o caráter diferente que é dado ao léxico com relação à gramática.

Esse contexto lexical cerca-se, segundo Coseriu (1979), de conteúdo linguístico que é constituído de: significação, o conteúdo linguístico de determinada língua; designação, a relação com a realidade extralinguística; e sentido, conteúdo especial de um texto ou de uma unidade de texto. Compreende-se, dessa maneira, que a significação é inerente às línguas e que a designação, referência à realidade enquanto representação, existe na fala em geral. Ainda assim, não podemos ignorar que é a significação da língua que possibilita designação, e que esta precisa da utilização da significação para concretização da fala.

¹⁵De acordo com Coseriu (1977), seu estudo encontra-se na obra *Para una semántica diacrónica estructural* de 1967.

Várias são as perspectivas atribuídas à Teoria dos Campos Léxicos, tanto na Terminologia quanto na abordagem da Lexicologia. Não há consenso entre os autores acerca das noções de campo semântico e de campo lexical, sendo que vários autores nomeiam o mesmo conjunto com uma ou outra denominação, enquanto outros distinguem um conjunto para cada nome. Picoche (1992, p. 70) dá preferência ao termo ‘campos lexicais’ e explica que as palavras fazem parte de um sistema aberto e já possuem ligação semântica, dessa forma acha desnecessário separar em campo semântico e campo lexical.

Um estudo importante também dos campos foi a proposta por Pottier (1978), que apresentou a análise sêmica do campo lexical que designa “assento” em francês. O semanticista partiu do conjunto “banco”, “cadeira”, “poltrona”, “sofá”, “divã”, “tamborete” e estabeleceu relações de oposição, de inclusão, de participação, de associação. O êxito de seu trabalho está em ter levantado um conjunto pequeno e homogêneo de lexemas e os ter analisado usando seis características semânticas. E de acordo com a análise feita por ele, as unidades lexicais desse campo manifestam combinatórias distintas a partir dos semas. Isso lhe permitiu verificar o que havia de característica em comum e as suas principais diferenças.

Pottier (1978) considera o campo semântico como aquele que se pode impor um limite. De modo mais detalhado, ele imprime os quatro tipos de relações fundamentais das palavras para uma análise estrutural das significações desta forma: a relação de oposição, entre termos que se excluem mutuamente no plano paradigmático; a relação de inclusão, entre um termo mais geral e incluso e os demais termos de um paradigma; a relação de participação, quando um termo é sema de outro; finalmente a relação de associação, entre um termo e outros a que ele se prende por ligações psicológicas, sociológicas, afetivas em geral.

Em sua vertente sobre os estudos Semânticos, Lyons (1979) apresenta a teoria da Semântica Lexical, em que as palavras são definidas umas em relação às outras, cujas relações se dão por: sinonímia, as palavras apresentam a possibilidade de serem substituídas umas pelas outras em um determinado contexto sem acarretar alteração de sentido; antonímia, as palavras apresentam significados contrários; hiponímia e hiperonímia que são relações de sentido entre palavras tal que o significado de uma está incluído no significado da outra, sendo o termo mais genérico chamado de hiperônimo e o termo mais específico chamado de hipônimo.

De acordo com Lyons (1979), a hiponímia é frequentemente denominada inclusão, por se relacionar a um termo mais geral. Entretanto, o vocábulo “Inclusão” é considerado sob diferentes pontos de vista, por ser considerado como a extensão de um termo que é a classe de entidades a que ele é aplicável ou a que ele se refere; ou pode ser considerado como a

compreensão de um termo que é o conjunto de atributos que caracterizam qualquer entidade a que ele é corretamente aplicado. Logo, extensão e compreensão, nesses diferentes pontos de vista, são inversamente proporcionais. Assim, propõe o uso de hiponímia, em razão do sentido que se estabelece entre unidades lexicais, que se aplica tanto aos termos que não têm referência como também precisamente aos que têm referência.

Um termo mais geral é mais inclusivo do que um mais específico, pois se refere a uma classe mais ampla; por outro lado, o termo mais específico é, também, mais inclusivo, pois apresenta mais traços componentes do significado.

Enfim, apresentamos uma síntese dos teóricos citados até aqui em relação aos campos, no quadro a seguir:

Quadro 1 – Resumo das teorias

Linguista	Data da concepção teórica	Denominação mais usada	Termos relacionados
Trier	1930	Campos Linguísticos	Interdependência, rede.
Coseriu	1967	Campos Lexicais	Estrutura, lexemática, traço distintivo.
Picoche	1977	Campos Lexicais	Sistema aberto, ligação semântica.
Pottier	1978	Campos Lexicais	Característica semântica, combinatória distintiva, sema.
Lyons	1979	Campos Semântico-lexicais	Hiperonímia, hiponímia.

Fonte: Autoria própria

Realizada essa revisão dos autores, consideramos que a teoria que está mais de acordo como o nosso objetivo de trabalho é a de Coseriu, por se referir ao plano lexemático e por considerar também a oposição dos campos semânticos.

Por outro lado, devemos considerar que as manifestações linguísticas transcorrem socialmente pelo poder da palavra e desenham os contornos dos registros sociais por ela evocados. Conforme Biderman acredita (1998, p. 84), a propagação criadora da palavra surgiu com a linguagem e, num movimento paradoxal, ora se revela ora ajuda a esconder-se, de acordo com o uso, o contexto, a situação que dela se faz, transparecendo a relação entre o homem e o seu meio ambiente, seus comportamentos, seus pensamentos, suas crenças como um ser social; enfim, a linguagem transita entre o individual e o social. Nessa relação, Biderman traz as considerações de que

o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o

vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos dos discursos, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua, particularmente os indivíduos mais criativos e de maior competência linguística como os escritores e poetas. (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Os falantes criam o vocabulário da língua, e a ciência da Lexicologia vai se interessar pelo estudo dessas palavras, desses novos usos no léxico. Como já falado alhures, a palavra é uma unidade significativa tanto gramatical quanto lexical; o nível lexical é de interesse para este estudo por sua significação externa, por se referir aos elementos abstratos e concretos que constituem a unidade lexical. Para exemplificar, com uma amostra extraída do *corpus* de estudo desta pesquisa, temos o informante codificado de AI.04AUU3, que fala: “plantadeira a vácuo, maquinário com piloto automático”, temos sete palavras e cinco lexias. Estas por representarem as formas variadas do lexema. A semântica aqui trata do plano do significado da fala e das suas variantes.

Como afirma Gil (2004, p. 728), “é possível observar, entre as conceituações apresentadas, significativa aproximação entre elas, ou seja, as noções que as duas terminologias – campo lexical e campo semântico – encobrem são excessivamente similares”. Sendo assim, esses dois conceitos, na prática, não se distanciam, os estudiosos apontam para uma complementaridade pelo fato de o campo léxico ser a organização das unidades contextuais que delimitam os empregos de uma palavra.

Nessas condições, em consonância com Gil (2004), consideramos adequado fundir os termos e por isso utilizamos campo léxico-semântico para reportar às noções descritas pelos autores no que se refere ao campo lexical e ao campo semântico. Entendemos também que os Campos Léxico-Semânticos representam uma estrutura, de modo articulado, em que as palavras possuem uma relação de coordenação e hierarquia articuladas de modo organizado.

O estabelecimento de campos léxico-semânticos contribui para o conhecimento das possibilidades de renovação da língua. A revisão das formas da língua, assim como a revisão do significado lexical se dá na medida em que o léxico, por meio de suas unidades, permite-nos ver como faces da experiência humana, pois organizam-se, renovam-se e geram mudanças significativas na vida humana. Isso pode ser observado na amostra lexical, desta pesquisa, especificamente nas lexias de falantes sobre as práticas das atividades agrícolas da região de Dourados/MS, que utilizou como auxílio a Linguística de *Corpus* para a análises da variação lexical por meio do programa *WordSmith Tools*, descrito no capítulo seguinte.

3 O INSTRUMENTO DA LINGUÍSTICA DE *CORPUS* NO PROCESSO DOS DADOS

A Linguística de *Corpus* é uma importante área de apoio para esta pesquisa do ponto de vista metodológico e com relevância para o levantamento, identificação e anotação da frequência das lexias na amostra representada por falantes da área da agricultura de Dourados/MS. Apresentamos, nesta seção, as contribuições da Linguística de *Corpus* para o desenvolvimento desta tese, bem como alguns aspectos importantes sobre o que representa o *corpus* para análises e os outros *corpora* envolvidos na pesquisa: o de estudo e o de referência. O instrumento utilizado foi o programa computacional denominado *WordSmith Tools* 6.0, assinalando características dos processos de aplicação das ferramentas computacionais disponibilizadas: *WordList*, *KeyWords* e *Concord*.

3.1 A Linguística de *Corpus* e o *corpus*: características e conceitos

O trabalho aqui proposto, como dito anteriormente, utiliza o apoio metodológico do instrumental da Linguística de *Corpus* (LC), facilitador exequível permitindo olhar para o *corpus* deste estudo do ponto de vista qualitativo e quantitativo, para que possamos descrever e analisar aspectos típicos da variação lexical da língua em uso baseados em ações do cotidiano.

De um modo geral, a LC pode ser vista como uma área que tem como cerne a exploração de uma língua, baseando-se em relatos empíricos que trazem à luz aquilo que está em uso. Por isso, é possível estudar uma língua também do ponto de vista probabilístico, já que as regularidades e padronizações encontradas e utilizadas na língua indica a presença de características que não acontecem aleatoriamente. Berber Sardinha (2004) considera que a LC

ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais, em formato legível por computador, coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 3).

Para os estudos linguísticos, o instrumento do computador para o uso, ferramenta de fundamental importância para a LC, proporciona a execução de tarefas com mais

complexidades, envolvendo bancos extensos de dados, visando ao maior potencial de pesquisa e análise e, também, mais funcionais por meio de programas de computador.

A principal característica da LC é a observação de dados empíricos de uma ou mais línguas, ou até a variedade de uma língua, armazenados em bancos de dados que compõem o *corpus*. Isso significa possuir uma ferramenta eletrônica exclusivamente desenvolvida para auxiliar na análise dos dados, facilitando o trabalho do pesquisador quanto à verificação dos fenômenos da língua em uso.

Quanto à história, a LC “está condicionada à tecnologia, que permite não somente o armazenamento de corpora, mas também a sua exploração e, por isso, está relacionada à disponibilidade de ferramentas computacionais para análise de corpus.” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 15). O desenvolvimento das pesquisas linguísticas que se utilizam da LC está intimamente ligado à evolução tecnologia, mais especificamente à existência do computador.

Esse mesmo autor acrescenta que até meados do século XX, na antiga Grécia, já se desenvolviam pesquisas baseadas em *corpus*, que eram realizadas por meio de documentos “manuscritos”, adotando o sentido primário do termo *corpus*, entendida como uma grande quantidade de documentos. Todo o trabalho de coleta, armazenamento e análise eram feitos manualmente.

Por outro lado, de acordo com Berber Sardinha (2004), em 1957, Noam Chomsky, publicou a obra *Syntactic Structures* divulgando a linguística gerativa, com sua visão racionalista da linguagem contrapondo, portanto, a visão empirista até então defendida por estudiosos que utilizavam *corpus* em suas pesquisas. No primeiro momento, junto com seus seguidores, sugerem que a utilização de *corpus* em pesquisas, devido a grande quantidade de textos para análise, por meio manuais, demandaria um contingente de analistas e provavelmente seria pouco confiável. Além disso, os gerativistas consideravam que um *corpus* constituído por dados empíricos de nada contribuiria para análise linguística posto que o falante nativo poderia ter acesso às propriedades intrínsecas da língua por meio da intuição.

A linguística gerativista chomskyana, todavia, recorria a julgamentos introspectivos dando enfoque aos agrupamentos sintáticos possíveis segundo o conhecimento que um falante nativo possui de sua língua. Sobre essas considerações, Berber Sardinha argumenta:

o que um falante nativo pode informar é somente se o traço ou estrutura em questão é *intuitivamente* provável ou não, pois o ser humano, ao contrário do que em geral se pensa, não é bem organizado para isolar conscientemente o que é central e típico da linguagem; aquilo que é incomum é percebido

imediatamente, mas os eventos costumeiros do dia a dia são apreciados subliminarmente. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 32 grifo do autor).

Assim sendo, por meio da LC é possível desenvolver estudos que dizem respeito a diversos aspectos da língua como a sintaxe, o léxico ou o gênero textual. Segundo Berber Sardinha (2004, p. 35), a LC se propõe à organização e à “mineração” de acervos textuais em formato digital com o amparo informatizado, dando ênfase para as estatísticas lexicais e para a frequência de combinações de palavras. Para isso, os critérios para coleta de dados são fundamentais para o eficaz processamento do que se pretende buscar.

Do ponto de vista de Berber Sardinha (2004), a LC pode funcionar, devido a uma característica metodológico-epistemológica, como um importante suporte para o desenvolvimento de pesquisa em várias áreas da linguística. Todavia, o autor discute que alguns estudiosos, ao tratarem da LC, revelam a possibilidade de abordá-la de duas formas: ou como disciplina ou como instrumento metodológico.

Enquanto disciplina, conforme aponta Berber Sardinha (2004, p. 35 e 36), a LC é questionada, uma vez que “não se dedica a um assunto definido. Ao contrário, ocupa-se de vários fenômenos comumente enfocados em outras áreas (léxico, sintaxe, textura)”. No primeiro momento sim, evidencia-se como metodologia, de acordo com McEnery e Wilson que afirmam ser “apenas uma metodologia”, enquanto Leech também a considera como uma “base metodológica.” (apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 36). No entanto, para Berber Sardinha, isso depende de conceitos estabelecidos, no caso, o que se entende por metodologia, pois se for entendida como “*instrumental*”, então é possível aplicar o instrumento da LC livremente e manter a orientação teórica da disciplina original.

No entanto, a LC pode não ser definida apenas como um conjunto de ferramentas, se a metodologia for compreendida como “*modo típico de aplicar um conjunto de pressupostos de caráter teórico.*” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 36 grifo do autor). Nesse aspecto, não representa apenas instrumento, mas considerada metodologia, visto que traz mais do que o instrumento.

Berber Sardinha (2004, p. 36) diz que, nesse contexto, a LC é eficaz para as investigações do comportamento do léxico e exemplifica por meio da pesquisa de John Sinclair acerca da colocação entre itens lexicais, que não encontra espaço em outras disciplinas.

A LC ainda pode não ser compreendida como disciplina nem como metodologia, de acordo com Leech (1992, apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 37), que define a LC como “não somente uma nova metodologia emergente para o estudo da linguagem, mas uma nova

empreitada de pesquisa e, na verdade, uma nova abordagem filosófica”. Hoey (1997, apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 37), em outro momento, reforça essa concepção ao afirmar que ela “não é um ramo da linguística, mas a rota para a linguística”. Isso mostra que a LC, além de ser interpretada como uma possibilidade metodológica de ocupar-se com dados linguísticos, também se eleva ao plano de uma abordagem científica.

Berber Sardinha considera que a LC não seja uma disciplina assim como a Psicolinguística, Sociolinguística ou Semântica, pois seu objeto de pesquisa não é delimitado como em outras áreas. Nessa visão, o objeto da LC não é a análise ou estudo dos *corpora*; é, na realidade, por meio de *corpus* que se estuda a linguagem. Alguns dos principais interesses dessa área é o conjunto de *corpus* para várias finalidades de estudo, que são desenvolvidos e disponibilizados em bancos de dados; ferramentas de análise para pesquisa com *corpus*; estudo da língua baseado em *corpus* de investigação.

De modo geral, de acordo com Finatto (2007, p. 451), a LC “parte do pressuposto de que é necessário analisar usos extensivos de língua para que deles se depreendam sistematicidades, especificidades, descrições e explicações sobre gramática, léxico, sobre configurações e perfis de práticas textuais”. A referida autora continua afirmando que, o reconhecimento de usos concretos de linguagem em amostras intensivas é condição necessária, visto que a “verdade” sobre a língua e gramática constará num *corpus* e que essa “verdade” será entendida por meio das combinatórias e associações entre palavras e definirão em relação ao sistema.

Ainda segundo Finatto, para a LC, a língua é o uso e “assenta-se, assim, numa concepção funcionalista de linguagem. A língua é compreendida como um sistema probabilístico em que as diferentes combinatórias das unidades lexicais espelharão condições gramaticais em um sentido amplo.” (FINATTO, 2007, 452). Ela Acrescenta também que as relações gramaticais “serão fornecidas pela distribuição, frequência e funcionalidade das unidades lexicais” por meio de *corpora*. (idem, 2007, p. 452).

Esse contexto tecnológico favorece o foco da presente pesquisa, a qual investiga o léxico de práticas agrícola, por intermédio de um *corpus* coletado em uma amostra de falantes. As particularidades das lexias do *corpus* podem ser expostas, escondidas, realçadas ou ainda tornadas mais ou menos salientes e, principalmente, podem ser estudadas empiricamente a partir de um texto falado, produzido em situações de comunicação autênticas, como propomos fazer nesta pesquisa. Para isso, a formação de um *corpus* para o estudo da língua exige certa características gerais de composição, critérios apresentados na próxima seção.

3.1.1 O *corpus* de estudo na Linguística de *Corpus*

Embora o *corpus* seja uma parte comum nas pesquisas, existem vários ângulos que podem ser analisados num *corpus*. Por exemplo, de acordo com Berber Sardinha (2003, p. 196), um dos grandes desafios da criação de um *corpus* tradicional é a incorporação de dados de fala. Dados de conversação, aula, entrevistas e demais manifestações de fala são notoriamente difíceis de obter e de transcrever. Dada a tecnologia de que dispomos, a transcrição de fala é um passo indispensável para tornar um evento falado disponível para inclusão num *corpus*, já que é possível anexar apenas o conteúdo acústico das vozes (gravação).

A respeito de *corpus* em língua falada, Berber Sardinha considera que “os corpora de fala são por definição *corpora de transcrição de fala*, ou seja, de registros feitos por meio de caracteres gráficos (letras do alfabeto). O componente acústico (as gravações de vozes dos falantes) é, por *default*, subtraído do *corpus*” (BERBER SARDINHA, 2003, p. 196, grifo do autor), corroborando a ideia de utilizar os arquivos de transcrição escrita de fala do *corpus* oral como o da análise deste trabalho.

No primeiro momento, apresentamos a visão de Berber Sardinha (2004, p. 17) que considera a definição de *corpus* como “um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística” e detalha como

um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 18).

O autor explica que nesse conceito existe a capital relevância para análise de um *corpus* como:

a origem: os dados devem ser autênticos; o propósito: sua finalidade é servir de objeto ao estudo linguístico; a composição: o conteúdo deve ser criteriosamente escolhido; a formatação: os dados devem ser legíveis por computador; a representatividade: o *corpus* deve ser representativo de alguma língua, ou variedade de língua; a extensão: para fins representativo, o *corpus* deve ser vasto. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 18 e 19).

A utilização adequada de um *corpus*, por meio de ferramentas computacionais, possibilita aos pesquisadores de língua a encontrar provas da ocorrência, provas de um dado fenômeno da língua, bem como determinar a frequência de cada ocorrência sob estudo.

Em se tratando de representatividade e de tamanho de um *corpus*, o assunto mostra-se polêmico na LC. No que diz respeito à extensão do *corpus*, para Berber Sardinha (2004, p. 23) consiste na “característica mais facilmente associada à representatividade é justamente a extensão, o que significa, em termos simples, que para ter representatividade o corpus deve ser o maior possível”, ou seja, quanto maior o *corpus*, maior é a sua representatividade.

Todavia, a compilação de um *corpus* representativo que envolva uma língua integralmente não significa tarefa possível, devido as suas constantes modificações. Além de não se conhecer a totalidade ou o tamanho de uma língua, por isso, torna-se remota a possibilidade de determinar a extensão de *corpus* ideal que represente uma língua natural.

Berber Sardinha (2004) explica que a língua é um sistema probabilístico, no qual alguns traços são mais frequentes que outros, exemplifica o caso do léxico, em que

pode-se diferenciar as palavras entre aquelas de maior frequência e as de menor frequência, sendo que a diferença entre elas é relativa. Assim, algumas palavras têm frequência de ocorrência muito rara e, para que haja probabilidade de ocorrência no corpus, é necessário incorporar uma quantidade grande de palavras. (BERBER SARDINHA 2004, p. 23).

Desse modo, quanto maior a quantidade de palavra num *corpus*, maior será a probabilidade de aparecerem palavras de baixa frequência. Ainda assim, não há critérios para a determinação da representatividade. Por isso, uma amostra deve ter uma dada extensão, entendendo representatividade em termos de extensão de um *corpus*, isto é, de um número de palavras e de textos.

O tamanho necessário para um *corpus* de estudo depende do que se pretende estudar, e a representatividade está ligada à questão da probabilidade.

deve conter um conjunto suficientemente grande de dados reais de língua (escrita ou falada); deve estar em um formato processável em computador; o conjunto de texto deve ser representativo da língua ou variedade da língua sob análise; os textos devem ser um exemplo da variedade linguística que se quer representar; o conjunto de textos do *corpus* deve estar ordenado em função do objeto de pesquisa. (GIJÓN apud SILVA, 2010, p. 107).

Uma definição de critérios para determinação do tamanho ideal de um *corpus* é ainda pouco pesquisado, embora Berber Sardinha (2004, p. 26) tenha sugerido, numa abordagem histórica, a classificação da extensão de um *corpus* a partir da “monitoração dos corpora efetivamente usados pela comunidade”. A classificação do tamanho do *corpus* é em número de palavras: um *corpus* com menos de 80 mil é classificado como pequeno; de 80 a 250 mil é

pequeno-médio; de 250 mil a 1 milhão é médio; de 1 milhão a 10 milhões é médio-grande; 10 milhões ou mais é um *corpus* grande.

Por conseguinte, seguindo a classificação dada e considerando o número total de *tokens* do *corpus* de estudo desta pesquisa, que é de 112. 594 *tokens*, pode ser classificado como um *corpus* de tamanho pequeno médio. Assim como representativo para focalizar o léxico em uso dos falantes representados na amostra.

O *corpus* de estudo em questão e os *corpora* de referência para esta pesquisa estão detalhados na próxima seção.

3.1.2 Os *corpora* desta pesquisa: *corpus* de referência e *corpus* de estudo

Na LC, além do próprio *corpus* de estudo para a pesquisa, faz-se necessário mais um *corpus*, o de referência, com o propósito de verificar os dados de estudo, detectar a(s) palavra(s)-chave e também realizar a comparação das frequências das palavras entre um e outro *corpus*. Por isso, nesta seção, apresentamos o *corpus* de estudo, oriundo da coleta de dados das entrevistas realizadas com a amostra, e o *corpus* de referência utilizados neste trabalho.

Partindo da premissa de que um *corpus* deve constituir um conjunto de dados em formato eletrônico que possa ser lido por computador, é possível pensar que qualquer coletânea de dados linguísticos salva em um arquivo eletrônico possa ser rotulada como um *corpus*.

Para tanto e com o objetivo da pesquisa linguística traçado, a formação do *corpus* desta pesquisa foi concretizada a partir de lexias coletadas em entrevistas orais da amostra de informantes, construído especialmente para esta tese, com eixo temático em torno da agricultura, cujos dados numéricos expomos a seguir:

Quadro 2 – Extensão do *corpus* de estudo

Lista de palavras do <i>corpus</i> de estudo		
Palavras (Tokens)	Itens correntes no texto	112.594
Formas (types distinct)	Itens distintos usados na lista	6.317

Fonte: Autoria própria

Seguindo a definição de *corpus* de Berber Sardinha (2004), colocada acima, o autor ressalta a necessidade de se ter em mente não só a origem dos textos a serem incluídos em um

corpus, ou seja, textos naturais e autênticos (não pré-fabricados) para a pesquisa, mas também o objetivo do *corpus*, que é a pesquisa linguística. Esse objetivo deve estar claro para o pesquisador.

Berber Sardinha aponta a relevância da definição de *corpus* quanto ao uso do termo ‘porções de linguagem’ no fragmento a seguir:

É importante destacar na definição o termo *porções de linguagem* empregado em lugar de *textos*. Isso se deve ao fato dos problemas relacionados à delimitação do conceito de *texto*, já que se pode considerar tanto um artigo científico, seu resumo inicial ou um trecho de conversação, como textos. Por isso se fala aqui em porções de linguagem, um conceito que acomoda as três instâncias. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 17 grifo do autor).

Além do *corpus* de estudo, destacamos o conceito de *corpus* de referência empregado. Neste trabalho estão apresentados alguns critérios para seleção dos *corpora* de referência, quanto à sua extensão e composição. Primeiramente, esclarecemos que a fonte foi do *Banco de Português* do Brasil disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/>>. Desse *corpus*, de acordo com informações contidas no *site*, alguns recursos estão com acesso restrito, e outros disponíveis, como:

1. Concordanciador de uma amostra de 1,1 milhão de palavras do Banco de Português.
2. Lista de palavras de *corpus* escrito.
3. Lista de palavras de *corpus* falado.
4. Lista de palavras integrais do *corpus*.
5. Índice do *corpus*.

O Banco de Português é composto por um *corpus* de português do Brasil atualizado constantemente. Foi criado e é mantido no âmbito do projeto DIRECT e faz parte dos Bancos de Dados do CEPRIL, LAEL, PUC/SP.

Desse Banco, optamos por manusear dois *corpora* nesta pesquisa, chamados de *subcorpus*, que são um com lista de palavras escritas e outro com lista de palavras faladas. Essa escolha deve-se ao fato de um *corpus* ser complemento do outro, visto que, tanto a fala como a escrita são atividades complementares. Além disso, as lexias elencadas na descrição dos dados envolvem tanto a escrita como a fala, pois, de fato, foram selecionadas a partir de dois critérios: os registros na fala do informante e o fato de as lexias pertencerem a uma área

científica – Agricultura – em que registros de várias unidades lexicais pertencem mais à escrita do que à fala. Um exemplo é o caso de uso de termo científico de determinado agrotóxico, planta invasora ou praga, recorrentes no cotidiano desses falantes.

Sendo assim, depois de assinaladas as escolhas, buscamos o acesso aos arquivos das listas de palavras, que estão em locais distintos: o *corpus* da lista de palavras do referente à fala está disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/~tony/temp/bp/bp_txt_fala.zip>; e em outro endereço, encontra-se o acesso ao *corpus* da lista de palavras referente à escrita, disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/~tony/temp/bp/bp_txt_escrita.zip>.

Outra razão que leva à escolha do *corpus* de referência é quanto à extensão desses *corpora*. De acordo com Beber Sardinha (2005), o tamanho recomendado de um *corpus* de referência é cinco vezes o tamanho do *corpus* de estudo. Os *corpora* de referência que se utilizou na pesquisa possui adequação quanto a esse critério em relação ao *corpus* de estudo, devido a sua extensão ser consideravelmente maior, conforme os quadros, a seguir, sobre os *corpora* de referência:

Quadro 3 – Extensão do *corpus* de referência escrito

Lista de palavras do <i>corpus</i> escrito		
Palavras (Tokens)	Itens correntes no texto	770.685
Formas (Types distinct)	Itens distintos usados na lista	254.405

Fonte: http://www2.lael.pucsp.br/~tony/temp/bp/bp_txt_escrita.zip

Quadro 4 – Extensão do *corpus* de referência falado

Lista de palavras do <i>corpus</i> falado		
Palavras (Tokens)	Itens correntes no texto	140.265
Formas (Types distinct)	Itens distintos usados na lista	46.095

Fonte: http://www2.lael.pucsp.br/~tony/temp/bp/bp_txt_fala.zip

No que diz respeito à função do *corpus* de referência do *Banco de Português* do Brasil, neste estudo, cumpre o objetivo de buscar as lexias mais frequentes que ocorrem no *corpus* de estudo e compará-las em relação ao *corpus* de referência, no sentido de identificar, as palavras-chave no *corpus* de estudo. Dito de outro modo, ressaltamos que não haverá qualquer análise relativa aos *corpora* escrito e falado. As análises acontecem apenas com os dados léxicos do *corpus* de estudo, por meio do programa de computador que detalhamos na seção seguinte.

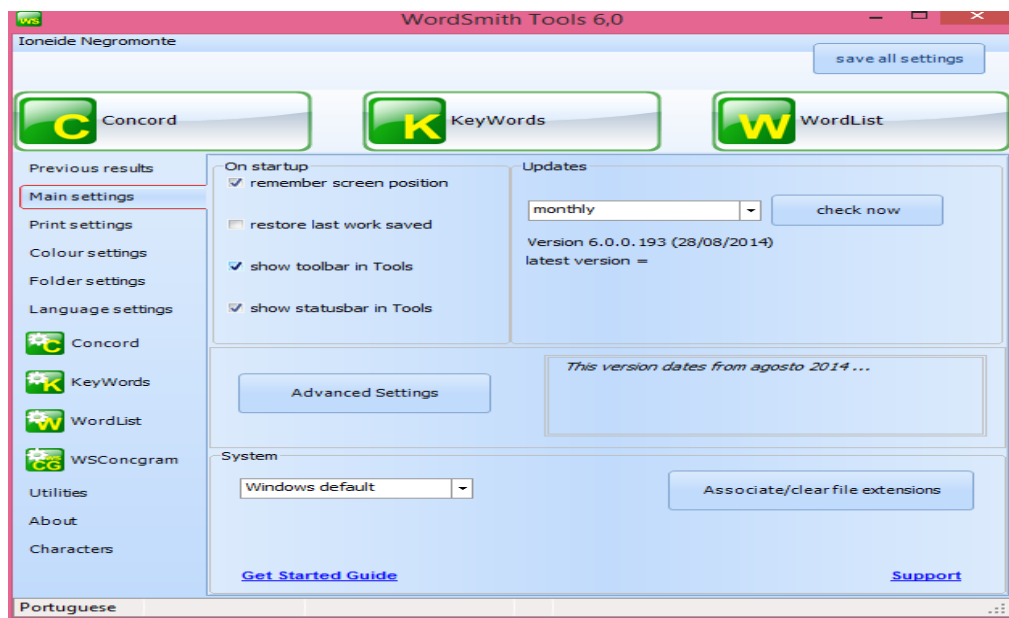
3.2 O programa *WordSmith Tools 6.0* e a descrição das ferramentas

Para a manipulação do programa computacional *WordSmith Tools 6.0*, destacamos a aplicação e o funcionamento de suas ferramentas disponibilizadas: *Concord*, *KeyWords* e *WordList* que possibilitaram as análises dos dados.

A ferramenta *Concord* realiza concordância ou listagem de uma palavra em particular, junto com o contexto em que ela aparece, além de outras especificidades; a segunda ferramenta, *KeyWords*, permite a realização de uma lista de palavras, cuja frequência pode ser maior ou menor do que a do *corpus* de referência; a partir desse resultado detecta-se a palavra-chave. A ferramenta seguinte, *WordList*, produz listas de todas as palavras do arquivo, junto com a frequência e os percentuais.

O funcionamento dessas ferramentas é influenciado por alguns tipos de ajustes que o usuário pode efetuar. Adiante se encontra representada a tela inicial do programa de computador *WordSmith tools*, em que podemos visualizar a disposição das três ferramentas que acabamos de descrever:

Figura 1 – O programa *WordSmith Tools 6.0*



Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Os instrumentos de análise disponíveis nas três ferramentas totalizam 17 itens. Berber Sardinha (1999) demonstra as possibilidades de uso em cada uma delas, de modo mais detalhado a seguir, indicando possibilidades de tradução desses novos termos, mas mantendo as denominações originais em língua inglesa entre parênteses.

Berber Sardinha (1999) acrescenta que as principais funções das três ferramentas são distribuídas em: 1. Lematização: agrupamento de duas ou mais formas diferentes em um mesmo item. Por exemplo, as formas ‘correm’ e ‘correram’ podem ser agrupadas sob o lexema ‘correr’. 2. Classificação: ordenação de listas e concordâncias por ordem alfabética, frequencial, ou por posição (na ‘lista de colocados’). 3. Delimitação: escolha de quais partes do *corpus* serão lidas pelo programa.

A seguir, apresentamos as interfaces do programa com as três ferramentas disponibilizadas, utilizando a amostra do *corpus* de estudo desta pesquisa. Das três ferramentas, normalmente se inicia com a *WordList* para criar uma lista geral das palavras do *corpus*, a fim de, a partir dessa lista, manipular as ferramentas *Concord* e *KeyWords*.

Na ferramenta *WordList*, a lista é produzida contendo todas as palavras do arquivo ou arquivos selecionados, na qual cada palavra é representada individualmente ou agrupada de duas ou mais palavras (*clusters*), ou seja, as palavras são elencadas em conjunto com suas frequências absolutas e percentuais. Possui também a função comparar listas, criando listas de consistência, onde é informado em quantas listas cada palavra aparece.

Nas listas criadas, de maneira separada, a palavra é registrada com várias informações, as possibilidades com essa ferramenta são estas:

1. Lista de palavras individuais (*‘wordlist’*).
2. Lista de múlti-palavras (*‘wordlist, clusters activated’*).
3. Lista de palavras de consistência individuais (*‘detailed consistency’*).
4. Lista de múlti-palavras de consistência (*‘detailed consistency, clusters activated’*).
5. Lista de dimensões e densidade lexical (*‘statistics’*).

Na lista individual de manuseio dessa ferramenta, a palavra é registrada com informações por ordem alfabética e por ordem frequência sobre cada item listado. As figuras a seguir¹⁶ mostram os dados da lista do *corpus* de estudo por ordem de frequência e outra por ordem alfabética. Em frequência, o registro do item lexical ocorre por ordem da maior até a menos frequente.

¹⁶ Algumas figuras aparecem recortadas à direita para preservar a identificação do informante.

Figura 2 – Amostra da lista por frequência

N	Word	Freq.	%	Texts	% Lemmas	Set
1	QUE	4.300	3,82	41	100,00	
2	É	3.499	3,11	41	100,00	
3	DE	3.431	3,05	41	100,00	
4	A	3.147	2,79	41	100,00	
5	O	3.060	2,72	41	100,00	
6	E	2.232	1,98	41	100,00	
7	VOCÊ	1.622	1,44	41	100,00	
8	TEM	1.495	1,33	41	100,00	
9	NÃO	1.324	1,18	41	100,00	
10	#	1.268	1,13	41	100,00	
11	UMA	1.260	1,12	41	100,00	
12	NÊ	1.256	1,12	40	97,56	
13	DO	1.134	1,01	41	100,00	
14	UM	1.046	0,93	41	100,00	
15	EU	1.004	0,89	41	100,00	
16	PRA	1.002	0,89	41	100,00	
17	VAI	990	0,88	41	100,00	
18	SE	983	0,87	41	100,00	
19	DOC	946	0,84	41	100,00	
20	NA	922	0,82	41	100,00	
21	NO	916	0,81	41	100,00	
22	INF	909	0,81	41	100,00	
23	SOLO	865	0,77	41	100,00	
24	ENTÃO	806	0,72	40	97,56	
25	COM	796	0,71	41	100,00	
26	DA	789	0,70	41	100,00	
27	MAIS	767	0,68	41	100,00	

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Na parte superior da figura aparece registrada, na primeira coluna (N), a sequência numérica na qual a lexia ocorreu quanto à sua frequência. Na segunda coluna, (*Word*), vê-se a lexia do *corpus* de estudo, e logo na sequência dessas colunas, a indicação em número de vezes que cada uma delas ocorreu. Em seguida, a coluna (%) corresponde à frequência em percentagem dessa ocorrência; na quinta coluna é registrado o número de textos, nesse caso o número dos arquivos do *corpus* em que a lexia apareceu. E, finalmente, a última coluna, (%), registra também o número de textos de arquivo em percentagem de ocorrência da palavra.

Na parte inferior, ainda da figura 2, pode-se observar que é possível localizar também a listagem em *Alphabetical*: as palavras listadas em ordem alfabética. É o que se fez para a exibição da figura seguinte:

Figura 3 – Amostra da lista por ordem alfabética

N	Word	Freq.	%	Texts	% Lemmas	Set
6	ABACAXI	5		1	2,44	
7	ABAIXO	2		2	4,88	
8	ABASTECEDOR	1		1	2,44	
9	ABASTECER	4		2	4,88	
10	ABATER	1		1	2,44	
11	ABELHA	1		1	2,44	
12	ABERTA	3		2	4,88	
13	ABERTO	10		7	17,07	
14	ABERTURA	7		4	9,76	
15	ABÓBORAS	1		1	2,44	
16	ABRAÇA	1		1	2,44	
17	ABRANGER	2		2	4,88	
18	ABRANGEU	1		1	2,44	
19	ABRANGI	1		1	2,44	
20	ABRE	6		3	7,32	
21	ABRI	2		1	2,44	
22	ABRIGADA	7		7	17,07	
23	ABRINDO	2		2	4,88	
24	ABRIU	2		2	4,88	
25	ABRIU	1		1	2,44	
26	ABSOLUTA	1		1	2,44	
27	ABSORÇÃO	2		2	4,88	
28	ABSORVA	1		1	2,44	
29	ABSORVE	1		1	2,44	
30	ABSORVENDO	3		2	4,88	
31	ABSORVER	6		5	12,20	
32	ABSURDO	4		3	7,32	

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

A figura 3 apresenta uma lista das lexias, indicando informações, a partir da ordem alfabética da língua, quanto à frequência e ao seu percentual, às entrevistas e ao percentual em que aparecem. Em suma, têm-se a frequência da lexia e a sua localização nas entrevistas.

Na busca por uma ordem alfabética dos itens lexicais, o programa, por sua vez, mostra a possibilidade de recorrer às estatísticas, que trazem dados quanto aos vários aspectos numéricos de ocorrência das lexias do *corpus* de estudo, como se verifica na figura a seguir:

Figura 4 – Amostra da lista por estatística

LISTA CORPUS DE ESTUDO (2).lst																
text file	file size	tokens (running words) in	tokens used for word list	sum of entries	types (distinct words)	type/token ratio	standard TTR	STTR std.dev.	STTR basis	mean word length	word length std.dev.	sentences	mean (in words) std.dev.	paragraphs	mean (in words) std.dev.	
Overall	632.874	112.594	111.326		6.317	5,67	34,32	64,57	1.000	4,34	2,65	3.004	37,06 78,15	41	2.715,2	1.461,0
Renata.txt	16.292	2.928	2.902		677	23,33	33,05	47,34	1.000	4,28	2,64	55	52,76 93,56	1	2.902,0	
n - Copia.txt	18.020	3.163	3.134		732	23,36	33,77	50,69	1.000	4,40	2,77	70	44,77 82,69	1	3.134,0	
a - Copia.txt	15.498	2.828	2.792		645	23,10	33,20	47,23	1.000	4,13	2,40	85	32,85 54,24	1	2.792,0	
o - Copia.txt	13.687	2.328	2.306		662	28,71	35,45	45,64	1.000	4,62	2,82	46	50,13 65,35	1	2.306,0	
a Silva - Copi	11.878	2.106	2.071		595	28,73	35,20	45,82	1.000	4,28	2,54	93	22,27 39,95	1	2.071,0	
o - Copia.txt	11.318	1.955	1.931		547	28,33	31,40		1.000	4,49	2,70	54	35,76 51,16	1	1.931,0	
s - Copia.txt	9.383	1.669	1.634		489	29,93	33,20		1.000	4,27	2,58	75	21,79 26,60	1	1.634,0	
o - Copia.txt	20.672	3.806	3.762		830	22,06	33,67	51,15	1.000	4,13	2,40	114	33,00 62,20	1	3.762,0	
vi - Copia.txt	7.601	1.387	1.339		384	28,68	29,70		1.000	4,07	2,49	128	10,46 14,62	1	1.339,0	
ri - Copia.txt	14.174	2.527	2.498		620	24,82	33,00	47,38	1.000	4,31	2,67	75	33,31 55,69	1	2.498,0	
s - Copia.txt	11.904	2.153	2.117		545	25,74	33,90	46,74	1.000	4,20	2,40	85	24,91 41,33	1	2.117,0	
s - Copia.txt	10.146	1.863	1.839		496	26,97	30,80		1.000	4,15	2,46	56	32,84 50,81	1	1.839,0	
s - Copia.txt	6.801	1.269	1.238		381	30,78	30,20		1.000	4,00	2,34	74	16,73 24,84	1	1.238,0	
e - Copia.txt	12.476	2.332	2.271		537	23,65	31,50	48,44	1.000	3,90	2,33	163	13,93 19,10	1	2.271,0	
n - Copia.txt	10.855	1.976	1.944		533	27,42	32,20		1.000	4,20	2,54	78	24,92 45,63	1	1.944,0	
o - Copia.txt	7.865	1.428	1.391		405	29,12	30,20		1.000	4,11	2,51	94	14,80 20,54	1	1.391,0	
n - Copia.txt	16.074	2.934	2.880		693	24,06	31,35	48,54	1.000	4,16	2,44	155	18,58 37,89	1	2.880,0	
e - Copia.txt	15.581	2.715	2.678		763	28,49	36,55	44,87	1.000	4,48	2,78	97	27,61 47,98	1	2.678,0	
al - Copia.txt	13.518	2.408	2.371		666	28,09	34,75	46,14	1.000	4,33	2,64	98	24,19 38,41	1	2.371,0	
o - Copia.txt	10.478	1.954	1.917		508	26,50	30,90		1.000	4,01	2,39	91	21,07 30,12	1	1.917,0	
di - Copia.txt	18.038	3.165	3.118		852	27,33	36,67	48,77	1.000	4,42	2,76	115	27,11 43,94	1	3.118,0	
ni - Copia.txt	12.116	2.231	2.199		635	28,88	35,30	45,75	1.000	4,08	2,49	83	26,49 41,58	1	2.199,0	
. Peixoto.txt	16.110	2.747	2.725		777	28,51	35,90	45,33	1.000	4,62	2,82	50	54,50 100,79	1	2.725,0	
ns Di Dio.txt	11.012	1.932	1.917		656	34,22	42,10		1.000	4,48	2,69	29	66,10 136,97	1	1.917,0	
de Souza.txt	21.861	3.699	3.678		945	25,69	37,63	47,89	1.000	4,67	2,96	54	68,11 108,36	1	3.678,0	

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Esta figura 4 detalha o envolvimento de diversas estatísticas representadas pela primeira coluna (N): *text file* que é o nome do arquivo¹⁷; *file size*, que se refere ao tamanho do arquivo; *tokens (running words)*, *in text* registra o número total dos itens; *types (distinct words)*, ou seja, o valor total de palavras diferentes. Também é possível realizar várias leituras de outras listas como, por exemplo, o número total de palavras, por meio dos *Tokens* (itens); das *Types* (formas), registro do número total de palavras sem repetições.

Ao acionar *Type/Token Ratio* obtém-se a variação lexical dos dados. De acordo com Berber Sardinha (2006), tal resultado é alcançado pela divisão do número de formas (*types*) pelo número de itens (*tokens*). O próprio programa *WordSmith Tools* 6.0 multiplica esse

¹⁷ Esta coluna foi bastante comprimida para que se pudesse preservar a identidade do informante,

resultado por 100. O resultado é representado por um percentual de ocorrência das palavras. Então, o cálculo fica assim:

$$\text{Type/Token Ratio} = \frac{\text{número total de palavras distintas}}{\text{Número total de palavras}} \times 100$$

Já a coluna seguinte mostra outra opção *Standardized Type/Token Ratio*, que também apresenta um cálculo para se chegar ao resultado. O programa percorre o *corpus* por blocos de textos, com um número pré-definido de palavras.

Depois vem a coluna de *Sentences*, que mostra a possibilidade de acessar o número de sentenças do *corpus* contadas a partir da presença de um ponto final, acompanhado por um espaço e com a próxima palavra escrita em letra maiúscula. Aqui, vê-se a necessidade de a transcrição ter sido realizada respeitando o padrão de escrita de sentenças, no caso, o uso do ponto final no término da sentença e o espaço para iniciar a seguinte. A falta desses elementos poderá produzir falsos resultados.

A segunda ferramenta do programa, *KeyWords*, seleciona palavras de uma lista cujas frequências são estatisticamente diferentes (maiores ou menores) do que as frequências das mesmas palavras num outro *corpus* (de referência). Calcula também palavras-chave chave, denominação dada a palavra que é chave em vários textos.

Desse modo, a ferramenta produz listas de palavras mais frequentes do *corpus* de estudo com a finalidade de identificar palavras-chave e compará-las em relação a outro *corpus*, o *corpus* de referência. A função é mostrar a relevância das palavras-chave registradas na lista do *corpus* de estudo, em relação ao *corpus* de referência utilizado.

As possibilidades de uso com a ferramenta *KeyWords*, de acordo com Berber Sardinha (1999), são:

1. Lista de palavras-chave (*'keywords'*).
2. Banco de dados de listas de palavras-chave (*'database'*).
3. Lista de palavras-chave chave (*'key keywords'*).
4. Lista de palavras-chave associadas (*'associates'*).
5. Lista de agrupamentos textuais (*'clumps'*).
6. Gráfico de distribuição de palavra-chave (*'keyword plot'*).
7. Listagem de elos entre palavras-chave (*'keyword plot links'*).

Para o item lexical ser relevante, é preciso que, na comparação da lista das palavras-chave, a descrição da frequência da palavra-chave no *corpus* de estudo seja superior a sua frequência no *corpus* de referência. Dito de outro modo, as palavras-chave são calculadas pela comparação entre a frequência do item individual na lista do *corpus* de estudo e a frequência desse item na lista de palavras do *corpus* de referência.

O procedimento para se obter a lista de palavras-chave pressupõe que já tenham sido realizadas antes duas listas no formato de palavras e com registro de frequências: uma construída a partir do *corpus* de estudo e outra gerada do *corpus* de referência, que precisa coincidir com na mesma língua do *corpus* de estudo. Estas listas de palavras, necessárias para processar a lista de palavras-chave, são geradas antes por meio da ferramenta *WordList*, na qual aparecem as frequências.

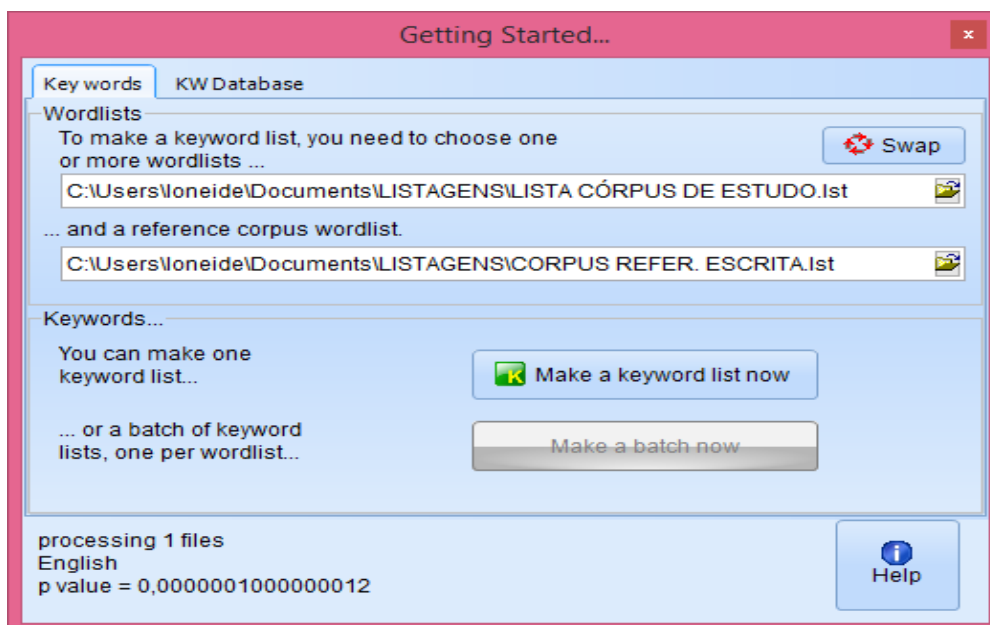
Para Berber Sardinha (1999), os componentes principais de uma análise de palavras chave são, portanto, dois:

1. um *corpus* de estudo, representado por uma lista de frequência de palavras. A ferramenta *KeyWords* aceita a análise simultânea de mais de um *corpus* de estudo;
2. um *corpus* de referência, também formatado como uma lista de frequência de palavras. Também é conhecido como “corpus de controle” e funciona como termo de comparação para a análise. A sua função é a de fornecer uma norma com a qual se fará a comparação das frequências do *corpus* de estudo.

De acordo com esse mesmo autor, a comparação é feita através de uma prova estatística selecionada pelo usuário (*log likelihood*). As palavras cujas frequências no *corpus* de estudo forem significativamente maiores segundo o resultado da prova estatística são consideradas chave e passam a compor uma listagem específica de palavras chave.

As listas dos *corpora* de estudo e de referência são processadas juntas, já que a ferramenta *KeyWords* permite a análise simultânea de mais de um *corpus* com a finalidade de comparação. O resultado desse processo é uma nova janela do programa que se abre com as listas das palavras dos *corpora* registradas de forma separadas em colunas. A figura a seguir mostra como se processa o modo simultâneo o *corpus* para a análise comparativa e o *corpus* de referência desta pesquisa, utilizando programa:

Figura 5 – Procedimento inicial para busca da lista de palavras-chave



Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Após esse processo inicial com as duas listas dos *corpora*, a ferramenta abre na sequência uma janela com a lista de palavras-chave do *corpus* de estudo e a relação da frequência dessas palavras com os *corpora* de referência. Diante da necessidade de um *corpus* de referência, foram utilizados neste estudo dois *subcorpora* com listas de palavras do *Banco de Português* do Brasil, como detalhados na seção 3.1.2, com explicações dos *corpora* de estudo e de referência utilizados neste estudo.

De acordo com Berber Sardinha (2006), as palavras-chave podem ser de dois tipos:

- ✓ Positivas, aquelas cujas frequências são estatisticamente maiores no *corpus* de estudo do que no *corpus* referência.
- ✓ Negativas: aquelas cujas frequências são estatisticamente menores no *corpus* de estudo do que no *corpus* de referência.

A ferramenta *KeyWords*, já é ajustada para apresentar o $P = 0.00000$, que representa o valor de significância do item lexical na lista gerada, e um máximo de 500 palavras-chave com frequência mínima de 3. É importante que se faça uma seleção das palavras por parte do pesquisador que torne viável a análise uma vez que, se por um lado a ferramenta processa a lista em poucos segundos, por outro o analista poderá levar vários dias para estudá-la por completo. A figura abaixo mostra a tela do programa *KeyWords* com os resultados.

Figura 6 – Amostra da lista de palavras-chave

N	Key word	Freq.	%	Texts	RC. Freq.	RC. %	Keyness	P	Lemmas	Set
1	QUE	4.300	3,82	41	1		7.032,9	0,0000		
2	É	3.499	3,11	41	1		5.705,7	0,0000		
3	DE	3.431	3,05	41	1		5.593,3	0,0000		
4	A	3.147	2,79	41	1		5.124,6	0,0000		
5	O	3.060	2,72	41	1		4.981,1	0,0000		
6	E	2.232	1,98	41	1		3.620,0	0,0000		
7	VOCÊ	1.622	1,44	41	1		2.621,9	0,0000		
8	TEM	1.495	1,33	41	1		2.414,6	0,0000		
9	NÃO	1.324	1,18	41	1		2.135,8	0,0000		
10	UMA	1.260	1,12	41	1		2.031,5	0,0000		
11	NÉ	1.256	1,12	40	1		2.025,0	0,0000		
12	DO	1.134	1,01	41	1		1.826,3	0,0000		
13	UM	1.046	0,93	41	1		1.683,2	0,0000		
14	EU	1.004	0,89	41	1		1.614,8	0,0000		
15	PRA	1.002	0,89	41	1		1.611,6	0,0000		
16	VAI	990	0,88	41	1		1.592,1	0,0000		
17	SE	983	0,87	41	1		1.580,7	0,0000		
18	DO	946	0,84	41	1		1.500,6	0,0000		

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

A figura 6 revela a lista de palavras-chave na ordem decrescente de frequência. As colunas apresentam a seguinte sequência: na primeira coluna, N, registra cada palavra do *corpus*; na segunda coluna, Freq., mostra a frequência da palavra do *corpus*; seguida da terceira coluna, (%), com percentual da palavra do *corpus*; a quarta coluna registra o número de textos do arquivo em que a palavra apareceu. Já a quinta coluna, RC. freq. corresponde à frequência da palavra no *corpus* de referência; na sexta coluna, *Keyness*, significa a palavra-chave chave, resultante do cálculo estatístico *Log Likelihood* do programa; por fim o P, que é valor da significância estatística. Cumpre informar que, na coluna *texts*, o número 41, refere-se ao número de arquivos do *corpus* de estudo, ou seja, a quantidade de entrevistas realizadas e arquivadas para a pesquisa.

A respeito da busca de palavra-chave, a leitura interpretativa para identificá-la é realizada da seguinte maneira: se no *corpus* de estudo surgir uma palavra com um percentual maior em relação à palavra no *corpus* de referência, ela será considerada palavra-chave no *corpus* de estudo. Se acontecer esse percentual maior, em relação ao *corpus* de estudo, no *corpus* de referência, a palavra não será considerada chave. Embora possa acontecer de a palavra não ser a mais frequente na lista de palavras-chave e representar a palavra-chave chave.

No tocante a relevância da unidade lexical no *corpus* de estudo, Berber Sardinha (2006, p. 212), esclarece que, além da palavra-chave identificada nos *corpora*, seja o de estudo ou o de referência, é possível localizar as palavras-chave chave (*key key words*), que são representadas por palavras-chave registradas em um número determinado de arquivo, ou seja, uma palavra será mais ‘chave chave’ na medida em que ela for de maior representatividade em um maior número de textos do *corpus* de estudo. No caso deste estudo os arquivos estão distribuídos em entrevistas realizadas.

Por outro lado, as palavras que são chaves em menos textos são menos ‘chave chave’. Como se nota, o processamento da lista de palavras-chave ajuda a fazer este caminho e classificar palavras-chave em ‘mais chave’ e ‘menos chave’ do *corpus* de estudo. É importante ressaltar que uma palavra-chave muito frequente não é necessariamente uma palavra-chave chave, pois sua frequência pode ser resultado da ocorrência em poucos textos, visto que sua relevância encontra-se na sua identificação em maior número de arquivos no *corpus* de estudo.

A própria ferramenta *KeyWords* realiza o cálculo para se chegar à palavra-chave chave, embora exija um conjunto de procedimentos diferentes por parte do usuário, necessitando antes de um banco de dados de palavras-chave (*key words database*).

Além disso, segundo Berber Sardinha (2006, p. 210-211), esta ferramenta *Keywords* se mostra bem importante para as análises linguísticas, uma vez que as palavras-chave são úteis na análise para diversos fins, como por exemplo:

- Identificar a temática (*‘aboutness’*) de um *corpus* ou de um texto.
- Descrever a organização interna dos textos.
- Localizar marcas indicativas de posicionamento ideológico.
- Traçar um perfil lexical de um autor ou de outros indivíduos.

A terceira e última ferramenta *Concord* funciona como acesso às listas de concordância do *corpus* de estudo para analisar os dados de uma palavra específica - o ‘nódulo’, *node word* ou *search Word* - juntamente com parte do texto onde ocorreu. Para isso, é preciso selecionar uma palavra para se chegar às listas, na qual a palavra aparece de modo centralizado, cercado pelo contexto. Oferece também listas de colocados, isto é, palavras que ocorreram perto do nódulo, possibilitando a verificação na palavra selecionada as suas ocorrências e o que acontece em sua cercania; são os chamados *Collocates* (colocados).

Berber Sardinha (1999) mostra uma lista de 5 itens de funcionamento da ferramenta *Concord*, como se vê a seguir:

1. Concordância ('*concordance*').
2. Lista de colocados ('*collocates*').
3. Lista de agrupamentos lexicais ('*clusters*').
4. Lista de padrões de colocados ('*patterns*').
5. Gráfico de distribuição da palavra de busca ('*plot*').

Com esta ferramenta, são geradas a lista de concordância e a lista dos colocados da palavra selecionada com sua frequência e sua indicação quanto à posição desse colocado (1ª à direita, 1ª da esquerda e a segunda, a terceira e, assim por diante.). É possível acessar o *Concord* a partir de uma janela específica ou a partir das ferramentas *WordList* ou *KeyWords*. É o que se exhibe a seguir:

Figura 7 a) – Dados gerais das concordâncias da lexia “solo” e dados numéricos

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec
1	, caso talvez é relacionado talvez a solo, alguma coisa assim, mas aí já			3.083	39	8%	0	75%			0	75% 05 B
2	da falta de alguma coisa, devido a solo mal preparado ou adubação mal			2.644	27	22%	0	53%			0	53% 04 B
3	mata e cerrado é um solo ácido, solo de P. H. até cinco, seis e meio,			712	13	95%	0	31%			0	31% 04. E
4	que faz é... com'é fala... faz análise solo regula(r)mente, né mas a			1.060	29	27%	0	46%			0	46% 08 B
5	solo, porque eu posso fazer análise solo e vê a quantidade ideal. Doc.:			493	15	90%	0	28%			0	28% 03. B
6	, quando ela tá quando ela emergi ao solo, ela tá suscetível ao ataque de			2.095	21	24%	0	42%			0	42% 04 B
7	e você faz voltar novamente ao solo a fauna que anteriormente nas			740	12	50%	0	34%			0	34% 05 O
8	consegue voltar, consegue voltar ao solo e ela é uma planta que ela é			3.271	30	64%	0	65%			0	65% 04 B
9	, e você joga a lanço o calcário ao solo, antigamente você fazia uma			1.275	21	65%	0	55%			0	55% 04. E
10	de nutriente, você vai adicionar ao solo. Doc.: Com relação aos			428	20	100%	0	36%			0	36% 09. B
11	Por favor! é a adição de nutrientes ao solo como que ela é feita ?[Tá ruim?			1.354	13	59%	0	27%			0	27% 04 B
12	formulação é:: pra se adequar ao solo aquela cultura, quando aquela			413	20	74%	0	35%			0	35% 09. B
13	é tudo questão de você incorporar ao solo é como se fosse mexer os			1.898	18	87%	0	38%			0	38% 04 B
14	que você faz uma aradagem ao solo, praticamente você tá quebrando			776	18	51%	0	25%			0	25% 02. B
15	eleva esse nível de acidez, deixa ao solo mais neutro, lógico pode dá			432	13	51%	0	24%			0	24% 03. B
16	expõe esses organismos ao solo, e você (a)caba matando eles né,			187	7	65%	0	7%			0	7% 13. C
17	que incorporem nutrientes ao solo, então todo sistema de rotação			1.113	26	65%	0	41%			0	41% 01 A
18	incorporar essa cultura depois ao solo, e ela incorporar nutriente como,			1.154	26	89%	0	42%			0	42% 01 A
19	os cátions que dão mais fertilidade ao solo já foram lavados, porque são			871	23	56%	0	32%			0	32% 01 A
20	do milho ela vem a... é...provenir ao solo características suficientemente			133	3	20%	0	3%			0	3% 04 B
21	colheita que viesse aquela palhada ao solo, aquela palhada decompondo			2.801	45	41%	0	77%			0	77% 03 A
22	, não ficam tão expostos ao solo, ao sol perdão que... como qu'eu			407	15	89%	0	21%			0	21% 02. B
23	, que você vai perceber se aquele solo é mais adequado pr'uma cultura			2.352	44	44%	0	86%			0	86% 01 A
24	:: E como eu vou saber o que aquele solo está precisando? Inf.10: Através			264	16	83%	0	25%			0	25% 10. B
25	na região em torno são basicamente solo degradado, aí vem, mas ainda,			152	3	44%	0	5%			0	5% 03 B
26	depende de cada, intempere de cada solo né, mas a lógica é fazer uma			317	9	34%	0	12%			0	12% 01. B
27	, dependendo da situação de cada solo. Doc.: E as práticas de			374	17	100%	0	27%			0	27% 08. B

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

A figura 7a mostra, na janela do *Concord*, a lista de concordância da lexia “solo”, extraída do *corpus* de estudo. As informações registradas são: na primeira coluna aparece N, que corresponde ao número em sequência da linha de concordância; na segunda coluna, o

Concordance, que apresenta a linha de concordância da lexia “solo” centralizada; a próxima coluna, que traz informação, registra o *Word #*, que significa a posição da palavra no texto; além de outras informações, também registradas como *File*, que é o nome do arquivo do qual a concordância foi gerada, além do registro de *date*, época do armazenamento do arquivo no computador, entre outras informações elencadas. A seguir, apresentamos a tela ampliada para ler as concordâncias iniciais em que aparece a lexia “solo”.

Figura 7 b) - Amostra das concordâncias da lexia “solo”

N	Concordance	Set
1	, caso talvez é relacionado talvez a solo, alguma coisa assim, mas aí já	
2	da falta de alguma coisa, devido a solo mal preparado ou adubação mal	
3	mata e cerrado é um solo ácido, solo de P. H. até cinco, seis e meio,	
4	que faz é... com'é fala... faz análise solo regula(r)mente, né mas a	
5	solo, porque eu posso fazer análise solo e vê a quantidade ideal. Doc.:	
6	, quando ela tá quando ela emergi ao solo, ela tá suscetível ao ataque de	
7	e você faz voltar novamente ao solo a fauna que anteriormente nas	
8	consegue voltar, consegue voltar ao solo e ela é uma planta que ela é	
9	, e você joga a lanço o calcário ao solo, antigamente você fazia uma	
10	de nutriente, você vai adicionar ao solo. Doc.: Com relação aos	
11	Por favor] é a adição de nutrientes ao solo como que ela é feita "[Tá ruim?	
12	formulação éh:: pra se adequar ao solo aquela cultura, quando aquela	
13	é tudo questão de você incorporar ao solo é como se fosse mexer os	
14	que você faz uma aradagem ao solo, praticamente você tá quebrando	
15	eleva esse nível de acidez, deixa ao solo mais neutro, lógico pode dá	
16	expõe esses organismos ao solo, e você (a)caba matando eles né,	
17	que incorporem nutrientes ao solo, então todo sistema de rotação	
18	incorporar essa cultura depois ao solo, e ela incorporar nutriente como,	
19	os cátions que dão mais fertilidade ao solo já foram lavados, porque são	
20	do milho ela vem a... é....provenir ao solo características suficientemente	
21	colheita que viesse aquela palhada ao solo, aquela palhada decompondo	
22	, não ficam tão expostos ao solo, ao sol perdão que... como qu'eu	
23	, que você vai perceber se aquele solo é mais adequado pr'uma cultura	
24	.. E como eu vou saber o que aquele solo está precisando? Inf.10: Através	
25	na região em torno são basicamente solo degradado, aí vem, mas ainda,	
26	depende de cada, intempere de cada solo né, mas a lógica é fazer uma	
27	, dependendo da situação de cada solo. Doc.: E as práticas de	

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Com o desmembramento da tela, é possível observar com mais clareza a lista de concordância em que a lexia “solo” aparece no *corpus* e a sua frequência.

O programa *WordSmith Tools* fornece auxílio para o desenvolvimento das reflexões dos estudos do *corpus* de uma pesquisa. Cabe salientar que, para esta pesquisa, a relevância do programa *WordSmith Tools* 6.0 reside na possibilidade de acessar os dados do *corpus* de estudo para proceder à busca de todas as lexias presentes. Para tanto, recorreremos às três ferramentas disponíveis para um estudo mais detalhado. Assim, passaremos às informações a respeito do caminho das etapas metodológicas, assunto ao qual nos dedicamos no próximo Capítulo 4.

4 PERCURSO DOS PROCESSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, são discutidas as opções metodológicas adotadas na pesquisa e as implicações dessas escolhas. Delineamos as características dos participantes envolvidos, que são os informantes para a constituição do *corpus* de estudo, cujo perfil vem representado em um quadro; descrevemos os métodos de coleta e de processamento dos dados, com o detalhamento do tipo de *corpus* de estudo em questão e dos *corpora* de referência usados na pesquisa. Na exposição dos materiais e métodos, utilizados, indicamos como estes foram empregados para a coleta e armazenamento dos dados para que se pudéssemos utilizar o recurso do programa computacional *WordSmith Tool* 6.0. Por fim, trouxemos algumas informações características da região de Dourados/MS, local onde foram realizados todos os procedimentos de coleta do *corpus* para as análises da pesquisa.

4.1 Os participantes envolvidos na pesquisa

A realização desta pesquisa tem como objetivo de descrever o uso e a variação lexical de uma amostra de falantes ligada às práticas da agricultura na região de Dourados/MS. Para tanto, foi necessário recorrer a informantes que interagem no domínio da área agrária como é o caso dos docentes e estudantes de graduação em Agronomia e dos agricultores.

Trata-se de pessoas que falam sobre seus conhecimentos técnicos e práticos relativos à agricultura em seu cotidiano. Nesse contexto, a formação do *corpus* é composta por uma amostragem de língua falada e registrada em 41 entrevistas orais gravadas e transcritas de falantes das regiões urbana e rural de Dourados/MS.

Alguns protocolos são importantes antes do início da pesquisa de campo, em especial, o atendimento às normas do Conselho de Ética em Pesquisa. Para cumprir o disposto, o projeto da pesquisa foi cadastrado na Plataforma Brasil, que é um sistema integrado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), para a submissão e aprovação da coleta de dados; foi necessária a elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE) para uso junto aos informantes, que, mediante a assinatura, funciona como uma forma de explicar ao participante sua contribuição para a pesquisa, além de documentar a permissão para a entrevista. Os documentos referentes a esse processo estão anexados no final desta tese, o TCLE encontra-se em apêndice C, preservando

a identidade física dos informantes; o Parecer Consubstanciado do CEP está comprovado nos anexos A e B.

A partir da aprovação, o CEP determinou o prazo de 48 dias para a tarefa das entrevistas, como se pode constatar nos anexos, mas também detalhadas as datas a seguir: a devolutiva com a aprovação em 12/11/2012 e no parecer consubstanciado recomendou-se que a coleta dos dados fosse realizada até o dia 31/12/2012, fora da previsão inicial no cronograma do projeto da pesquisa, tornando-se um prazo bastante exíguo para coleta dos dados.

Embora tenha gerado dificuldade em localizar os informantes (considere-se o período de férias ou recesso escolar), a determinação do CEP foi rigorosamente respeitada nesta pesquisa. Esse período nos levou a entrevistar primeiramente os estudantes e docentes e em seguida os agricultores. Essa situação nos delimitou o número de informantes, mas, mesmo assim, consideramos a coleta representativa o suficiente para os resultados que apresentamos no próximo capítulo.

Para constituição do *corpus*, realizamos inquéritos orais gravados com informantes distribuídos em três grupos, utilizando a orientação do tempo cronológico das entrevistas para homogeneizar as entrevistas e determinar o número de informantes, distribuído da seguinte maneira:

- O grupo A – representado pelo corpo docente da área de agricultura do curso de Engenharia Agrônômica de três Universidades do município Dourados/MS, que são Instituições de Ensino Superior são: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN) e Faculdade Anhanguera de Dourados. Foram 5 entrevistados, 2 da UFGD, 2 da UNIGRAN e 1 docente da Anhanguera, único disponível na instituição.
- O grupo B – representado por jovens acadêmicos das turmas do 4º, 6º, 8º e 10º semestres, efetivamente matriculados no curso de Engenharia Agrônômica em uma das três Instituições de Ensino Superior (IES) da cidade. Foram 21 entrevistados, sendo 7 de cada instituição e, no mínimo, um informante de amostra de cada semestre das IES.
- O grupo C – representado por pessoas adultas, produtoras rurais atuantes na agricultura e, em geral, moradoras da zona rural do município, proprietárias de

fazendas com dimensões de pequena, média e grande porte em extensão de área em produção agrícola. Foram necessários 15 entrevistados para equação do critério de tempo cronológico já estabelecido.

As entrevistas perfizeram a duração total de 15 horas, 12 minutos e 59 segundos, com a média de cinco horas de gravação com cada grupo, conforme descrevemos a seguir:

- Grupo A – 5 entrevistas com duração de 4 horas, 52 minutos e 47 segundos.
- Grupo B – 21 entrevistas com duração de 5 horas, 42 minutos e 59 segundos;
- Grupo C – 15 entrevistas com duração de 5 horas, 17 minutos e 53 segundos.

O caráter diferencial no número de informantes existe em decorrência dos inquiridos apresentarem duração de tempo bem variada, alguns informantes mostravam-se sucintos em excesso, e as entrevistas findavam em 10 minutos; outros eram mais detalhistas, e as entrevistas ultrapassavam o tempo de 60 minutos de gravação. Mesmo em 10 ou 60 minutos, os informantes revelaram significativos conhecimentos e/ou experiências de manejo com a terra e a produção agrícola de grãos. Mantivemos, dessa forma, o fator tempo equilibrado com relação aos grupos entrevistados, mesmo que tenha havido diferença de informantes dentro de cada grupo.

Na área urbana, a realização das entrevistas acontecia depois de apresentada a proposta desta pesquisa às IES, com o intuito de obter adesão à pesquisa e permissão das universidades em busca de informantes: os acadêmicos formados - docentes - e com os acadêmicos em formação no curso de Engenharia Agrônômica - universitários. Tanto os representantes das IES como os universitários demonstraram interesse e positiva receptividade para a concretização da coleta de dados.

Em relação à área rural, para o contato com informantes e realização das entrevistas, optamos por uma estratégia para ter acesso às propriedades: o acompanhamento de pessoas conhecidas, como o engenheiro agrônomo ou o técnico agrícola responsável pela produção agrícola local, para se chegar aos proprietários das áreas, os agricultores. Essa foi uma importante atitude necessária para facilitar a aproximação, pois além de promover o contato com o agricultor, às vezes, este também ajudava no contato com outros proprietários rurais, vizinhos ou amigos, convidando-os para que participassem também da pesquisa.

Para registro dos dados gerais acerca das pessoas envolvidas, construímos uma ficha contemplando dados dos entrevistados e a partir das informações nas fichas preenchidas,

Nº	CÓDIGO DO INFORMANTE	ESTADO DE ORIGEM	IDADE		RELAÇÃO COM A AGRICULTURA			NÍVEL ESCOLAR			
			J	A	A	B	C	EF	E M	U	G
01	AI.01AUF5	MS	X			X				X	
02	AI.02AUF5	RS	X			X				X	
03	AI.03AUF3	MS	X			X				X	
04	AI.04AUF3	MS	X			X				X	
05	AI.05AUF4	MS	X			X				X	
06	AI.06AUF5	PR	X			X				X	
07	AI.07AUF3	MT	X			X				X	
08	AI.01AA4	MS	X			X				X	
09	AI.02AA4	MS	X			X				X	
10	AI.03AA4	MS	X			X				X	
11	AI.04AA3	MS	X			X				X	
12	AI.05AA3	MS	X			X				X	
continua											

13	AI.06AA5	MS	X			X				X	
14	AI.07AA3	MG	X			X				X	
15	AI.01AUU3	MS	X			X				X	
16	AI.02AUU2	MS	X			X				X	
17	AI.03AUU3	MS	X			X				X	
18	AI.04AUU3	MS	X			X				X	
19	AI.05AUU3	MS	X			X				X	
20	AI.06AUU3	MS	X			X				X	
21	AI.07AUU3	MS	X			X				X	
22	AI.01PUF	SP		X	X						X
23	AI.02PUN	SP		X	X						X
24	AI.03PUN	RO		X	X						X
25	AI.04PAN	MS		X	X						X
26	AI.05PUF	MT		X	X						X
27	AI.01PP	RS		X			X				X
28	AI.02PP	PR		X			X	X			
29	AI.03PP	SP		X			X	X			
30	AI.04PP	MT		X			X	X			
31	AI.05PP	MS		X			X	X			
32	AI.06PP	MS	X				X		X		
33	AI.07PP	RS		X			X		X		
34	AI.0809PP	RS		X			X	X			
35	AI.10PP	RS		X			X	X			
36	AI.1112PP	RS		X			X	X			
37	AI.13PP	SC		X				X			X
38	AI.14PP	SP		X			X	X			
39	AI.15PP	RS		X			X	X			
40	AI.16PP	RS		X			X				X
41	AI.17PP	RS		X			X	X			

Fonte: Autoria própria

4.2 Materiais e métodos

Para a realização das entrevistas, elaboramos um roteiro de entrevista com 13 questões dirigidas com a finalidade de focalizar a temática sobre as práticas da agricultura. Em relação a algumas questões do roteiro para as entrevistas, havia alterações dependendo do inquirido: o agricultor, em função da atividade do informante; no caso do docente e do universitário, as questões eram as mesmas, por pertencerem ao mesmo ambiente acadêmico. O roteiro com as alterações encontra-se no apêndice B.

O procedimento das entrevistas tem como modelo o instrumento usado pelo projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (PROJETO ALIP).¹⁸ A partir das recomendações

¹⁸ Os procedimentos de entrevista e o modelo de transcrição seguem o padrão do banco de dados do PROJETO ALIP, que se encontra disponível em: <www.iboruna.ibilce.unesp.br>, sob a coordenação geral do prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves e a subcoordenação da profa. Dra. Luciani Ester Tenani, da UNESP do Câmpus de São José do Rio Preto.

dadas e de modo indireto, foram selecionados módulos e tópicos de conversação para a composição do *corpus*.

Nas entrevistas, os informantes responderam às questões orais referentes aos procedimentos práticos da agricultura na região. Incluímos questões que moviam o inquirido a módulos como: a) narrativas de experiência pessoal; b) descrição de procedimento; c) relato de opinião. Os informantes foram inquiridos sobre os tipos de cultura agrícola praticados, o manejo do plantio direto, procedimentos de preparação do solo como arar, gradear, adubar o solo, aplicar calcário e gesso, realizar cuidados quanto ao controle de pragas, doenças e plantas invasoras e rotação de cultura.

De acordo com o PROJETO ALIP, as respostas em forma de módulos representam tentativas de transformar o momento da comunicação num ambiente de interação comunicativa natural, nesse caso, as atividades de seu cotidiano na agricultura.

Por outro lado, os inquéritos exigiam respostas fundamentadas nas atividades práticas ensinadas no curso de Agronomia, ou seja, no conhecimento técnico quanto às práticas cotidianas decorrentes das atividades agrícolas, que variavam de acordo com o inquirido: docente, discente ou agricultor. Para manter a temática na conversação, os inquéritos contemplavam itens envolvendo:

- relato de fatos curiosos ocorridos durante alguma atividade prática no campo de plantio ou colheita;
- relato de opinião sobre as vantagens e desvantagens da área profissional do agrônomo e de prática da agricultura;
- relato sobre episódios ocorridos na zona rural que alguém tenha presenciado (“causos”);
- descrição de processo na preparação do solo para o plantio e aplicação de adubo, calcário e gesso;
- descrição de procedimento para o plantio direto e a rotação de culturas;
- descrição sobre as ferramentas necessárias para as práticas do cultivo agrícola.

Dessa maneira, obtivemos um procedimento relevante para o tipo para formação do *corpus* de interesse nesta pesquisa. O informante é direcionado a narrar sobre fatos de experiências pessoais, que contribuem para envolvê-lo emocionalmente e preste menos atenção na sua maneira de falar e abstraia as possíveis artificialidades no momento da fala, por causa da situação comunicativa, a entrevista oral.

Os inquéritos com a amostra de participantes aconteceram *in loco*, sendo os graduandos e docentes nas respectivas IES; os agricultores, nas propriedades onde residem ou nas empresas de produtos e maquinários agrícolas de Dourados, local onde geralmente costumam se reunir para conversar, tomar o tereré – as conhecidas rodas de tereré - ou o chimarrão, bebidas tradicionais no estado de Mato Grosso do Sul.

O instrumento utilizado para as gravações, durante as entrevistas, foi o gravador de voz do tipo *Voice Editing*, Versão 2.0, de fabricação Panasonic, que conserva o arquivo no próprio aparelho e também permite a transposição para um computador através de *download*.

Os procedimentos para realização de transcrição das entrevistas seguem também o mesmo instrumento disponível no PROJETO ALIP. Para o início das transcrições, o primeiro passo foi a identificação dos inquiridos por um código como forma de preservar a identidade dos informantes. Antes do texto transcrito, elaboramos um cabeçalho, utilizado em cada entrevista, apresentando informações como o código do entrevistado, o nome da inquiridora, a data, o local e o tempo de duração da entrevista. Depois desses procedimentos, passamos as transcrições das entrevistas conforme o modelo orientado.

Do volume de entrevistas da amostra em questão, criamos um armazenamento de arquivos, agrupando-os em três grupos, A, B e C, de acordo com a relação do informante com a agricultura, docente, discente e agricultor. Foram geradas, dessa forma, três pastas de entrevistas orais, transcritas e armazenadas em computador: as gravações, em arquivo de voz; as transcrições, em programa de edição de textos (*Word for Windows*, versão docx) de computador. Esses arquivos de áudio e de transcrições de entrevistas orais são considerados documentos, dos quais foram constantemente consultados no momento das análises dos dados.

No mesmo tipo de programa, as transcrições das entrevistas foram convertidas para versão “texto sem formatação” em arquivos de bloco de notas para serem tratados pela ferramenta de programa de computador, utilizado para análise do *corpus*.

Embora se tenha utilizado o modelo para transcrição do ALIP, desfizemos de algumas marcas da oralidade nos textos transcritos para o processamento do *corpus* no programa *WordSmith Tools*. Por exemplo, itens lexicais como “milho”, “minho” e “mio” configuram como recorrência de um mesmo item, garantindo, dessa forma, a fidelidade nos resultados do ponto de vista qualitativo e quantitativo das análises, dado que nosso objetivo é um estudo das unidades lexicais e não das variações na fala.

As modificações realizadas nos textos das entrevistas serviram apenas para realização do processamento, visto que, no capítulo 5 onde se concentra a análise dos dados, as citações

extraídas das entrevistas mantiveram-se de acordo com as transcrições originais realizadas nos padrões do modelo do PROJETO ALIP. Conforme apontam as normas de sinais de transcrição do projeto ALIP utilizadas nas transcrições das entrevistas como se pode conferir nos apêndices D, E e F, em uma amostra de cada grupo de informante desta pesquisa.

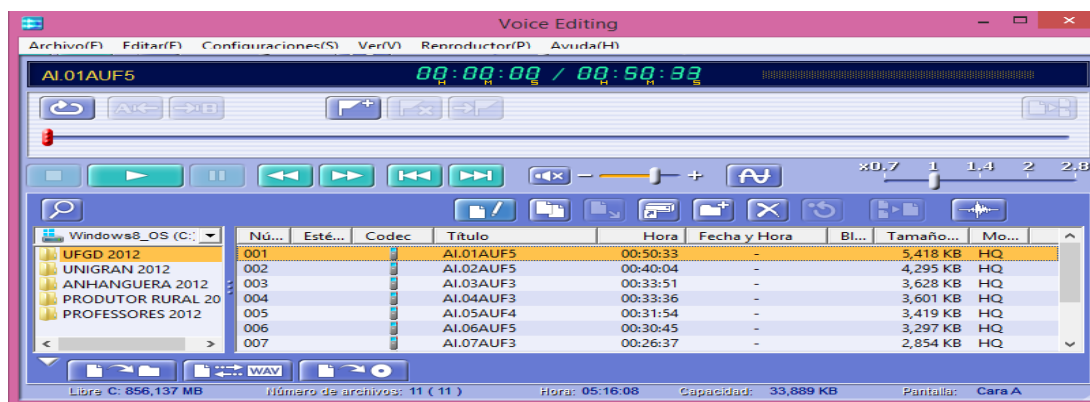
Cumprindo ainda informar que na utilização de trechos das entrevistas, os fragmentos foram diluídos na redação do capítulo em que constam as análises desse *corpus* de estudo; sendo marcados esses trechos pelo espaçamento 1,5 entre o texto corrido, também entre as transcrições e recuo de 2 cm à esquerda; guardando-se a fidedignidade das informações prestadas. Reiterando que se mantiveram o modelo da transcrição original e o código criado como identificação do informante para preservação de sua identidade.

4.3 O armazenamento dos dados

Como forma de organização do armazenamento de áudio, criamos também arquivos no próprio programa do gravador utilizado, o *Voice Editing*, distribuídos em cinco pastas: uma pasta destinada às entrevistas dos produtores rurais de agricultura; outra, composta com as entrevistas dos acadêmicos e docentes do curso de Agronomia; e mais outras três, com as entrevistas dos acadêmicos graduandos em Agronomia, separadas de acordo com a IES a que pertence o estudante: UFGD, UNIGRAN e Anhanguera.

Como exemplo dessa ação, na figura a seguir, pode-se observar a interface do armazenamento das cinco pastas de arquivo em áudio no *menu* principal do gravador de voz. A primeira pasta aberta é composta por 11 itens de gravação de voz, número que pode ser constatado na coluna da tela. Esta pasta selecionada, intitulada UFGD 2012, representa o grupo de entrevistado de acadêmicos, graduandos em Agronomia da UFGD.

Figura 8 – Armazenamento dos arquivos de áudio



Fonte: Tela de arquivo do áudio

À esquerda da tela, além do registro dos acadêmicos da UFGD, existem, logo abaixo, mais quatro pastas, pertencentes aos acadêmicos da UNIGRAN e da Anhanguera, na sequência as dos produtores rurais em agricultura e dos docentes do curso de Agronomia das IES. Na coluna inicial das informações, estão descritas a quantidade de entrevistas; depois vem registrado o ícone que identifica o instrumento de gravador de voz; o título dado a cada arquivo em áudio, representado pelo código criado para o informante; o tempo de duração de cada entrevista, no topo da lista há o maior tempo de 50 minutos e 33 segundos e o menor tempo, no final da lista, de 26 minutos e 37 segundos; finalizando o quadro com a qualidade de gravação realizada. Essa etapa do trabalho é a que gera a fase de transcrição e resulta no real *corpus* da pesquisa.

No tocante aos *corpora* orais ou textos orais, Biderman (2001, p. 79) salienta que podem ser entendidos como “transcrições ortográficas da língua falada e também gravações acompanhadas das transcrições correspondentes. Enquanto na Linguística de *Corpus* existe uma tendência a considerar as transcrições ortográficas da fala como *corpora* orais”. Essa situação pode ser verificada com o *corpus* de estudo desta pesquisa: a partir das transcrições correspondentes da língua falada em entrevistas orais, precisamos transformar esse *corpus* em transcrições ortográficas para otimizar o uso de ferramentas computacionais da LC.

A partir do armazenamento, pode-se utilizar o instrumental da LC o programa *WordSmith Tools*, versão 6.0, disponível no site www.lexically.net/wordsmith, para as análises dos dados colhidos. Para isso, foi preciso realizar o *download* do programa, solicitar a aquisição da licença e acessar o material coletado sem restrição. Além desse programa, utilizamos outros materiais de apoio, descritos na seção seguinte.

4.4 Material de apoio das Ciências Agrárias

As contribuições de apoio da área da agricultura, inicialmente vêm dos docentes do curso de Agronomia e ligados à agricultura das universidades de Dourados/MS, que disponibilizaram orientações quanto às obras mais adequadas da Agronomia para a temática da pesquisa; auxiliaram nas bibliotecas das respectivas instituições com indicação de obras de referências do curso; disponibilizaram seu tempo para dialogar e sanar dúvidas de forma presencial ou por e-mail.

Os professores indicaram para o auxílio duas obras especializadas em Agricultura, como fonte de apoio para as análises. São duas coletâneas: uma é produzida pela EMBRAPA e traz informações sobre a agricultura na região Sul do Brasil, proporcionando recomendações

de técnicas de manejo nas atividades e a compreensão de alguns comportamentos das práticas agrícolas na região; a outra obra é originária de um Simpósio realizado em Piracicaba/SP e está ligada aos tipos e tratos destinados ao solo e a relação solo e planta, focalizando o enxofre e nitrogênio na agricultura brasileira.

Há estudos também sobre material orgânico do solo e a exploração agrícola, formas de produção e recomendação de fertilização com nitrogênio em cultura de interesse agrônomo, o estado nutricional da planta, o uso de enxofre em diversas culturas agrícolas como o milho, o café, citriculturas e até florestas.

Além disso, buscamos apoio na obra lexicográfica intitulada: *Glossário de Termos Usados em Atividades Agropecuárias, Florestais e Ciências Ambientais*, (ORMOND, 2006). Esses materiais de apoio juntos foram de fundamental importância para as análises e interpretações das lexias em uso de nossa amostra de falantes.

Salientamos que as lexias do *corpus* de estudo estão elencadas, em quadros de Campos Léxico-Semânticos, aquelas lexias da área da agricultura, que vão das unidades lexicais técnicas – próprias das práticas agrícolas – à fala corrente dos usuários. Para formação das lexias distribuídas em campos recorreremos tanto às obras de referência quanto ao auxílio de professores do curso de graduação em Agronomia.

Para as análises do *corpus* desta pesquisa e como parte da formação significativa do léxico de uma comunidade falante, há de se considerar o contexto histórico-cultural em que é produzida a fala. As reflexões sobre o território e a cultura dos informantes são importantes, porque esses elementos fornecem subsídios para a construção vocabular do povo. Por isso dedicamos à próxima seção a alguns aspectos relacionados ao local onde foi gerado o *corpus* de estudo, Dourados/MS.

4.5 Alguns aspectos demográficos e agrícolas de Dourados/MS

O léxico em uso numa sociedade mostra o seu dinamismo por sua renovação constante na língua. A amostra da língua na modalidade falada descritas neste estudo revela esse movimento, uma vez que os informantes enquanto descreviam oralmente sobre procedimentos da cultura agrícola, caracterizavam a sua história, a sua cultura e o seu ambiente físico e social. Por isso, julgamos importante regastar alguns aspectos sobre a cidade de Dourados, local dos informantes e coleta dos dados do *corpus*.

Devido à formação populacional, o município de Dourados é marcado por expressivas diferenças socioculturais. Um estudo de uma amostra da língua de uma sociedade com essa

característica que privilegie a variação linguística adquire um significado especial, que transparece mais vivamente o reflexo da cultura de um povo, que, por sua vez, é resultado de experiência de vida e de evolução social do indivíduo. Dessa forma, pela análise do léxico, mesmo que seja de apenas um recorte, permite a observação não apenas da língua mas também desvela questões culturais que proporcionam melhor compreensão da língua e do próprio falante.

Dourados localiza-se ao Sul do estado de Mato Grosso do Sul, distando aproximadamente 220 quilômetros da capital, Campo Grande, e 120 quilômetros de Ponta Porã, cidade fronteiriça entre Brasil e Paraguai. A cidade apresenta um clima tropical úmido no verão e seco no inverno com algumas geadas. Os municípios vizinhos com os quais Dourados faz fronteira territorial são: ao Norte, Douradina, Itaporã, Maracaju e Rio Brilhante; ao Sul, Caarapó, Fátima do Sul, Laguna Carapã e Ponta Porã; ao Leste, Deodápolis; ao Oeste, a maior parte de Ponta Porã.

O município de Dourados foi fundado em 20 de dezembro de 1935 e ocupa o posto da segunda maior cidade do Estado, com uma área territorial de 4.086.237 Km², ocupada por uma população de 210.218 habitantes¹⁹, conforme dados estatísticos do IBGE do ano de 2014. Dourados possui uma área urbanizada de 205,99 km², além de mais nove distritos: Formosa, Guaçu, Indápolis, Itaum, Macaúba, Panambi, Picadinha, Vila São Pedro e Vila Vargas.

A população se mostra bastante heterogênea, representada por pessoas oriundas de diversos Estados do Brasil. Consequentemente, essa população apresenta um diversificado universo linguístico decorrente da origem variada da sociedade. Não só Dourados, mas também todo o Estado de Mato Grosso do Sul possui esta característica de mistura na formação populacional. Como esclarece Isquerdo:

A formação do povo sul-mato-grossense, por exemplo, resultou do caldeamento das populações nativas com os diferentes povos que aportaram nesse espaço geográfico, desde o início do processo de colonização e de povoamento da região; imigrantes portugueses, espanhóis, paraguaios, bolivianos, japoneses, árabes e migrantes oriundos de diferentes estados da federação – gaúchos, mineiros, nordestinos, paulistas. Em decorrência disso, a linguagem do homem sul-mato-grossense reflete esses amálgamas culturais, característicos de um estado que nasceu sob o signo da migração. (ISQUERDO, 2003, p. 166).

¹⁹ Atualização realizada dos últimos números divulgados em: < <http://cidades.ibge.gov.br>>, acessado em 02 de set. de 2014.

No processo inicial de colonização do Sul de Mato Grosso (antes da divisão do Estado, era só Mato Grosso) também se mostra intrinsecamente ligado ao plano econômico do país, especialmente no desenvolvimento da industrialização.

A Colônia Agrícola Nacional de Dourados, um dos primeiros projetos de reforma agrária, criada em 1943, consistia em uma área de 300 mil hectares, divididos em lotes de 30 hectares, distribuídos a 10 mil famílias de pequenos agricultores. Essa colônia será mais destacada nesta seção, por sua fundamental importância para o surgimento da população e município de Dourados.

Na década de 1940, os incentivos para as atividades agrárias, ligados aos interesses econômicos do país, foram impulsionados pelas políticas do governo de Getúlio Vargas para atrair a população nacional na formação de uma sociedade nas terras de Mato Grosso do Sul. Essa ideia pode ser esclarecida nas seguintes afirmações de Santos (2000):

O processo de colonização esteve atrelado a diretrizes governamentais, com incentivos à produção agrícola, através da distribuição de terras gratuitas, visando o aumento da oferta de alimentos. Nesse sentido, pretendia-se desenvolver regiões urbanas e industriais, para qual, tornava-se necessário integrar o interior do país à economia nacional. Almejava-se povoar imensas áreas pouco ocupadas do território nacional e, sobretudo, temia-se que as áreas de fronteira fossem apoderadas por outros países. Assim, o sul do então estado de Mato Grosso, por ser uma área de fronteira, com baixa densidade demográfica, foi escolhida para sediar um dos projetos de colonização do país. (SANTOS, 2000 apud SANTANA JÚNIOR, 2009, p. 95).

Segundo Santana Júnior (2009), na década de 1940, o povoamento do Estado de Mato Grosso do Sul foi formado a partir das colônias agrícolas idealizadas durante o governo de Getúlio Vargas. Nesse processo, o município de Dourados teve papel importante, uma vez que foi realizado o projeto Colônia Agrícola Nacional de Dourados (C. A. N. D.), que, além de Dourados, abrangeu partes de municípios como Angélica, Deodápolis, Douradina, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Jateí e Vicentina do estado de Mato Grosso do Sul, resultando numa área extensa destinada à agricultura.

No entanto, o mesmo autor acrescenta que aconteceram alguns entraves no governo de Getúlio Vargas, dentre os quais estava a instituição da C. A. N. D, criada pelo Decreto-Lei 5.941, de 28 de outubro. Um fator relacionado ao retardo da implantação do projeto foi a falta de delimitação da área, ou seja, os limites da Colônia Agrícola precisavam ser definidos para se concretizar.

Depois, com a solução do obstáculo, a real efetivação da Colônia aconteceu somente em 20 de julho de 1948, quando foi demarcada a área, durante o governo seguinte de Eurico Gaspar Dutra, por meio do Decreto-Lei nº 87, que fundava a Colônia criada.

Em 1948, já no governo de Eurico Gaspar Dutra, depois de implantada a C. A. N. D., conforme aponta Lenharo (1986 apud MENEZES, 2011, p. 4), a região de Dourados começou a receber migrantes. No entanto, apenas na década de 1950, em um novo momento político do segundo governo de Getúlio Vargas, é que houve um intenso movimento migratório para esta região do Sul do Estado de pessoas de diversas regiões do país, que foram incentivadas por meio de uma intensa propaganda que incluía um discurso mobilizador pautado em instrumentos simbólicos para incutir no povo o sentimento nacionalista.

Segundo Menezes (2011), os migrantes foram originários principalmente da região do Nordeste, que iam tentar a vida nas terras férteis do Sul de Mato Grosso. Esses migrantes se tornaram colonos da C. A. N. D. ou colonos da colônia federal. Essas pessoas se fixaram por estas terras e, como consequência, tornaram-se pioneiros dos municípios que fazem parte da C. A. N. D. O município de Dourados foi desbravado pelos “punhos do colono”, como dizem os memorialistas.

Como mentor da idealização e concretização do projeto que culminou na criação das colônias federais, Getúlio Vargas ficou imortalizado por meio de símbolos na cidade de Dourados e também na memória desses primeiros habitantes colonos. Na região da Grande Dourados, existem monumentos, nomes de praças, escolas e outros elementos fazendo referência ao ex-presidente Getúlio Vargas, tendo em vista os projetos de seu governo realizados, pois as C. A. N. D. ou colônias federais foram decisivas para o desenvolvimento da região.

Algumas memórias desse momento histórico, sejam elas coletivas ou oficiais, ficaram imortalizadas por meio de imagens representativas propagadas pela cidade, dentre estas as principais estão: o “Monumento ao Colono”, localizado em uma das entradas de Dourados; uma estátua com a imagem de um trabalhador rural, em homenagem ao “Colono Desconhecido”, representando todos aqueles que povoaram inicialmente a região Sul do então Estado de Mato Grosso, situada em outra das entradas da cidade há uma estátua de “Getúlio Vargas”, homenagem àquele que idealizou a C. A. N. D. e o “Cruzeiro”, o marco de implantação da colônia.

A seguir, por meio de registro fotográfico realizado para este trabalho, apresentamos uma dessas imagens, símbolo importante que reflete uma homenagem à colônia como um

empreendimento que compreendeu não só seu idealizador, mas todo um conjunto responsável por ele e cujos principais atores desse cenário são os colonos.

Figura 9 – Monumento em homenagem aos colonos



FONTE: acervo particular fotografado em 25/8/2013.

Embora Getúlio Vargas mostrasse a preocupação de povoar as terras de Mato Grosso Sul, o espaço já era habitado. Antes da colonização, a formação do núcleo populacional que hoje constitui o município de Dourados tem origem também nas tribos indígenas Terena e Kaiowá que já habitavam o local. No processo migratório não é marcada a presença indígena, apesar de a região de Mato Grosso do Sul ser composta de grandes áreas e de significativo número de índios. Em Dourados, as áreas indígenas se concentram atualmente bem próximas do centro urbano, cujos índios representam uma das maiores populações do Brasil.

Com o grande fluxo migratório da época, no quadro demográfico, era de se esperar como consequência o aumento e as transformações no ambiente sociocultural, que se revelaram mais complexas nas relações entre a população que habitava as terras e os migrantes em relação ao espaço.

Enfim, são os trabalhadores migrantes, índios e ervateiros responsáveis por essa heterogeneidade da origem da população, que se juntaram para a formação de um só mundo de vários elementos históricos diferentes, para conviverem num mesmo espaço e criarem uma só história.

Como já falado, o novo cenário territorial do Sul de Mato Grosso tinha como escopo não só promover o povoamento com a finalidade de defender o território nacional, que é próximo de terras internacionais, mas também o desenvolvimento econômico. Ocorreram

mudanças profundas também nas estruturas produtivas, marcadas pela intensificação da agricultura que veio alicerçar a inclusão desta região à economia nacional de mercado. Significativa parte dos projetos políticos foi realizada no contexto econômico, uma vez que naquele momento refletiam a expansão do capitalismo e o fenômeno das frentes pioneiras.

A criação da C. A. N. D. acelerou o desenvolvimento da região da Grande Dourados, o qual foi proporcionado pela fertilidade de suas terras. A partir da década de 1970, muitas pequenas propriedades rurais com a prática do cultivo agropecuário permaneceram durante muito tempo e algumas ainda permanecem em atividades, especialmente, na área da agricultura.

De acordo com Calixto (2003), foi a partir da C.A.N.D. o grande marco de desenvolvimento na região de Dourados, especialmente por causa da expansão de um sistema agrícola ligado aos interesses agroindustriais. Conforme a autora esclarece, “a introdução da lavoura tecnificada (re)definiu a inserção da região na divisão territorial do trabalho, transformando-a em um espaço especializado na produção capitalista de carne bovina e grãos, visando atender à demanda do mercado internacional.” (CALIXTO, 2003, p. 292). Essas transformações também fizeram com que atraíssem mais migrantes para a região ligados tanto à necessidade de uma mão de obra mais qualificada no local, como também à busca dessas pessoas por melhores condições de vida para se estabelecerem no local.

Nesse novo espaço, aportaram inúmeros profissionais de diversas áreas de especialidade: agrônomos, contadores, dentistas, médicos, professores, topógrafos, universitários, veterinários, dentre outros profissionais. Como explica a autora, foram especialistas “que pudessem atender a uma nova modalidade de consumos ou a novas necessidades impostas pelas inovações técnicas e pelas novas relações de trabalho.” (CALIXTO, 2003, p. 292).

O destino desses migrantes passou a ser a cidade de Dourados que, naquele momento, encontrava-se em expansão, principalmente pelas intervenções federais, promovendo os financiamentos habitacionais.

A partir da década de 1960, conforme destaca Gressler (2011), a população da região do atual estado de Mato Grosso do Sul duplicou. Esse aumento foi provocado, em grande parte, por levas de agricultores provenientes da região Sul do país, principalmente do Rio Grande do Sul, que vieram somar-se à população já radicada. De fato já era a segunda onda migratória de gaúchos, pois a primeira acontecera no final do século XIX em função da pecuária.

Esses novos habitantes foram atraídos pelo preço acessível da terra e pela existência de áreas extensas e propícias para a agricultura em grande escala. Eles foram os responsáveis

pela introdução de uma avançada técnica agrícola de tratamento de solo, dedicando-se principalmente ao cultivo de arroz, milho, soja e trigo.

A Colônia resultou no efeito positivo esperado pelo governo e proporcionou o desenvolvimento demográfico e econômico da região. Na mesma intensidade, trouxe também mudanças culturais, visto que milhares de indivíduos migrantes brasileiros das demais regiões do país, somado a um número significativo de imigrantes, dentre os quais, os mais relevantes foram os japoneses, ligados ao cultivo das terras, cada um contribuiu para o enriquecimento da diversidade cultural desta região. Dourados passou a ser o local de moradia de brasileiros associados, em sua maioria, à modernização no campo rural e instaurar novas relações pessoais e sociais.

É importante acrescentar que ainda há criações de colônias agrícolas públicas implantadas mais recentemente no estado de Mato Grosso do Sul, por representantes municipal, estadual e federal. De acordo com Gressler,

entre 1984 e 2003, por exemplo, 16.321 famílias foram distribuídas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 110 assentamentos. Nesse período, o governo estadual implantou seis assentamentos, onde foram fixadas 868 famílias. (GRESSLER, 2011, p. 120).

A união da extensão territorial de áreas para produção em diversas atividades em Dourados e da população proprietária de terra para a prática geraram, como declara Gressler (2011), a agricultura predominantemente de subsistência, isto é, para consumo dos produtores. Cultivavam-se, principalmente, algodão, amendoim, arroz, feijão, mandioca e milho; atualmente, as principais produções agrícolas de grãos de arroz, milho, soja, trigo, juntamente com a cana-de-açúcar. Há um destaque também para a pecuária, apicultura, avicultura. Os produtores locais são representados por proprietários de pequenas, médias e grandes áreas rurais, que variam de acordo com a necessidade espacial para produção do ruralista.

Como se pode notar, as atividades agrícolas representam um negócio de grande importância econômica e fazem parte da origem histórica de construção e estruturação da população de Dourados. Contudo, praticar é um grande desafio da humanidade, visto que o ser humano não consegue controlar a chuva, as geadas e a estiagem. Em decorrência dessa dependência nas terras agricultáveis da região de Dourados predominam as monoculturas de soja e de milho, uma safra da soja no verão e a safra do milho no período do inverno.

A seguir, apresentamos um registro da agricultura: a atividade da colheita da soja, referente à safra de 2013/2014 na região de Dourados.

Figura 10 – Colheita da soja em Dourados/MS



FONTE: acervo particular fotografado em 18/3/2014.

De acordo com informações divulgadas pela Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul (Aprosoja/MS), a última safra (2013/2014), por exemplo, apresentou uma área plantada com extensão equivalente a 163 mil hectares²⁰.

A cultura da soja foi a que rapidamente se efetivou por causa de sua valorização econômica no mercado nacional e internacional, sobretudo a partir da década de 1970. Gressler (2011) esclarece que foram criados órgãos de pesquisa para o desenvolvimento de variedades de soja, trigo e milho, próprias para a região de cerrado, como em Mato Grosso do Sul.

Ainda, conforme a mesma autora, foram implantados sistemas de irrigação e passaram a ser utilizadas máquinas agrícolas de última geração como semeadeiras, plantadeiras, pulverizadores, colheitadeiras. Nas fazendas construíram-se grandes silos - depósitos de armazenamento de cereais - equipados para carga e descarga de grãos.

Ao longo da década de 1990, o estado de Mato Grosso do Sul apresentou um forte crescimento industrial. A chamada agroindústria mudou o cenário do estado e é hoje o seu setor econômico mais importante e dinâmico. As atividades industriais estão direcionadas, principalmente, para o beneficiamento de grãos, algodão, carne, leite, couro, cana e mandioca. Algumas cidades, como Dourados, ganharam projeção nesse ramo, também Campo Grande,

²⁰ O número de 163 mil hectares corresponde a 1.630.000 m² de área. São informações disponíveis em: < <http://www.aprosojams.org.br/publicacoes>>. Acesso em: 5 maio 2014.

Naviraí, São Gabriel do Oeste, Sidrolândia, Três Lagoas. Esse desenvolvimento não só proporcionou desenvolvimento econômico como provocou profundas mudanças no trabalho humano, na composição da família e nos hábitos da população.

Considerando não só Dourados, mas também o Estado de Mato Grosso do Sul, por sua natureza no processo de colonização e de povoamento, concentra no local uma sociedade heterogênea que, em nível de procedência, trouxe também seu comportamento linguístico, seus hábitos, suas tradições, suas crenças de diversas outras regiões do país. Por consequência da colonização portuguesa no Brasil, carrega consigo a cultura lusitana. Os grupos de migrantes que constituíram essa comunidade deixaram suas terras e chegaram ao Estado para povoar, cultivar, explorar e fixar-se nas novas terras, em especial na região de Dourados.

Todos os processos de mudança e desenvolvimento fazem parte de um contexto maior, uma vez que as vivências e práticas do sujeito não podem ser compreendidas isoladas de um contexto econômico, cultural e social. E a população douradense, oriunda dessa mistura, em especial das colônias agrícolas, resulta um habitante marcado por características herdadas pelas sociedades de sua origem, que o constrói e marca a sua vida cultural, resultando também na linguagem que caracteriza o povo dessa região.

Lembrando que cultura aqui é compreendida em suas diversas formas de manifestação como o conhecimento, o saber, a tradição, os valores de uma população, entre outras marcas particulares da região. É nesse sentido que se julgou relevante para compor a pesquisa a apresentação dos aspectos históricos, sociais e econômicos da região de Dourados, para, então, passarmos as observações das variações lexicais utilizadas por uma amostra composta por falantes da sociedade local. É o trabalho dedicado no próximo capítulo

5 ANÁLISES EM CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS DA VARIAÇÃO LEXICAL DE FALANTES PERTENCENTES AO UNIVERSO DA AGRICULTURA

Neste capítulo, descrevemos sobre o *corpus* de estudo – lexias representadas por uma amostra da língua falada em uso por indivíduos pertencentes ao universo da agricultura da cidade de Dourados/MS – cujo material encontra-se distribuído em cinco campos léxico-semânticos de atividades praticadas na agricultura. A amostra dessas lexias do *corpus* é composta por 112.594 *tokens* correntes no texto e de 6.317 *tokens* distintos. Este último é o número disponível para análises. Nas observações, buscamos verificar como as escolhas lexicais desses informantes se comportam dentro do contexto de fala ligado ao ambiente da agricultura. Reiteramos que a relação dos informantes com as práticas agrícolas é variada, havendo de pessoas do universo acadêmico (A e B, com conhecimento técnico-científico) a pessoas do universo rural, que se dedicam à agricultura (C, alguns apenas com conhecimento por meio da experiência). Posto isso, para as análises qualitativas das variações lexicais acompanhamos os informantes em seu ambiente do cotidiano, ou seja, nas universidades e no campo rural para não só a realização das entrevistas mas também a observação do ambiente social de cada participante. Nas análises, recorreremos também a alguns aspectos quantitativos como forma de contribuição nas reflexões para a pesquisa.

5.1 As lexias mais frequentes no *corpus* de estudo

Para o desenvolvimento das análises, o *corpus* de estudo está organizado em redes de significações com base em um dos importantes domínios da Lexicologia: a Teoria dos Campos Lexicais. Desse modo, as lexias encontram-se distribuídas em cinco Campos Léxico-Semânticos, estabelecidos a partir dos conhecimentos da área prática da agricultura e das unidades encontradas no *corpus*.

Nesta seção, inicialmente, apresentamos as listas das estatísticas do *corpus* de estudo e das lexias mais frequentes em uso no cotidiano falado dos informantes ligados às práticas agrícolas. A obtenção dessa amostra, extraída das transcrições das entrevistas realizadas, é auxiliada pela ferramenta *WordList* do programa *WordSmith Tools*, como já explicitamos anteriormente.

O processamento dos dados realizado por essa ferramenta, na janela de estatísticas, leva ao detalhamento de algumas informações gerais sobre o *corpus* de estudo, como o tamanho do arquivo (*text file*) e o número dos itens, que perfaz o total de 112.594 (*tokens*). No entanto, para os procedimentos de análise, é disponibilizado o número total de 6.317 itens lexicais correntes de formas diferentes (*types distinct*), registrado na terceira coluna. A figura a seguir mostra a tela do programa com as informações:

Figura 11 - Informações gerais do *corpus* no programa *WordSmith Tools*

LISTA ATUALIZADA CORPUS DE ESTUDO.lst																			
text file	file size	tokens (running words) in	tokens used for word list	sum of entries	types (distinct words)	type/token ratio	standard TTR	STTR std.dev.	STTR basis	mean word length	word length std.dev.	sentences	mean (in words) std.dev.	paragraphs	mean (in words) std.dev.	headings	mean (in words) std.dev.	s	
Overall	632.874	112.594	111.326		6.317	5,67	34,32	64,57	1.000	4,34	2,65	3.004	37,06 78,15	41	2.715,2 1.461,0				
tenata.txt	16.292	2.928	2.902		677	23,33	33,05	47,34	1.000	4,28	2,64	55	52,76 93,56	1	2.902,0				
Copia.txt	18.020	3.163	3.134		732	23,36	33,77	50,69	1.000	4,40	2,77	70	44,77 82,69	1	3.134,0				
Copia.txt	15.498	2.828	2.792		645	23,10	33,20	47,23	1.000	4,13	2,40	85	32,85 54,24	1	2.792,0				
Copia.txt	13.687	2.328	2.306		662	28,71	35,45	45,64	1.000	4,62	2,82	46	50,13 65,35	1	2.306,0				
ilva - Copi	11.878	2.106	2.071		595	28,73	35,20	45,82	1.000	4,28	2,54	93	22,27 39,95	1	2.071,0				
Copia.txt	11.318	1.955	1.931		547	28,33	31,40		1.000	4,49	2,70	54	35,76 51,16	1	1.931,0				
Copia.txt	9.383	1.669	1.634		489	29,93	33,20		1.000	4,27	2,58	75	21,79 26,60	1	1.634,0				
Copia.txt	20.672	3.806	3.762		830	22,06	33,67	51,15	1.000	4,13	2,40	114	33,00 62,20	1	3.762,0				
Copia.txt	7.601	1.387	1.339		384	28,68	29,70		1.000	4,07	2,49	128	10,46 14,62	1	1.339,0				
Copia.txt	14.174	2.527	2.498		620	24,82	33,00	47,38	1.000	4,31	2,67	75	33,31 55,69	1	2.498,0				
Copia.txt	11.904	2.153	2.117		545	25,74	33,90	46,74	1.000	4,20	2,40	85	24,91 41,33	1	2.117,0				
Copia.txt	10.146	1.863	1.839		496	26,97	30,80		1.000	4,15	2,46	56	32,84 50,81	1	1.839,0				
Copia.txt	6.801	1.269	1.238		381	30,78	30,20		1.000	4,00	2,34	74	16,73 24,84	1	1.238,0				
Copia.txt	12.476	2.332	2.271		537	23,65	31,50	48,44	1.000	3,90	2,33	163	13,93 19,10	1	2.271,0				
Copia.txt	10.855	1.976	1.944		533	27,42	32,20		1.000	4,20	2,54	78	24,92 45,63	1	1.944,0				
Copia.txt	7.865	1.428	1.391		405	29,12	30,20		1.000	4,11	2,51	94	14,80 20,54	1	1.391,0				
Copia.txt	16.074	2.934	2.880		693	24,06	31,35	48,54	1.000	4,16	2,44	155	18,58 37,89	1	2.880,0				
Copia.txt	15.581	2.715	2.678		763	28,49	36,55	44,87	1.000	4,48	2,78	97	27,61 47,98	1	2.678,0				
Copia.txt	13.518	2.408	2.371		666	28,09	34,75	46,14	1.000	4,33	2,64	98	24,19 38,41	1	2.371,0				
Copia.txt	10.478	1.954	1.917		508	26,50	30,90		1.000	4,01	2,39	91	21,07 30,12	1	1.917,0				
Copia.txt	18.038	3.165	3.118		852	27,33	36,67	48,77	1.000	4,42	2,76	115	27,11 43,94	1	3.118,0				
Copia.txt	12.116	2.231	2.199		635	28,88	35,30	45,75	1.000	4,08	2,49	83	26,49 41,58	1	2.199,0				
eixoto.txt	16.110	2.747	2.725		777	28,51	35,90	45,33	1.000	4,62	2,82	50	54,50 100,79	1	2.725,0				
Di Dio.txt	11.012	1.932	1.917		656	34,22	42,10		1.000	4,48	2,69	29	66,10 136,97	1	1.917,0				
Souza.txt	21.861	3.699	3.678		945	25,69	37,63	47,89	1.000	4,67	2,96	54	68,11 108,36	1	3.678,0				

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Na fonte original da figura 11, onde constam as informações gerais do *corpus*, inclusive o nome dos informantes e o título dado a cada arquivo, por isso ocultamos uma parte da primeira coluna à esquerda onde aparece a expressão “cópia txt”, com o propósito de preservar a identidade das pessoas envolvidas na amostra.

A partir das informações e do total disponibilizado pelo programa de 6.317 lexias distintas, o *corpus* de estudo foi processado na ferramenta *WordList* para verificar quais os usos mais frequentes na fala dos grupos A, B e C. Na figura 12 seguinte, apresentamos os 27 itens lexicais que se destacaram nas transcrições das entrevistas desses informantes. Entre os dados, podem ser observados a lexia; a frequência; o percentual da frequência (o cálculo é

feito a partir do total de 112.592, correspondente a todos os itens da lista do *corpus*); o número de arquivos em que aparece o registro – considerando que são 41 arquivos, correspondente ao número de transcrições de entrevista – e o percentual do número de arquivos, como se pode observar a seguir:

Figura 12 – Amostra das lexias mais frequentes no *corpus*

N	Word	Freq.	%	Texts	% Lemmas	Set
1	QUE	4.300	3,82	41	100,00	
2	É	3.499	3,11	41	100,00	
3	DE	3.431	3,05	41	100,00	
4	A	3.147	2,79	41	100,00	
5	O	3.060	2,72	41	100,00	
6	E	2.232	1,98	41	100,00	
7	VOCÊ	1.622	1,44	41	100,00	
8	TEM	1.495	1,33	41	100,00	
9	NÃO	1.324	1,18	41	100,00	
10	#	1.268	1,13	41	100,00	
11	UMA	1.260	1,12	41	100,00	
12	NÊ	1.256	1,12	40	97,56	
13	DO	1.134	1,01	41	100,00	
14	UM	1.046	0,93	41	100,00	
15	EU	1.004	0,89	41	100,00	
16	PRA	1.002	0,89	41	100,00	
17	VAI	990	0,88	41	100,00	
18	SE	983	0,87	41	100,00	
19	DOC	946	0,84	41	100,00	
20	NA	922	0,82	41	100,00	
21	NO	916	0,81	41	100,00	
22	INF	909	0,81	41	100,00	
23	SOLO	865	0,77	41	100,00	
24	ENTÃO	806	0,72	40	97,56	
25	COM	796	0,71	41	100,00	
26	DA	789	0,70	41	100,00	
27	MAIS	767	0,68	41	100,00	

Frequency alphabetical statistics filenames notes
6.317 entries Row 1 QUE

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Na figura 12, a lexia “que”²¹ é a mais representativa na fala dos informantes da pesquisa. Contudo não é esse tipo de unidade que nos interessa, dado que, por ser uma palavra gramatical, poderia representar qualquer outro tipo de informante. É sabido que, por se tratar de uma comunicação interativa por meio de entrevista oral, há registros de marcas do nível coloquial da língua como “né” e “pra”, que, na realidade em que acontece a fala, é um comportamento linguístico natural, além do símbolo # característico da informática.

Dentro do contexto específico da agricultura, a lexia “solo” apresenta a maior frequência, por considerar que, dentre as 6.317 lexias, há o registro de frequência de 865 de ocorrências e com a representatividade no número total das entrevistas que se verificou, eleva-se ao nível, nesse caso, de palavra-chave e também palavra-chave chave no *corpus*.

²¹ A partir daqui, as lexias empregadas no texto, entre aspas (“ ”), denotam o uso da língua falada em oposição às lexias não destacadas, do mesmo modo que informam o comportamento linguístico constante nos dicionários como possibilidade de confronto entre variantes ou não.

A lexia “solo” abrange significados diversos relacionados à superfície da terra. Ormond (2006) registra três acepções para essa unidade, são elas:

1. formação natural superficial, de pouca rigidez, com espessura variável e composta de minerais, matéria orgânica, nutrientes, água, ar e seres vivos.
2. parte superficial, não consolidada, do manto do intemperismo, a qual encerra matéria orgânica e vida bacteriana, e possibilita o desenvolvimento das plantas.
3. material da crosta terrestre, não consolidado, que ordinariamente se distingue das rochas, de cuja decomposição em geral provém, por serem suas partículas desagregáveis pela simples agitação dentro da água. (ORMOND, 2006, p. 270).

Do ponto de vista dos informantes, a lexia “solo” diz respeito à terra, superfície de base para a prática do cultivo agrícola, o que justifica ser a mais frequente da área agrícola em uso. Diante disso, apresentamos na tabela a seguir a seleção de 20 lexias mais frequentes da área da agricultura; a frequência em que ocorre no *corpus*; o percentual, calculado a partir do *corpus* inteiro – 112.594; a distribuição das lexias nos arquivos de entrevistas, corresponde a informação referente à quantidade de entrevistas em que a lexia aparece, resultando em:

Tabela 1 – Amostra das lexias mais frequentes na área da agricultura

Nº	Lexias	Frequência absoluta	Percentual 100%	Distribuição em número de arquivos
1	solo	865	0,77%	41
2	soja	582	0,52%	41
3	plantio	556	0,49%	41
4	cultura	528	0,47%	41
5	milho	516	0,46%	41
6	planta	399	0,35%	40
7	agricultura	330	0,29%	41
8	área	298	0,26%	39
9	rotação de cultura	258	0,23%	41
10	culturas	249	0,22%	38
11	lavoura	238	0,21%	40
12	produtor	199	0,18%	35
13	plantar	178	0,16%	35
14	praga	166	0,15%	37
15	produção	158	0,14%	34
16	correção	155	0,14%	40
17	sistema	153	0,14%	24
18	adubação	146	0,13%	32
19	calcário	142	0,13%	33
20	doença	142	0,13%	37

Fonte: Autoria própria

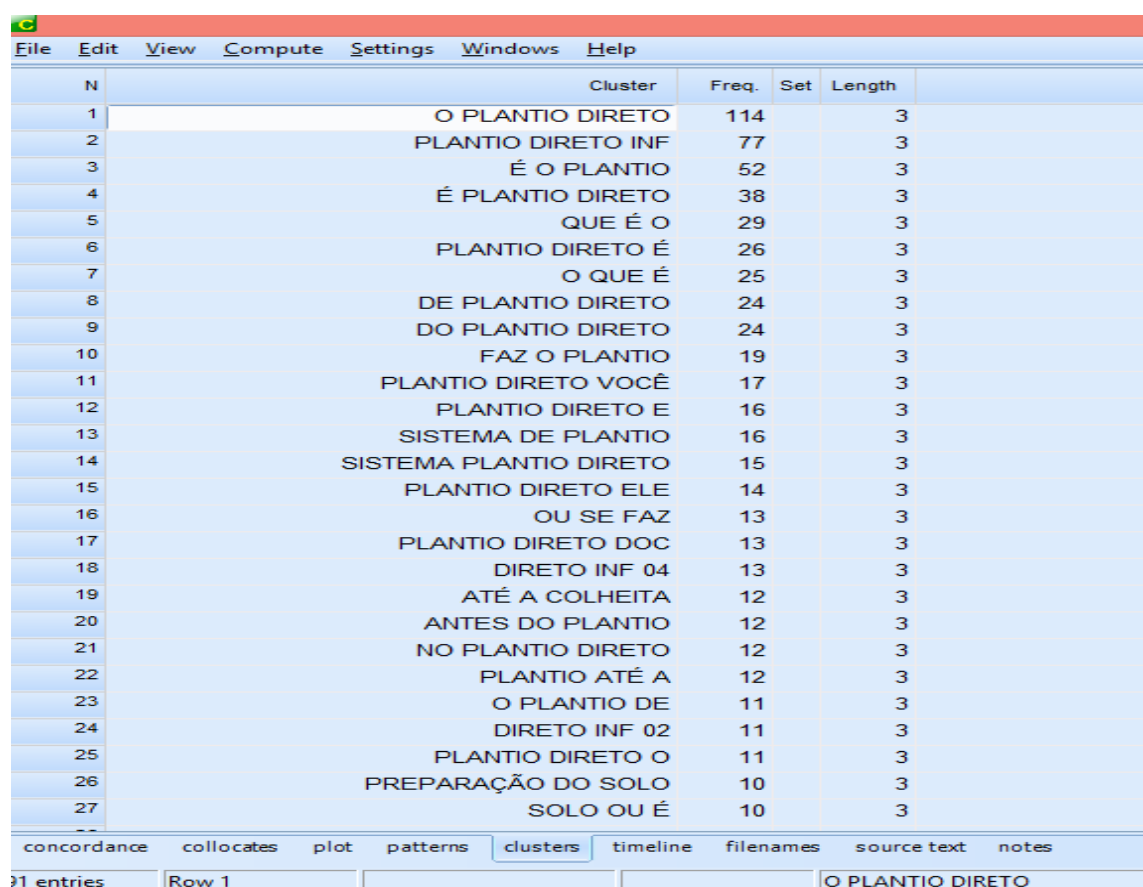
As informações da tabela 1 foram extraídas da lista de frequência das 6.317 lexias. Desse total, logo nas primeiras 115 lexias já nos deparamos com o registro das 20 lexias

arroladas na tabela. Os resultados evidenciam a relevância significativa dessas lexias nos contextos falados sobre a agricultura, principalmente em relação às lexias simples “solo”, “soja”, “plantio”, “cultura”, “milho”, “agricultura”, visto que além da elevada frequência, como já observado para a lexia “solo”, foram identificadas também em todos os 41 arquivos em que estão distribuídas as entrevistas, ou seja, são palavras-chave.

Na tabela 1, há também dados da lexia complexa “rotação de cultura” que representa, na agricultura, um termo lexicalizado e aparece em toda a distribuição dos arquivos de entrevista, junto às lexias simples.

É possível que, da listagem na tabela 1, o registro de algumas lexias simples esteja em intersecção com lexias complexas como em “agricultura” e “plantio”, que se transformam em “agricultura de precisão” e “plantio direto”. Nas figuras seguintes, 13 e 14, pode-se observar respectivamente o *Cluster* das lexias. Isso significa o processo em que aparece o agrupamento das lexias complexas.

Figura 13 – Agrupamento da lexia “plantio direto”



N	Cluster	Freq.	Set	Length
1	O PLANTIO DIRETO	114		3
2	PLANTIO DIRETO INF	77		3
3	É O PLANTIO	52		3
4	É PLANTIO DIRETO	38		3
5	QUE É O	29		3
6	PLANTIO DIRETO É	26		3
7	O QUE É	25		3
8	DE PLANTIO DIRETO	24		3
9	DO PLANTIO DIRETO	24		3
10	FAZ O PLANTIO	19		3
11	PLANTIO DIRETO VOCÊ	17		3
12	PLANTIO DIRETO E	16		3
13	SISTEMA DE PLANTIO	16		3
14	SISTEMA PLANTIO DIRETO	15		3
15	PLANTIO DIRETO ELE	14		3
16	OU SE FAZ	13		3
17	PLANTIO DIRETO DOC	13		3
18	DIRETO INF 04	13		3
19	ATÉ A COLHEITA	12		3
20	ANTES DO PLANTIO	12		3
21	NO PLANTIO DIRETO	12		3
22	PLANTIO ATÉ A	12		3
23	O PLANTIO DE	11		3
24	DIRETO INF 02	11		3
25	PLANTIO DIRETO O	11		3
26	PREPARAÇÃO DO SOLO	10		3
27	SOLO OU É	10		3

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Figura 14 – Agrupamento da lexia “agricultura de precisão”

Concord

File	Edit	View	Compute	Settings	Windows	Help
N	Cluster	Freq.	Set	Length		Rel
1	AGRICULTURA DE PRECISÃO	134		3		
2	DE PRECISÃO INF	34		3		
3	É AGRICULTURA DE	21		3		
4	DE PRECISÃO É	16		3		
5	O QUE É	13		3		
6	QUE É AGRICULTURA	13		3		
7	AGRICULTURA PECUÁRIA E	12		3		
8	FAZ AGRICULTURA DE	10		3		
9	A AGRICULTURA DE	10		3		
10	DE AGRICULTURA DE	10		3		
11	ENTÃO AGRICULTURA DE	9		3		
12	DE PRECISÃO O	8		3		
13	COM AGRICULTURA DE	8		3		
14	SOBRE AGRICULTURA DE	8		3		
15	DE PRECISÃO ELA	8		3		
16	FALAR SOBRE AGRICULTURA	7		3		
17	A AGRICULTURA FAMILIAR	7		3		
18	NA AGRICULTURA INF	6		3		
19	PRECISÃO INF 07	6		3		
20	PRECISÃO O QUE	6		3		
21	SENHOR FAZ AGRICULTURA	6		3		
22	O SENHOR FAZ	6		3		
23	PECUÁRIA E FLORESTA	6		3		
24	DOC O SENHOR	6		3		
25	NA AGRICULTURA DE	6		3		
26	DE PRECISÃO E	5		3		
27	DE PRECISÃO QUE	5		3		
...						
concordance collocates plot patterns clusters timeline filenames source text notes						
130 entries	Row 1				qual a função dela? Inf.01: Agricultura de precisão ela te	

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

A representatividade, descrita na tabela 1, das escolhas lexicais dos informantes, a princípio, justifica-se visivelmente por duas razões: o fato óbvio de a temática contemplar a agricultura, e o menos óbvio do predomínio das culturas agrícolas praticadas serem as monoculturas milho e soja. Apesar da existência de outros cultivos e da entrada e expansão da cana de açúcar na região nos últimos tempos, ainda predominam essas monoculturas.

Os entrevistados, ao serem indagados sobre as culturas agrícolas praticadas na região, informam que há uma diversidade de culturas tanto de grãos como de outros tipos de cultivo. No entanto, sempre enfatizam que as práticas predominantes são a sucessão das monoculturas, milho e soja. Essa temática pode ser constatada nas amostras de fala²² de um informante de cada grupo A, B e C, respectivamente. Nos trechos encontram-se destacadas as lexias que enfatizam as monoculturas soja e milho:

*Bom... há muitos anos que há um predomínio de **soja** e **milho** e até o milho safrinha né?... o/no período... antes do inverno que eles chamam **milho** safrinha, mais a cana de açúcar tem ocupado uma área considerável também... considerável nos últimos três anos... mas menos do que eu pensei, eu achei que ela viria com mais força, tem bastante cana de açúcar, mas a **soja** e o **milho** ainda... predominam... bastante. (AI.01PUF).*

²² As falas encontram-se transcritas de acordo com as normas do PROJETO ALIP.

*Então... aqui, eu acredito que as principais culturas ainda seja o **soja**, **milho**... e também tá em grande expansão o... a produção da cana né?... da cana de açúcar aí tem pequenos... tem pequenos produtores né?... o feijão, mas são poucos... mas aqui eu acredito que tá em mais expansão é a cana de açúcar né?... (AI.01AA4).*

*Aqui, basicamente... a cultura, ela é **soja** e **milho** né, o... a região hoje... é essas duas culturas, algumas áreas são cultivadas em cana né?... cana de açúcar também... tem mandioca... algumas área(s) de arroz... mas na minha... no meu caso é **soja** e **milho**. (AI.14PP).*

Embora insistam na existência das monoculturas também admitem haver outras culturas agrícolas, uma vez que na região de Dourados/MS, além da variação das práticas do cultivo agrícola, também variam as extensões de áreas cultiváveis nas propriedades rurais. Há agricultores de pequeno, médio e grande porte de terras em produção. Ou seja, existem pequenas propriedades com área, por exemplo, de dez hectares²³, dedicadas à agricultura familiar, para o cultivo de fruticulturas e horticulturas; propriedades de média e de grandes extensões de mais de mil hectares, que cultivam de maneira sucessiva o milho e a soja ou plantam unicamente a cana de açúcar.

Além disso, geralmente, nas grandes propriedades, os agricultores intercalam a prática do cultivo, no inverno, com outras semeaduras como a aveia, o sorgo e o trigo, com menor intensidade, uma vez que o clima não se mostra favorável para estas culturas. Embora não seja constante, alguns agricultores semeiam outras culturas, por necessidade de variar as culturas agrícolas, porque a alternância numa mesma área de plantio, chamada de rotação de cultura (por sinal, a lexia complexa mais frequente) funciona para manter o solo com qualidade produtiva e preservar contra problemas com erva invasora, fungo, inseto e outros problemas que afetam a plantação.

Ainda em relação à tabela 1, decorrente dos números da frequência, a lista das lexias possibilitou a intuição de que as unidades lexicais aduzidas na lista se concentrariam como palavras-chave. Além da frequência apresentada, os índices de 100% de distribuição das lexias (aquelas localizadas em todos os arquivos das entrevistas) permitem também identificar aquelas que representam palavras-chave no *corpus* de estudo.

²³ Uma área de um hectare representa uma extensão de 10.000 m².

No entanto, apesar da representatividade dessas lexias, é relevante verificar o registro das primeiras 20 lexias em relação aos *corpora* de referência. Para se chegar aos resultados, estabelecemos a comparação entre os *corpora*, utilizando a ferramenta que permite esse tipo de procedimento – *KeyWords* – no sentido de confirmar ou não a alta frequência no *corpus* de estudo em relação aos *corpora* de referência eleitos neste estudo: as listas de palavras do *corpus* escrito e a do *corpus* falado.

A ferramenta em questão possui as principais janelas que possibilitam a busca das palavras-chave e das palavras-chave chave. Para identificar a palavra-chave, as frequências são estatisticamente diferentes (maiores ou menores) do que as frequências das mesmas palavras num outro *corpus* (de referência). Caso a frequência estatisticamente seja mais alta no *corpus* de estudo em relação aos *corpora* de referência, tem a lexia como palavra-chave no *corpus* de estudo, ou seja, as lexias são positivas. Pode ocorrer o contrário, as lexias serem negativas, no caso de serem estatisticamente mais altas no *corpus* de referência. Calcula-se também palavras-chave chave por estarem registradas em todos os arquivos das entrevistas.

Como já exposto, o processo das listas de palavras faladas e escritas dos *corpora* de referência e do *corpus* de estudo é realizado simultaneamente no programa. A lista está classificada em ordem decrescente de frequência das lexias tanto no *corpus* de estudo como no *corpus* de referência. Do lado direito da figura mostra-se a coluna pelo valor do *keyness*, que significa a extensão da diferença das lexias no *corpus* de estudo em relação aos *corpora* de referência. Os resultados encontram-se no quadro a seguir:

Figura 15 – Amostra das palavras-chave e palavras-chave chave

LISTA ATUALIZADA CORPUS										
File	Edit	View	Compute	Settings	Windows	Help				
N	Key word	Freq.	%	Texts	RC. Freq.	RC. %	Keyness	P	Lemmas	Set
1	QUE	4.300	3,82	41	3		19.081,0	0,0000		
2	É	3.499	3,11	41	2		15.510,0	0,0000		
3	DE	3.431	3,05	41	2		15.206,0	0,0000		
4	A	3.147	2,79	41	2		13.938,0	0,0000		
5	O	3.060	2,72	41	2		13.550,0	0,0000		
6	E	2.232	1,98	41	5		9.822,9	0,0000		
7	VOCÊ	1.622	1,44	41	2		7.150,8	0,0000		
8	TEM	1.495	1,33	41	2		6.587,3	0,0000		
9	NÃO	1.324	1,18	41	2		5.829,1	0,0000		
10	UMA	1.260	1,12	41	2		5.545,5	0,0000		
11	NÉ	1.256	1,12	40	2		5.527,7	0,0000		
12	DO	1.134	1,01	41	2		4.987,3	0,0000		
13	UM	1.046	0,93	41	2		4.597,6	0,0000		
14	EU	1.004	0,89	41	2		4.411,7	0,0000		
15	PRA	1.002	0,89	41	2		4.402,8	0,0000		
16	VAI	990	0,88	41	2		4.349,7	0,0000		
17	SE	983	0,87	41	2		4.318,7	0,0000		
18	DOC	946	0,84	41	2		4.155,0	0,0000		
19	NA	922	0,82	41	2		4.048,8	0,0000		
20	NO	916	0,81	41	3		4.010,6	0,0000		
21	INF	909	0,81	41	2		3.991,2	0,0000		
22	SOLO	865	0,77	41	2		3.796,6	0,0000		
23	ENTÃO	806	0,72	40	2		3.535,6	0,0000		
24	COM	796	0,71	41	2		3.491,4	0,0000		
25	DA	789	0,70	41	2		3.460,5	0,0000		
26	MAIS	767	0,68	41	2		3.363,2	0,0000		
27	ELE	685	0,61	38	2		3.000,7	0,0000		
KW's plot links clusters filenames source text notes										
00 entries Row 1 41										

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Na observação da figura 15, na linha 22, há o registro da lexia “solo” que é de uso característico da agricultura e possui um *keyness* no valor de 3.796,6 – extensão da diferença de frequência da lexia no *corpus* de estudo – correspondente a 0,77% do total de frequências do *corpus*. No *corpus* de referência, as ocorrências (2) não atingem índices em percentuais no *corpus*. Trata-se de uma palavra-chave e palavra-chave chave, visto que se destaca em todos os arquivos das entrevistas (41), ou seja, todos os informantes usaram essa lexia.

Em relação às lexias da área agrícola, na tabela seguinte, apresentamos outras 20 lexias extraídas da lista do *corpus* processado na ferramenta *KeyWords*, em que estão assinaladas as lexias mais frequentes e as respectivas frequências em cada *corpus*: de estudo e de referência. Os números de frequência são contabilizados a partir do número total do *corpus* de estudo. Foi realizada a transposição das lexias da lista e elencadas na tabela relacionando com as informações do *corpus* de estudo, apontando: as lexias, a frequência absoluta e a frequência em percentual do *corpus* geral de 112.594 itens correntes no texto; de outro, do *corpus* de referência com as mesmas informações. Podemos observar esses dados na tabela a seguir:

Tabela 2 - Palavras-chave do *corpus* de estudo em relação ao *corpus* de referência

Nº	Palavra-chave	Corpus de estudo		Corpus de referência	
		Frequência absoluta	%	Frequência absoluta	%
01	plantio	556		0,49	2 0
02	cultura	528		0,47	2 0
03	milho	516		0,46	2 0
04	planta	399		0,35	2 0
05	agricultura	330		0,29	2 0
06	área	298		0,26	2 0
07	plantio direto	295		0,26	2 0
08	rotação de cultura	295		0,26	2 0
09	região	257		0,23	2 0
10	lavoura	238		0,21	2 0
11	produtor	199		0,18	2 0
12	praga	165		0,15	2 0
13	produção	158		0,14	2 0
14	correção	155		0,14	2 0
15	sistema	153		0,14	2 0
16	adubação	146		0,13	1 0
17	agricultura de precisão	143		0,13	2 0
18	calcário	142		0,13	2 0
19	doença	142		0,13	2 0
20	adubo	139		0,12	2 0

Fonte: Autoria própria

Os resultados dispostos na tabela foram obtidos a partir das primeiras 116 lexias da lista gerada por meio da ferramenta *KeyWords*. Os números da frequência no *corpus* de estudo são

reveladores quanto à relevância de uso das lexias da amostra. Além disso, as lexias “agricultura”, “cultura”, “milho”, “plantio”, “região”, “rotação de cultura” são representativas em todos os arquivos das entrevistas, ou seja, utilizadas por todos os informantes da pesquisa e, dessa forma, localizadas nas 41 entrevistas distribuídas e arquivadas. Isso permite o indicativo de que essas lexias além de representarem palavras-chave são também palavras-chave, como já enfatizamos.

Esse procedimento de análise do *corpus* busca detectar se as lexias do *corpus* de estudo são importantes em outros *corpora* ou se constituem palavras-chave do *corpus* de estudo. O resultado demonstrou as lexias como positivas no *corpus* de estudo. Dito de outro modo, as lexias reproduzidas na listagem não apontam para a mesma representatividade no *corpus* de referência, pois se assim acontecesse eliminaria a possibilidade de ser palavra-chave do *corpus* de estudo.

A leitura interpretativa é realizada por meio dos números menores no *corpus* de referência em relação aos registrados no *corpus* de estudo. Na tabela 2, pode-se verificar que todas as lexias são positivas, em função dos números de sua frequência serem mais alta, estatisticamente falando, no *corpus* de estudo, não no *corpus* de referência. A frequência no *corpus* de referência não ultrapassa o número 2 como valor de frequência.

Na busca por palavra-chave, por meio da ferramenta *KeyWords*, utiliza-se evidentemente do *corpus* de referência, lembramos que o *corpus* de referência, nesta pesquisa, é composto por duas listas de palavras, uma escrita e outra falada. Cumpre ainda acrescentar que foram separadas as listas do *corpus* de referência e processadas individualmente com o *corpus* de estudo, no sentido de verificar se havia alguma discrepância ou não na frequência das lexias. No entanto, o resultado mostrou a mesma situação estatística das duas listas juntas, ou seja, tanto na lista da escrita como na da fala, os resultados são semelhantes em relação ao *corpus* de estudo, não havendo a necessidade de representá-la em quadro. Enfim, as lexias são consideradas palavras-chave nas duas listas de palavras: a escrita e a falada.

Fica clara, portanto, a relevância das lexias da tabela 2 quanto à representatividade no *corpus*, ou melhor, no uso da fala dos informantes. Refletindo sobre essa importância das lexias dentro do contexto falado sobre a agricultura, decidimos retomar a ferramenta *WordList* do programa tendo em vista a obtenção de três listas do *corpus* de estudo separadas por grupos:

- grupo A – docente;
- grupo B – discente;
- grupo C – agricultores.

O intuito do procedimento, por meio do *WordList*, é buscar nas escolhas lexicais, das listas geradas, as lexias mais frequentes utilizadas pelos grupos A, B e C do *corpus* geral. Ademais, permite a observação do uso de lexias de cunho científico ou não em A, B e C e as diferenças e semelhanças de escolhas lexicais entre os grupos. Após o processamento destacamos a seguir, os resultados das vinte lexias por ordem de maior frequência de uso dos grupos do *corpus*.

Tabela 3 – Lexias mais frequentes dos grupos A, B e C

Nº	Docente (A)	Freq. %	Discente (B)	Freq. %.	Agricultor (C)	Freq. %
01	solo	0,96	solo	0,91	milho	0,62
02	cultura	0,55	cultura	0,56	soja	0,56
03	região	0,39	soja	0,53	solo	0,42
04	soja	0,34	milho	0,42	planta	0,38
05	praga	0,34	planta	0,37	cultura	0,32
06	área	0,33	área	0,26	plantio direto	0,30
07	agricultura	0,33	plantio direto	0,26	produtor	0,30
08	planta	0,23	plantio	0,25	plantio	0,28
09	milho	0,23	região	0,23	terra	0,25
10	lavoura	0,20	rotação de cultura	0,23	agricultura	0,24
11	plantio direto	0,20	lavoura	0,20	lavoura	0,24
12	agricultura de precisão	0,19	plantar	0,17	área	0,24
13	integração lavoura/pecuária /floresta	0,17	produção	0,17	rural	0,23
14	rotação de cultura	0,16	agricultura	0,17	rotação de cultura	0,23
15	agrônomo	0,15	adubação	0,15	calcário	0,20
16	controle químico	0,15	praga	0,14	praga	0,19
17	nutriente	0,14	agrônomo	0,14	adubo	0,18
18	correção	0,14	agricultura de precisão	0,14	semente	0,18
19	cana	0,13	correção	0,14	doença	0,16
20	adubação	0,14	produtor	0,13	plantadeira	0,12

Fonte: Autoria própria

O processamento das listas, a partir do *corpus* de estudo resultou nos dados distribuídos, na tabela 3, em que as lexias estão distribuídas de acordo com cada grupo de falantes e a sua frequência, organizada da seguinte maneira: na primeira, N, mostra o número total de lexias registradas; na segunda coluna aparece a lista com lexias por ordem de maior frequência em uso pelos falantes A; da mesma maneira, foram registradas, na quarta coluna, as lexias mais frequentes utilizadas pelos falantes B; na quinta, o seu número em percentual; e na sexta

coluna, são as lexias mais frequentes na fala do grupo C; na última, o número do seu percentual correspondente.

No primeiro momento, apesar de sabermos dessa probabilidade, dado que se as lexias mais frequentes foram confrontadas entre as três categorias de informantes, é evidente que estariam presentes para os três, é revelador observar as preferências das mesmas opções lexicais realizadas pelos falantes A, B, e C, com pouquíssimas variações. Verifica-se na tabela 3 que mais da metade das lexias apresentam-se reiteradamente com a maior frequência na fala dos três grupos, são elas: “agricultura”, “área”, “cultura”, “lavoura”, “milho”, “planta”, “plantio”, “plantio direto”, “região”, “rotação de cultura”, “soja”.

Por outro lado, existem também algumas peculiaridades que emergem, nessa lista, a respeito de diferenças lexicais pertencentes aos grupos específicos de A e B em relação ao C. Duas situações logo se destacam, como:

- Para os grupos A e B, entre as 20 primeiras lexias classificadas, “solo” é a que se mostra com maior destaque. No grupo C, por sua vez, no registro se mostra relevante, mas encontra-se em terceira posição da lista.
- Para o grupo C, entre as 20 primeiras lexias listadas são registradas, em ordem de frequência: “terra”, “rural”, “calcário”, “semente”, “adubo”, “doença” com produtividade em frequência. Nos grupos A e B, no entanto, essas lexias não aparecem registradas entre as 20 lexias mais frequentes.

Da sintonia dos grupos A e B, depreende-se que ambos dialogam com o recurso do conhecimento técnico, por isso imprimem a proximidade maior nas escolhas lexicais. Do grupo C, apontam-se dois aspectos sintomáticos que o diferencia do léxico dos grupos A e B: o fato de as lexias serem características específicas das práticas da agricultura - milho e soja - e do perfil do grupo de ser formado, na sua maioria, por pessoas exclusivamente dedicadas à agricultura.

No entanto, existe a predominância das semelhanças das escolhas lexicais sobre o tema agricultura nos três grupos, visto que, mais da metade das lexias exibidas na tabela 3 faz parte da mesma seleção lexical de uso no cotidiano dos grupos A, B e C.

Considerando as situações destacadas acima, entendemos que os informantes relataram fatos e descreveram processos sobre situações baseadas nos mesmos questionamentos, os grupos A e B enfatizaram constante preocupação com a importância e a preservação do solo

para subsistência de práticas agrárias. Em B, por exemplo, como são estudantes do curso de Agronomia, alguns em etapa final, evidenciavam o interesse e a preocupação com o manejo com solo, com a finalidade de manutenção para que este continue agricultável. De modo simultâneo, os estudantes, em meio às explicações sobre os cuidados de que o solo precisa para permanecer como áreas produtivas, deixavam transparecer seus desejos em mostrar o conhecimento técnico/científico em formação sobre o assunto, por isso o destaque para a lexia “solo”.

É aceitável que os grupos A e B possuam uma dimensão maior de conhecimento técnico e fale mais sobre o assunto, por exemplo, os cuidados com o solo, base importante para produção agrícola, em relação ao grupo C, cuja maioria referia-se mais sobre as ações mais práticas da agricultura, a semeadura das monoculturas “milho” e “soja”, incluindo as preocupações com as pragas e as doenças.

Por outro lado, apesar de haver uma relevância quantitativa da lexia “solo” na fala dos grupos A e B, no grupo C também há acentuadas preocupações sobre os cuidados com a “terra” - forma como eles mais se referem ao solo - e sua produtividade. Independente do grau de instrução dos informantes, tanto com nível de Ensino Fundamental quanto aqueles que possuem nível de pós-graduação. Os exemplos de alguns relatos dos agricultores reveladores da preocupação com o solo se encontram a seguir:

O informante possui graduação em Agronomia:

... todo ano, a gente faz análise de solo, certo? então essa análise de solo ela vai te dá/ a gente tem a análise comum e tem análise sofisticada... a gente fala assim... mais completa... você controla os N.P.K... a acidez e os micronutrientes... então se a terra tivê(r) ácida... vamos dizê(r) assim... fator P.H. (...) hoje em dia... já tá se usando muito é... por exemplo, jogá(r) adubo por cobertura... não colocá(r) na máquina como (o cara tinha) antigamente... então por que... porque você vê preparando a terra ... se você/ o solo tem bastante matéria orgânica... bastante palhada... então... por exemplo, quando a chuva vem... ela num fica corren(d)o, ela vai ficá(r) por ali... vai dá uma corridinha perto... coisa... pá... então num tem aquela enxurrada... que leva a ter erosão... vamu diz(ê)r assim... (AI.01PP).

O informante possui o curso de Técnico Agrícola:

o calcário é corrigi(r) a acidez do solu (...) correção do solo... a gente faz a parti(r) duma análise que faz... a gente tira a terra... manda pro instituto de análise... ele faz a análise, aí vê o que precisa (...) plantio direto é uma técnica nova, que... no qual permite... no caso... principalmente a conservação e a melhoria do solo, porque não se remove o solo, preservan(d)o os nutriente(s) com certeza. (AI.03PP).

O informante possui Ensino Fundamental incompleto:

antigamente você tombava a terra, gradeava... hoje o plantiu na palha é plantiu direto... é sem mexê(r) na terra, então a própria palha cria condição de segurar a umidade do solo... nas época de... na época seca... que época/período nosso aqui, período de quinze a vinte dia de seca... então aí a planta já começa senti(r) um pouco... então o plantio na palha é pra protegê(r) a camada da terra que fica coberta... o solu fica coberto... então... aí protege a umidade do solo. (AI.05PP).

Os fragmentos sobre os processos de manuseios e cuidados com o solo, extraídos das entrevistas, deixam pistas de que o conhecimento e/ou a informação sobre o solo - superfície para a agricultura - transitam também nas falas dos informantes C. As explicações dos agricultores configuram que, independente do seu grau de instrução, o conhecimento técnico chega às áreas rurais, seja por formação acadêmica do próprio produtor agrícola ou por orientação de profissionais como técnico agrícola ou engenheiro agrônomo.

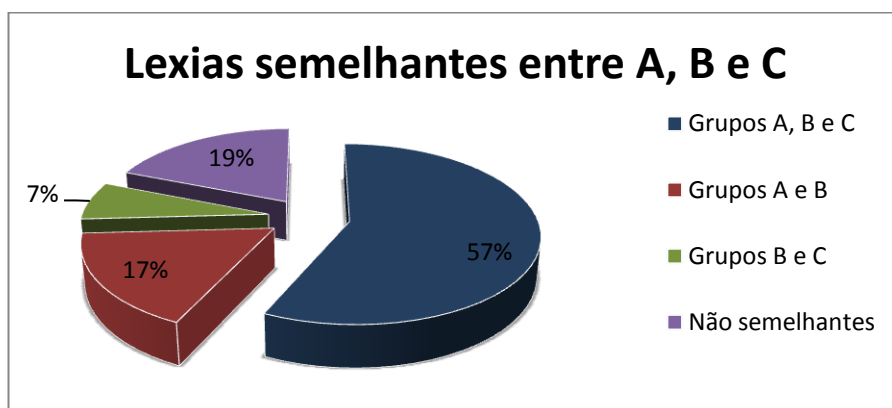
Dessa forma, a interação comunicativa acontece entre aqueles que orientam e os que recebem orientação. Isso é notável na fala do informante AI.05PP que possui nível escolar de Ensino Fundamental, apresenta conhecimento técnico e consegue transmiti-lo, reforçando a ideia de que recebe orientação de profissional da área e, por isso, consegue manifestar-se verbalmente sobre o assunto quando se refere à assistência do solo.

As manifestações orais do grupo C, desse *corpus* de estudo, em explicar sobre os processos de manuseio e conscientizar sobre as necessidades de se ter o solo fértil e agricultável, revela também que, além do universo de conhecimento que possui sobre o assunto, pode-se somar um considerável acervo lexical em suas falas sobre as práticas agrícolas, uma vez que na aplicabilidade desse léxico, as lexias se mostram variadas no uso da língua.

Tal fato sugere a língua falada como veículo linguístico da comunicação usada nas situações espontâneas e naturais de interação social. Como afirma Tarallo (1986, p. 19), é a comunicação do tipo “face a face”, a exemplo dos informantes desta pesquisa, que utilizaram a língua falada em situação do cotidiano para falar sobre suas práticas de manejo para o cultivo agrícola.

Estatisticamente falando a respeito das 20 lexias mais frequentes, recorreremos também à construção de um gráfico, a partir dos números do acervo léxico da tabela 3, para mostrar qual o valor em percentual das escolhas lexicais semelhantes entre os informantes A, B e C; A e B; A e C; B e C e qual o valor estatístico das escolhas lexicais que se diferenciam na fala da amostra em questão.

Gráfico 1 - Semelhanças nas escolhas lexicais entre os informantes



Fonte: Autoria própria

O gráfico representa uma forma rápida de visualizar as opções lexicais entre os informantes dos grupos A, B, e C. As estatísticas de 57% das lexias usadas entre os três grupos mostram relevantes semelhanças lexicais realizadas na fala da amostra. O percentual de 17% entre os grupos A e B também se somam ao contexto de semelhanças entre os grupos.

Os grupos B e C, especialmente o grupo C em relação ao grupo B, mostram um encontro de similaridade lexical de apenas 7%; por outro lado, o grupo C em relação ao grupo A, até o número de 20 lexias, não houve registro dos mesmos usos.

Em oposição à similaridade, há o registro de 19% das lexias não semelhantes, ou seja, aqueles individuais no interior de cada grupo, cuja lexia foi identificada apenas no grupo no momento da situação de comunicação explicitada individualmente sobre o tema agricultura.

Dessas particularidades faladas nos grupos, ou seja, lexias que se diferenciam na fala dos informantes, identificamos as lexias do grupo A como “cana”, “controle químico”,

“integração lavoura/pecuária/floresta”, “nutriente”; no grupo B, há usos diferenciados como “plantar”, “produção”; no grupo C, há registros de uso particular de “adubo”, “calcário”, “doença”, “terra”, “rural”, “semente”, “plantadeira”.

Até aqui demonstramos as lexias usadas na fala da amostra e quais tipos são as mais frequentes, tanto nas semelhanças de uso nos grupos quanto aquelas que se diferenciam por representarem uso individual em grupos da amostra. Dados considerados a partir das 20 lexias mais frequentes no *corpus*.

A quantificação enriquece as análises linguísticas, auxiliando a compreensão, por exemplo, nas características peculiares faladas. Nesse caso, algumas semelhanças de uso lexicais são referentes às lexias “milho” e “soja”, por serem monoculturas de grandes produções predominantes na região.

As escolhas lexicais característica de cada grupo são mais representativas quando se observa o grupo C, visto que o percentual do gráfico 1 de 19% representa a soma das escolhas individuais dos grupos A, B e C, no entanto, desse percentual, 12% referem-se às escolhas do grupo C.

Os índices de 57% podem ser considerados como um indicativo de que ocorrência das lexias dos informantes A, B e C, sobre as práticas agrícolas, inclinam para a predominância das mesmas preferências. Tendo em vista que tratamos de um *corpus* de estudo composto pelo léxico do universo de falantes, que descrevem e relatam sobre seus conhecimentos e experiências sobre a agricultura.

É evidente que a busca de um *corpus* falado com objetivo de registrar a fala espontaneamente de pessoas é um problema que Labov chama de “paradoxo do observador”, uma vez que o ideal seria coletar os dados de como as pessoas falam quando não estão sendo observadas por um entrevistador para que não haja interferência no estilo de fala do entrevistado. Tal efeito pode ser solucionado por meio de algumas orientações metodológicas sugeridas por Labov que incluem, além de evitar a palavra “língua”, a formular de um roteiro de perguntas e, em momentos estratégicos, levar o informante a relatar as experiências vividas. Foi o que fizemos no roteiro de questões dirigidas sobre práticas agrícolas.

No contexto de uso linguístico de falantes em um determinado território, geralmente, encontra-se uma variedade falada por diversas razões, até por alguma afinidade de um grupo social. Os fatores, por exemplos, que determinam as escolhas lexicais são normalmente sociopolíticos, históricos, comunicativos e até pedagógicos. Tal fato confirma que a variedade não é estritamente de um ponto de vista linguístico, a qual leva a determinada preferência de uma variedade, em nível de prestígio e até estabelecer-se como norma de uma língua.

Na seção seguinte, destacamos a manutenção ou não do indicativo das preferências similares das lexias de todo o *corpus* distribuído nos CLS. Para tanto, antes disso, tratamos dos detalhes que compõem cada CLS, que, concomitantemente, tanto especifica como delimita cada um dos cinco CLS.

5.2 Descrição dos Campos Léxico-Semânticos de práticas agrícolas

Do ponto de vista quantitativo, estabelecemos, na seção anterior, 20 ocorrências, como limiar de frequência e uso frequente da amostra das lexias do acervo do *corpus* de estudo oral dos falantes, que serviu também para conhecer um pouco sobre o universo lexical referente à área geral das atividades de práticas agrícolas, que nos propusemos a analisar.

Após essa observação, procedemos ao levantamento das lexias que compõem o *corpus* de estudo na íntegra, que são de 112.954 itens correntes nos arquivos das entrevistas e 6.317 lexias distintas disponibilizadas pelo programa, cuja organização e análise se dão por meio dessas lexias reunidas em cinco campos semântico-lexicais.

Uma das possibilidades de análise da língua, na vertente falada, é permitida em função da teoria dos campos léxicos, proposta por Coseriu (1977), que, do ponto de vista estrutural, propõe o campo lexical dentro de estruturas lexemáticas em que os lexemas constituem um sistema de oposições simples entre as palavras, e termina quando uma nova oposição exige que o valor unitário do campo se converta em traços distintivos em que não só as palavras se opõem entre si, mas uma oposição de ordem superior opõe campos lexicais distintos.

Pensando assim, fez-se oportuna a organização do *corpus* de estudo em Campos Léxico-Semânticos. Inicialmente, recorremos a obra de Gomes (2004), Yamada et al (2006) e Azevedo (2007) para encontramos os procedimentos do sistema de cultivo de grãos, especialmente, a soja ou o milho.

De acordo com os especialistas da área agrária da UFGD e as teorias sugeridas sobre a agricultura, as etapas destacadas para a semeadura são: 1) planejamento, que envolve capital, mão de obra, insumo e seleção de área; 2) manejo da área, diz respeito aos processos de calagem, gessagem e dessecação; 3) semeadura e adubação, são sementes, tratamento de semente, inoculação e adubação de base; 4) controle fitossanitário, destinado a insetos, doenças, plantas daninhas; 5) colheita, relativo a colheita e transporte interno; 6) pós-colheita, diz respeito a secagem, armazenagem e transporte.

Dessa forma, para estabelecer os cinco Campos Léxico-Semânticos do estudo sob os quais se classificam as lexias do *corpus* coletado, foram importantes também as orientações

do conhecimento e da experiência de professores da área de especialidade da Agricultura, que contribuíram para mostrarmos, por meio teórico e prático, as etapas realizadas na produção de grãos. Além de outros conhecimentos necessários para compreender melhor o domínio de estudo. Consideramos, dessa maneira que as pessoas especialistas evidenciaram o manejo das etapas fundamentais, do processo de plantio à colheita de grãos, apontando aquelas que implicam os aspectos mais relevantes dos procedimentos da agricultura.

Como resultado dessa etapa de discussões dos estudos, foram possíveis eleger os cinco campos, em que em cada campo concentram-se elementos representativos em estágios de preparo do solo para a semeadura de grãos, passando pela colheita, transporte dos cereais, chegando ao armazenamento dos grãos.

O quadro, a seguir, mostra a descrição dos campos aos quais se destinam ou se acomodam as lexias. Depois do quadro em que se encontram os títulos nomeados em cada CLS, detalhamos as principais características que integram cada CLS, que também é analisado, mais adiante, na mesma ordem de sequência em que é exibido no quadro e nas descrições.

Quadro 6 - Escolha dos Campos Léxico-Semânticos do *corpus* em estudo

Campos Léxico-Semânticos	
CLS - 1	Preparo do solo
CLS - 2	Semeadura ou plantio
CLS - 3	Tratos culturais
CLS - 4	Estágios fenológicos
CLS - 5	Recursos tecnológicos e pós-colheita

Fonte: Autoria própria

CLS - 1. O Campo Léxico-Semântico de **preparo do solo** envolve os processos necessários de ações realizadas na área de semeadura ou plantio, como a análise do solo para o manejo de correções de nutrientes necessários, aplicações da cal e gesso, adubação química ou fertilizante orgânico, cobertura do solo com palhada, decorrente de restos culturais. Com esses elementos, o solo torna-se uma área pronta para a semeadura de grãos. A semeadura é o limite do CLS 1. No entanto, somam-se aos procedimentos as ferramentas manuais ou motorizadas, utilizadas para as práticas da fase de preparação do solo.

CLS - 2. O Campo Léxico-Semântico de **semeadura ou plantio** representa o segundo momento dos procedimentos práticos da cultura agrícola, em que se concentram os tipos de

cultura da região – hortaliça, fruticultura, produção de cereais e florestas - as sementes transgênicas, tratadas ou naturais utilizadas e as ferramentas manuais ou motorizadas, dispensadas nessa etapa.

CLS - 3. O Campo Léxico-Semântico de **tratos culturais** envolve as ações de capinas, adubação pós-plantio no solo, aplicação de inseticidas, herbicidas e fungicidas como prevenção ou de tratamento contra os insetos, erva daninha e fungos, respectivamente. Inserem-se nesse campo também as ferramentas manuais ou motorizadas para a realização dos manejos para a prática da agricultura.

CLS - 4. O Campo Léxico-Semântico de **estágio fenológico** diz respeito ao ciclo da planta e suas relações com as condições do ambiente, tais como a temperatura, a luz, a umidade. O desenvolvimento da planta circunda por estágios de enraizamento, crescimento, florescimento, frutificação e formação de grãos. São esses processos e as partes da planta que o CLS 4 acompanha.

CLS - 5. O Campo Léxico-Semântico de **recursos tecnológicos e pós-colheita** envolve o resultado da semeadura de grãos e aspectos relacionados aos procedimentos após a colheita, como transporte, destino e armazenamento de grãos. Incluem-se nesse campo os recursos humanos, somados aos meios tecnológicos necessários no cenário da agricultura.

Nesta pesquisa, o procedimento de análise e a inclusão das lexias mais frequentes foram distribuídas nos cinco CLS expostos no quadro 5. Desse modo, a classificação das lexias em CLS pode trazer contribuições inclusive para o entendimento das escolhas lexicais realizadas pela amostra e a formação de seus conceitos.

Isso acontece em função das regularidades e padronizações identificadas numa língua natural em uso mostram a presença de características que não ocorrem de forma aleatória. Esse comportamento é comum em língua em uso por determinados grupos e, por isso mesmo, a língua precisa ser estudada.

De posse do conhecimento do funcionamento dessas etapas para produção de grão, percebemos que as escolhas lexicais de um grupo de falantes e variações lexicais de uma língua podem ser observadas a partir de estudo em campos selecionados. Para este estudo, compreendemos que a divisão em CLS auxiliou em importantes direcionamentos no sentido

distribuir, identificar e reunir de modo específico as lexias e de chegar aos objetivos esperados.

A seção seguinte destina-se à observação do *corpus* de estudo, as lexias em uso na língua dessa amostra de falantes distribuído nos cinco CLS.

5.3 Análises das lexias em Campos Léxico-Semânticos

A variedade na utilização da língua implica o surgimento de diversos níveis, e isso é mais evidente no nível lexical, por ser considerado como um processo de relação entre os falantes e o seu meio físico e social, que leva à identificação da população estudada.

A modalidade falada da língua em sua diversidade traz à luz algo nada singelo, pois principalmente pelo léxico, não só identificam como também evidenciam aspectos da sociedade em que vivem os falantes. Nesse contexto, Sapir chama a atenção para a complexidade de um *corpus* de estudo oral, visto que “quando um homem fala é porque deseja comunicar qualquer coisa. Evidentemente não é bem assim. Em regra ele pretende, com efeito, transmitir qualquer coisa, mas o que realmente comunica pode ser sensivelmente diferente do que se dispôs a dizer.” (SAPIR, 1961, p. 63). Considera-se aqui que o estudo a partir um *corpus* real, de uma língua natural e efetivamente produzida por interação, tem sempre muito mais a revelar sobre a vida social dos falantes.

É a partir de um *corpus* com essa característica que é oferecido a seguir um quadro em cada CLS eleito para este estudo. Dessa forma, alguns critérios foram traçados para organização dos cinco quadros dos CLS da seguinte maneira:

- ➔ Nos quadros, encontram-se as seguintes informações para cada CLS: i) um tópico tomado como organizador do CLS, que é expandido de acordo com o registro da lexia, referente às práticas agrícolas e comentada pelos informantes; ii) uma lista contendo a quantidade desses itens lexicais em ordem alfabética e numerados; iii) a identificação da ocorrência de seu registro nos grupos A, B e C, assinalada com o símbolo de (+) se ela foi registrada, e com símbolo de (-) se não foi registrada.

Considerando que alguns CLS revelam maior produtividade no quantitativo lexical na área da agricultura que outros, não há um número fixo para a quantidade de registro desses itens nos quadros; não julgamos necessário eliminar lexias para manter uma uniformidade de número exato ou de tamanho dos quadros. Ainda assim, de modo geral, os CLS 1, CLS 2 e

CLS 3 apresentam uma média de 66 registros lexicais em cada campo, mantendo um tamanho semelhante; os CLS 4 e CLS 5 mostra uma média de 43 registros lexicais em cada um deles, permanecendo também com tamanhos próximos um do outro. Após esta descrição, os quadros estão dispostos nas seções a seguir.

5.3.1 Campo Léxico-Semântico de Preparo do Solo

No primeiro CLS, encontram-se enumeradas as lexias referentes aos procedimentos de manejo necessários no solo, no sentido de torná-lo pronto para a semeadura de grãos. Como as áreas da região de Dourados/MS apresentam um solo que precisa de cuidados específicos antes da semeadura de grão, neste quadro constam as ocorrências faladas relacionadas às características típicas de tratamentos dispensadas às áreas agricultáveis. Algumas são as implicações oriundas das peculiaridades do solo da região local, a aplicação de produtos químicos, orgânicos para o tratamento de correção, como a aplicação de calcário e gesso e as ferramentas manuais ou motorizadas utilizadas para as ações de preparo do solo. As lexias estão no quadro a seguir do ponto de vista dos informantes:

Quadro 7 – Lexias representativas do CLS Preparo de Solo

Nº	Lexias	A	B	C
01	abertura de área	-	+	-
02	acidez	+	+	+
03	adubação	+	+	+
04	adubadora	-	+	-
05	adubo	+	+	+
06	aeração	-	+	-
07	agricultável	+	+	-
08	amostra de solo	+	+	+
09	análise de solo	+	+	+
10	aração	+	+	-
11	aradeira	-	+	-
12	arado	+	+	+
13	área	+	+	+
14	argissolo	+	-	-
15	arrastão	-	-	+
16	cal	-	+	+
17	calchadeira	-	+	-
18	capim colchão	-	-	+
19	capinar	+	+	-
20	cavadeira	-	+	-
21	cobertura de palhada	-	+	-
22	cobertura morta	+	-	-
continua				

23	cobertura vegetal	+	-	-
24	coloide	-	+	-
25	compactação do solo	-	+	-
26	conservação do solo	+	+	+
27	degradação do solo	+	+	-
28	descompactar o solo	-	+	-
29	erosão	+	+	+
30	enxada	-	+	-
31	escarificador	-	+	-
32	exaurir o solo	-	+	-
33	fofador	-	-	+
34	fertilidade	+	+	+
35	gesso	+	+	+
36	globo	-	-	+
37	grade	+	+	+
38	grânulo	-	+	+
39	hidrogênio	+	+	-
40	hidróxido	-	+	-
41	intempérie do solo	+	+	-
42	lixiviação	+	+	-
43	matéria orgânica	+	+	+
44	microbiologia do solo	+	-	-
45	micronutriente	-	+	+
46	nivelador	-	+	-
47	nivelar	-	+	+
48	N.P.K.	-	+	+
49	saturação de base	-	+	-
50	solo	+	+	+
51	subsolador	-	+	-
52	subsolo	-	+	-
54	sulcador	-	+	-
55	sulco	+	+	+
56	sulfato de cálcio	-	-	+
57	tombar a terra	-	-	+
58	trator	+	+	+

Fonte: Autoria própria

No quadro 6 do CLS de preparo do solo há 58 lexias das quais muitas contêm variação. Duas situações chamam a atenção: uma é a diversidade das escolhas lexicais utilizadas mais pelo grupo B; outra é a presença de uma série de lexias simples e complexas decorrente de uma comunicação associada às ações práticas.

Acentua-se também, de modo considerável, o volume do quantitativo do universo lexical do grupo B e as mesmas lexias utilizadas por A, B e C, que dialogam com A e C; além dessa semelhança também acontecer entre os grupos A e B e entre os grupos B e C.

No entanto, existem outras lexias desse CLS de preparo do solo que demonstramos a seguir, principalmente aquelas que mais se destacam em variação como nos exemplos

referentes à lexia “aração”, há registros dos verbos “arar” e “aradar”, ações de manejo de lavrar, sulcar a terra, e nos contextos de fala dos informantes aparecem estas formas: “aragem”, “aradagem”, “aradar”, “arariar”, revelando um comportamento linguístico de variação lexical, correspondente à manifestação de uma realidade designada de várias maneiras diferentes para designar algo. Esse fenômeno é identificado no *corpus* de estudo tanto nas lexias simples quanto nas complexas.

Uma amostra dos exemplos dados encontra-se a seguir nos fragmentos da fala de acadêmicos graduandos com os usos em destaque, atribuídos para a lexia ligada à atividade de “arar”²⁴, com “aragem”, “aração” e “aradagem”:

*Então eu vou pegá(r)... fazer a correção de primeiro (plantiu) que seria usar **aragem**... usar arados... que’u vô(u) quebrar é... alguma... é... com’é que’u vou dizer... (AI.01 AUF5).*

*Aí no primeiro anu... cê faz a gradagem, depois... **aração** pra se preparar o solo... pra depois se fazê(r) o plantiu. (AI.05AUF4).*

*Sem **aradar** o solo,... sem fazer uma **aradagem** no solo... então hoje... a partir do momento que você faz uma aradagem ao solo... praticamente você tá quebrando o ciclo do plantio direto. (AI.02AA4).*

*O que é o normal... que seria normal... você **araria** a terra ou passava a grade na terra... você deixa ela descansando sem nada. (AI.05AUF4).*

Ao observar estas variantes lexicais para designar o conceito e uso de “arar”, entre substantivos e verbo, é assinalado que o conjunto formado para o *corpus* de estudo foi suficiente para a proposta objetivada nesta pesquisa, a variação no nível do léxico de uma amostra de falantes de Dourados/MS.

Algumas escolhas lexicais revelam também usos que chamam a atenção, como a lexia “calchadeira”, cujo registro não foi localizado no glossário de termos de Ormond (2006). Para especialistas em Agronomia da região, o uso não é comum; no entanto, a lexia encontra-se presente em alguns artigos acadêmicos (bem pouco) e em material de propaganda de

²⁴ No texto das transcrições, as lexias variantes seguem destacadas no texto em negrito para chamar a atenção do leitor e para identificar as variações encontradas nos diferentes informantes.

empresas de venda de máquinas para agricultura. Em Yamada (2007), lê-se que o que é empregado nos textos sobre a agricultura é o termo ‘calcareadeira’.

É relevante salientar que os procedimentos de preparo do solo, de plantio até a colheita de grão envolve o trator - máquina agrícola motorizada acionada em todas as ações no campo - optamos por apresentar o registro da lexia “trator” logo no CLS de preparo do solo, justamente em razão de participar de todos os processos da agricultura.

O solo da região de Dourados exige tratamento de correção do solo antes da semeadura. Essa necessidade, como explica Yamada (2007), é decorrente de o solo ser arenoso e pobre em matéria orgânica. Os informantes quando se referiam ao tratamento de “adubação” do solo, constatamos a lexia “adubagem”, como no exemplo seguinte usado pelo grupo B: “a adubagem orgânica é pouco comum. (AI.05AA3). Por outro lado, se o solo é “agricultável”, não necessita de cuidados, também varia com a lexia “fértil” nos grupos A, B e C.

A aplicação de corretivos no solo e a sua preparação para a cultura agrícola é o manejo comum na região. Nas correções, ao aplicarem o “gesso” e o “calcário” no solo em uso pelos grupos A, B e C, também escolhem lexias como “gessagem” em A, B e C. Já “gestagem” aparece na fala do grupo B e “calagem” foi mencionada nos grupo A, B e C. As amostras de fala a seguir revelam essas variações, assinaladas nos trechos.

*A agricultura é passado uma grade... é feita a gradagem, é feita a correção do solo com **calcário** até chegar em seus teores é... idea/bons... teores bons para o cultivo da cultura. (AI.03AUF3)*

*Para você chegar e já num precisar fazer uma **calagem** a uma **gessagem**, porque o **gesso**, ela agi no aprofundamento das raízes, e a calagem pra acidez do solo. (AI.02AUU2).*

*A utilização do **calcário** e a utilização do **gesso** agrícola, tanto a **calagem** quanto a **gessagem**, ela tem a função de auxiliar na adubação. (AI.04PAN).*

*Outra correção química que o pessual fazem é a... vulgarmente chamado de **gestagem**... é condo se usa **gesso**... a função do gesso ele não corrige em termo de pôr, ele não põe elementos no soja, ô desculpa... no solo, ele não põe elementos químicos no solo. (AI.02AUF4)*

E relação à lexia “calagem”, de acordo com Ormond (2006) significa a técnica de manuseio do solo que consiste na aplicação da cal com o objetivo de corrigir as deficiências químicas, biológicas e físicas, resultantes da acidez do solo. Quanto à lexia gessagem corresponde à prática de se colocar gesso agrícola com a finalidade de melhorar o subsolo para o desenvolvimento das raízes. Nesse tipo de tratamento do solo, o uso de “gesso agrícola” e “sulfato de cálcio” foram encontrados no *corpus* especificamente na fala dos grupos A e C. Como se observa na amostra de fala do grupo C:

*Usa... quando necessário usa o calcário... usa **sulfato de cálcio** que é chamado **gesso agrícola** né... e mais as adubações normais de manutenção pra cultura né (AI.13PP).*

Além desse processo, a necessidade de “capinar” o solo em A e B pode ser “carpinar” em B; ainda para o grupo B é possível “exaurir o solo” ou “cansar o solo”. A aplicação de uma “cobertura vegetal” no solo para o grupo A é a “cobertura verde” para o grupo C.

Do ponto de vista dos informantes, quando se referem ao lugar onde semeiam os grãos, que configura a prática da agricultura, há uma diversidade de uso lexias em A, B e C. Há os registros de “ambiente”, “área”, “campo”, “espaço”, “solo”, “terra”, “terreno”, como se verificam nas amostras de fala extraídas do *corpus* de estudo:

*Você vai ter que adubar a **área** toda do mesmo jeito... vai ter de aplica mais herbicida igual... você vai controlar determinadas **áreas**... tanto de aplicação de herbicida. (AI.06AUU3).*

*Pra rotação de cultura é análise de **ambiente**, você tem que saber o que vai o que você pode plantar ali, eu tenho um **terreno** assim, um **ambiente** tal, chove tanto, o calor é tanto, então eu vou encontrar uma planta que vai se adaptar melhor aquele **ambiente** e que vai me dá uma boa rentabilidade. (AI.01AA4).*

*Ele tem o boi pastando ali, ele faz o plantio com determinado **espaço** aonde consegue ter luz solar pra braquiária se desenvolver, ele vai ter. (AI.06AA5).*

*Eu acho que é isso mesmo... num tem muito segredo né, o plantio mesmo do soja e milho... é preparou a **terra** que nem agora tá plantio direto. (AI.02PP).*

*Você tem que revolvê-lo, porque ele tem muito pouca mobilidade no plantio do **solo**... aí o gesso... você coloca pra ele condicionar nas camadas mais profundas, mais de vinte centímetros onde o calcário dificilmente atinge nos primeiro anos. (AI.16PP).*

*Eu falo assim eu produção no **campo** hoje... a gente... assim eu nasci, eu nasci e moro aqui até hoje... nasci na roça, trabalho desde os cinco, seis anos, a gente já trabalhava na lavoura né. (AI.03PP)*

No glossário consultado de termos de Ormond (2006) há o registro das entradas campo e terras rurais, cujas acepções estão aqui manifestadas no sentido de mostrar que existe uma relação de significado comum entre os termos. Para Campo - mais específico quanto à agricultura – traz a designação de um terreno extenso e mais ou menos plano que pode ser destinado às pastagens de gado ou ao cultivo de lavouras agrícolas; quanto a terras rurais são áreas urbanas ou suburbanas destinadas a várias culturas ou atividades agrícolas de criação de animais. Podemos observar que as lexias “área”, “campo”, “terra”, “terreno”, extraídas da amostra do *corpus*, encontram-se envolvidas dentro de um mesmo campo léxico-semântico do ponto de vista dos informantes.

A lexia “acidez” é bastante representativa no CLS de preparo do solo, uma vez que se manifesta de modo acentuado de forma agrupada com predominância em “acidez do solo”, é uma lexia complexa por manifestar-se de maneira fixa, como se pode ser observado nos clusters do programa *WordSmith* na figura seguinte:

Figura 16 - Agrupamento da lexia “acidez do solo”

N	Cluster	Freq.	Set	Length	Related
1	ACIDEZ DO SOLO	9		3	
2	A ACIDEZ DO	5		3	

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

As realizações na fala dos informantes e as variantes que ocorrem apresentam-se, segundo Hwang (2010, p. 38) “como uma atividade motivada por necessidades práticas de comunicação” e, ao mesmo tempo, pode-se inferir que servem para transmitir e perpetuar uma herança cultural e valorizada. Tal fato é considerado em função dos indivíduos pertencerem a uma mesma região geográfica e estarem relacionados, de alguma forma, com a agricultura.

As variações são motivadas em função de o código linguístico permitir estas possibilidades. Werner (1982) ao falar sobre o “signo”, explica que a comunicação entre indivíduos pode ocorrer até por meio de grito mal articulado junto com a linguagem gestual, funcionando para apontar objeto.

E ainda que o falante pode transmitir ou compreender uma mensagem se a situação de comunicação possibilitar a compreensão do conteúdo do que se pretende realizar, ou seja, emitir ou receber a mensagem. Embora também possa acontecer a incompreensão do “signo” caso esteja em uma situação, cujo receptor atribua uma multiplicidade de sentido a este signo. Tal fato não acontece quando o grupo B utiliza as variações lexicais para “arar”.

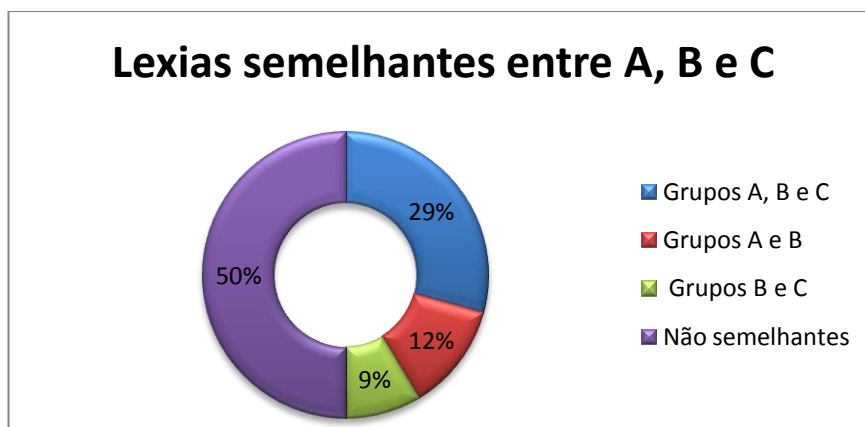
É nesse sentido, que em suas reflexões Biderman (1998, p. 88 grifo da autora) afirma que “é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. É possível entender que a realidade existe em função das palavras, ou a realidade pode ser conhecida por meio das palavras. A linguista também ressalta que a prática de nomeação – utilização das palavras para designar os referentes extralinguísticos – é característica da espécie humana.

De acordo com Preti (2003), na relação entre a língua e a sociedade não existe situação casual. Assim, possivelmente, como os estudantes circulam pela universidade na formação do curso de Agronomia e, a maioria, pelo campo rural utilizam na fala o que melhor interage nas várias situações de comunicação ou na intercomunicação entre os docentes e os agricultores.

Ainda conforme Preti, a língua promove o dinamismo social, que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade, como também uma atividade intelectual, que direciona o falante a uma situação de acomodação linguística em relação ao momento de comunicação. Dessa maneira, os informantes desta pesquisa buscam, em sua maioria, a adequação da linguagem como elemento importante para a realização como estudante e como futuro profissional no término do curso em formação.

As lexias apresentadas no CLS 1 estão dispostas em gráficos para demonstrar, inicialmente, semelhanças de uso lexicais dos grupos e, logo abaixo, o que se mostra de escolhas lexicais individuais.

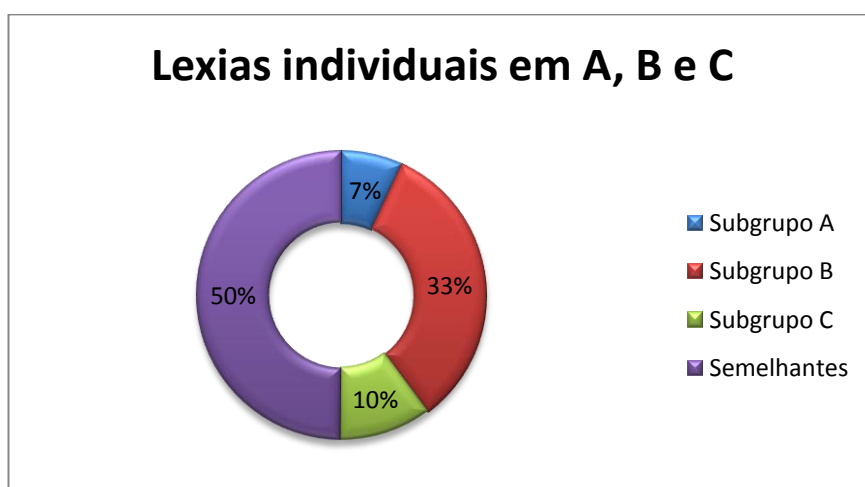
Gráfico 2 – Semelhanças lexicais no CLS de Preparo do Solo entre A, B e C



Fonte: Autoria própria

No gráfico 2 das semelhanças, são 50% das escolhas entre A, B e C. O grupo A realiza as mesmas opções lexicais do grupo B com o percentual de 12%, e não há registro do grupo A com o grupo C. Por outro lado, o grupo C apresenta o percentual de 9 % com o grupo B.

Gráfico 3 – Diferenças lexicais no CLS de Preparo de Solo em A, B e C



Fonte: Autoria própria

Os destaques nos gráficos são primeiramente a coincidência da divisão igual nos números em percentuais, como demonstrado nos gráficos 2 e 3. O número de 50% para as semelhanças das escolhas lexicais e outro 50% para as escolhas individuais. No gráfico 3, os maiores valores encontram-se nas escolhas individuais do grupo B.

O grupo A mostra 7% de uso individual do grupo, um número bem reduzido principalmente se comparadas ao grupo B, que alcança o percentual de 33% de escolhas particulares do CLS 1. Encontra-se também o grupo C com 10% do seu léxico individual.

Esses percentuais distintos, no tocante às escolhas lexicais particulares dos grupos, encontram-se corroborados no dizer de Martinet quando este afirma que

a evolução duma língua depende da evolução das necessidades comunicativas do grupo que a emprega. É claro que a evolução intelectual, social e econômica do grupo, o que é óbvio quanto ao desenvolvimento do léxico: o aparecimento de novos produtos traz consigo o de novas designações, os progressos da divisão do trabalho têm como consequência a criação de novos termos, correspondentes às novas funções técnicas. (MARTINET, 1971, p. 178).

O léxico de uma língua é o que o ser humano possui para demonstrar e registrar o seu conhecimento do universo. Nas palavras de Biderman (1998, p. 92) é com “esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais”. É no uso da língua que ela se mostra em pleno movimento. Ao mesmo tempo, o léxico deixa transparecer alguns aspectos particulares da amostra em que se está realizando a pesquisa. Soma-se a isso o fato de um acervo lexical guardar as relações de significado, no seio da comunidade, que possam ser desvendadas.

Embora a amostra refira-se ao mesmo assunto, o distanciamento das mesmas escolhas lexicais do grupo A, de certa forma, é natural e esperado, uma vez que o grupo é formado por professores especialistas em áreas de específicas da agricultura, como Climatologia, Entomologia, Fitopatologia, Herbologia, promovendo um diálogo mais próximo do grupo B. O afastamento, do ponto de vista lexical, em relação ao grupo C, decorre, provavelmente, de fato de sua maioria estar ligado apenas à prática da agricultura.

Posto isso, depois de preparar o solo segue-se em direção à próxima etapa que resultará na produção de grãos, a semeadura ou o plantio, contexto desenvolvido no CLS da próxima seção.

5.3.2 Campo Léxico-Semântico de Semeadura ou Plantio

Este campo diz respeito à semeadura ou plantio e representa o segundo momento da prática na agricultura após os procedimentos de preparo do solo. Aqui se concentram os tipos de cultura praticados na região de Dourados, as variedades de semente, o nome dado às áreas plantadas e às ferramentas manuais ou motorizadas utilizadas nesse estágio. O CLS 2 segue o padrão de organização igual ao CLS 1, assim como também apresenta uma quantidade de 65 lexias com número próximo.

Quadro 8 – Lexias representativas do CLS de Semeadura ou Plantio

Nº	Lexias	A	B	C
01	abacaxi	-	+	-
02	agrícola	+	+	+
03	agricultura	+	+	+
04	agricultura convencional	+	+	-
05	agricultura familiar	+	+	-
06	agrossilvipastoril	+	+	-
07	alface	+	-	+
08	algodão	+	+	+
09	amendoim	+	+	-
10	arroz	-	+	+
11	área experimental	-	+	-
12	aroeira	+	-	+
13	aveia	+	+	+
14	batata	-	+	-
15	braquiária	+	+	+
16	cana de açúcar	+	+	+
17	canola	+	+	-
18	citricultura	+	-	-
19	consórcio	+	+	+
20	couve	+	-	-
21	crambe	-	+	-
22	<i>crotalaria</i>	+	+	+
23	cultura bioenergética	+	-	-
24	cultura de inverno	-	+	+
25	cultivares	+	+	-
26	cultura leguminosa	+	+	+
27	cultura oleaginosa	-	+	-
28	eucalipto	+	+	+
29	fauna	+	+	-
30	feijão	+	+	+
31	floresta	+	+	+
32	forragem	+	+	-
33	forrageira	+	+	-
34	fruticultura	-	+	-
35	girassol	+	+	-
36	goiaba	-	+	-
37	gramínea	+	+	+
38	horticultura	-	+	-
39	mandioca	-	-	+
40	milho	+	+	+
41	monocultura	-	+	+
42	nabo forrageiro	-	+	-
43	palhada	+	+	+
44	pastagem	+	+	+
45	peroba rosa	+	-	-
46	pêssego	-	+	+
47	pinho	-	+	-

continua

48	plantação de ervilha	-	+	-
49	plantadora	-	+	-
50	plantio direto	+	+	+
51	replantar	-	+	-
52	repolho	+	-	-
53	rotação de culturas	+	+	+
54	semeadora	+	+	-
55	semeiar	+	+	+
56	semente	+	+	+
57	semente transgênica	-	+	+
58	semente tratada	-	+	+
59	soja	+	+	+
60	sorgo	-	+	-
61	sucessão de cultura	+	+	+
62	trigo	+	+	+
63	triguilho	-	+	-
64	uva	-	+	+
65	verdura	-	+	-

Fonte: Autoria própria

Neste campo de semeadura ou plantio, elencamos uma série de elementos voltados para o que é efetivamente realizado como prática do cultivo agrícola na região de Dourados/MS. Há referências de culturas destinadas a grandes extensões de áreas de terras, como as semeaduras das monoculturas do milho e da soja - as duas mais representativas - como também as áreas de pequenas extensões, reservadas à horticultura e à fruticultura.

Na prática de semeadura ou de plantio, segundo os grupos A, B e C, são cultivadas na região “alface”, “algodão”, “amendoim”, “aveia”, “braquiária”, “cana de açúcar”, “*crotalaria*”²⁵, “eucalipto”, “feijão” e “floresta”, “gramínea”, “pastagem”, “trigo”, agriculturas em pequena, média e grandes áreas plantadas.

A *crotalaria* não é de uso comum, por isso recorremos a Yamada (2007) que concebe a *crotalaria juncea* como uma cobertura sobre o solo que funciona para controlar as plantas invasoras e auxilia com o nitrogênio para a cultura subsequente. Como na região de Dourados, o cultivo agrícola é por meio da sucessão das monoculturas soja e milho, a cobertura com a “*crotalaria*”, que também pode ser com “ervilhaca” (usado pelo grupo B) é uma prática agrícola usual, assim como a utilização da lexia “*crotalaria*” no cotidiano dos grupos A, B e C.

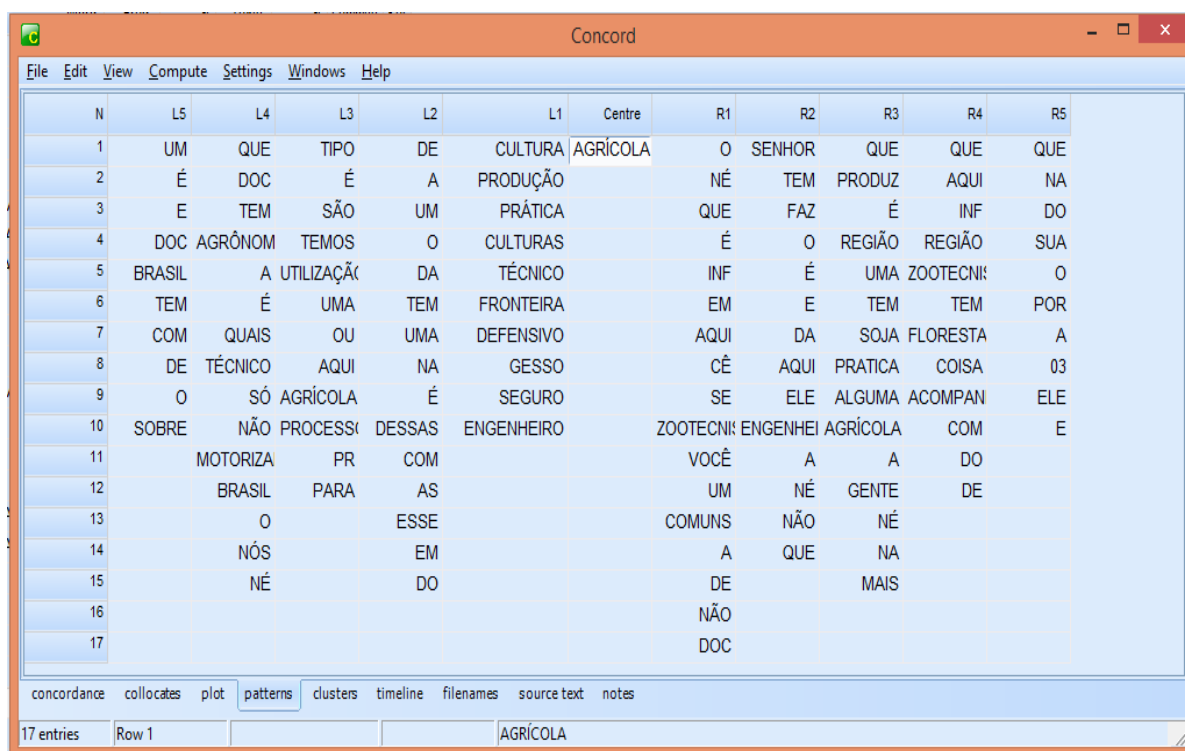
²⁵ De acordo com os informantes, a *crotalaria* é uma importante cultura do tipo das leguminosas, cultivada com o objetivo de rotação de culturas, por sua capacidade de fixação de nitrogênio e por competir com as plantas invasoras.

O grupo A apresenta mais informação lexical sobre a semeadura de grãos em relação ao CLS 1. As lexias, por exemplos, “área de pastagem”, “área florestal”, “cultura biogenética”, presentes no grupo A, e não registradas nos grupos B e C. Isso é consequência do tema do CLS coincidir com área de especialidade do grupo, cujas escolhas lexicais particulares ficam mais evidentes.

Ainda assim, é notável no CLS do quadro 7 um encontro das similaridades das mesmas opções lexicais, explicados pelos números, visto que, das 65 lexias do CLS, 23 delas são identificadas em A, B e C; 11 estão registradas em A e B; apenas 2 aparecem em A e C e 7 são apontadas nos grupos B e C.

Nesse campo de semeadura ou de plantio a lexia “agrícola” chamou a atenção por suas várias formas de registro, normalmente ela aparece presa à outra lexia. Por isso, buscamos no *corpus* de estudo quais os padrões em que “agrícola” foi localizada nas falas - denominado de *Patterns* no programa *WordSmith Tools* – os padrões na amostra estão no quadro a seguir:

Figura 17 - Padrões de ocorrência da lexia “agrícola”



N	L5	L4	L3	L2	L1	Centre	R1	R2	R3	R4	R5
1	UM	QUE	TIPO	DE	CULTURA	AGRÍCOLA	O	SENHOR	QUE	QUE	QUE
2	É	DOC	É	A	PRODUÇÃO		NÉ	TEM	PRODUZ	AQUI	NA
3	E	TEM	SÃO	UM	PRÁTICA		QUE	FAZ	É	INF	DO
4	DOC	AGRÔNOM	TEMOS	O	CULTURAS		É	O	REGIÃO	REGIÃO	SUA
5	BRASIL	A UTILIZAÇÃ	DA	TÉCNICO			INF	É	UMA	ZOOTECNI	O
6	TEM	É	UMA	TEM	FRONTEIRA		EM	E	TEM	TEM	POR
7	COM	QUAIS	OU	UMA	DEFENSIVO		AQUI	DA	SOJA FLORESTA		A
8	DE	TÉCNICO	AQUI	NA	GESSO		CÊ	AQUI	PRÁTICA	COISA	03
9	O	SÓ AGRÍCOLA	É	SEGURO			SE	ELE	ALGUMA	ACOMPANI	ELE
10	SOBRE	NÃO PROCESS	DESSAS	ENGENHEIRO			ZOOTECNI	ENGENHEI	AGRÍCOLA	COM	E
11		MOTORIZA	PR	COM			VOCÊ	A	A	DO	
12		BRASIL	PARA	AS			UM	NÉ	GENTE	DE	
13		O		ESSE			COMUNS	NÃO	NÉ		
14		NÓS		EM			A	QUE	NA		
15		NÉ		DO			DE		MAIS		
16							NÃO				
17							DOC				

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Para a lexia “agrícola”, na figura 17, constam as referências às operações e à tecnologia que envolvem as práticas de produção de grãos, como “cultura agrícola”, “produção agrícola”,

“prática agrícola”, “técnico agrícola”, “fronteira agrícola”, “defensivo agrícola”, “gesso agrícola”, “seguro agrícola”, “engenheiro agrícola”.

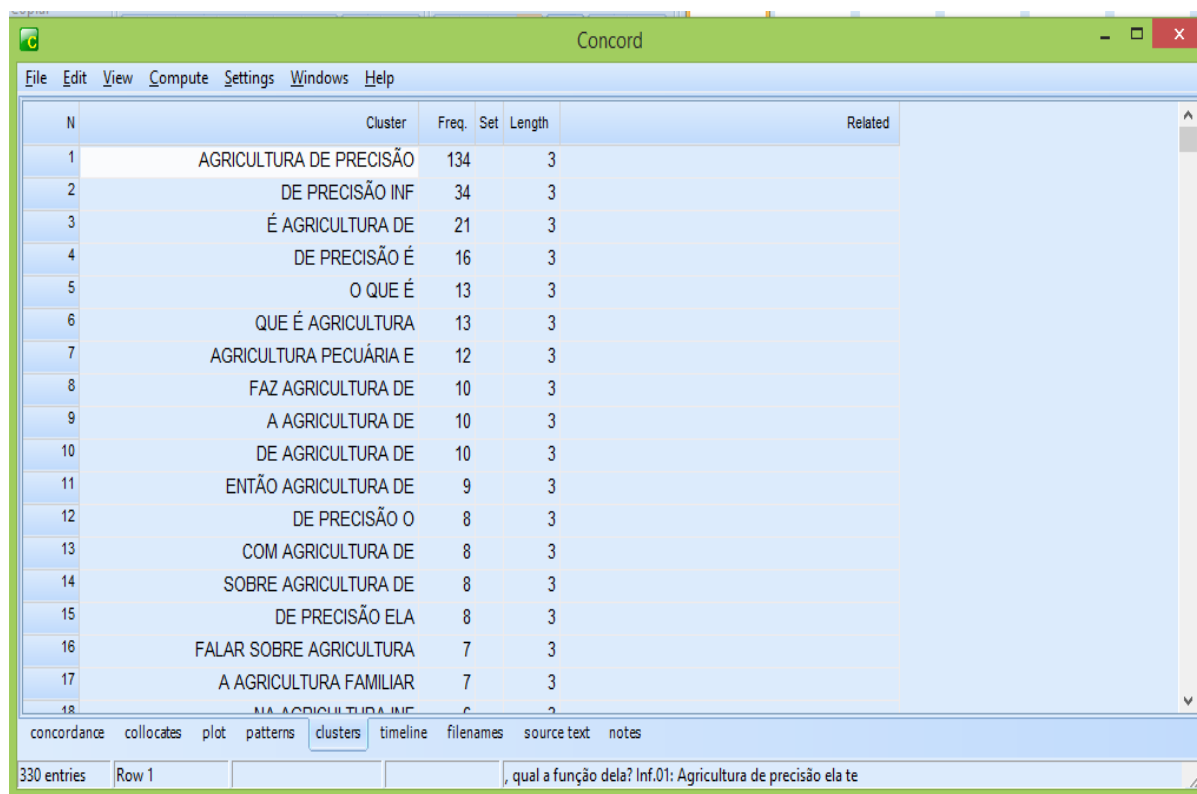
Para Ormond (2006), a unidade lexical agrícola diz respeito ao conjunto de operações que transforma o solo natural para produção de vegetal útil ao homem. Essas operações de certa forma estão assinaladas nos contextos de fala dos informantes.

Outro fato relevante no CLS 2 é a maior representatividade da lexia “agricultura” que, do ponto de vista do informante, representa uma área com a semeadura ou com a semente germinada, também chamada de “área agrícola”, “área da agricultura”, “área de plantação”, “área de plantio”, “cultura”, “lavoura”, “plantação”, “plantio”, “prantio”, “região agrícola”.

Dessas 10 lexias listadas, 5 foram usados no grupo A; 9 foram registrados no grupo B; e 7 deles utilizados pelo grupo C, revelando pouco distanciamento nas escolhas lexicais entre A, B e C sobre as práticas agrícolas.

Em relação ao uso da lexia “agricultura”, o registro que mais se sobressai consta em seu agrupamento (*clusters*), que são as formas fixas em que a lexia mais é frequente, como se vê nos agrupamentos da figura a seguir:

Figura 18 - Agrupamento da lexia “agricultura”



N	Cluster	Freq.	Set	Length	Related
1	AGRICULTURA DE PRECISÃO	134	3		
2	DE PRECISÃO INF	34	3		
3	É AGRICULTURA DE	21	3		
4	DE PRECISÃO É	16	3		
5	O QUE É	13	3		
6	QUE É AGRICULTURA	13	3		
7	AGRICULTURA PECUÁRIA E	12	3		
8	FAZ AGRICULTURA DE	10	3		
9	A AGRICULTURA DE	10	3		
10	DE AGRICULTURA DE	10	3		
11	ENTÃO AGRICULTURA DE	9	3		
12	DE PRECISÃO O	8	3		
13	COM AGRICULTURA DE	8	3		
14	SOBRE AGRICULTURA DE	8	3		
15	DE PRECISÃO ELA	8	3		
16	FALAR SOBRE AGRICULTURA	7	3		
17	A AGRICULTURA FAMILIAR	7	3		
18	NA AGRICULTURA INF	6	3		

concordance collocates plot patterns **clusters** timeline filenames source text notes

330 entries Row 1 , qual a função dela? Inf.01: Agricultura de precisão ela te

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Na figura 17, logo abaixo à direita, temos 330 registros para “agricultura” com a maior relevância em padrões de uso da lexia “agricultura de precisão” para os grupos A, B e C.

Embora o *corpus* seja composto por um grupo heterogêneo em faixa etária e em grau de instrução, os informantes desempenham as mesmas escolhas lexicais e mostram a comunidade em que atua, configurando o uso que, em muitos casos, representa e identifica seus usuários. Nos grupos A, B e C, a similaridade lexical existe devido ao fato de os grupos estarem envolvido com a agricultura e falarem sobre o mesmo tema, cuja língua permite por meio dela delinear o perfil linguístico de quem a utiliza.

É importante ressaltar que o grupo B é formado por jovens universitários; a maioria é filho de produtor rural, provavelmente, por isso ocorra o diálogo com as mesmas opções lexicais entre os grupos B e C. Em tal fato, de acordo com Biderman (1998), infere-se que a transmissão do repertório lexical de geração em geração por meio da educação formal e informal exerce papel importante na categorização/conceptualização do universo, ao fornecer ao indivíduo um estoque de nomes já codificados na cultura.

Das escolhas lexicais individualizadas em uso pelos grupos, as lexias “plantadeira” e “semeadeira”, do mesmo campo semântico, variam na fala do grupo B, ou seja, usa várias lexias para a mesma situação de comunicação. O grupo, espontaneamente, utiliza a lexia “platadeira”; em instantes, hesita e muda o uso por outra lexia, ou mesmo trocam apenas a terminação da lexia “semeadeira” por “semeadora”. Situações constatadas nos fragmentos a seguir:

*É uma máquina né... pra fazer a calagem... tem a **semeadora**, que um chama de **semeadora**, outros chama **plantadeira**, mas o que muda é o nome.* (AI.02AUF5).

*Ah:: temos trator... pra colheitadeira, **semeadeira**... eh:: **plantadeira**... tudo, temos um trator, temos essas ferramentas.* (AI.02AUU2).

*Eu também posso ter outras coisas, menos no ar, assim eu posso ter umas é/ eu falei **plantadora**? é **semeadura** desculpa tá é que a gente vai/é **semeadura**, eu posso ter as **semeadoras** convencional.* (AI.01AUF5).

No dicionário especializado consultado traz o registro para “semeadora” como uma máquina agrícola que dosa e distribui sementes no solo, podendo ser manual, de tração

animal, motorizada ou automotriz. Há também o registro de “plantadora” como máquina ou implemento agrícola, manual ou motorizado, de tração animal, puxada por trator ou com motor próprio utilizada para introduzir no solo partes vegetativas de plantas que formarão a lavoura como colmo, galhos, tubérculos, bulbos. Esta provavelmente seja a associação que faz o grupo B, como as ações são de semeadura de grãos, entende que deve usar a lexia “semeadora” e não plantar um vegetal com uma plantadeira.

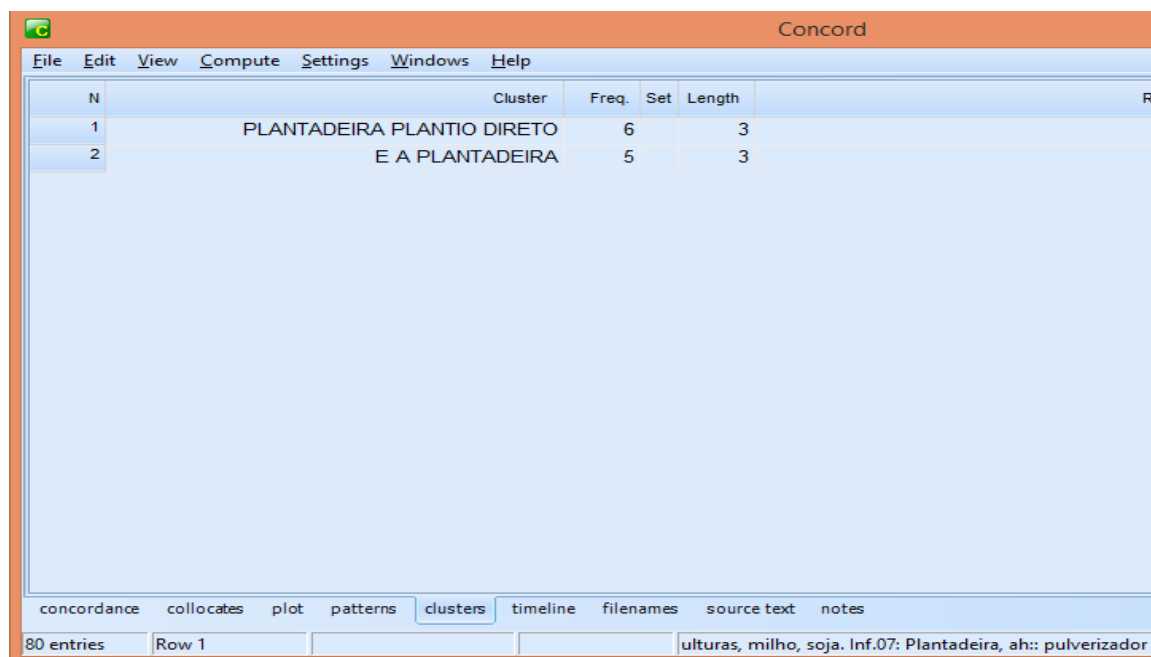
No entanto, nos manuais técnicos consultados, existem dois tipos de semeadoras quanto ao modo de distribuição de sementes: as de precisão e as de fluxo contínuo. Na região de Dourados, a forma de plantio é por meio do sistema de plantio direto, ou seja, semeadura em terrenos onde não foi realizado o preparo periódico do solo e com a presença de cobertura vegetal, e também por meio da agricultura de precisão para semeadura, especialmente, para as culturas de milho e da soja.

Para sistema de agricultura de precisão, é utilizada a semeadora específica, isso quer dizer que as sementes são depositadas grão a grão, de forma dosada, no sulco por meio dessa máquina, que popularmente é chamada de “plantadeira”, e também é específica para culturas de sementes graúdas como milho, soja, feijão. Já a semeadora de fluxo contínuo distribui grandes quantidades de sementes no sulco de semeadura, sem precisão, como o trigo, aveia, nabo, milheto que também são semeadas em solos da região de Dourados. Esse tipo de semeadora é popularmente denominado “semeadeiras”.

Desse modo, na região podem ser encontrados os dois tipos de máquinas semeadoras. Quanto ao uso das lexias e as variações em uso pelos grupos A, B e C, foram registradas “plantadeira” (B e C), prantadeira (B), e plantadora (B); semeadeira (B e C) e semeadora (A e B).

As escolhas lexicais para o equipamento agrícola são mais evidentes nas falas dos grupos B e C, visto que na fala do grupo A só foi registrada na fala a lexia “semeadora” e por um universo muito pequeno de informantes do grupo B. O comportamento linguístico, especialmente dos grupos B e C, segundo Martinet mostra que “a organização das línguas revela que elas são utensílios formados através do tempo para a satisfação de tais fins” (das necessidades do homem) e acrescenta que é “o seu emprego em tal sentido que lhes garantem a perpetuação do funcionamento.” (MARTINET, 1971, p. 183).

A lexia “plantadeira” é mais frequente em relação à “semeadora” em função do sistema de plantio direto na região, que é uma informação constante declarada pelos informantes da amostra. Isso pode ser verificado no agrupamento da lexia apresentado na figura a seguir:

Figura 19 - Agrupamento da lexia “plantadeira”


The screenshot shows the WordSmith Tools Concord window. The title bar is orange and says 'Concord'. Below it is a menu bar with 'File', 'Edit', 'View', 'Compute', 'Settings', 'Windows', and 'Help'. The main area is a table with columns: 'N', 'Cluster', 'Freq.', 'Set', 'Length', and 'Re'. There are two rows of data:

N	Cluster	Freq.	Set	Length	Re
1	PLANTADEIRA PLANTIO DIRETO	6		3	
2	E A PLANTADEIRA	5		3	

At the bottom of the window, there is a toolbar with buttons: 'concordance', 'collocates', 'plot', 'patterns', 'clusters' (which is highlighted), 'timeline', 'filenames', 'source text', and 'notes'. Below the toolbar, it says '80 entries' and 'Row 1'. At the very bottom, there is a text box containing 'ulturas, milho, soja. Inf.07: Plantadeira, ah:: pulverizador'.

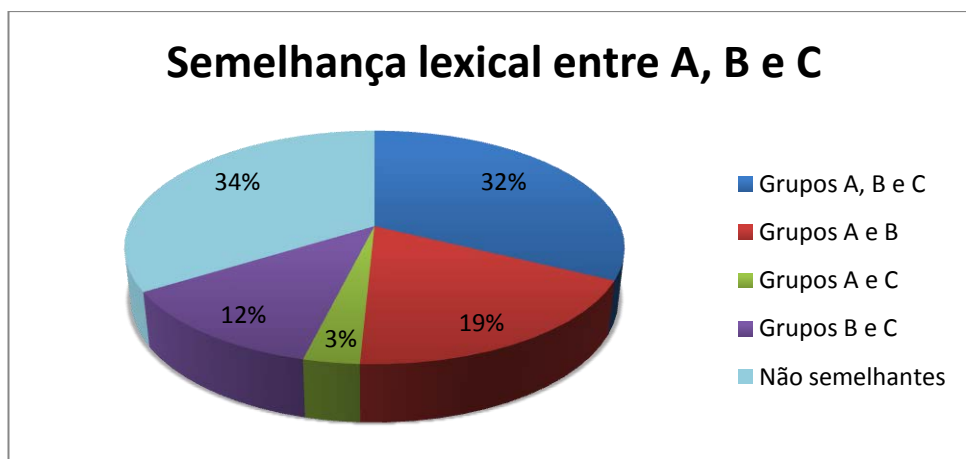
Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

Na figura 18, podem-se ver, à direita, os registros de 80 ocorrências de uso da lexia “plantadeira” em B e C. Para a lexia “plantadora” há 5 registros no grupo B e um registro de “pratadeira”. Foram catalogados para “semeadeira” 10 registros na fala de B e C; para “semeadora” aparecem 8 registros na fala de A e B.

Do ponto de vista das comunidades linguísticas, aqui se confirma a ideia do conhecimento adquirido por meio social, uma vez que a amostra evidencia a própria realidade por meio da fala. Comportamento que demonstra, de acordo com Lyons (1987), que a língua é o recurso que comunica a realidade física e cultural de quem a utiliza no seu cotidiano.

A correlação das escolhas lexicais do grupo B com o grupo C evidencia o desenvolvimento cultural motivado pelas atividades de interação social e pela transmissão de conhecimento. Dito desta forma, por considerar que vários indivíduos do grupo B são filhos de agricultores da região; e, assim, decorrente dessa intercomunicação, o comportamento da língua é transmitido.

Os gráficos a seguir mostram os dados numéricos do CLS 2, do quadro 7, quanto aos usos lexicais semelhantes e individuais entre os grupos A, B e C.

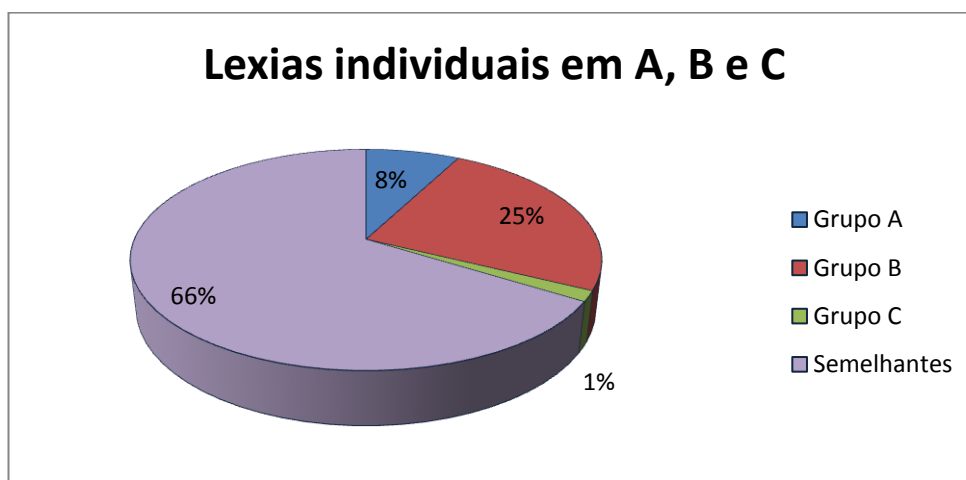
Gráfico 4 – Semelhanças lexicais no CLS de Semeadura ou Plantio entre A, B e C

Fonte: Autoria própria

No caso das mesmas preferências lexicais entre os grupos, verifica-se no gráfico o número da soma 66% de semelhanças nas escolhas lexicais dos grupos juntos (A, B e C), sempre demonstrando a sintonia pelas mesmas opções de fala dos informantes. Há consideráveis números de 32 % pertencentes aos grupos A, B e C; 19% destinados aos grupos A e B; 12% pertencentes aos grupos B e C; e apenas 3% destinados aos grupos A e C.

Os índices significam que os indivíduos utilizam a língua para retratar a sua realidade social, traduzir o seu mundo e demonstrar seu conhecimento. Isso é o que mais é realizado na fala do grupo B, por demonstrar maior variedade lexical em uso tanto coletivo quanto particular.

Nesse sentido, o gráfico, a seguir, demonstra os números referentes às lexias exclusivas na fala dos informantes:

Gráfico 5 - Diferenças lexicais no CLS de Semeadura ou Plantio de A, B e C

Fonte: Autoria própria

No tocante a exclusividade nas escolhas lexicais dos grupos, os números no CLS 2 são menos representativos, são apenas 34%, na soma dos três grupos, em oposição a 66% que reúnem as escolhas semelhantes entre os informantes. Das opções lexicais destinadas à fala individual dos informantes, o maior montante pertence ao grupo B, correspondente a 25%; apenas 8% para o grupo A, e igualmente 1% para o grupo C; perfazendo um total de 34% a soma das escolhas particularizadas dos grupos A, B e C.

Nesse CLS 2, predomina o uso das mesmas preferências lexicais nos grupos A, B e C. Nesse caso, mostra que quando a língua é utilizada por um grupo social, permite a identificação de amostra de falante e delimita suas fronteiras em relação a outros grupos. Consideramos, dessa forma que o desempenho linguístico de grupos de falantes está intrinsecamente ligado ao meio em que vivem, no caso desta pesquisa, relacionados com a agricultura.

Assim que é concluída a preparação do solo para chegar à sementeira, esta, por sua vez, precisa de observação e tratamento químico, biológico ou natural durante o crescimento até o estágio final, a produção de grãos. O tratamento dispensado à cultura agrícola é o assunto dedicado no próximo CLS.

5.3.3 Campo Léxico-Semântico de Tratos Culturais

Depois dos processos de manejo com a preparação do solo e a realização da sementeira, o terceiro campo refere-se aos tratos culturais após a germinação da semente, que envolvem as ações de capinas, adubação pós-plantio, aplicação de inseticida, herbicidas e fungicidas como tratamento de prevenção ou de tratamento contra os insetos, plantas invasoras e fungos, respectivamente. Nesse cenário de tratamento, inserem-se os problemas ocorrentes no plantio como também as ferramentas manuais ou motorizadas específicas e utilizadas para as atividades.

Quadro 9 – Lexias representativas do CLS de Tratos Culturais

Nº	Lexias	A	B	C
01	ácaro	-	+	-
02	adubação a lanço	-	+	+
03	adubação cruzada	-	-	+
04	adubação de cobertura	-	+	+
05	adubação de manutenção	+	+	-
06	adubação de plantio	-	+	+
07	adubação natural	-	+	-
continua				

08	adubação na produção	-	-	+
09	adubação natural	-	+	-
10	adubação química	+	+	+
11	adubação residual	+	-	-
12	adubação verde	+	+	-
13	agricultura de precisão	+	+	+
14	agrotóxico	+	+	-
15	<i>anticarsia gemmatalis</i>	-	+	+
16	antracnose	-	+	+
17	<i>aspergillus</i>	-	+	-
18	aplicação de curativo	-	+	+
19	bactericida	-	+	-
20	<i>bidens pilosa</i>	-	+	-
21	besouro desfolhador	+	-	-
22	broca do colmo	-	-	+
23	capim amargoso	-	-	+
24	capim colchão	-	-	+
25	carrapicho	-	+	-
26	coleóptero	-	+	-
27	controle biológico	+	+	+
28	controle cultural	+	-	-
29	controle natural	-	+	-
30	controle preventivo	+	+	+
31	controle químico	+	+	+
32	caruru	-	+	+
33	combater o mato	-	-	+
34	combater a praga	-	+	+
35	cupim	-	+	+
36	curativo	-	+	+
37	dessecação	-	+	+
38	doença	+	+	+
39	doença fúngica	-	+	-
40	entomófago	-	+	-
41	entomologia	+	+	-
42	erva de touro	-	-	+
43	ferrugem asiática	-	+	+
44	formiga	-	+	+
45	fungicida	+	+	+
46	fungo	+	+	+
47	<i>gibberella</i>	-	+	-
48	glifosato	-	+	+
49	grilo	-	+	-
50	<i>helicoverpa</i>	-	-	+
51	guanxuma	-	+	-
52	herbicida	-	+	+
53	hidropropelido	-	+	+
54	infestação	-	+	+
55	inseticida	+	+	+
56	irrigação	-	+	+
57	lagarta	+	+	+
continua				

58	lagarta elamos	-	+	+
59	larva	-	+	-
60	larva arame	-	+	-
61	manejo	+	+	+
62	mosca branca	-	-	+
63	mosca do sorgo	-	+	+
64	nematicida	-	+	-
65	nematoide	+	+	+
66	patógeno	+	+	-
67	<i>phaeosphaeria</i>	-	+	-
68	<i>phakopsora pachyrhizi</i>	-	+	-
69	<i>pseudoplusia</i>	-	+	+
70	<i>rhizobium</i>	-	+	-
71	<i>spodoptera</i>	-	+	+
72	praga	+	+	+
73	pulverizador	+	+	+
74	sugador	+	+	+
75	tamanduá da soja	-	+	+
76	ureia	-	+	+
77	vaquinha	-	+	+

Fonte: Autoria própria

Este campo de tratos culturais é o que mais extenso em número de lexias dentre os CLS desta pesquisa. Observa-se que as realizações de fala e o encontro das semelhanças lexicais prevalecem nos grupos B e C. O levantamento de 77 lexias gerou 20 itens pertencentes ao uso exclusivo do grupo B, e outras 20 lexias são utilizadas na fala dos grupos B e C.

A semelhança das mesmas escolhas lexicais, nos três grupos, faz presente em 15 lexias desse CLS. O grupo A mostra apenas 3 lexias de uso individual, mas interage com 6 lexias com o grupo B; e como aconteceu no CLS 1, não houve escolhas semelhantes entre A e C.

No entanto, quando se refere ao manejo de tratamento dispensado à cultura agrícola, alguns agricultores usam lexias características de jargões – vocabulário próprio de um grupo sociocultural – e também aquelas com denominações científicas. Mesmo que no uso haja desvio na pronúncia, é um uso da terminologia científica, por exemplo, falam “*anticarsia*”, “*spodopteras*” “*helicoverpa*”, “*pseudoplusia*” para se referirem a lagartas.

Alguns trechos foram extraídos de entrevistas com agricultores, onde se registra este comportamento linguístico. São três fragmentos, no primeiro trata-se de um agricultor, engenheiro agrônomo, e atua profissionalmente numa empresa de assistência técnica ao agricultor:

*Eh:: mas hoje o agricultor já tá citando esse nomes... já não... aqui o pessoal usa nas **plusias**... usa falá(r) de falsa medide(i)ra, aqui na **anticarsia** ... o*

*peçoal também chama ela de lagarta da soja, as **spodopteras** aqui... **spodoptoras** mesmo... porque aqui são três lagartas na verdade... e agora... a lagarta das maçãs, né... que ela vem do algodão... e agora a última aí que é a moda aí... que tá atingindo lá no... lá na Bahia aquela região é a **helicoverpa**. (AI.16PP).*

A segunda fala apresentada no trecho seguinte é de um agricultor, proprietário de uma empresa de revenda de produtos para a agricultura, que possui a formação de pós-graduação:

*Por exemplo... por exemplo... pra soja, nós temos a lagartas, que são pragas complicadas... hoje tá entrando a **helicoverpa** aí... que tá tendo problema em todo Brasil praticamente né... então... é a praga que não tínhamos até agora, começou a atacar... temos problemas seríssimos com percevejo na nossa região tá... tem o chamado tamanduá, que é o bicudo do algodão, que tá atacando a soja também aqui... então... basicamente... pra nós aqui, pra soja, as principais... lagarta, percevejo, o bicudo. (AI.13PP).*

O terceiro falante é um agricultor com nível de instrução de Ensino Fundamental incompleto:

*Tem, tem... por exemplo... as pragas que você fala são ataques na lavoura né? éh:: sem/cada ano é mais difícil... quando eles estudam, por exemplo, o (vetê)... é não... com'ê que é... - ô, Z. me dá uma mão aí... aquele milho que num tá aguentando a praga ((falando com um rapaz ao lado)) - o (**erculeque**) né... o (**erculeques**) ele já tá sendo... se não controlá(r) ele bem... ele já tá... já é uma experiência que já tá seguindo né, como se tá vendo no algodão, no milho, aqui ainda nós tamo aguentando bem, mas... mesmo a ciência formulando variedades nova... tá apertando... a praga... daí tem que entrá(r) igual com veneno né... porque tem praga que são resistente ao veneno. (AI.17PP).*

O primeiro e o segundo trechos são representados por falantes com nível de instrução superior que, para se referirem aos insetos, usam tanto denominações científicas quanto o uso popular. Esses agricultores trabalham em centros comerciais, daí serem atualizados e acompanharem mudanças no setor de interesse. Assim, quando falam se mostram explicativos, revelando os conhecimentos intelectual e prático sobre a agricultura. Já o

terceiro agricultor apresenta dificuldade em pronunciar ou mesmo pouco se lembra de uma denominação para o inseto, mas insiste no uso científico e pede ajuda. Embora sua instrução seja limitada, revela que acompanha tendências de mercado e mostra que o conhecimento chegou a ele.

Ainda nesse universo de denominações para lagartas típicas da cultura agrícola, os grupos B e C realizam os mesmos usos, para lagartas, por meio do uso da lexia “*anticarsia gemmatalis*” e também do uso de “lagarta da soja”; para a lexia “*spodoptera*” foram catalogadas as lexias “lagarta da vagem” em A e B, “lagarta da espiga” em B, “lagarta do cartucho” e “lagarta do milho” em B e C. A lexia “lagarta” foi usada pelos grupos A, B e C, mas em B e C também há o registro de “mandruvá” para se referirem à lagarta apenas.

Outra lagarta é a “*pseudoplusia*” usada por B e C, que foi catalogada como “mede palmo” em B, “medideira” em C, “falsa medideira” em A, B e C e “roça medideira” em B. Só não há encontro similar entre A e C em função das escolhas lexicais do grupo A pertencerem a tópicos específicos da agricultura e o grupo C realizar escolhas que denotam de maneira mais concreta suas relações com a prática agrícola no cotidiano.

Quanto ao inseto “coleóptero”, que foi usado pelo grupo B, também há registros de “besouro” em A, B e C; “bisorrinho” e “bichinho” em B e C; “bicudo” em C e “cigarra” para o B. Já o “tamanduá da soja” também é o “bicudo” em uso na fala dos grupos B e C. No caso do agente causador de doenças, o “patógeno”, falado nos grupos A, B e C, também foi registrado como “pulgão” em B. De acordo com Gomes (2004), o patógeno da agricultura, referido pelos informantes, trata-se de um inseto homóptero de pequeno porte e de corpo mole, geralmente, sem asas.

Para as doenças registradas no CLS de tratos culturais encontra-se a denominação de “*aspergillus*”, registrada na fala do grupo B, que foi identificada também como “podridão do grão” no grupo C. O grupo B utiliza a denominação “*phaeosperia*” e também “fungo do milho”. Em se tratando de “*phakospora pachyrhizi*” usada pelo grupo B, há registro de “ferrugem” em A, C e B, “ferrugem asiática” em B e C e “ferrugem da soja” em A e B.

Em relação às plantas invasoras, a lexia “*bidens pilosa*”, em uso no grupo B, também foi registrada como “picão preto” ou só “picão” no mesmo grupo. Há o registro de “buva” nos grupos A, B e C, causadora de danos na agricultura de milho e da soja, que foi catalogada como “voadeira” em C. A “planta invasora” que pertence ao grupo B, foi usada como “erva daninha” nos grupos B e C e “praga daninha” apenas no grupo C.

Nesse universo de manejo de tratamento da agricultura, algumas lexias são aqui específicas dos produtores rurais como “aplicação de veneno”, “aplicação para inseto”, “ataca

a cultura”, “ataca algodão”, “ataca a soja”, revelando a realização de suas práticas concreta em seu cotidiano na lida com a agricultura.

Já no caso do tratamento ao utilizar a “adubação química” na cultura agrícola falada por A, B e C, foram catalogadas várias maneiras de expressar, principalmente, em uso pelos grupos B e C, umas aparecem com conotação abrangente, como as lexias “adubação de defensivo”, “adubação de produto” e “adubação química”; outras de modo mais específico quanto ao produto químico, como “adubo foliar”, “adubação de fungicida”, “adubação de inseticida”, “adubação de herbicida” e “veneno”.

Algumas amostras dessas variações como “adubo foliar” (B), “aplicação de defensivo” (A, B e C) e “adubação com adubo químico” estão apresentadas nos fragmentos seguintes, de agricultores e de acadêmico de graduação:

*Depois da planta teja já c'uns trinta quarenta dias, faz **adubo foliar** também né, faz parte também.* (AI.10PP).

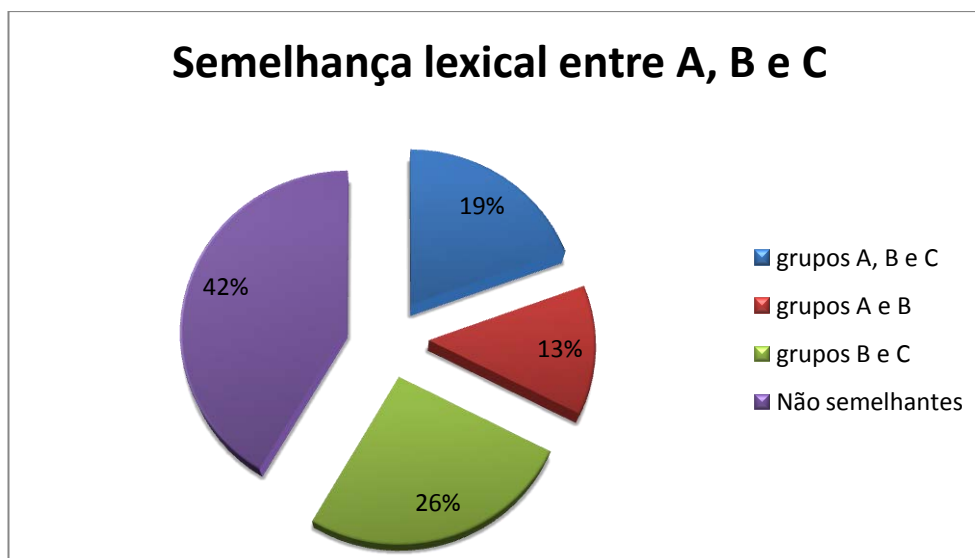
*Joga a semente, joga o adubo... a gente tem a máquina de fazer **aplicação de defensivos** agrícolas.* (AI.03AUU3).

*Qui é feito sempre correção de calcário né, **adubação com adubo químico** né, adubo na base de nitrogênio, potássio e fósforo né, que essa área aqui é baixa de fósforo né.* (AI.05PP)

São constatados os exemplos de usos de modo específico quando a situação é da própria experiência na prática da agricultura; por outro lado, quando a situação é apenas de esclarecimento ou interação comunicativa sobre a agricultura, os usos são de modo mais genérico.

Os gráficos a seguir revelam os encontros das escolhas lexicais nos grupos e o total das lexias que são realizadas individualmente nos grupos dos informantes A, B e C, a partir do quadro 8 do CLS 3:

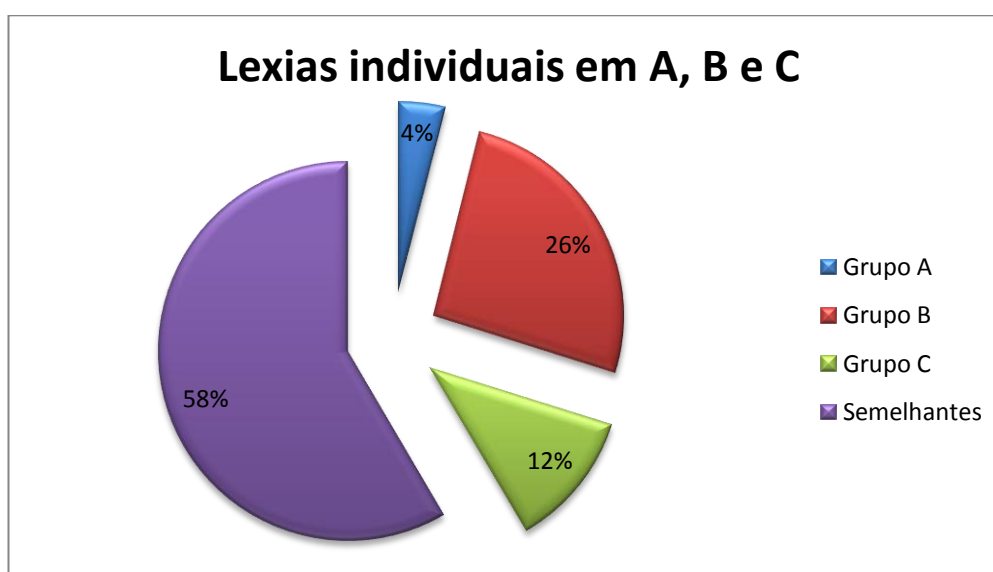
Gráfico 6 – Semelhanças lexicais no CLS de Tratos Culturais em A, B e C



Fonte: Autoria própria

No gráfico 6, são demonstradas as lexis que, no CLS de tratos culturais, ressaltam percentuais consideráveis nas preferências das mesmas escolhas lexicais usadas pelos grupos A, B e C, considerando os números de 19% entre A, B e C; 13% para A e B e 26% utilizadas nos grupos B e C. Estes valores perfazem o total de 58% de uso lexicais semelhantes entre os falantes, em oposição a 42% de uso particulares na fala dos participantes da pesquisa, que se encontram distribuídos no gráfico seguinte:

Gráfico 7 – Diferenças lexicais no CLS de Tratos Culturais de A, B e C



Fonte: Autoria própria

As variantes individuais são mais presentes no grupo B, com 26% dos itens lexicais utilizados exclusivamente em sua fala B; no grupo C constam 12% de seu uso particular; e apenas 4% dessas lexias destinadas ao grupo A. Enfim, nesse CLS, as manifestações linguísticas reservam-se mais para as mesmas opções em A, B e C; e em B e C.

As escolhas lexicais características do falante e sua base na experiência são o que ele encontra - já armazenado no seu acervo lexical - de mais apropriado para representar o signo. Nesse sentido, Pottier (1978) denomina mecanismo onomasiológico a investigação que o falante da língua realiza acerca da substância e da forma mais apropriada para representar um dado estímulo, ou seja, a sua escolha, entre diversas possibilidades semelhantes, da palavra ou expressão que melhor expressa o que ele quer dizer.

Assim, a lexia usada evidencia a experiência à qual o indivíduo é envolvido para o estímulo do uso. Para o falante, o léxico e o amplo domínio da experiência são partes tão significativas de sua forma de pensar que ele tem liberdade para acessar e relacionar qualquer aspecto dessa experiência com suas necessidades particulares de pensamento, de modo que os significados das unidades lexicais são flexíveis, adaptáveis aos elementos situacionais. Desse modo, o falante nativo acessa mental e automaticamente os Campos Léxico-Semânticos da língua para realizar suas escolhas nos seus mais variados contextos.

Depois da semente e o manejo de tratamento necessário para a cultura, a planta passa por processos de desenvolvimento a partir da germinação. As etapas constam no assunto dedicado à seção do próximo CLS.

5.3.4 Campo Léxico-Semântico de Estágios Fenológicos

O campo de estágio fenológico da planta diz respeito às etapas de desenvolvimento do vegetal em seu ciclo de germinação, crescimento, florescimento, frutificação e formação de grãos. As fases de desenvolvimento da planta se relacionam com as condições do ambiente, tais como a temperatura, luz, umidade, dito de outro modo, são os fenômenos periódicos da planta em relação aos aspectos do clima.

Quadro 10 – Lexias representativas do CLS de Estágios Fenológicos

Nº	Lexias	A	B	C
01	amadurecer	-	+	-
02	apodrecer	-	-	+
03	brotar	-	+	-
04	ciclo	+	+	+
continua				

05	clima	+	+	+
06	climatologia	+	-	-
07	chuva	+	+	+
08	colhedora	-	+	-
09	colheita	+	+	+
10	colmo	-	-	+
11	crescimento	+	+	+
12	enraizamento	-	+	-
13	espiga	-	+	-
14	estágio fenológico	+	-	-
15	estágio produtivo	-	+	-
16	estágio reprodutivo	+	-	-
17	estágio vegetativo	+	+	-
18	estiagem	+	+	-
19	estresse hídrico	-	+	+
20	evaporação	+	+	+
21	fase adulta	-	+	-
22	fase inicial	-	+	+
23	fitossanitário	+	-	-
24	fitopatologia	+	-	-
25	flor	-	+	+
26	folha	+	+	-
27	fotossíntese	-	+	-
28	fruto	-	+	-
29	geada	-	+	+
30	germinação	+	+	-
31	intempérie	+	+	-
32	pendoamento	-	+	-
33	inverno	+	+	+
34	planta	+	+	+
35	plântula	+	+	-
36	processo de crescimento	-	+	-
37	sistema radicular	+	+	-
38	renascer	-	+	-
39	região agrícola	+	+	+
40	revolução verde	-	+	-
41	sabugo	-	+	-
42	sol	+	+	+
43	temperatura do solo	+	+	+
44	tombamento da planta	-	+	-
45	umidade	+	+	+
46	vagem	+	+	-
47	verão	+	+	+
48	veranico	+	+	+

Fonte: Autoria própria

O quadro 9 apresenta as lexias das etapas iniciais de germinação, de desenvolvimento até o estágio final da planta, já pronta para a colheita dos grãos. O volume de 48 lexias utilizadas pelos grupos é menor em relação aos quadros dos CLS 1, CLS 2 e CLS 3. Cabe

notar que o registro da expressão dada no título do próprio CLS 4 – “estágios fenológicos” – foi catalogada na fala do grupo A, ainda com a variação de “estágio da planta” usada pelo grupo B.

Do total de 48 lexias, os grupos A, B e C encontram-se com 14 lexias de uso em comum; também bem próximo a esse valor, o grupo B apresenta 15 lexias de uso exclusivo; os 19 restantes, com as mesmas escolhas lexicais, têm-se A e B com 8 lexias; B e C com apenas 4 lexias e A e C não apresentam registros. Em relação ao uso individual, temos o grupo A com 5 lexias e o grupo C com 2 apenas.

Um levantamento das lexias desse CLS explicita a descrição dos estágios de crescimento e desenvolvimento da planta, representada pela sequência de lexias, retiradas do quadro 9: “fase inicial” (B e C), “germinação” (A e B), “enraizamento” (A, B e C), “folha” (A e B), “brotar” (B), “flor” (B e C), “colmo” (C), “pendoamento” (B), “fase adulta” (B), “fruto” (B), “vagem” (A e B), “apodrecer” (C).

No desenvolvimento do vegetal, a “fase inicial”, usada pelos grupos B e C, é também chamada de “primeira fase” pelo grupo A. O grupo C, quando se refere ao “colmo”, também varia com “caule” e “talo”, já para o grupo B só foi catalogado o uso de “tronco”. A planta ao chegar ao estágio de “pendoamento” para o B, a lexia é registrada como “apendoamento” no grupo C. No caso de uma planta “renascer” ou “rebrotar” são assim faladas a lexias no grupo B.

Em estágio da colheita dos grãos, a máquina de colher é denominada como “colhedora” apenas para o grupo B; já as lexias variantes “colhedeira” e “colheitadeira” foram utilizadas tanto pelos grupos B quanto pelo C, mas observamos que, entre os três usos, a lexia “colheitadeira” é menos prestigiada pelo grupo B, uma vez que seus informantes sentem-se desconfortáveis com seu uso, preferindo, por meio da autocorreção, optar por outras variantes para denominar a mesma máquina: “colhedora”, colhedeira”. Desse modo, no momento da fala, o grupo B usa “colheitadeira”, e, em seguida, faz a troca por outras denominações, como se observa na amostra do fragmento abaixo:

*Tem menores que ainda num têm... então é **colhetadeiras** né, **colhedora** no caso a nossa... a linguagem do agrônomo teria que sê(r) o correto é falá(r) colhedora, plantadora e... aí então... aí você teria uma colhedora... são máquinas essenciais. (AI.05AUF4).*

Apesar de promover a situação de comunicação a mais natural possível, alguns acadêmicos, de maneira também espontânea, julgavam o seu uso linguístico como inadequado, como nesta parte de trecho: “*o correto é falá(r) colhedora, plantadora.*” (AI.01AUF5).

Fizemos uma consulta a dicionários gerais, Houaiss e Villar (2009) e Ferreira (2004), sobre a lexia “colhedora”, a preferida, mas pouco utilizada pelo grupo B e observamos que se encontram registradas as entradas “colhedeira” e “colheitadeira” para designar o equipamento agrícola que serve para a colheita de lavoura. Assim, evidencia-se que as lexias são recorrentes, mas no meio acadêmico específico deve haver uma normalização para uso do nome mais adequado.

Contudo, segundo ainda esses registros dos dicionários, há marcas diatópicas reveladas na fala dos informantes, como a lexia “colheitadeira”, que é assinalada em Houaiss e Villar (2009) como regionalismo do Rio Grande do Sul. Essa região do Brasil teve grandes influências no início do processo de povoamento da Grande Dourados. Além disso, são regiões próximas, Centro-Oeste e Sul, e constata-se um número considerável de pessoas oriundas do Sul do país, ocupando-se especialmente com a produção agrícola de Mato Grosso do Sul.

No tocante a esses usos, nos registros não há ocorrência de “colhedora” para grupo C apenas utilizam “colhedeira” e “colheitadeira”, lexias também frequentes no grupo B, validando, assim, a proximidade semelhante na linguagem entre estes indivíduos (mais dos grupos B e C do que A e C), por suas preferências lexicais.

A preocupação em fazer opção por um léxico de maior prestígio ou mais adequado na fala de um profissional de Agronomia era uma constante no grupo B. Para exemplificar outra situação: um informante estudante, ao ser indagado se a monocultura numa mesma área poderia “cansar” o solo, responde corrigindo o uso “cansar” e diz: “*é o certo do termo é cansar, mas não é o correto, é como futuro agrônomo eu tenho de falar o mais correto*” (AI.01 AUF5), deixando o indício de que existe uma norma específica para o engenheiro agrônomo e que esta deverá ser usada.

Desse modo, as correções ou autocorreções de escolhas lexicais não aconteciam só para o uso “colheitadeira”, mas em outros contextos de fala. Na figura, a seguir, há uma amostra das concordâncias de uso da lexia “colheitadeira”:

Figura 20 – Amostra de concordância da lexia “colheitadeira” nos grupos B e C

Concord													
File Edit View Compute Settings Windows Help													
N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	
1	) necessária também, é importante, a colheitadeira também muito importante,			2.058	70	46%	0	77%			0	77%	13. C
2	, plantadeira, pra você colher tem a colheitadeira, tem é... é... esqueci o			1.103	41	57%	0	78%			0	78%	06. B
3	certo trator que num dá pr'uma certa colheitadeira, tem um certo trator que			1.341	42	35%	0	69%			0	69%	02. B
4	a colheita né colheita, a utilização da colheitadeira, de equipamentos,			2.359	39	40%	0	72%			0	72%	03. B F
5	assim, pulverizador plantadeira e colheitadeira são três coisas			2.100	70	78%	0	79%			0	79%	13. C
6	, novidade né de trator, caminhão, e colheitadeira, e colheitadeira e			2.375	47	21%	0	82%			0	82%	01. B
7	trator, caminhão, e colheitadeira, e colheitadeira e plantadeira (risos) ao			2.377	47	23%	0	82%			0	82%	01. B
8	, acredito que seja mais isso é colheitadeira, plantadeira, e... os			2.460	47	93%	0	85%			0	85%	01. B
9	uma empresa que tem essa colheitadeira que tenha essa			2.510	50	78%	0	81%			0	81%	02. B
10	:: caminhão pa fazê a... pa puxá né, colheitadeira, acho que o mais			733	56	68%	0	81%			0	81%	12. Gi
11	trator, aí vem colheideira ou colheitadeira, a grade, nossa tem			1.217	48	27%	0	64%			0	64%	11. Na
12	plantio, a máquina é... a plantadeira, colheitadeira e... pulverizadores e todo			2.434	47	71%	0	84%			0	84%	01. B
13	agrícola? Inf.02: Ah, temos trator, pra colheitadeira, semeadeira, eh::			1.309	42	6%	0	68%			0	68%	02. B
14	é um trator bom, plantadeira, uma colheitadeira boa, então, hoje, na			987	39	18%	0	79%			0	79%	05. B
15	, uma plantadeira faz tudo né, uma colheitadeira que faz tudo, mas acho			854	45	21%	0	52%			0	52%	07. B
16	... vai lá revenda parcela lá uma colheitadeira, o valor que ele tava			2.580	50	95%	0	83%			0	83%	02. B
17	, hoje em dia, uma máquina só, uma colheitadeira só, uma plantadeira só,			881	45	44%	0	54%			0	54%	07. B
18	, você precisa um pulverizador e uma colheitadeira, com esses quatro			2.037	88	86%	0	65%			0	65%	16. C
19	, inseticida é pulverizador é uma colheitadeira pa colher depois a			1.410	71	83%	0	74%			0	74%	15. C

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

No final da tela à direita é possível visualizar as letras B e C, referentes à indicação da ocorrência nos grupos. À esquerda, do total de 19 linhas, vê-se que é registrado mais no grupo B, 15 ocorrências e apenas 4 registros no grupo C. O mesmo não acontece com a lexia “colheideira” que é mais catalogada no grupo C, como se verifica na tela a seguir:

Figura 21 - Amostra de concordância da lexia “colheideira” em uso nos grupos B e C

Concord													
le Edit View Compute Settings Windows Help													
N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen	Para	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	
1	eu acho que o essencial é o trator, a colheideira, aradeira ou... as coisa não			1.339	75	86%	0	65%			0	65%	05. B
2	começo é a plantadeira, e no final a colheideira. Doc.: De acordo com o			870	73	100%	0	63%			0	63%	10. C
3	o milho em cima, colhe, passa a colheideira e passa plantadeira de			233	21	79%	0	25%			0	25%	11. B
4	ou... as coisa não é... aradeira, colheideira. Doc.: N. aqui a maioria			1.347	75	100%	0	65%			0	65%	05. B
5	aí, cê tem também os tratores e as colheideira, se num tiver isso daí num			1.577	66	75%	0	82%			0	82%	0809.
6	o soja, e a gente corta o soja com colheideira, e a palha, a folha, o galho			470	21	28%	0	13%			0	13%	01. C
7	, qualquer perda na plataforma da colheideira, você controla umidade tudo			1.425	23	69%	0	62%			0	62%	04. B
8	muita proteção pro meus funcionários, colheideira são gabinado, só os que			1.325	61	35%	0	61%			0	61%	17. C
9	... e a máquina pa colher né, mais colheideira né. Doc.: Durante todos			1.076	41	98%	0	59%			0	59%	05. C
10	agrícola aqui? Inf.11: As máquina, colheideira, plantadeira, pulverizador,			793	84	50%	0	86%			0	86%	11. B
11	né, aí depois tem a colheita né, colheideira, caminhão, é o que mais			838	92	46%	0	62%			0	62%	02. C
12	e pulverizador e depois no final o colheideira pa poder colher. Doc.:			1.021	59	80%	0	83%			0	83%	06. C
13	no caso, você deixa aquele talhão pa colheideira passa(r), vamo(s) dizer			1.601	37	14%	0	61%			0	61%	01. B
14	na verdade precisa trator, plantadeira, colheideira... um G.P.S., um			1.261	59	95%	0	58%			0	58%	17. C
15	uma agricultura boa né, plantadeira, colheideira. Doc.: Você tem prática,			1.986	38	100%	0	86%			0	86%	04. B
16	né, é o trator com a plantadeira, colheideira, colhedora que falamos né,			1.267	40	17%	0	66%			0	66%	06. B
17	colheideira, uma trator plantadeira, colheideira e uniporte passar veneno.			1.134	92	84%	0	40%			0	39%	1112.
18	nem uma colheideira, um S.T.S. uma colheideira de grande porte, um trator			1.057	41	8%	0	84%			0	84%	05. B
19	, é bom ele ter hoje que nem uma colheideira, um S.T.S. uma colheideira			1.053	39	98%	0	84%			0	84%	05. B
20	.1112: Tem que ter um trator e uma colheideira, um trator e uma colheideira			1.214	102	56%	0	42%			0	42%	1112.
21	e um uniporte passar veneno e uma colheideira, uma trator plantadeira,			1.130	92	68%	0	39%			0	39%	1112.
22	né, e colher tem que ter uma colheideira né, isso pra começo é a			858	73	59%	0	62%			0	62%	10. C
23	(C.V.), é um trator pequeno, uma colheideira pequena, porque quando			1.255	107	17%	0	44%			0	44%	1112.
24	e uma colheideira, um trator e uma colheideira é o necessário. Doc.: Num			1.219	102	83%	0	43%			0	43%	1112.
25	agrícola basicamente trator, aí vem colheideira ou colheideira, a grade,			1.215	48	22%	0	64%			0	64%	11. Na

Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

No total de 25 linhas da figura de concordâncias, pode-se observar que a indicação à direita revela 14 registros no grupo C; 11 usos para o grupo B de “colhedeira”.

Acreditamos que seja nesse sentido, quando nos referimos à língua utilizada no cotidiano, que o indivíduo manifesta as suas marcas culturais, que são indissociáveis da língua. As escolhas lexicais são adquiridas por meio do processo social, em que o falante obtém tanto o seu vocabulário quanto o léxico da comunidade. Biderman (1998) afirma que o falante é o aprendiz que recebe da sociedade um produto acabado – a língua – representado pela experiência acumulada historicamente na cultura da sociedade. A cristalização dessas experiências sociais tanto cultural como linguística é o ponto de partida para o uso da língua do indivíduo.

Por fim, passamos ao CLS seguinte, revelando que é preciso mais do que um espaço e sementes para a prática da cultura. Para realização da agricultura é exigido apoio de recurso de tecnologias e os trabalhos não findam na colheita e grãos. Sobre isso, falaremos no próximo CLS.

5.3.5 Campo Léxico-Semântico de Recursos Tecnológicos e Pós-colheita

O último campo relaciona-se com o estágio final dos procedimentos da agricultura após a colheita dos grãos. Incluem-se as ações dos resultados da semeadura, ou seja, o destino dos grãos pós-colheita desde o transporte ao armazenamento dos grãos. Ligam-se a este campo as tecnologias humanas e materiais utilizadas, como o próprio agricultor, os profissionais técnicos e de agronegócio envolvidos nessa e nas etapas anteriores, assim como os custos, a comercialização e os lucros da produção.

Quadro 11 – Lexias representativas do CLS de Recursos Tecnológicos e Pós-colheita

N.	Lexias	A	B	C
01	agronegócio	+	+	-
02	agricultor	+	+	+
03	alimentação	+	+	+
04	alqueire	-	-	+
05	armazém	-	+	+
06	armazenamento	+	+	-
07	arrendamento	-	+	+
08	caminhão	+	+	+
09	celeiro	+	-	-
10	cereal	-	+	-
11	ciência agrária	+	-	-
12	controle econômico	-	+	-
continua				

13	cultura comercial	-	+	+
14	engenheiro agrônomo	+	+	-
15	exportação	+	+	+
16	grão	+	+	+
17	grid	-	+	-
18	G.P.S	+	+	+
19	hectare	+	+	+
20	investimento	+	+	+
21	lucro	-	+	-
22	mapeamento	+	+	+
23	preço	-	+	+
24	produção	+	+	+
25	propriedade rural	+	+	+
26	rentabilidade	+	+	+
27	safrá	+	+	+
28	secador	+	-	-
29	secar os grãos	-	+	+
30	silo	-	+	-
31	sucroalcooleiro	-	+	-
32	talhão	-	+	+
33	técnico agrícola	-	+	+
34	tecnologia agrícola	+	+	+
35	transgenia	-	+	+
36	transporte	+	+	+
37	usina	+	+	+
38	usineiro	-	+	-

Fonte: Autoria própria

É o menor CLS dentre os demais apresentados, apenas 38 lexias, das quais 16 delas pertencem aos grupos A, B e C, enfatizando a interação nas mesmas opções lexicais na comunicação dos falantes da amostra.

A tecnologia se faz presente em vários aspectos da agricultura e do conhecimento dos falantes, quando compreendem as necessidades de recursos do engenheiro agrônomo e de máquinas informatizadas no campo rural, que proporcionem também o conforto e a segurança ao trabalhador – fazendo referência aos funcionários - do campo rural.

No tocante às despesas e aos lucros na prática da agricultura, os informantes dos grupos evidenciam as despesas, por meio das lexias “custo” (A, B e C), “gasto” (B e C), “investimento” (A, B e C), como exemplo de despesa relatam sobre a necessidade da semeadura de grãos, a partir da agricultura de precisão e explicam:

- informante do grupo A:

Então, agricultura de precisão... ele é, na verdade... ela é adoção de várias técnicas... adoção de várias técnicas, tentando identificar limitação de uma

mesma área, que apresenta uma heterogeneidade para transformar essa heterogeneidade em uma situação homogênea... então o que qu'ê comum dizer... o que que é um dos conceitos básicos de agricultura de precisão são variabilidade espacial... o qu'ê variabilidade espacial, por exemplo... o teor de fósforo, o teor de potássio... eles variam no espaço né... ele varia no espaço. (AI.03PUN).

- informante do grupo B:

Pra mim... é a minimização de custo,... cê tá trabalhando com a precisão perfeita... cada pedaço de solo... a cada... por exemplo, (grid), que eles fala pra agricultura de precisão, você vai jogar a quantidade necessária para que seu solo fique correto né... perfeito... então cê tá diminuindo seus custo... porque antigamente, na agricultura convencional, cê jogava lá quinhentos quilos por hectare de calcário... por exemplo, cê jogava quinhentos quilos na área toda, mas com agricultura de precisão, por exemplo... hoje divide quinhentos hectare em quinhentos talhões por hectare. (AI.10AUF2).

- informante do grupo C:

Ah:: agricultura de precisão... basicamente que qu'ê... o que é desenvolvido na nossa região... hoje, no país, é feito amostragem de cada área em talhões pequenos de um em um hectare, dois em dois hectare, até de cinco em cinco hectare, e é jogado calcário, gesso e os corretivos no solo, por exemplo... aqui nessa mancha precisa de duas toneladas por hectare, aqui já é menor... já precisa uma... aqui precisa de meia... aqui já precisa de quatro toneladas, que dizer, é a distribuição de corretivo a taxa variável. (AI.13PP).

O grupo C não fala explicitamente sobre o lucro decorrente da produção agrícola, no entanto essa ideia mostra-se latente, quando revela a preocupação com a cotação ou o preço do cereal no momento da comercialização. Já o grupo B usa mais a lexia “lucro” da produção; enquanto o grupo C, o “preço” do grão e deixa transparecer a ideia de lucro dos resultados de produção agrícola.

É o que se pode observar na figura a seguir com a amostra de fala predominante da lexia “preço” usada por C.

Figura 22 – Amostra de concordância da lexia “preço” em uso nos grupos B e C

Concord												
File Edit View Compute Settings Windows Help												
N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen	Par	Par	Hea	Hea	Sec	Sec
1	palavra é insegurança com relação ao preço, com relação ao clima. Inf.07:			1.951	153	73%	0	88%			0	88%
2	região, além de não se ter um bom preço, hoje, no mercado, e não tem			147	3	68%	0	9%			0	9%
3	então as desvantagem é em cima de preço. Doc.: Quer falar sobre algumas			1.208	68	100%	0	98%			0	98%
4	, a gente muitos anos reclama é do preço, porque quem ganha geralmente			1.538	50	7%	0	85%			0	85%
5	de trator assim que... tipo metade do preço... que nem pra nós vale oitenta			1.426	122	73%	0	64%			0	64%
6	agora tão crescendo por causa do preço, mas a cana também teve uma			3.153	39	37%	0	77%			0	77%
7	amostragem do solo é em função do preço e do tamanho da área, mas o			1.701	15	36%	0	32%			0	32%
8	bem pouco aqui por causa do preço né... inviável, você leva prejuízo,			280	4	71%	0	9%			0	9%
9	preço bom que nem tá agora. Doc.: Preço também é um problema né? Inf.			2.163	128	29%	0	76%			0	76%
10	que eu tenho mais assim é o clima e preço, mas o mais mesmo é o clima			931	76	58%	0	67%			0	67%
11	Olha, no meu pos/ponto de vista é... preço dos produtos que não			897	76	13%	0	65%			0	65%
12	, as desvantagens tem ano que é preço, porque eles trabalha muito em			1.182	68	33%	0	96%			0	96%
13	, hoje, acho que preço mermo hein, preço... é agente nunca sabe que vai			1.699	142	14%	0	77%			0	77%
14	vantagem que teve foi o preço né, preço da... conforme eu disse pra			1.731	53	18%	0	95%			0	95%
15	que a gente fala né, cê entrega num preço, po produtor, ele paga, hoje,			1.564	50	21%	0	86%			0	86%
16	exemplo uma das desvantagens é o preço, que é sempre inseguro? Inf.07:			1.792	147	69%	0	81%			0	81%
17	problema é o preço né? Inf.02: É o preço, é verdade, o preço hoje, por			1.683	41	4%	0	54%			0	54%
18	né? Inf.02: É o preço, é verdade, o preço hoje, por exemplo, é igual qu'eu			1.687	41	7%	0	54%			0	54%
19	pra você entregar a semente e o preço também é muito baixo. Doc.: O			97	5	82%	0	10%			0	10%
20	é muito... muito relativo né, mas o preço da arro(u)ba tá em alta, (inint.)			1.921	44	52%	0	62%			0	62%
21	, o soja tomou proporções (inint), o preço tá lá elevado né, o preço tá			3.115	39	21%	0	76%			0	76%
22	boi na época que a soja, o preço tá baixo, talvez o boi dá, então			932	26	83%	0	40%			0	40%
23	usam ureia porque é mais barato... o preço, aí ela volatiliza muito, e na			1.180	11	44%	0	22%			0	22%
24	né, tá sendo viável, ainda mais o preço hoje que tá muito viável, o soja			619	12	41%	0	20%			0	20%
25	parece-me que o maior problema é o preço né? Inf.02: É o preço, é			1.678	40	92%	0	54%			0	54%
26	eu acho inviável, porque preço, o preço pa faz isso, eu acho,			1.641	38	91%	0	53%			0	53%
27	bem, você colhe bem, mesmo que o preço num teje muito bom, mas			952	76	86%	0	69%			0	69%

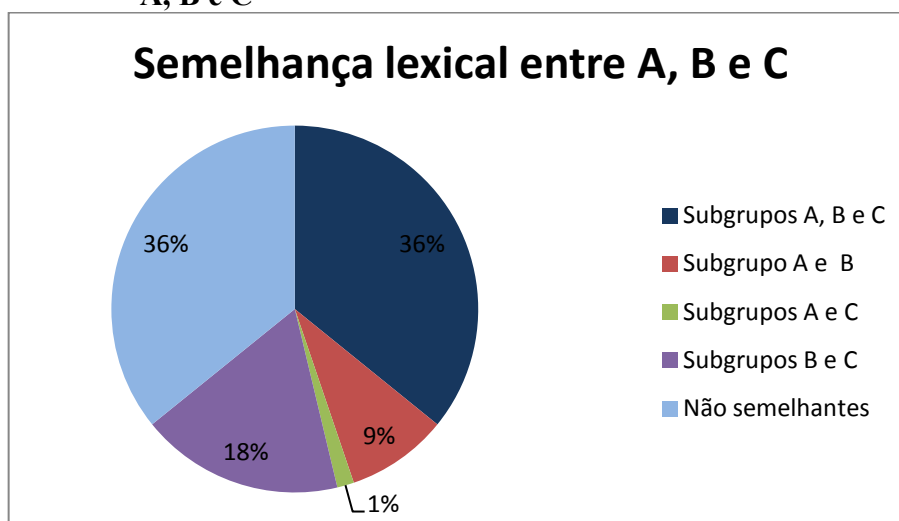
Fonte: Tela do programa *WordSmith Tools*

O valor semântico embutido no uso da lexia “preço” pelos grupos B e C retomam conceitos de Silva (2008) na concepção de que o significado de uma unidade lexical pode se constituir nos contextos falados, desvelando aqui a preocupação com o “preço” para a venda de grãos, numa perspectiva de lucros da produção da agricultura, do ponto de vista dos agricultores.

Podemos julgar que, embora esse CLS mostre o menor volume lexical em relação aos campos apresentados anteriormente, seu quantitativo não diminui o valor de importância das opções lexicais semelhantes realizadas pelos grupos, visto que as mesmas escolhas lexicais são relevantes entre os informantes A, B e C.

A fala dos informantes, na sua construção social, também é um elemento essencial para a existência da cultura e da propagação de valores que alicerçam a sociedade. Diferentes relações são percebidas e, no CLS 5, notamos que os grupos A e C não compartilham de preferências lexicais. No gráfico a seguir, há os números relativos ao encontro das escolhas lexicais em A, B e C.

Grafico 8 - Semelhanças lexicais em Recursos Tecnológicos e Pós-colheita entre A, B e C



Fonte: Autoria própria

Do ponto de vista estatístico, os números ligados às mesmas preferências lexicais entre os informantes A, B e C mostram sua relevância com 36% de registros do uso no CLS 5; os grupos A e B apresentam 9%; os grupos A e C, apenas 1%; e o considerável valor quantitativo também de 18% para os grupos B e C.

No tocante às diferenças ou ao uso individual das lexias por grupo, apenas 36% delas são distribuídas entre os grupos, prevalecendo o maior volume de uso na fala grupo B. Em oposição a esses 36% de uso individual, a soma dos percentuais de usos semelhantes perfazem o valor de 64% das mesmas opções lexicais realizadas pelos informantes A, B e C.

Esse resultado no CLS 5 e em outros já apresentados têm revelado o indicativo de que existe o diálogo entre as escolhas lexicais dos grupos A, B e C, independente de sua formação ou não acadêmica, tendo em vista que indivíduos com diversos níveis de estudos conseguem realizar escolhas lexicais semelhantes para determinado assunto como o tratado neste trabalho.

A lexia “agricultor” é a mais representativa do CLS, cuja variação ocorre grupo no C. São 5 ocorrências de variações, com exceção de “latifundiário”, especificação que pertence ao grupo A, “lavoureiro”, “plantador”, “produtor”, “proprietário” foram utilizadas pelo grupo B. Estas são as amostras de fala de agricultor:

*O que que o **produtô(r)** rural faz.... o produtor e é o único cara que num sabe guarda(r) dinheiro... se ele tem... ele vai lá e gasta... tem uma loja de roupa... ah! tô com vontade de comprá(r) uma camisa baratinho... se ele produziu*

*lá... ele compra... se ele tem dinheiro... ele vai compra uma máquina... se ele tem/é uma cara pequeno... ela compra um carro popular, se ele é um cara... **lavoureiro** grande ele tem uma caminhonete nova, tudo gira emprego. (AI.1112PP).*

O mesmo informante usa duas variações para agricultor destacadas no trecho, que são “produtor” e “lavoureiro”. O comportamento linguístico não é diferente com o informante, também agricultor, a seguir:

*Vantagens assim... ser um **plantador** ou ser um político? Que vantagem? eu vejo vantagem o **produtor** é uma pessoa sem segurança. (AI.15PP).*

*Hoje tá difícil... você pensa seriamente se vale a pena ser **proprietário** nesse país principalmente nesse estado aqui... hoje tá difícil... você nunca sabe se você vai ser dono do seu nariz. (AI.0809PP).*

Em relação ao uso de “latifundiário”, o informante do grupo A apresenta essa lexia como um proprietário de muitos hectares de terra, como ocorre em outros países, e não relacionados aos proprietários existentes no Brasil, talvez isso denote que a lexia não seja mesmo usual no contexto nacional, como se pode verificar em:

*Eu tive a felicidade de alguns anos atrás visitar a Europa... mais França e Bélgica... aí po cê ter uma comparação, lá que um grande **latifundiário**... ele tem cem hectares... um cara que tem bastante terra é **latifundiário** né, aqui quem tem bastante terra tem cinco mil, sete mil, dez mil hectares por aí, então... e agricultável né... (AI.04PAN).*

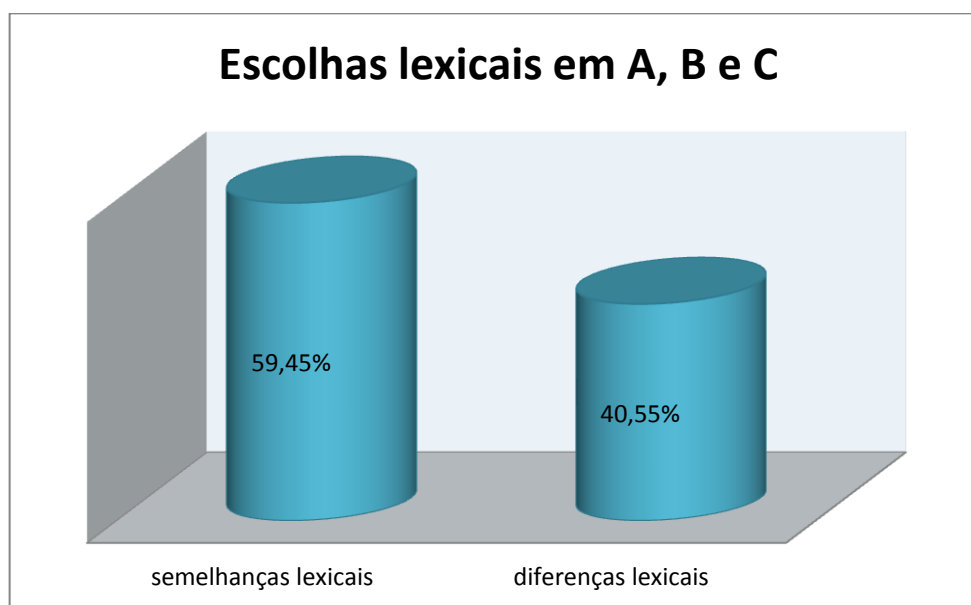
Quando à “propriedade rural”, a lexia é usada por A, B e C, assim como “fazenda” para os três grupos. Já a assistência dada pelo profissional, “engenheiro agrônomo” em uso nos grupo A e B, foram catalogadas também as lexias “suporte técnico”, “assistência técnica” e “orientação técnica” com a mesma função, ou seja, a maneira de relacionar a tecnologia e a produção aparece tanto na figura profissional quanto da técnica em si.

Os recursos motorizados são utilizados nos grupos A, B e C como “equipamento agrícola”, “máquina agrícola” e apenas “maquinário”. Se precisarem fazer o “mapeamento” da área, em uso por A, B e C, o grupo B utiliza também a lexia “zoneamento”.

Dentro do quadro geral dos Campos Léxico-Semânticos apresentados neste estudo, voltados para o léxico envolvendo falantes do meio rural e urbano, referentes à variação lexical de práticas agrícolas, os informantes mostram na língua em uso por meio da influência que estão ligados às características físicas e culturais da região, também em razão de elementos que os cercam em seu contexto social e também de herança cultural. Consideramos ainda que na interação com os informantes buscamos ter uma participação do seu cotidiano a fim de melhor entender o contexto de produção linguística.

No quadro geral dos CLS, o gráfico a seguir demonstra as semelhanças e as diferenças lexicais entre os falantes de uma mesma comunidade, indicando que ora o seu léxico em uso particulariza-se, ora se assemelha, transparecendo sua identidade enquanto indivíduo e membro de comunidade.

Gráfico 9 – Semelhanças e diferenças das escolhas lexicais nos CLS



Fonte: Autoria própria

As lexias apresentadas nos quadros dos cinco Campos Léxico-Semânticos perfazem um quantitativo de 286 unidades distribuídas entre as escolhas lexicais em A, B e C, envolvendo A e B numa relação mais técnica de comunicação por suas escolhas lexicais; A e C, numa relação de conhecimento prático, idenpendente do grau de instrução; B e C, numa relação

mais técnica e mais prática, pois ambos mostram, do seu modo, que possuem conhecimento técnico sobre a prática da agricultura.

O gráfico mostra o percentual de 59,45% de semelhanças lexicais entre esses três grupos em oposição a um percentual de 40,55% de diferenças lexicais, evidenciando o que tem sido apresentado nesta tese, ou seja, que a língua é entendida como reflexo social e espelho do universo dos falantes que a utilizam em seus campos de atuação profissional, com um número recorrente de semelhanças lexicais; mas que, ao mesmo tempo, desvela como marca as identidades de quem a utiliza nas suas diferenças lexicais, revelando suas histórias de vida, suas culturas, seus conhecimentos mais ou menos abrangentes nessa constelação que Saussure tão bem apontou alhures sobre uma palavra dada, ponta para a qual as outras palavras coordenadas se associam, mostrando essas miríades que o léxico aborda.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender o universo de uma língua, é preciso transitar no âmbito das relações sociais, construídas nos contextos familiar, educacional, profissional e de lazer, bem como conhecer a visão de mundo que o indivíduo possui ou que partilha culturalmente, no seio da sociedade em que vive. Consequentemente, pode-se afirmar que a língua assinala, provavelmente, o principal elemento de caracterização e identificação de um povo, pois nela se percebe o modo como uma sociedade interpreta e como expõe a realidade, por meio das influências extralinguísticas, tais como as espaciais, as geográficas e as culturais.

Em relação ao tema sobre práticas agrícolas abordado pelos informantes desta pesquisa, as inferências do ambiente físico e social ficaram transparentes na fala de docentes do curso de Engenharia Agrônômica, com a escolha de um léxico restrito e de precisão, uma vez que nessas escolhas havia o uso de lexias pertencentes à área de especialização da agricultura; na fala do acadêmico de graduação em Agronomia, as escolhas lexicais apresentam duas situações: o uso de lexias inerentes do universo técnico/científico, e também o uso de lexias que perpassam por jargões, geralmente, utilizados pelo grupo que domina a área por meio das atividades práticas; somando-se, assim, um quantitativo relevante de uso de lexias apresentados nos Campos Léxico-Semânticos; na fala do agricultor, há um léxico mais próximo de sua experiência com a cultura agrícola e não influenciado, de fato, pela formação acadêmica, dado que a maioria só tem ensino fundamental, mas as informações chegam a esses indivíduos, observado por seus usos de tecnologias humanas e informatizadas, tornando estes, de uma certa forma, ligados ao conhecimento acadêmico, por meio de orientação técnica, em suas áreas rurais.

Por meio de um estudo sincrônico quantitativo e qualitativo, constatamos e descrevemos aqui a existência de uma variação lexical em relatos orais sobre a temática da agricultura. Para concluir este trabalho, partimos da interação com uma comunidade linguística e buscamos ter uma participação do seu cotidiano, muitas vezes, em busca de confirmar os dados das entrevistas usados para compor o *corpus* de estudo, que mesmo sendo de extensão relativamente pequena, foi representativo e útil para concretização da pesquisa.

Uma coleta de dados por meio de entrevistas orais envolve muito mais do que localizar o perfil do informante, que, para a pesquisa, foi a busca por falante urbanos de IES em Dourados/MS (docentes do curso de graduação em Agronomia, estudantes em formação no curso de graduação em Agronomia) e por falantes do meio rural da Região da Grande

Dourados (agricultores que se dedicam a atividades agrícolas) e solicitar a entrevista e entregar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa com amostra de fala humana, nesse caso, significou também entrar no ambiente das atividades cotidianas profissionais, acadêmicas de cada informante, fez necessário criar um ambiente de espontaneidade para que se possa revelar sua história, suas crenças, seus pensamentos, seus conflitos; enfim, para que o informante possa exteriorizar o seu mundo cotidiano, por meio da fala e, no caso deste trabalho, vivificar suas relações com o universo da agricultura.

As implicações que acompanham a proposta de trabalhar com seres humanos são também questões éticas que são antes discutidas e adequadas para sua concretização, em atenção ao fato da língua em uso conferir a identidade do ser. A cada entrevista com o informante, nas respostas dadas aos questionamentos, a linguagem tomava outra dimensão, mostrando o movimento dinâmico da língua. A língua não é estanque, e, nesse sentido, as mudanças e variações que se observam, de um modo geral, são tendências linguísticas, que se originaram, muitas vezes, em função de um determinado espaço geográfico e de um certo período de tempo, por isso é importante que a variação linguística seja analisada dentro do contexto do falante.

Entrar no meio social do indivíduo permite compreender a importância que o leva a optar por determinadas escolhas lexicais, revelando o quanto a língua falada contribui significativamente para a construção identitária do falante. Vale assinalar que a variação linguística é característica de qualquer língua natural e funciona na comunicação individual ou coletiva. Dos níveis de variação da língua, o lexical, que é interno à língua, encontra-se muito próximo ao extralinguístico, demonstrando que o ambiente possibilita entender a sua relevância nos esclarecimentos e explicações das diversas opções lexicais que promovem a variações lexicais na fala dos usuários.

Assim, a reflexão sobre os conceitos de campo semântico e campo lexical orientou a escolha nesta pesquisa em distribuir as lexias do *corpus* de investigação em Campos Léxico-Semânticos por entender que os itens lexicais podem ser organizados em campos lexicais e apresentam entre si uma relação de significado de acordo com os CLS. As lexias em questão trazem um traço de significação comum, relacionado às etapas das práticas agrícolas.

Dessa forma, a escolha por distribuir as lexias em CLS contribuiu para observação de que as opções lexicais realizadas pelo indivíduo encontram-se em graus variados; é formada da prática linguística de usuários, às vezes, menos conscientes das possibilidades da elaboração linguística na tradição, mas capazes de se comunicar e interagir com seus semelhantes e com pessoas letradas.

Nas análises da variação lexical, contemplando os cinco CLS da área agrícola, percebermos que as pessoas/informantes de conhecimento especializado e não especializado conseguem reportar as mesmas escolhas lexicais. Ambas perpassam tanto por um uso do léxico específico da área quanto de um uso de nível popular como os jargões. No conjunto lexical retratado nos campos, predominam as mesmas opções lexicais em uso pelos grupos A, B e C: no CLS 1, o percentual é de 50%; no CLS 2, os índices são de 66%; no CLS 3, o registro foi de 58%; no CLS 4, há os números de 54%; no CLS 5, o mais elevado, com 71% de registros, revelando que existe representatividade nas mesmas escolhas lexicais entre os informantes, A, B e C, quando se referem às práticas das atividades agrícolas, assim, mesmo que a quantidade de unidades comparada de cada CLS seja um pouco desigual, predominou o uso semelhante das lexias nos três grupos.

Numa visão geral, o grupo A apresenta poucas lexias dada sua especificidade enquanto docente/pesquisador de determinada área de especialidade da agricultura e, naturalmente, acaba por priorizar o seu campo de estudo na fala. As escolhas lexicais pertencentes ao grupo A aproximam-se na semelhança e com maior volume de quantidade àquelas do grupo B; no entanto, poucas coincidências lexicais ocorrem em relação ao grupo C.

O grupo B, por sua vez, que revela uma diversidade maior de lexias, aproxima-se, em sua interação lexical, de modo mais equilibrado, dos grupos A e C. Nas falas desse grupo, verifica-se que o mesmo consegue fazer uso do léxico da agricultura referente ao conhecimento técnico/científico, decorrente da construção do seu saber no curso de graduação em Agronomia, assim dialoga com mais propriedade com o grupo A; ao mesmo tempo consegue também fazer uso de uma diversidade de lexias utilizada por pessoas ligadas à prática das atividades agrícolas, e, por isso, suas escolhas lexicais se assemelham e com maior volume ao grupo C, quando comparado ao grupo A. Isso pode ser explicado, porque, em alguns casos, os universitários pertencem também ao ambiente rural, embora residam e estudem no centro urbano; neste caso, apenas estão no meio urbano durante o período de estudos.

O grupo C se destaca com escolhas lexicais que, em alguns Campos Léxico-Semânticos, não fazem parte do grupo A nem do grupo B, por apresentar lexias mais representativas da prática agrícola, que fazem parte do seu cotidiano e do seu ambiente natural, mas também foi possível detectar que os agricultores utilizam, em seu léxico, denominações científicas de determinados aspectos da agricultura, mostrando que sua prática está associada à orientação técnica.

Enfim, com a análise do fenômeno da variação, pudemos constatar que a fala dos grupos A e C e a fala do grupo C, urbanos ou rurais, são igualmente conservadoras e inovadoras e que as mesmas opções lexicais são atribuídas à fala rural e à fala urbana.

Do ponto de vista do grupo B, o profissional de Agronomia representa o elo de conhecimento entre o engenheiro agrônomo e o agricultor. Essa visão é considerada caso o agricultor não possua conhecimento técnico-científico da área agrícola, que resulta na motivação dos universitários (B) a utilizarem lexias semelhantes às dos agricultores (C).

Nos CLS, observamos que o grupo B revela elementos do meio em que vive como fatores de influência nos comportamentos linguísticos e sociais. A maioria é filho de produtor rural e por isso realiza estudos na área de interesse da família, demonstra sentimento forte de amor a terra e respeito por aqueles que trabalham na área rural.

Para lidar com pessoas que trabalham no campo, agricultores, pecuaristas, os universitários defendem a ideia de que é preciso manter uma imagem em que o receptor se veja retratado, por isso agregam valores característicos do meio em que vivem essas pessoas como o vestuário e a língua para que possam ser aceitos. Assim, são conscientes de que de um lado representam aqueles que possuem o conhecimento científico; de outro, aqueles que vivem no campo e lidam com a terra e que devem ser respeitados, considerando que alguns agricultores possuem o conhecimento prático de gerações anteriores. O grupo B se revela como estudantes focados na profissão e preparados para interagir com outrem, a partir do momento em que respeita o conhecimento oriundo da educação formal e informal.

A educação escolar formal busca se fundamentar por modelos do padrão da língua portuguesa, considerando a variação usual entre interlocutores de grupos sociais, em que se efetiva a comunicação, desprestigiada ou inadequada aos padrões da língua, contudo, percebemos que, na interação, os falantes são capazes de negociar e de dominar várias normas, é o caso dos informantes do grupo C, que, mesmo com educação incompleta, eram capazes de interagir com os outros grupos e até mesmo de aprender conceitos da área técnica.

Neste estudo, os contextos falados em alguns momentos pelo grupo B, formado por acadêmicos de graduação, mostram a preocupação com a norma de acordo com os preceitos da língua e de sua área de estudo, desculpando-se e fazendo autocorreção na fala, como, por exemplo, o informante AI.01AUF5: “assim *eu posso ter umas é/ eu falei **plantadora**? é sementeira... desculpa tá, é que a gente vai/é **semeadura**, eu posso ter **as semeadoras convencional**”]; no entanto, deixa transparecer que o funcionamento concreto e real é aquele que se dá por meio da variação de língua em uso espontâneo por ele e pela comunidade em que se insere.*

Diante de fatos como esses, este estudo permite-nos também refletir a respeito de algumas posições conservadoras ou carregadas de mitos que consideram a linguagem dos falantes rurais como um desvio linguístico, por vezes, negando-lhes o direito de existir como detetores de uma variedade linguística ou simplesmente imputando-lhes a condição de titulares de variedade linguística inferior.

Na perspectiva deste trabalho, observa-se que a amostra, principalmente em referência à educação, privilegiou tanto a língua da cultura letrada quanto a língua popular falada, ou seja, envolvendo universitários e futuros profissionais de áreas de especialidades da agricultura, ainda que possuam uma concepção de língua que toma a norma da variedade padrão como a “verdadeira língua”, não ignoram as demais variedades linguísticas; ou aquele que faz uso de uma variedade que a língua permite não despreza a língua do conhecimento formal e padrão. Neste estudo, estas particularidades linguísticas foram desvendadas no léxico dos informantes dos grupos B e C.

É preciso ressaltar, no entanto, que pretender registrar as ocorrências reais de uso da língua, não significa ter a possibilidade de coleta de todas as lexias e significações possíveis, de modo a exaurir as variações léxico-semânticas que elas adquirem nos vários contextos de fala, por mais significativo que seja o *corpus* de amostragem para o trabalho. Mostra-se relevante refletir que um mesmo significado ou lexia não se repete, mesmo que se trate de uma mesma organização sintática. Sabemos que os acervos lexicais e de significação existem de maneira oculta, armazenadas na memória do falante e que vêm à tona no momento em que há necessidade de uso.

Nas comunidades linguísticas, especialmente nas grandes cidades, os falantes estão em contato direto entre si e isso os impelem a uma troca linguística e, conseqüentemente, a um aproveitamento recíproco das normas. De modo geral, o léxico utilizado por ruralistas pode ser considerado como desprestigiado; no entanto, observa-se nesta pesquisa que essa concepção não se aplica aos informantes, uma vez que é priorizada, principalmente pelo grupo B e que também se manifesta no ambiente urbano local.

A diversidade linguística abrange alguns aspectos como o relacionado à identidade social do falante, e as variantes lexicais dos grupos em questão são uma realidade e existe em função dos contextos de fala em que são usadas, associadas ao ambiente e aos valores dos falantes.

O fenômeno da variação lexical se mostra como instrumento de marca social, atestado principalmente pelos acadêmicos do curso de graduação em Agronomia, mas também pessoas de fora do curso ou da universidade porque acreditam que aqueles que optam pelo curso de

Agronomia precisam de conhecimento técnico da área, em função de herança familiar. Por isso, o curso confere-lhes um valor de prestígio social, tanto acadêmico quanto pessoal, talvez agregado ou correlacionado ao valor pecuniar que se dá ao curso e, conseqüentemente, a tudo que se relaciona a ele, revelando sinal de prestígio e poder, pelas marcas do estrato social, graças ao prestígio financeiro.

A característica de valorização é comum em diversas comunidades, porque a linguagem reflete a sua relevância e prestígio para a comunidade que a utiliza. Para os acadêmicos, a valorização do uso das escolhas lexicais do ruralista confere um valor de prestígio, tanto acadêmico, como profissional, pois o que é agregado ou correlacionado ao mundo rural relaciona-se de maneira direta ou indiretamente ao seu próprio mundo.

Esta pesquisa validou também que, para os grupos A, B e C, a língua é o objeto significativo como veículo de comunicação social, e o seu conhecimento para o uso representa uma necessidade para a intercomunicação entre os falantes, especialmente entre os grupos A e B na área acadêmica e entre os grupos B e C em relação ao campo rural, razão por que as escolhas lexicais dos grupos são bastante diversificadas e transitam do uso técnico da área da Agronomia ao uso específico na fala de agricultores.

De modo consciente ou não, as opções lexicais permitem a interação comunicativa entre os falantes, evidenciadas nos contextos de fala, e funcionam como mecanismo de identidade social, visto que os grupos conseguem transpor os “muros” entre o conhecimento científico e o conhecimento prático.

Além disso, apresentou o usuário da língua, revelando a sua individualidade enquanto pessoa e como profissional de nível técnico ou prático. Por meio do comportamento linguístico de suas escolhas lexicais, perpetua-se a história, emoldura a sociedade e movimenta a língua.

Nenhum estudo está completamente concluído. Esta tese apresentou uma abordagem de um tema que apresenta ainda muitos aspectos a serem analisados. Esperamos ter contribuído e poder inspirar outros trabalhos nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, C. M. S. A lexicologia e a teoria dos campos léxicos. **Cadernos do CNLP**, v. XV, n. 5, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 1332-1343.
- _____. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Org). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012. p. 141-161.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**: gramática – vocabulário. São Paulo: HUCITEC, 1982.
- ANDRADE, M. de A. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 191-200.
- APROSOJA – MS Sistema Famasul, Mato Grosso do Sul. Campo Grande: 2007. Disponível em: < <http://www.aprosojams.org.br/publicacao> >. Acesso em: 5 maio 2014.
- AZEVEDO, D. M. P. et al. **O agronegócio da mamona no Brasil**. 2. ed. Campina Grande. Embrapa Informação Tecnológica, 2007.
- BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **II Simpósio latino americano de terminologia; I Encontro brasileiro de terminologia técnico-científica**, 10 a 14 setembro 1990, Brasília. Anais: União Latina/CNPq, 1990. p. 153-154.
- BASILIO, M. A. Estruturação do léxico na descrição do português brasileiro. In: CARDOSO, S. A. M. et al. (Org). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 463-485.
- BERBER SARDINHA, T. **Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem**. São Paulo, 1999. Disponível em: < www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers40.pdf >. Acesso em: 7 outubro 2013.
- _____. **Que tipo de corpus é a Web?** Revista da ANPOLL, São Paulo, v. 1, n. 15, p.191-220, jul./dez. 2003.
- _____. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.
- _____. A influência do tamanho de corpus de referência na obtenção de palavra-chave usando o programa computacional WordSmith Tools. **The ESpecialist**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 183-204, 2005.
- _____. **Pesquisa em linguística de corpus com WordSmith Tools**. São Paulo, 2006. Disponível em: <www2.lael.pucsp.br/~tony/Tony/home.html>. Acesso em: 18 maio 2012.
- _____. **Lista de palavras de subcorpus da fala**. São Paulo, Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/~tony/temp/bp/bp_txt_fala.zip>. Acesso em: 5 nov. 2013.

_____. **Lista de palavras de subcorpus da escrita**. São Paulo, Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/~tony/temp/bp/bp_txt_escrita.zip>. Acesso em: 5 nov. 2013.

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos da filologia e linguística**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP. 1981, p. 131-145.

_____. Glossário. **Alfa**. São Paulo, v. 28, p. 135-144, 1984. Suplemento.

_____. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

_____. A definição Lexicográfica. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 10, p. 23-43, 1993.

_____. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Araraquara, n. 2, p. 81-118, 1998.

_____. Conceito linguístico da palavra. In: **A delimitação de unidades lexicais**. BASÍLIO, M. (Org.) n. 1, Rio de Janeiro: Palavra, p. 81-97, 1999.

_____. **Teoria linguística (teoria lexical e linguística computacional)**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 13-22, 2001.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G.de. (Org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, p.185-200, 2004.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. de G. (Org). Campo Grande: Ed. UFMS, p. 185-200, 2004.

BIZZOCCHI, A. L. **Léxico e ideologia na Europa Ocidental**. São Paulo: Annablume, 1997.

BLUTEAU, R. **Vocabulário portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v. Disponível em: <www.ieb.usp.br/catalogo_eletronico>. Acesso em: 3 jul. 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. In: TARALLO, Fernando (Org). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Unicamp Pontes, 1985.

_____. Revisitando os contínuos de urbanização, letramento e monitorização estilística na análise do português do Brasil. In: DIETRIC, W.; NOLL V. (Org). **O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual**. Madrid: Iberoamericana/Vervurt, 2004.

_____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegueu na escola, e agora?: sociolinguística & educação.** São Paulo: Parábola, 2005.

BOULANGER, J. C. A propos du concept de “régionalisme”. In: **Lexique** (Lexique et. Institutions) 3. Lille, Presses Universitaires de Lille, p. 125-145, 1985.

BRASIL. Lei nº 5.941, de 28 de outubro de 1943. Cria a Colônia Agrícola Nacional “Dourados” no Território Federal de Ponta Porã, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1943. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/navegue/1943/Outubro/30/secao_1_DOU>. Acesso em: 16 maio 2013.

BRESCANCINI, R. C. A teoria da variação linguística. AGUIAR V. T.; PEREIRA. V. W. (Org). **Pesquisa em Letras** [recurso eletrônico], Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. . Disponível em <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/pesquisa/pesquisa/artigo7.html>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

CABELLO, A. R. G. Aspectos sociais na formação das gírias nas subculturas. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 1, n. 13, p. 1-15, 2001.

CALIXTO, M. J. M. Das formas criadas às formas criadoras: uma análise do processo de produção do espaço urbano em Dourados-MS. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de (Org). **História, região e identidades**. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 291-311, 2003.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística I: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-76.

CASTILHO, A. T. de. Estratégias comunicativas do português falado no Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. et al. (Org). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, p. 293-318, 2006.

CORREIA, M. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In: JUNIOR, M. A. (Coord.) **Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio**. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos FLUL, 2008, p. 73-85. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2008-mcorreia-lexicon.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

COSERIU, E. **Princípios de semântica estructural**. Madrid, Gredos, 1977.

_____. **Teoria da linguagem e linguística geral (cinco estudos)**. Tradução de Agostinho Dias Carneiro, Rio de Janeiro: Presença, 1979.

DOURADOS, Prefeitura Municipal de Dourados - Cidade de Dourados. Disponível em: <<http://www.dourados.ms.gov.br>>. Acesso em: 6 maio 2013.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. Tradução de Izidoro Blikstein, I. São Paulo: Cultrix, 2006.

ETTINGER, S. La variación lingüística en lexicografía. In: HAENSCH, G. et.al. **La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, p. 359-394, 1982.

FERNÁNDEZ, D. A. La lexicografía como disciplina lingüística. In: GUERRA, A. M. M. (Coord.) **Lexicografía española**. Barcelona: Editorial Ariel S.A., p. 33-78, 2003.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. versão 5.0, 3 ed, Rio de Janeiro, 2004. 1 CD-ROM.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, M. B. et al. Variação lingüística: perspectiva dialetológica. In: FARIA, I. H. et al. Lisboa: ed. Caminho, (Org.), **Introdução à lingüística geral e portuguesa**. p. 479-484, (Coleção universitária série lingüística), 1996.

FINATTO, M. J. B. Exploração terminológica com apoio informatizado: perspectivas, desafios e limites. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, ISQUERDO, A. N.; ALVES, A. M. (Org). Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, v. 3, p. 447- 458, 2007.

GECKELER, H. **Semántica estructural y teoría del campo léxico**. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

GENOUVRIER, E; PEYTARD, J. **Linguística e ensino do português**. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

GIL, B. D. Estudo léxico-semântico do amor-paixão em letras de músicas: a predestinação. **Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 33, p. 727-732, 2004.

GOMES, A. S. et al. **Arroz irrigado no sul do Brasil**. Brasília: EMBRAPA, Informação Tecnológica, 2004.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. São José do Rio Preto: IBILCE, UNESP. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>, Acesso em: 12 dez 2012.

GRESSLER, L. A. **História e geografia do Mato Grosso do Sul**. _____.; VASCONCELOS, L. M. (Org). São Paulo: Editora FTD S.A, 2005.

_____. **História do Mato Grosso do Sul**. _____.; VASCONCELOS, L. M.; KRUGER, Z. P. de S. (Org). São Paulo: Editora FTD. 2011.

GUILBERT, L. Peut-on définir un concept de norme lexicale? **Langue Française**, Paris: Larousse, v. 16, n. 16, p. 29-48, 1972.

GUSDORF, G. **A palavra: função – comunicação – expressão**. Lisboa: edições 70, 1995.

HAENSCH, G. Tipologia de las obras lexicográficas. In: _____. et.al. **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, p. 93-187, 1982.

HEAD, B. F. O “dialeto brasileiro” segundo Leite de Vasconcellos. In: **Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade**. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. Edições Colibri, p. 295-315, 1994.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

HUMBOLDT, W. V. **Schriften zur sprachphilosophie**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002. (Werke 3)

HWANG, A. D. Lexicografia: dos primórdios à nova lexicografia. In: **Linguagens em interação III: estudos do léxico**. Álvaro David Hwang; Odair Luiz Nadin, orgs. Maringá: Clichetec, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal. Culturas Temporárias e Permanentes**, Brasília, v. 37, 2010. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/66/pam_2010_v37_br.pdf. Acesso em: 20 maio 2013.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de (Org). **História, região e identidades**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2003.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editoria, 2008.

LEITE, M. Q. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social do léxico. In: PRETI, D. (Org). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: ed. USP, FFLCH, Humanitas, 2003.

LORENTE, M. A Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. de G. (Org). Campo Grande: Ed. UFMS, v. 2, p. 19-30, 2004.

LUCCHESI, D.; ARAÚJO, S. A teoria da variação linguística. **Vertentes do português popular do estado da Bahia**. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em 19 maio 2014.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

_____. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

MARINS, L. G. F. **O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil**. p. 310. 2012. Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. Tradução de Jorge Morais-Barbosa. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1971.

MATEUS, M. H. M. **A mudança da língua no tempo e o espaço**. ILTEC, Lisboa, 1-19, 2005. Disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mhmateus-mudanca_lingua.pdf. Acesso em 20 maio 2014.

MAURER JR., T. H. Linguística histórica. **Alfa**. São Paulo, v. 11, p. 19-42, 1967.

MENEZES, A. P. Colônia agrícola nacional de Dourados – história, memória: considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a C. A. N. D. na região da Grande Dourados. **Revista História em Reflexão**: v. 5, n. 9, p. 1-16, Dourados jan/jun 2011.

MIRANDA, V. M. de. **Léxico e cultura: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis-MG**. p. 263, 2013. Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: **Introdução à sociolinguística** / MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

_____, Relevância das variáveis não linguísticas. In: **Introdução à sociolinguística** / MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: _____. et. al. **Documentos 2** – Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, p. 15-26, 2006.

MORAES SILVA, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Typographia Lacerda, 1813. 2 ed. 2 v. Disponível em: < http://www.ieb.usp.br/catalogo_eletronico>. Acesso em: 12 fev. 2014.

OLIVEIRA, S. M. R. **O léxico da agricultura na interação verbal**. 2004, 2 v. Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

ORMOND, J. G. P. **Glossário de termos usados em atividades agropecuária, florestais e ciências ambientais**. Rio de Janeiro: BNDS, 2006.

POLOMO, S. M. S. Sistema/Norma/Fala e o Ensino de Língua Materna. **Revista Videtur-Letras**, USP. São Paulo, v. 1, n. 7, p. 41-44, 2004.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística: I. objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, p. 12-24, 2002.

PICOCHÉ, J. Les champs lexicaux sémantiques. In: **Précis de Lexicologie française**. 2. Ed. Paris: Nathan, 1992.

PONCIANO, N. P. O processo civilizador do sul de Mato Grosso: a colônia agrícola de Dourados. **Guarapuava: Anacleto**, vol. 2, n. 1, p. 93-101, 2001.

POTTIER, B. **Linguística geral**: teoria e descrição. Tradução de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: USU, 1978.

PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis da fala. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: _____. (Org.). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas, USP, FFLCH, 2003.

REY, A. **La lexicologie**: lectures. Paris: Klincksieck, 1970.

SANTANA JUNIOR, J. R. Formação territorial da região da Grande Dourados: Colonização e dinâmica produtiva. In: **Geografia**. Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências, p. 89-107, 2009.

SAPIR, E. **Linguística como ciência** - Ensaios. Filologia e Linguística. Tradução- Seleção- Notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961. Vol.1.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SCOTT, M. **WordSmith tools Singler User**. Versão 6.0, Disponível em: <<http://www.lexically.net/wordsmith/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

SEABRA, M. C. T. C. de. **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Letras, 2006.

SEIDE, M. S. Migração lexical em textos de divulgação científica. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Org). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.

SILVA, M. B. da. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In: Revista de Letras, Fortaleza, v. 1, n. 28, p. 11-20, 2004.

SILVA, M. C. P. da. **Estudo comparativo dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngues francês-português e português-francês**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2002.

_____. O tratamento da lexicultura nos dicionários bilíngues francês-português. In: MAGALHÃES, J. S. de. (Org.). **XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística**. Uberlândia: ILEEL/UFU, 2008, p. 2021-2026. Disponível em: <www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_434.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2013.

SILVA, M. M. A. da. A ciência da Terminologia: bases históricas e sua importância no século XXI. In: **Linguagem e Interação III**: estudos do léxico. Álvaro David Hwang, Odair Luiz Nadin, orgs. Maringá: Clichetec, p. 95-114, 2010.

TARALLO, F. A. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática. 1986. (Série Princípios).

TRIER, J. **Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes**, Heidelberg, 1931.

_____. Das sprachliche feld. eine auseinander-setzung. **Neue Jahrbuecher fuer Wissenschaft und Jungendbildung**. v. 10, p. 428-449, 1934.

ULLMANN, S. **Semântica** – uma introdução à ciência do significado. Tradução J. A. Osório Mateus, 5.ed, Lisboa, Fundação Caloute Gulbenkian, 1964.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Portal de Bibliotecas UNESP**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.biblioteca.unesp.br>>. Acesso em: 5 abr. 2013.

VASCONCELOS ROCHA, I. N. **A gíria na fala de acadêmicos da graduação em agronomia da Grande Dourados – MS**. 2010. p. 149. Dissertação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2010.

VILELA, M. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.

_____. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

WELKER, H. A. **Dicionários** – uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, R. Léxico y teoria general del lenguaje. In: HAENSCH, G. et.al. **La lexicografia de la lingüística teórica a la lexicografia práctica**. Madrid: Gredos, p.21-94, 1982.

YAMADA, T. et al. **Simpósio sobre nitrogênio e enxofre na agricultura brasileira**, 2006, Piracicaba, SP: Anais do simpósio sobre nitrogênio e enxofre na agricultura brasileira. Piracicaba: IPNI Brasil, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Ficha de Informante

1. A . DADOS DO INFORMANTE:

Nome do informante:.....

Apelido: Idade:.....Sexo:

Estado civil Profissão:.....

Cidade onde nasceu: Cidade onde mora:.....

B. DOMICÍLIO

Morou sempre em:.....

Até aos anos e em.....

C. GRAU DE INSTRUÇÃO:

Ensino fundamental () completo () incompleto

Ensino Médio () completo () incompleto

Ensino Superior () graduando () completo

Pós-graduação: (1) graduando (2) completo

() () Especialista () () mestre () () Doutor

Docente () especialista () mestre () doutor () pós-doutor

D. SITUAÇÃO DA UNIVERSIDADE:

() pública () privada

2. DADOS DOS PAIS

Iniciais do pai:.....

Cidade de origem: Profissão:

Iniciais da mãe:.....

Cidade de origem: Profissão:.....

3. DADOS DO INQUÉRITO

Local:..... Data:

APÊNDICE B - Roteiro de questões para os grupos A, B e C

01. Pode descrever quais são as culturas agrícolas da região de Dourados e aqueles de maior e menor intensidade?
02. O que é comum aqui na região como processo de preparação do solo para o plantio: arar, gradear ou plantio direto? Fale sobre esses procedimentos?
03. Quais e como se realizam as práticas de correção do solo? Uso do calcário, do gesso?
04. Quais procedimentos de adubagem que ocorrem nas culturas da região?
05. No caso de pragas, quais são as pragas comuns nessas culturas e qual o procedimento de controle?
06. E com relação às plantas daninhas, existem aquelas que são constantes nas lavouras ou há novidade? E como controla essa situação na agricultura?
07. Quanto às doenças, que é um outro problema na agricultura, quais doenças ocorrem e quais os processos de controle nas culturas da região?
08. Fale sobre o funcionamento da rotação de cultura.
09. Descreva sobre a integração lavoura/pecuária e lavoura/pecuária e floresta.
10. Quais ferramentas manuais e motorizadas que são necessárias nas práticas de cultivo agrícola da região?
11. Em aulas de prática agrícola, lembra-se de algum fato curioso ocorrido durante atividades envolvendo docente, discente ou uma terceira pessoa que você possa contar?

Para o agricultor substitua o texto da questão 11 por outro:

11. Lembra-se de alguns fatos curiosos ocorridos durante atividades agrícolas ou conhece algum episódio ocorrido que alguém tenha presenciado e contado?
12. Fale sobre a importância da atuação do profissional em Engenharia Agrônômica para a sociedade.

Para o agricultor substitua o texto da questão 12 por outro e inclua a questão 13:

12. Fale sobre as vantagens e desvantagens para o produtor rural na sua atividade?
13. Fale sobre a importância do agricultor para a sociedade.

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Você está convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa intitulado “Estudo comparativo entre o léxico de acadêmicos em Agronomia e de moradores da área rural da Região da Grande Dourados-MS” sob a responsabilidade da pesquisadora Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha. O estudo será realizado com base em transcrições de trechos de entrevistas orais gravadas para investigar aspectos da variação do léxico em uso nas atividades práticas ensinadas no curso de Agronomia nesta região de Dourados-MS, visando contribuir para identificação de uma norma linguística usada nessas situações de contextos e localidade e para o desenvolvimento dos estudos do léxico. Você poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou por telefone, para esclarecimento de dúvida. Você está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. Todas as informações por você fornecidas e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo e, estes últimos serão utilizados somente para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente de o fato destes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Para os entrevistados, a pesquisa apresenta o mínimo de risco e não trará quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações que contribuem para o desenvolvimento dos estudos do léxico. O material da entrevista cedido será armazenado em CD e somente utilizado mediante aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP).

Diante das explicações, se você concorda em participar deste projeto, coloque sua assinatura a seguir e forneça os dados solicitados.

Nome: _____ R.G. _____

Endereço: _____ Fone: _____

São José do Rio Preto, ____/____/2012

Usuário ou responsável legal

Pesquisador responsável

APÊNDICE D – Amostra de transcrições de entrevistas orais do grupo A

Informante:	XXXXXXXXXXXXXXXXXX
Amostra:	AI.03PUN
Data:	29/11/2012
Duração:	27min. 23segundos / Voice Editing 2.0 Panasonic
Dados do Informante:	Masculino, Professor, Instituição particular, Dourados.
Documentador:	Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha
Transcritor:	Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha

Doc.: Professor... pode descrever quais são as culturas agrícolas predominantes aqui na região de Dourados e aquelas de menor intensidade?

Inf.03: É... em Dourados, nos últimos trinta anos... vem sofrendo transformações éh:: agrícolas assim né... que antigamente cultivava-se... tinha-se pastagem, pastagem de cana natural ou cultivada, posteriormente vem introdução das culturas anuais, principalmente soja e trigo... depois de agora de uns quinze, vinte anos pra cá, soja e de uns dez, doze anos pra cá, milho safrinha substituindo o trigo né... e mais recente em algumas regiões aqui na região de Maracaju ainda tem... já se cultiva aproximadamente três mil, quatro hectares de algodão, mas o que predomina na nossa região em relação às culturas é soja na safra... milho na safrinha e em substituição aquelas pastagens degradadas cana de açúcar de uns cinco anos pra cá... que expandiu assim éh:: teve áreas expressivas no cultivo da cana de açúcar, então são basicamente essas quatro culturas assim mais específicas né... seria soja, milho safrinha, cana e algodão.

Doc.: Isso veio lembrar também a agricultura familiar.

Inf.03: Isso,isso,tem... Dourados, eu acho que tem até mais a ser explorado em relação a isso, tem um maior potencial pra agricultura familiar, em se tratando de culturas de áreas de menores tamanho, principalmente pra se trabalhar... eu acredito, com culturas bioenergéticas como algumas coisas que vem tentando sendo implantado aqui... no caso, canola, tem (amanso), girassol... algumas alternativas isso na agricultura familiar né... partindo disso da agricultura familiar por opção de horelículas né... de alface, couve, repolho... eu acho que ainda tem muita coisa a ser explorada... principalmente com agricultura familiar e por que não dizer junto a isso uma agricultura orgânica, acho que tem um campo imenso a ser explorado aqui na região.

Doc.: Nessas práticas agrícolas, se faz uma a preparação do solo... aragem, gradagem ou se faz o plantio direto?

Inf.03: Então ah:: de uns dez, doze anos pra cá... o plantio direto éh:: cresceu muito né... cresceu muito e é uma forma mais... é um tipo de agricultura que ela apresenta níveis de sustentabilidade mais alto do que se quando comparado ao nível de agricultura convencional né, devido a inúmeros fatores éh:: melhora infiltração de água... amenização da temperatura do solo, favorecendo desenvolvimento de micro organismo... liberação de nutrientes da matéria orgânica, então o plantio direto hoje ele tem grandes áreas... tem sido cultivada, entretanto ainda existem ainda produtores que trabalham no sistema convencional... entretanto eu acredito que com o passar do tempo, esse produtores devem adotar o plantio direto também... apesar de alguns que adotaram o plantio direto já fizeram algumas coisas de convencional, mas não deixaram de continuar semeando na palha.

Doc.: O plantio direto ajuda no solo... mas ainda há correção de solo... gessagem, calagem, como são esses procedimentos?

Inf.03: Na verdade é assim... qual qu' é o objetivo da/os nossos solos... se a gente olhar na origem de nossos solos... nossos solos brasileiros principalmente de regiões tropicais, eles são altamente intemperizados, ou seja, eles tão num estágio muito avançado de intemperismo, fragmentação dessa rocha, se a gente pensá(r) que os nossos solos aqui da nossa região, eles são predominantemente argila mineral um pra um, que é a (palomita), e os óxidos de ferro e alumínio, os óxidos de ferro predominantemente... se a gente observar que nossos solos são vermelhos aqui né... apresenta de óxido de ferro... predominante em matita, que dá essa coloração vermelha... os nossos solos são altamente intemperizados e são solos que apresentam um grau de acidez muito alto, e acidez prejudica o desenvolvimento do sistema radicular, então... um dos grande avanços da agricultura no cerrado foi a correção do solo, foi aplicação do calcário, elevando esse P.H. reduzindo a acidez, elevando o P. H., propiciando que o sistema radicular dessas plantas cultivadas aqui pudessem se desenvolver nesse solo, então esses nossos solos, eles apresentam boas características de... são terrenos planos, isso é uma característica de cerrado, principalmente predominante em solos que apresenta latossolo e argissolos, dentro da classificação que predomina na região Centro-Oeste, que é a região de cerrado, então o calcário na verdade o que que ele tem... é pra ele elevar o P.H., reduzin(d)o a acidez, ou seja, reduzin(d)o o teor de alumínio e reduzin(d)o o hidrogênio do solo.

Doc.: E ainda assim, em determinados momento há adubação do solo, quais são esses momentos?

Inf.03: Então, basicamente, aqui... na nossa região, é feita uma adubação, quando é uma área nova, que tá entrando agricultura nessa área, é uma adubação de correção, que seria essa adubação de correção, pra elevar os níveis de fertilidade desse solo aos níveis satisfatório, para que a agricultura possa apresentar um desempenho no mínimo satisfatório, posteriormente isso, posteriormente ter feito uma adubação de correção, nos anos subsequentes são feitos o quê... adubação de manutenção, ou seja, por exemplo, vou semear soja... um dos grandes avanços da agricultura, talvez senão um dos maiores avanços da agricultura mundial foi a fixação biológica... ne(em) culturas leguminosas, que é feita através de uma bactéria chamada (bradirrisoda), essa bactéria ela capta nitrogênio da atmosfera, nós temos aproximadamente oitenta, setenta e oito por cento de nitrogênio na atmosfera, ela capta nitrogênio da atmosfera e fixa pra ela e disponibiliza para planta, então nitrogênio em soja, geralmente, não se faz, se faz inoculação da semente com essa bactéria fixadora, no caso de fósforo e potássio, como é feito, ele é feito uma adubação fósforo por ele apresentar uma baixa imobilidade no solo ele é feito no momento do plantio, e o potássio ele é feito uma aplicação éh:: de potássio pode ser feito no momento de plantio junto com o fósforo ou pode ser feito a lanço, entretanto eu como da área de solo já não recomendo potássio seja feito a lanço, prefiro ele na base da hora da semeadura do ele feito numa aplicação a lanço, no caso do milho né, o milho cultivado em safrinha, feito fósforo e potássio na hora da semeadura, vai o carrinho com as sementes e ao lado um carrinho já distribuindo o adubo no solo né, geralmente ela tá cinco centímetro ao lado e cinco centímetro abaixo da semente, e no caso do milho posteriormente quando a planta estiver com quatro a cinco folhas, fazer uma aplicação de nitrogênio via cobertura, isso é o que tem sido feito na nossa região.

Doc.: Professor, fala um pouquinho sobre o que é a rotação de cultura?

Inf.03: Então, éh:: nós resolveríamos assim... vou jogar por baixo noventa por centos dos problemas da agricultura, principalmente com pragas e doenças e planta daninhas, esses três fatores militantes, com esses três, nós resolveríamos aproximadamente noventa por cento dos nossos problemas, se os nossos produtores adotassem sistema de rotação de cultura, porque o que que é comum aqui, aqui na nossa região é comum fazer o que, sucessão de cultura, o que que seria sucessão de cultura, é diferente de rotação, sucessão é o que nós fazemos aqui, é soja na safra e milho na safrinha, o que que seria o correto, seria soja na safra, milho na safrinha, o ano que vem aqui na onde pôs soja, fazer uma crotalaria, uma adubação verde,

uma outra cultura, um girassol, ou feijão, uma outra espécie, e depois na onde foi milho, fizesse trigo ou uma outra espécie, então no Brasil nós resolveríamos noventa por cento dos nossos problemas, do ponto de vista fitossanitário, se fosse feito rotação de cultura, entretanto são poucos os produtores que adotam essa técnica né... nós temos o hábito de fazer sucessão de culturas ao invés de rotação de cultura.

Doc.: Então vamos falar sobre esses problemas que acabam ocorrendo, quais são os tipos de praga comuns nessas culturas aqui e que tipo de controle se faz?

Inf.03: Então... aqui... eu não vou talvez dá nome específico pra cada tipo de praga... mas vou falar sobre os estágio fenológico das culturas, nós temos pragas de solo, que atacam diretamente a semente, vão reduzir germinação, reduzir vigor... nós temos praga de estágio vegetativo, nesse caso, seriam principalmente o que, as lagartas né... ela fazendo consumo da folha no estágio vegetativo, no estágio reprodutivo, no caso da soja nós temos um problema sério com percevejo, então o ano passado nós tivemos um caso seríssimo com o percevejo... todo eles especificamente na cultura da soja, e mais e... isso pensando em praga, pensando-se em doenças, nós temos doença também questão do fungos que estão no solo e que podem... atacar essas sementes e causar redução de germinação, nós temos já em menor proporção quando comparado com pragas, fungos que atacam a planta no período vegetativo, entretanto, quando ocorre período reprodutivo no caso da soja nós temos aquelas doenças que nós chamamos de doença de final de ciclo né, nós temos uma mancha angular, no nosso problema mais sério ferrugem tá... de doença, ferrugem... então seriam aí essas doenças, em relação a manejo, manejo de controle né, o que tem sido feito aqui na nossa região é basicamente é o uso de defensivo agrícola né... e... uma coisa que nós temos... que é um consenso entre as Instituições de Ensino aqui é despertar nos nossos alunos a ideia de trabalhar com manejo integrado, no caso de pragas, ou de doenças ou de planta daninha, o que seria isso, não trabalhar só com o defensivo agrícola em si né, mas trabalhar com outras técnicas que proporcione, por exemplo, no caso de... sei lá... de uma lagarta, a liberação, às vezes, de um inimigo natural dela, pra ter não somente o uso de um produto químico.

Doc.: O que é agricultura de precisão?

Inf.03: Então, agricultura de precisão, ele é, na verdade ela é adoção de várias técnicas... adoção de várias técnicas tentando identificar limitação de uma mesma área, que apresenta uma heterogeneidade para transformar essa heterogeneidade em uma situação homogênea, então o que que é comum dizer... o que que é um dos conceitos básicos de agricultura de precisão são variabilidade espacial, o que variabilidade espacial, por exemplo... o teor de fósforo, o teor de potássio eles variam no espaço né, ele varia no espaço, e através de ferramenta geo estatísticas hoje e através de sistema de posicionamento global tem como você referenciar um ponto, coletar amostra de solo naquele ponto e vários pontos na área geo referenciado e montar um mapa disso pra fazer uma distribuição espacial nesse teores de nutrientes para posteriormente estarem... e a gente sabe que ocorre essa variabilidade e qual quê(r) a ideia então é tornar essa variabilidade mais homogênea, reduzir essa variabilidade, reduzir a variabilidade espacial que existe tá, por exemplo, teores de fósforo, geralmente onde há baixo teor de fósforo, tem baixa produtividade, onde tem alto teor de fósforo tem alta produtividade, na onde tá apresentando baixo teor de fósforo que qu'eu vou adotar, vou adotar um manejo de adubação mais específico naquele sítio, naquela zona, pra fazer o que, pra elevar aquele nível pra que no mínimo seja muito próximo a esse nível aqui, então que qu'eu tô reduzindo a heterogeneidade, tô fazen(d)o o que tô tornando ela mais homogênea.

Doc.: Falando milho e soja dá a imagem de grandes lavouras né, mas aqui também como já falou há agricultura familiar, como é o manejo de uma cultura pequena?

Inf.03: Então, eu até ministro essa disciplina de agricultura de precisão, e eu falo que agricul/ por isso que eu dei ênfase quando iniciei a falar de agricultura de precisão, que elas são técnicas... a junção de técnicas pra serem aplicadas numa área, então eu posso aplicar

agricultura de precisão numa área pequena, de pequena agricultura familiar posso, na verdade... na verdade esses agricultores de pequenas áreas eles já adotam agricultura de precisão, por que, porque eles fazem manejos mais localizados, o que que é agricultura de precisão é fazer isso, é fazer os manejos, você tentar elevar o nível de fertilidade de algumas zonas que tão apresentando baixa fertilidade e elevar um pouco mais para (inint.) tá compatível com os outros, então a agricultura de precisão não só pode como deve ser implantada na onde não tá implantada ou ser melhorada na onde já está sendo implantada em áreas pequenas também não tem problema nenhum é tão comum isso que num dos slides de minha aula, eu coloquei o que que é comum a gente vê agricultura de precisão no momento de fazer geralmente a referência de um ponto, um quadriciclo, uma máquina, um quadriciclo, o que eu coloquei pra eles, eu coloquei a imagem de um cavalo, com um produtor montado no cavalo, com um G. P. S., ele tá geo referenciando um ponto, que que ele tá fazen(d)o, aquele ponto que ele gravou ali é a mesma coisa se ele tivesse num quadriciclo, não vai torná-lo diferente, ((telefone toca, pausa)), costume falar assim... até essa minha última aula, eu mostrei pra eles o seguinte, falei assim o que que vocês acham que já existe na agricultura, ah eu acho isso, meu amigo você está completamente enganado, hoje eu falei pra eles, hoje nós temos.... aviação não tripulada né, que que é são aviões pequenos, desses que a gente costuma brincar, que ele vem com uma câmara embaixo, ele sobrevoa uma área, fazen(d)o captação de imagem, então o que é que ele identifica, por índice de reflectância, ele pode determinar teor de nitrogênio na planta, já nos Estados Unidos têm um encontro internacional chamado (mecatrônica fire), que são estudos mecatrônica sendo aplicados na agricultura, então ho/daqui no máximo há dez anos nós não temos... não estaremos mais coletando amostra de solo como é comum hoje, a gente encontra lá... o que que vai ser, vai ser um sensor que vai passar esse sensor sobre o solo identificando quais são os teores de solo, então vai eliminar essa mão de obra que nós vamos ter pouco de coleta de solo né, e laboratório vai ser tudo automático, vai ser o que a gente chama de varredura, vai varrer uma área, vai fazer uma xérox da área.

Doc.: O humano aparece pouco nessas grandes lavoura, é mais no pequeno, onde ele aparece?

Inf.03: Então, na verdade, ele tá presente, mas quem que vai tá presente é aquele que tá qualificado, e é uma tendência da agricultura nacional, se a gente... se nós pegarmos dos dados do I.B.G.E., hoje, aproximadamente, oitenta por cento da população brasileira, oitenta por cento da população brasileira é urbana... vinte por cento é rural.

Doc.: Por isso que alguns estão fazendo o caminho inverso.

Inf.03: Então, e o que que eu... até eu converso muito com meus orientados, o que que eu comento com eles, falei assim, hoje, tu sabe o que é que ele vai ser, tu vai tê(r) que ter um perfil de profissional, que você além de ser o profissional, consultor de uma fazenda, tu vai ter que às vezes fazer o papel do filho daquele produtor, por que, o que que tá acontecendo, o filho dele tá vindo pra cidade, estudar, tá se formando e ficando na cidade, e ele tá sentido o que, ele tá sentido carente, falta de alguém às vezes pra falar coisa até da vida pessoal dele, e é aí, eu falei pra eles, eu falei é aí que você tem que ter discernimento como profissional pra saber lidar e dessa situação, então nós temos que ter perfis de profissional diferentes hoje no campo, o perfil de um profissional de hoje não é o que é de dez anos atrás, e o que vai ser daqui a cinco anos.

Doc.: Fale um pouco sobre a integração lavoura/pecuária e integração lavoura/pecuária e floresta.

Inf.03: Então... floresta é, assim integração lavoura/pecuária/floresta ele já é uma coisa uma pouca mais recente né, tudo se iniciou pensando-se em... o que... qual que é o grande problema... por que se iniciou a integração lavoura/pecuária, porque era o seguinte, as pastagem foram plantadas ai há trinta e cinco, quarenta anos atrás, e elas vinham sofrendo assim degradação com o passar do tempo, o animal come, exporta, leva, transforma aquilo lá

em carne e leva embora, e geralmente esse pecuaristas não faziam um manejo desse solo, ou seja, não adubava, não fazia correção, então... e o que o integração propôs né, que eu entrasse com a cultura né, fizesse na área onde tava precisando pastagem, trabalhasse uma cultura, soja ou milho boa ou outra cultura, e aquela adubação residual, que a soja não exportou, ficasse disponível para a pastagem, além do que... além daquele material que ela utilizou para o seu desenvolvimento, a hora qu'ela efetuasse a colheita que viesse aquela palhada ao solo, aquela palhada decompondo liberava os nutrientes para o solo, consequentemente para as plantas posterior a adoção da pastagem de novo, aí se iniciou então o sistema integração lavoura/pecuária, e é um caminho principalmente pras nossas região aqui, que nós sofremos ai com algum... com o veranico né, ou seja, um período... longo de falta de chuva, e essa palhada da integração lavoura/pecuária, essa palhada fornecida pela braquiária, funcionando como um melhorador do ambiente, de que forma, retendo mais umidade do solo, e amenizando a temperatura do solo também, tornando ela mais amena, então é uma técnica assim... que deveria ser ainda expandida não ficar só na nossa região aqui, regiões como Pará, como Rondônia, como Norte do Mato Grosso, éh:: Maranhão, algumas regiões do Maranhão éh:: deveriam mais adotar essa técnica né, porque o que que eles fizeram há trinta, quarenta anos atrás, derrubaram a mata, jogaram as sementes em cima das cinzas, essa pastagem vem, o que que eles fazem, olha pro animal como, exporta, daí que que eles fazem, eles queima, só que quando queima volatiliza grande parte dos nutrientes, então por isso que a cada anos vem degradando mais, degradando mais, degradando mais, e daí agora mais recente né integração lavoura/pecuária/floresta veio com a ideia dessa interação, juntar ainda mais um sistema que seja... que apresente níveis de sustentabilidade e que gere um retorno também para o produtor né, que seria a utilização de madeira junto no sistema.

Doc.: A cana tem uma diferença de plantio em relação ao milho, você falou em queima, lembrou a cana, tem um outro processo aí?

Inf.03: É... na verdade, a queima hoje já quase não é mais utilizada na cana né, assim é uma atitude um pouco mais consciente já né, mas ainda existem muitas coisas a ser melhorados, a cana... a gente... a gente não, mas quem não tem um conhecimento mais aprofundado do assunto, tem-se tem a ideia de que ela empobrece o solo né, isso é um mito na verdade, por que, porque hoje quando se pensa em sistema de manejo do solo, em relação a adubação, adubação e manejo e conservação do solo, técnicas de manejo e conservação do solo como terraço, como sistema de contenção de água, sistema de infiltração de água, nada, nenhuma cultura é tão eficiente como a cultura... com o sistema de manejo e conservação de solo como a cultura da cana de açúcar... então a cana de açúcar ela tem ganhado os espaços que ela... que eu acredito que deve ser o correto, que é em área de pastagem degradada né, não em substituição a soja, mas em principalmente em área que tavam com pastagem há muito tempo degradada, acho nessas áreas que a cana deve entrar mesmo.

Doc.: Fale sobre a importância do agrônomo pra sociedade.

Inf.03: Vou defender minha classe é lógico, mas eu acredito que o agrônomo é mais importante que o médico... parece até... nossa, mas cê tá comparando com um médico, mas não, mas eu digo assim, porque, hoje, o Brasil só atingiu o patamar agrícola que o Brasil atingiu, devido principalmente os técnicos agrícolas de ensino médio, interior de São Paulo tem muitas escolas agrícola de renome que formaram profissionais excelentes, aos agrônomo, aos agrônomos em geral e agora já puxando um pouco mais pro meu curso e esses cursos tecnológicos na área né, há poucos instantes, tava conversando com um orientado meu, e a gente conversando, e ele conseguiu um emprego em próximo a Comodoro, em Mato Grosso, e ele vai ficar noventa quilômetro próximo da cidade, numa fazenda de doze mil hectares, e eu falei assim, V., rapaz óh pouca gente teria essa coragem que tu tá ten(d)o, por que, porque nós... a nossa geração é uma geração urbana, e eu falei assim, você tá fazendo o processo inverso, eu falei pra ele, espero que você se firme lá mesmo, espero que você vá e fique

realmente, por que, porque daí a gente começa a fazer o processo inverso, porque que que nós fazemos, o filho desse produtor, o filho do gerente dessa fazenda, eles não tão lá, o que que eles fizeram, vieram pra cidade, então eu acredito assim... eu acho que sem o agrônomo o Brasil não... se a gente pensar que... o PIB nacional é dependente (inint.) todos os fatores desde as indústria de máquinas, indústria de defensivos, consultorias tudo aí com aproximadamente cinquenta por cento do PIB, nós estamos, nós estamos assim... éh:: sendo o elo dessa corrente né, fazendo com que o Brasil tenha atingindo esse patamar justamente devido a esse profissionais e justamente devido a essas situações, por exemplo, nós temos uma fronteira agrícola em Luiz Eduardo Magalhães, na Bahia, nós temos uma fronteira agrícola em Balsas, no Maranhão, e se não tiver esse profissional que vai pra lá auxiliar o produtor com manejos e técnicas mais corretas, não vai atingir esse índice de produtividade satisfatório, não atingindo, produtor não vai condição de custear a própria produção dele.

Doc.: Muito obrigada F. pela sua disponibilidade e generosidade.

APÊNDICE E – Amostra de transcrições de entrevistas orais do grupo B

Informante:	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Amostra:	AI.01 AUF5
Data:	14/11/2012
Duração:	50min. 33segundos / Voice Editing 2.0 Panasonic
Dados do Informante:	Masculino, 23 anos, graduando, 5º ano, UFGD, Dourados.
Documentador:	Ioneide Negromonte
Transcritor:	Ioneide Negromonte

Doc.: Éh:: você pode descrever quais são as... as culturas agrícolas aqui da região, o que é comum, éh:: e se puder, falar sobre aquelas que são de maiores intensidades, que são mais praticadas e aquelas menores e por que são de maior ou de menor intensidade aqui?

Inf.01: Nosso Estado da verdade e região ele, eles mantin/ alguns dizem monocultura, mas não são bem monoculturas né, e as culturas mais importantes são soja, milho um pouco do trigo e poucos agricultores acho que nem colocaria como cultura importantes, mas alguns poucos agricultores tam(b)ém cultivam é como milheto, éh:: muito poucos girassol, cê vê tam(b)ém, mas é pouco éh:: triguilho, mas o triguilh/ utriticalhu já... sinceramente eu não vejo mais, são culturas que estão esquecidas já por não ter éh:: rentabilidade, mas ainda algumas pessoas persistem né, são pouquíssimas pessoas, e temos também outras culturas como hortaliças em geral né, é na parte de horticulturas que é praticada por pequenos agricultores porque essas chamadas por nós grandes culturas não são éh:: viáveis a pequenos agricultores, elas são/não possui rentabilidade pra pequenos produtores cultivá-las, então daí eles partem pra culturas em que eu preciso de um trato cultural mais acirrada vamos dizer assim trato cultural, um pouco mais manual e qui realmente pra pequeno agricultor, agricultor não seria viável porque não teria como/ é a mão de obra ficaria muita cara, e então não compensaria então fica a hortaliça em gerais, algumas é frutíferas rasteiras como abóboras e entre outros e alguns locais do estados não me lembro agora a região, mas em alguns locais do estado possui a fruticultura a:: dentre elas a mais usual é a goiaba, e também tá entrando agora a cana de açúcar né, mas a cana di açúcar, ela só é viável pus su/ sucaalcoleiros é uma palavra complicada de falar né ela si é mais viável para o sucoalcoleiro, então não é realmente o agricultor em si qui cultiva essa, esse, essa planta vamos dizer assim sim a as usinas, os agricultores perdem temporareamente é alugam vamos dizer assim né, a gente fala que eles arrendam suas terras pra essas usinas trabalharem, i:: aí depois nós temos outa categoria de culturas tirano a pastagem né, a pastagem ela também é bem difundida, mas a pastagem ela é uma cultura utilizada pra o pra /pu gado né, ela é uma cultura quem nem toda outras tem que tê(r) toda uma manutenção, mas é chamada de cultura perene, ou seja, ela tem um tempo longo indeterminado dentro do campo dependendo do seu manejo, ela pode durá(r) um ano ou pode durá(r) dez, quinze anos dependendo do manejo qui você quer e qui você dê a cultura né, é a/além da pastagem, dentro da pastagem tem inúmeras, nem teria porque te falar, dentro da pastagem, depois temos culturas utilizadas pra:: é:: como é qui eu vou dizer pra você, culturas utilizadas pra... é:: um nome mais fácil né é:: pra incubir o solo, vamu dizer assim, (inint) são culturas utilizadas pra... me fugiu o nome agora da técnica só que a função dela não é exatamente/a rentabilidade dela não está exatamente ao colhê-la, que você não vai colher essa cultura, qui dentre elas temos o nabu forrageiro, você planta, mas você não colhe, ela só vai deixá(r) palhada no solo, na época do nabu não tem palhada, é pra você cubri o solo, não deixá-la limpo por um período de tempo muito grande, temo também a er/ é alguns cama de ervilhada, outros chamam de ervilha mais a função dela é essa, é deixar a palhada sobre o solo e fertilizar o solos é muitos usam como fertilizante verde, tá entenden(d)o, porque ele captura o nitrogênio que deixa o solo (inint) depois e também muitas pessoas não

usam como pasto, mas coloca cultura seria pra pastagem só pra cobrir o solo, a função dele não é colocar o gado depois, é só deixar palhada no solo, então daí teria essa outra função da pastagem também, e também tem outras culturas usadas como adubo verde, é culturas que eu tenho certeza que não conheço, é na verdade cada dia que você vê (inint) essa cultura, eu não conheço vai vê(r) é adubo verde eh:: as vezes porque adubo verde em si nem toda cultura é um adubo verde entendeu, mas o que usa-se como adubo verde é tudo que você põe no solo com a intenção só de melhorar o solo, você não tem a intenção de colher depois, é ela é rentável, ela é rentável tá longo prazo, ela não vai te dá(r) rentabilidade agora em relação a culturas em si, cultura você plantou colheu, começa a ter rentabilidade ela não você vai plantar e ela vai dá(r)/ a rentabilidade dela de melhoria do seu solo automaticamente melhorou seu solo a longo prazo vai tê(r) rentabilidade noutras cultura.

Doc.: Todas essas culturas que você tem falado acontece aqui na região que/ em torno de Dourados?

Inf.01: Acontece, é lógico que todos produtores fazem, não, mas se você for procurar na região de Dourados ou até do Estado você encontra alguém fazendo uma coisinha ou fazendo outra, tá entendendo, o custo mais eficiente, outros com menos eficiência mas.. você acha, sempre acha alguém fazendo ou alguém experimentando, então os adubos verdes é bem menos, menos entendeu, hoje por uma conscientização maior, as pessoas estão fazendo mais mas ainda continua menos, só que fazem, só que é a questão eu não posso te contá(r) com adubo verde planta isso ou cultura xix ou ypsilon e zê porque é muito variado então eu não posso afirmar/ ainda não posso afirmar nada, mas que fazem, fazem.

Doc.: O que é comum aqui na região como processo de preparação do solo, né, é o arar, é o/ você mesmo que falou pra mim, é o gradear, plantio direto, agora me interessa como acontece esse procedimento de... corrigir o solo, o que se faz de modo geral?

Inf.01: Correção ou preparo do solo são duas coisas diferentes ¹[**Doc.:** então vai em prática de correção do solo] de correção ²[**Doc.:** de correção] olha a prática de correção do solo normalmente inicia-se com você saber como está seu solo, é mesma coisa que criança na:: no primário começa que eu vou corrigi-lo sem saber o problema, eu num/não tem como, é inviável, eu corrigir sem saber qual é o problema, ou qual/ uma máquina como é que eu vou corrigir um defeito dela sem sabê(r) o problema dela, e o solo é a mesma coisa, primeiro eu tenho de descobrir qual é o problema do solo pra depois eu corrigi-lo, isso se dá por análise você coleta amostra/ é uma análise do solo em várias partes que uma análise de solo não me diz tudo, entendeu, você manda pra laboratório, o laboratório vê o que eu já tenho no meu solo imagnésio e todos componentes vamos dizê(r) assim, ele retorna essa resposta pra mim, e a partir dessa análise eu vou vê(r) qual seria a melhor correção... entendeu... só pretendo também correção básica, entendeu, todo solo precisa basicamente de alguns componentes, vamos dizê(r) assim os componentes básicos, que sem eles praticamente não produz, precisa de todos outros precisa, mas não os mais vistos assim pelo agricultor e também pelos agrônomos em geral, que componentes são o cálcio, magnésio, fósforo, potássio e nitrogênio, cinco componentes básicos, o cálcio e magnésio, ele vem através da calagem, quando você põe calcário no solo, essa calagem também eu vou fazê(r) conforme a tabela me indicou entendeu? e depois eu tenho outros três de sobra, então o que eu faço, eu faço a calagem, que ela consiste em juntá(r) o calcário e depo(i)s... se minha intenção é plantio direto, eu só joga o calcário, se a minha intenção é incorporá(r), eu joga calcário e que a gente faz, a gente passa a grade niveladora, é uma grade que ela não (juga) destruir o solo, mas ela vai precisar ajudá(r) e tratá(r) o solo, é... depois que eu fazê(r) a prática da calagem eu... junto cultura na hora/ como/ plantar cultura eu faço (pra ajudá a adubação) que é por outros três nutrientes que não estavam na calagem que daí consiste em fósforo, potássio e nitrogênio, conforme pedido do solo também, e para cultura, porque o interessante é a calagem só leva em consideração o solo, a na adubação ela é (demonstração) do solo a cultura que eu vou

plantá(r), porque a calagem é... o que é que a gente faz, a gente mei qui de satura o solo, a gente põe o que o solo não precisa, porque o cálcio e o magnésio ele quase não se perde, ele se perde, mas não tanto quanto outros componentes, tão coloquei, beleza, ele pode durá(r) um ano, dependendo do jeito qui você fizê(r) dois, entendeu, porém se sua intenção é melhorá(r) o solo seria interessante cê fazê(r) todo ano... é o qui os produtores fazem todo ano, aí depois eu vou levar em consideração a cultura para fazê(r) a adubação, cada cultura é exigente mas, mais ou menos em um componente, o soja por exemplo ele não necessita do nitrogênio, quando você faz, você não põe, ou seja, você põe potássio e fósforo, e zero de nitrogênio, já o milho se eu não pôr nitrogênio eu não tem produção, ele necessita de nitrogênio, então daí eu vou levar em consideração a cultura que eu vou implantar pa fazê(r) a metade de adubação.

Doc.: Como você falou tanto sobre a calagem, você poderia me dizer o que é mais comum aqui ou não?

Inf.01: Não, né que é... a calagem ela é e adubação ela seria o arroz com feijão, éh:: cê tem qui fazer, entendeu? se você não fizê(r) um ano, talvez você não vai vê(r) diferença, mas no segundo você já vai vê(r), e cada vez esse solo ficará exaurido se você não fizer essas duas práticas.

Doc.: Essa é pra correção, e pra ¹[**Inf.01:** a correção básica] é básica e pra fazer ²[**Inf.01:** tem o(u)tras correções também] quer falar sobre elas?

Inf.01: São inúmeras, vai só qui/ outra correção químicas que o pessoal fazem é a...vulgarmente chamado de gestagem, é condo se usa gesso, a função do gesso ele não corrige em termo de pôr, ele não põe elementos no soja, ôh desculpa, no solo ele não põe elementos químicos no solo, o que ele faz, ele faz com qui a os elementos tóxicos, ou seja, o alumínio, o elementos tóxico qui nós possuímos no nosso solo, ele neutraliza esses alemento e deixa (inint) tóxico, entendeu? então seria um é/a função dele não é pôr os elemento qui ta faltando e sim não retirar porqui ele não consegue retirar, mas ele neutraliza o elemento tóxico do solo.

Doc.: Isso é pra correção, e pra preparar essa terra para o plantio?

Inf.01: Então, aí é outra coisa, tudo queu vô(u) fazê(r) eu tenho de vê(r) pra quê, dentru du...

³[**Doc.:** pense naquilo que é comum aqui, o que se faz mais] é isso eu to te dizenu, dentro do setor di... é produção agrícola não existe um... vamu dizer assim, uma receita, é não existe uma receita pronta, porque se existisse uma receita pronta não precisaria do agrônomo, tá entendem(d)o? éh::... era só eu pegar a receitinha e fazer, mas não existe, eu tenho qui ver o qui eu quero, o qui qui eu quero no meu solo, o qui com a vida do meu solo, qui queu queru na minha cultura e outra coisa quando você opta por isso e você faiz, você com certeza não vai fazê(r) o certo, porque sempre tem alguma coisa qui você não sabia ou qui não lhe informado, intão na verdade pra ter um bom processo é... é contínuo, faço um ano, vejo onde errei, corrijo erro, faço otu ano, vou corrigino, a correção do solo é uma constante, é que nem o indivíduo, ele num vai sê(r) corrigido totalmente na primera vez, ele é constante, só qui eu posso fazê(r), prime(i)ra coisa eu vou vê(r) o qui qui meu solu é, ele é primeiro ano, ele foi estocado agora, ele foi é primeira implantação de cultura, intão eu vou pegá, fazê(r) a correção de primeiro (plantiu) que seria usá(r) aragem, usá(r) arados, que'u vô quebrá(r) é.. alguma... é... comé que'u vo(u) dizê(r), alguma superfície compactada que eu tem, ela vai sê(r) quebrada depois vem a gradagem , e dep/eu posso tamém usá(r) a subsolagem, isso para o primero anu, o qui queu vou fazê(r) com isso, eu vou litreralmente distuir tudo conté imperfeição seja ela orinunda do solu, eu vô(u) de(i)xá(r) esse solo mais plano, em relação ao qui estava antes, melhorando a minha mecanização, se fô(r) um solo que é proviniente de mata antigamente, eu vou fazê(r) coleta ou de pedra se tem, na Grande Dourados pedra não tem, mas ao redor de Dourados pode haver, se tiver pedra eu vou fazer a catação manualmente e tam(b)ém colocá(r) a gente pra/é de pedra se houver, é.. de restos da mata como de lascas, raízes, eu vou fazer essa catação qui é para não atrapalhar minha

mecanização, após essa catação, si eu quisê(r) possu fazê(r) outo processo de gradagem, qui qui vai fazer, vai fazer com qui algum resto dessa cultura que esteja abaixo do solu venha pra cima e eu faça uma nova catação e depois (inint) selvagem, ou seja, essa primeira plantação, ela é demorada, cê tá intenden(d)o, aí eu vou ver... fazê(r) minha análise, aí eu vou fazê(r) análise de solu, fazer novamente a correção, novamente não disculpi, aí eu vou fazer a correção, corrigir essi solo, aí eu vou implantar minha primeira cultura, observando no primero ano ele é um plantiu convencional, não tem como eu fazê(r) um plantiu direto, porque num tem nada (inint) no próximo... ano ou na próxima cultura eu posso repetir um plantiu convencional pra que surja novamente novos restos da mata e eu possa catar de novo ou se eu achar qui.../vamu diz/ é... ao invés de uma mata ou uma pastagem degradada não vai ter é... praticamente resto de mata nenhuma, então eu não preciso fazê(r) de novo, eu já posso entrá(r) pro plantiu direto, como praticamente toda região de Dourados já tá implantada, então esse primero processo praticamente eu não tenho, então o que qui os agricultores prefere, já entrá(r) com o plantiu direto, porqui eu tenho economia de combustível, economia de mão de obra economia de tempu e... eu possui é... até hoje o plantiu direto é considerado o melhor a se fazer... para grandes culturas, para grandes culturas.

Doc.: O que é exatamente esse plantio convencional e esse plantio direto?

Inf.01: Intão... exatamenti... plantiu convencional seria como o nome já diz, é o qui fez há muitos anos, e que tornou o nome convencional, que é o literalmente, fazê(r) o arado, a gradagem, a subsolagem e depois plantar, o convencional eu não faço esse processo de ará(r), de gradiá(r), planto em cima da palhada, só que há uma questão este é equivocadamente chamado de plantiu direto, plantiu direto em si, ele tem esse processo, mas tem otos processos que seria, é... eu não posso revolver o meu solo, ou seja, não usá(r) o plantiu convencional, e eu tenho qui fazê(r) a rotação de cultura, o qui qui é, se eu plantei uma cultura este período, eu tem qui olhá(r) essa cultura, ela é uma oliaginosa ou não, se eu plantei um olaginosa, na próxima plantio que será depois de seis meses aproximadamente, não pode sê(r) oliaginosa, no outro ano eu tem qui plantá(r) uma aluginosa, mas uma aluginosa que não seja do mesmo valô qui eu plantei, oliagi/nossa... é... oliaginosa entra soja, entra feijão, é tem uma classe de cultura qui entra, a gente chama de todas culturas de folhas largas, elas são oliaginosa, é... porque a diferença de uma oliaginosa e de uma não oliaginosa é... é o jeitu qui ela explora o solu, as raízes de aluginosa explora diferente do que as raiz de uma não aluginosa se eu explorá(s) o solu so de uma maneira, só de uma maneira é complicado, eu tenho qui explorara de várias maneiras, e o qui uma oliginosa precisa de nutrienti de solu é diferente de uma não oluginosa, intão por isso qui a deveria du plantiu direto é você trocá(r) de cultura, você não pode voltá(r) a plantá(r) a mesma cultura em quatro safra, você tem qui plantá(r) patru cultura diferente, ou seja, dois anos pra voltar a primera cultura, cê tá intenden(d)o ou seja, ninguém faz realmente plantio direto... u pessual fala ah eu faço plantiu direto blá blá, não, esse não é plantiu direto, esse é falado de plantiu (pasto) mínimo ou plantiu mínimo.

Doc.: Pensando ainda aqui na região de um modo geral e aquilo que é predominante na cultura, no caso de pragas, existem as que ao comuns em função dessa cultura e como se realiza esse controle, praga no sentido de planta daninha, de doenças, qualquer tipo de doença, que seja uma praga, o que é comum e o tipo de controle que se faz?

Inf.01: Eu vou batê(r) numa tecla... praga... pra nós, tudo qui atrapalha/não pra nós agrônomo, pra nós é qualquer pessoa, o qui qui as pessoas intende por praga, tudo qui atrapalha você, só que pra agricultura o terrô praga é ixatamente condo eu digu praga no sentido de inseto... em geral, não só inseto esse aracnídios, mas animais em si, cê tá intenden(d)o, de pequeno porte qui entra os inseto, aracnídeo, ácaros, cê tá intenden(d)o, em geral, isso é uma praga, as plantas daninhas, ela é uma praga, é uma praga, mas só ela não é usada em praga, é planta daninha, praga, planta daninha e doenças, são três faces, cê ta intenden(d)o, denti... – aí... isquici a pergunta.

Doc.: Esse controle, o que é comum aqui na região em função da cultura e como se controla isso?

Inf.01: Uma coisa qui todú mundo tem qui aprendê(r), tudo dependi da cultura, vamu falá(r) primero das grandes cultura, antes os três o comum é o controle tanto de planta daninha, praga e duenças é o controle químico, ou seja, eu detecto o problema no seu início, porqui se ele tive avançado, o controle é difícil, é caro e ainda por cima pode não ser eficiente, então qui qui acontece, primera coisa pra qualquer um dos três é estar presente, estar olhando, não é assim aconteceu agora não... tem qui tá olhando no início, antes de acontecer praticamente impossível né, então tem qui tá olhandu, começou o problema eu vou lá e faço a intervenção, intão pra os três... eu olhei, vi o problema, vou fazê(r) a intervenção, existe inúmeras intervenções, mas que nem você me perguntou qual a mais usada, a mais usada aqui é intervenção química, é usá(r) produtos químicos... pra controle...

Doc.: para controle de?

Inf.01: Todos, qualque um... é o mais comum, é aí onde tá, qual quê intervenção de praga que, ou seja, de inseto seria inseticida, se minha praga é um ácaro, um acaricida né, aí qual qui seria intervenção pra doença, a minha doença é fungo fungicida, minha doença é uma bactéria, bactericida, qual que intervenção pra... pra uma planta daninha seja ela qual for, aí seria um... veneno né especializado para plantas...

Doc.: É uma pulverização... se faz aéreo?

Inf.01: Depende do poderiu econômico do produtor, mas só você pode fazer ou terrestre ou aéreo.

Doc.: É...você falou agora pouco sobre cultura de rotação ³[**Inf.01:** a rotação de cultura] a rotação de cultura, eu que troquei, o que que é essa rotação de cultura?

Inf.01: A rotação de cultura é o que eu ti disse, é você, pra ser bem feito, é você... é... fazê(r) a rotação, ou seja, a rotação em si é ro/rodar né? Então essa/literalmente é rodar as culturas, só qui você tem qui fazê(r) uma rotação intercalando uma aliaginosa, não oliaginos, oluginisa, não oleaginosa, só que não é só essi critério, outro critério quando eu (inint) oliaginosa, não oliginosa a próxima aliaginosa não pode ser a mesma qui eu iniciei... cê tá intenden(d)o? não pode ser a mesma, aí... aí hora qui eu voltar na outra não oliginosa pode ser a mesma não oluginosa que eu plantei aluginosa qui, ou seja, pra mim tê(r) uma rotação de cultura eu tenho qui ter a implantação de quatro culturas diferentes, um exemplo eu posso plantar soja, milho, nu oto ano girassol e trigo, eu fiz, aí eu fiz uma rotação de cultura soja oliginosa sucedido de uma não oliginosa que é o milho, voltei pr'uma não oliginosa que é o girassol, cê ta intenden(d)o? Só qui o girassol é diferente do soja, não é a mesma cultura e vim depois pr'o trigo, é uma não oliaginosa também, qui o milho, mas não é o milho.

Doc.: é comum isso aqui?

Inf.01: Não... não porque a rotação de cultura bem feita, ela é cara, ela se torna cara, aí o qui qui é feito a sucessão de cultura, eu faço a mesma coisa oliginosa, não oliginosa, oliginosa, não oliginosa, só qui também eu trago duas culturas, que nem soja e milho, soja e milho, soja e milho, cê percebeu qui eu continuei fazendo a rotação do... de oliginosa, não oliginosa, mas qui eu sempre mantive nas duas culturas, que é a diferença da rotação, cê tá intenden(d)o? e depois tem a monocultura que seria não ter rotação nenhuma, aí é só as mesmas culturas soja, soja, soja, milho, milho, milho.

Doc.: Isso deve cansar o solo?

Inf.01: É a palavras cansar é uma palavra que... é do usual né? o correto é tende a exaurir o solo, ou se/ porque como eu planto só uma cultura, eu vou usá só um lado do solo, é que nem o músculo, se usá(r) só o músculo, cê cansa ele né.

Doc.: As pessoas usam cansar?

Inf.01: É o certo do termo é cansar, mas não é o correto, é como futuro agrônomos eu tenho de falar o mais correto.

Doc.: Eu usei espontaneamente o cansar, não sei.((risos)).

Doc.: É fala um pouquinho pra mim sobre essa integração que a gente vê hoje lavoura/pecuária e lavoura/pecuária e floresta. Sabe falar sobre ⁴[**Inf.01:** as cultura?] esse processo e esse funcionamento?

Inf.01: Tá, é... eu quero sabe o que qui é su/ a sua pergunta integração, na íntegra, ⁴[**Doc.:** interagir] não, não sim, não entendi, você não entendeu minha pergunta, porque você pode tá/ eu quero sabê(r) o que qui você tá pensando, a integração, a integração em si é usá(r) as duas ou três cultura no mesmo espaço, isso é integração ⁵[**Doc.:** É] tá então é isso o que o quê né ⁶[**Doc.:** é integração delas] já me perguntaram integração lavoura e pecuária, aí você imagina isso que é o correto, não, quer dizer eu tô perguntando aquele plantado os dois ao mesmo tempo ⁷[**Doc.:** Interagir, integração] na íntegra real da palavra, então tá lavoura/pecuária é a mais usual, é a mais usual... tem quem faz as três qui é a integração silvopastoril ou a integração silvo é pastoril com... tem, tem com pasto, mas é bem menos, porque ela demanda um custo inicial maior, ela também te dá(r) um retorno maior, só qui como o agricultor tem dificuldade de enxergá(r) isso, então ele acha ah eu vou gastar mais, eu não vou fazer... né, é colocando nos/ na nossa região, em ordem o que é mais feito, primeiro, o que mais feito, nada, ninguém simplesmente pronto, (a)cabou, ou a pessoa só planta ou a pessoa só tem pasto separado, esse é o mais usual, porque tudo conté é manejo, tem um certo trabalho, esses produtores não tão dispostos a querê(r) fazê-los, depois tem o usual da inte/ é, o uso desculpa da integração lavoura/pecuária e por último os três juntos, é tem os três tem, o último que são os três juntos, é eu tenho certeza que muita gente vai falá(r) que não tem, porque é tão pouco que muita gente considera não tem, porque acontece, mexer cum, cum éh:: a silvicultura éh:: é complicado silvicultura é só pra(para) você sabê(r) não é o plantio só, muitos achá(r) que é o plantio só o eucalipto não, é qualquer árvore, vamu dizer assim, qualquer floresta, em que (nasceu) cultura, seja ela eucalipto, pinhos, madeira de lei, qualquer uma, ela é mais complicada, ela tem um trato cultural mais acirrado, então as pessoas acabam não fazendo.

Doc.: Mas existe?

Inf.01: Existe, existe em nosso Estado em geral, vamu dizê(r) assim. Não posso ti afirmá(r) porqui eu não (vivo) em Dourados.

Doc.: E que gente vê, falando em eucalipto, e passando nas rodovias ⁵[**Inf.01:** Você vê muito eucalipto] vê o eucalipto e o gado embaixo.

Inf.01: Só o qui qui você vê, aí é só o gado né, mas o qui qui você vê, às vezes você vê eucalipto só na divisa, isso não é integração, se eu fizer só na divisa qual qui é minha função quebra de divisa, eu planto outro (milho) então isso não é integração, integração eu tenho qui fazé na mesma área, como faço integração eu tenho de pensar que vô(u) tê(r) duas culturas de manejo totalmente diferente, uma que é ou o eucalipto mais alta, que é árvore e outra qui vai levá(r) sete, quinze, vinte, trinta anos dependendo do qui eu escolhi pra podê(r) ela ficá(r) pronta, e eu vô(u) tê(r) uma que é pastagem, qui o manejo tam(b)ém é diferente e eu tenho de pensar também que a minha árvore condo tiver de porte mais adulta, ela vai fazê(r) sombra pra minha pastagem, então eu tenho que tê(r) toda uma questão de espaço pra podê(r) não atrapalhar essa pastagem, eu tenho qui tê(r) uma ques/ tem as mesmas (inint) tem, o qui acontece como a implantação disso é um pouco complicado, cê acaba não fazendo ⁸[**Doc.:** tem que ter um planejamento] se eu tive um planejamento e um bom profissional, tem problema nenhum, o profissional dá tudo pra você, aí, aí depende... porque é mais do que integração dos três, porque eu vou tê(r), eu vou tê(r) uma cultura sempre ali, qui é a árvore e vou tê(r) uma rotação a cada seis meses, ou a cada/ dependendo da/ da pessoa entre lavo(u)ra e pecuária embaixo, então o qui qu'eu vou fazer, eu tenho qui prestá(r) atenção é inúmeras questões, primeiro s'eu tenho só pecuária, beleza, eu coloco pasto e de(i)xo meu gado lá, agora se eu tenho lavoura, eu tenho qui pensá(r), a máquina qui vai colhe(r) ela passa aqui, é

viável eu fazer a máquina passa(r) uma vez e voltar em outra linha, ou passar duas vezes na linha, condo passar a máquina eu vou conseguir transitar minha máquina até ela descarrega(r), eu tenho qui pensar em tudo isso porque se eu não fizer o meu planejamento depois plantado a cultura eu não posso modificá(r) entendeu, então o planejamento se torna muito maior, o(u)tra coisa qui as vezes pessoas têm medo, eu planejo tudo pra minhas máquinas qu'eu tenho hoje, aí daqui a cinco anos eu troco de máquinas por máquinas maior, aí meu planejamento se desfaz, então ele tem qui planejar pra hoje, pro amanhã, e o(u)tra coisa o local qu'eu plantei a árvore é complicado tirar, porque o custo de tirar o toco do chão é muito alto, então ou/ o qui qu'eu vou ter qui fazer, ou eu nunca vou poder/ plantei uma vez e fiquei plantando, esse qui depois eu colho, entendeu, ou seja, planta uma vez vai ser eterno, ou eu vou ter qui gastar um dinheiro muito alto pra retirar isso que as vezes é inviável, então eu tenho qui pensar em tudo isso, eu queo fazê(r) isso, eu tô disposto a correr esse risco.

Doc.: Já que você falou em máquina, eh::: fale um pouco sobre essas ferramentas manuais e motorizadas que são comuns aqui, de um modo geral a gente observa-se que a tecnologia aqui ela é visual mesmo né, até quem não está no campo, só observa, o que se utiliza tanto aqui de motor e até manual também?

Inf.01: É uma coisa qui vê muito os olhos, às vezes, os olhos numa máquina (e)inorme oh aqui tem tecnologia e às vezes não tem, porque no campo o que qui é tecnologia é usar a ferramenta certa no trabalho certo, se minha ferramenta certa é o boi, eu tenho a tecnologia, se tá entendem(d)u, agora se a minha ferramenta certa é o boi, e eu usá(r) um trator eu não tô tendo a tecnologia, cê tá entendem(d)u, porque o campo é das...um dos empreendimentu, vamos dizê(r) assim mais complicado, ele não aceita erro, entendeu, dois erros, erro em dois anos consecutivos ti quebra, cê tá entendem(d)u, o campo ele aceita um único erro, só que a questão é como evitar esses erros, entendeu, um dos erro não, mas problemas que é inevitável é a falta de chuva, com'ê qui eu vou mexê(r) com o tempo? então esse eu tenho qui sabê(r), to arriscado, que quero trabalhá(r) tô arriscado, então, a gente não/pensar muitos e não cometer os erros qui eu posso evitar, que é compra maquinários exagerados que não tenha necessidade para o meu trabalho, é comprá(r) produto que as vezes não tem necessidade, então o qui é qui a gente como agrônomo fala, cê quê(r) testá(r) algo, primeiro se for maquinário, veja se o seu vizinho comprou, ou quem comprou, o que ele tá tirando, segundo, consulte o agrônomo ele vai te falá(r) olha esse máquina é demais ou de menos pra sua necessidade, você não precisa disso, cê tá intenden(d)u, ou... é outra coisa/é tecnologia não só transforma maquinário, mas sim genética, produtos, ela é uma tecnologia cara literalmente, mas só qui não é uma tecnologia qui não é fixa, eu posso comprá(r) por um ano só, entendeu, e todo ano vai cê comprada, então não entra, vamu dizer assim, com toda sua lavoura na tecnologia, reserva um pedaço lá, vamu supô(r) de/vamus dizer que você tenha cem hectares, reserva cinco hectare pra cada tecnologia cara, porque o investimento vai ser pouco, e se você não gostá(r) ou perder é pouco, agora se dos cem hectares, plantá(r) setenta e eu perder, cê tá intenden(d)u, ou não se adaptar ao meu/a minha realidade, porque cada tecnologia foi desenvolvida pr'uma realidade cê tá intenden(d) principalmente geneticamente, ela foi desenvolvida pr'uma realidade E às vezes quem (tive) não sabe qui essa realidade é diferente, e as vezes inocente, ele não sabe dessa realidade, então você tem qui discubri(r), ela pegou (inint) vai ser, então você computou esse ambiente, se você me/prestou a realidade certa, aí você vai juntá(r) com (as plantas) também muito provavelmente qui/uma vez (a seleção do produto não), porqui/outra coisa tecnologia não é também plantar a mesma coisa, se eu planto soja, eu vou plantá(r) só soja esse ano né, mas se eu planto só uma cultivá(r) na minha área, eu tô fardado (fardado) ao insucesso, o que acontece, eu planto só uma cultivá(r), ou seja, eu vou ter só uma coisa, elas vão amadurecer tudo no mesmo período, elas vão qui ter a dar tudo a mesma quantia, elas vão qui ter/se uma tiver um problema com uma doença xis, todas vão ter, cê tá intenden(d)u, intão eu tenho qui plantá(r) várias, porqui si uma delas não

se adaptar naquele ano, porque também tem aquela coisa, todo ano você planta um negócio (inint), um ano ela pode dá(r) problema de clima, pronto, destruiu tudo qui eu tinha, então se eu tiver uma parte da minha lavoura não se adaptou, eu tenho outros pra tentar me salvar, isso também é tecnologia, a tecnologia não tá só no maquinário, ah vou comprá(r) uma colhedora ela custa setecentos mil reais, por que... porque ela é tecnologia, não, não só isso que é tecnologia, ela vai ser tecnologia se ela te ajudá(r), agora se você comprou alguma coisa que não ta te ajudando, ela não é tecnologia.

Doc.: E os maquinários que não comuns então aqui? Colhedora é necessário?

Inf.01: Não é que são comuns, é ninguém compra o que não é necessário, a pessoa só compra o que é necessário, quer dizer pelo menos a gente pensa qui o produtor faz isso, então o que qui é necessário ou a pessoa tem qui ter ou vai ter qui alugar, das duas uma, que é a plantadora, que junto a plantadora está o trator, qui é quem vai puxar, vamu dizer assim, ela qui vai ta em movimento, ela não é automovimentante, vamus dizer assim, ela não tem seu/sua propulsão própria né, então vai ter qui ter o trator pra puxar, então na verdade vai fazer parte pa tudo, eu tenho o trator pra fazer quase tudo que eu preciso, desdi chegar o ponto, vamu dizer quem tem cerca elétrica, chegar até a cerca eu vou precisar do trator, entendeu, porque as vezes um carro não chega onde o trator chega, entendeu, então eu vou ter qui ter um trator, vou ter qui ter pra plantar a plantadora, durante o processo praticamente, não tem como cê não trabalhar cum produtos químicos, então vou precisar de um pulverizador pra pulverizar com produto químico, e depois eu tenho que colher o meu produto, eu não vou plantar e deixar nada pros outros, então tem qui ter uma colhedora, aí a colhedora vem, existe o colhedora e a plataforma qui a gente fala, que é um é... pra, eu não tem só uma colhedora do milho, uma colhedora da soja, colhedora do trigo, então eu tenho a colhedora que é o mais caro e na frente é o que chama plataforma que é simplesmente a peça que adapta a cada cultura em vez de eu comprar toda colhedora, eu faço só aquela peça, cê tá intenden(d)u, e agora se faz uma modificação piquena fica muito mais barato do que eu comprá(r) toda uma colhedora para cada cultura, então daí eu teria qui ter é esse trio básico, dentro desse trio básico que é plantar, pulverizar e colher, eu também posso ter outras coisas, menos no ar, assim eu posso ter umas é/ eu falei plantadora? é semeadura desculpa tá é que a gente vai com os/é semeadura, eu posso ter as semeadoras convencionais, trig/milho, desculpa, desculpa, trigo não, é milho e soja, e posso ter várias semeadura pra trigo, porque o grão o trigo funciona diferente do grão de soja e milho, ele é um grão pequeno então o sistema que funciona pra trigo é desculpa pra milho e soja não funciona pra ela.

Doc.: É sobre esse processo de semeadura aqui na lavoura, sobre o que não falamos, em todo esse preparo até a colheita?

Inf.01: Do básico acho que falamos tudo né, única coisa qui acho importante falar é... cautela na hora que você plan/na hora qui você semear, profundidade, quando você vai semear tem que presta muito atenção, porque não é só uma coisa, tem qui presta atenção em que a cultura pede em relação a temperatura do solo e umidade, porque se eu tiver uma umidade muito ba(i)xa eu/ e de(i)xar essa semente muito próximo a superfície do solo, o solo pode levantar a semente, e eu ter qui replantar, se eu de(i)xar muito funda, ela pode não dá(r) conta de nascê(r), de emeger, emegir.

Doc.: D. você como aluno do 5º ano, já passou por muitas aulas práticas, muitas aulas no campo você lembra de algum fato curioso, algum fato interessante que tenha ocorrido durante essas aulas no campo, entre seus colegas, professores ou uma terceira pessoa, lembra de alguma situação que você possa contar?

Inf.01: Em campo, sala de aula é que eu acho interessante, no meu pessoal, é que eu conheci muitas culturas novas que eu não conhecia, aquela que (ele) disponibilizam às vezes pequenas partes (do caso) só pra conhecimento de alunos, que eles não vão plantar literalmente, apenas para conhecimento dos alunos, acabei descobrindo plantas interessantes, cê tá intenden(d)u,

que eu não conheci, é descobri plantas que eu conhecia que não dava a menor importância, tinha uma importância interessante, eh:: realçar os alunos entre si, a nossa sala sempre é (a)cabou sendo uma sala vamos dizer assim, que a/ acho sendo da agronomia perde a amizade mas não perde a piada, então sempre um enchendo o saco do outro e tudo mais, dentro do laboratório, eu considero campo, mas dentro do laboratório já aconteceram muitas intrigas, intrigas, mas graças as intrigas nunca levou algo mais sério, é tipo brigar com alguém, já tive brigas em relação é o professor dar trabalho e a gente ter que apresentar na frente, e alunos começa com conversa paralela ou dá impressão que tá rindo de você e eu sô(u) uma pessoa quando converso muito eu chego e pergunto, toda vez que eu vou da palestra que o professor pede, eu ando na sala de aula, não fico parado, então deu chegar perto do aluno pra ver se ele para, então isso é normal, já passei muitas vergonhas, vamos dizer assim, momentos constrangedores tanto dentro de sala de aula como fora, como as vezes até brincadeira de mau gosto, eh:: agora assim eu acho fato em si que nunca me deixa esquecer foi uma professora que eu tive aula no primeiro ano com ela, no segundo eu voltei pra eu dar a gente/ monitoria, ajudá(r) ela, reaprendi coisas que eu havia esquecido, e o que eu mais gostava era com ela colocava eu pra dá(r) aula no lugar dela, com ela sabia que eu dominava é/ alguns assuntos que eu não dominava, ela não dava, porque era dessa professora era muito é sensata, ela só deixava eu dá(r) aula se soubesse que eu dominava o assunto, então as aulas que eu dominava, ela deixava eu dá(r), e eu gostava sabe disso porque sempre gostei de ficar na frente explicando como a gente/ era botânica a gente mexia muito com flor, então havia certas coisas que todo mundo tava (bombando) e todo dia eu olhando e eu aí/ eu falava gente é aquilo, é fácil, e o que eu achei muito interessante, que é muito interessante quando você tá aprendendo e com você tá ensinando(d)u, porque e com você tá aprendendo você vê eu não consigo, aí depois que você possui/vai ensiná(r), aí você diz putis como é que você não sabe isso, (inint) isso é fácil, quando a aprendia eu também não ia com você, tá ensinando tá certo que tem coisa que são muito fácil, isso é fácil, mas só que algumas coisas se torna mais difíceis com você olha e não diz e os o(u)tros fica com você fala, aí você pensa não gente isso aqui é fácil, é fácil porque eu já aprendi, agora eu tenho que tentar fazer eles aprender, eu adorei essa experiência no segundo ano de passar de aluno pra professor em algumas aulas, não todas mas algumas aulas passa para professor, muito interessante.

Doc.: Fale então sobre a importância do profissional de engenharia agrônoma no campo? Ou as vantagens e desvantagens da profissão?

Inf.01: Da profissão em si, como eu agrônomo, a vantagem é que com você vê o Brasil produziu tanto de alimento você diz tem um (profissi/agrônomo) aqui, tá intenden(d)u, a desvantagem é que:: muito necessário porque mesmo o agrônomo ele tem a desvantagem (inint) com você tá intenden(d)u são muitas coisas a ser vista, num adianta se o produtor achar que ela é o tal sem o agrônomo, ela tá fardado ao insucesso ou num vai crescer, porque a profissão de um profissional é descobrir os problemas em si com você tá intenden(d)u muitas vezes você não vê e o profissional ele não vê só sua lavoura ele vê inúmeras lavouras então as vezes você tá com problema debatendo, o cara chega, fala é isso, aí você fala como é que você conseguiu isso tão rápido, como as vezes ele já viu (essa doença) outro local ele já debateu e já chegou, não isso é isso aqui, então é importante, é a mesma coisa que a importância do médico, você vai se tratá(r) sozinho, não, com você tá intenden(d)u, algumas coisas você consegue sozinho, consegue, se for dor de cabeça, você vai lá e toma remédio pra dor de cabeça, pronto, entendeu, é mesma coisa, eu sei plantar, eu vou plantar ou vou () minha cultura, não preciso do agrônomo, porém vê seu problema, vê uma maneira de vê a lavoura ou uma cultivá(r) de tal cultura melhor, eu preciso de um auxílio de um agrônomo ou contratá-lo ou as vezes chegá(r) sabe aquele cara que começa a chegá(r) e conversar, pegar, vai ter que uma mãozinha ali do lado, não adianta, sem por cento/ sem o profissional do lado você não consegue você tá infardado ao insucesso.

APÊNDICE F – Amostra de transcrições de entrevistas orais do grupo C

Informante:	XXXXXXXXXXXXXXXXXX
Amostra:	AI.01PP
Data:	01/12/2012
Duração:	27min. 41segundos / Voice Editing 2.0 Panasonic
Dados do Informante:	Masculino, Produtor Rural, Dourados
Documentador:	Ioneide Negromonte
Transcritor:	Ioneide Negromonte

Doc.: O Senhor como produtor rural aqui da região, que tipo de cultivo agrícola o Senhor produz em sua área?

Inf.01: Soja e milho.

Doc.: O Senhor sabe dizer quais são as lavouras importantes aqui da região, as que mais predominam?

Inf.01: Nós aqui é... lavoura né, '[Sim.], soja e milho, em grande porte, vamos dizer assim né, é agora encontra essas agricultura família (liga) planta um pouco de mandioca, cana, que eu saiba, e algodão antigamente, tem muito plantado, hoje ninguém mai(s) planta, tem alguma coisa potencial muito pequeno aí na safrinha que é o mi/ que é o trigo né, existe o percentual pa nós aqui é muito pequeno, que pra nós aqui é muito quente, e me(s)mo que o trigo dê uma produtividade boa, nós nunca vamos conseguir qualidade no trigo, no caso do, do... não sei exatamente genética, é clima, mas o trigo tem um fator num sei que que é lá, ele não dá qualidade, então nosso trigo ele serve/ o trigo bom de aparência, mas pa pão, ele só serve pra massas iniciais, então eles fazem mistura.

Doc.: Por isso que a gente importa o trigo

Inf.01: Muito trigo, exatamente, por isso que traz do Canadá e da Argentina, por ca(u)sa do frio, Rio Grande do Sul dá trigo também bom, mas é pouco né do que/ então eles importam o trigo, porque nossa qualidade não dá boa.

Doc.: Mas é em função de quê?

Inf.01: Clima, clima, não é, o trigo em si, se pega o grão, ele é perfeito, só que num tem qualidade, éh:: com' é que fala, até eu me esqueci o nome agora, é um item que eles falam o nome, que ele dá um grau de tolerante, um grau de qualidade, então pra nós, aqui, a gente não consegue atingir esse grau qualidade pra pães, então só serve pra indústria, e pra mistura desse outro trigo da Argentina que é mai(s) puro.

Doc.: O Senhor que planta soja e milho, o Senhor faz algum tipo de preparação do solo ou é plantio direto?

Inf.01: Não, plantio direto, hoje é plantio direto.

Doc.: Como é exatamente esse processo de plantio direto, senhor J. como funciona isso?

Inf.01: Como funciona? funciona assim, vamos começar por onde?

Doc.: Por onde o Senhor quiser, a terra está lá.

Inf.01: Vamos ver, por exemplo, então vamos começá(r), começa pelo milho certo, de trás pra frente pa você entendê(r) melhor, por exemplo, a gente planta o milho, hoje em dia, a gente faz plantio direto, por exemplo, colhe o soja, e a gente corta o soja com colhede(i)ra, e a palha, a folha, o galho, o galha, aquilo tudo fica tudo no chão, fica como cobertura, não se mexe, antigamente mexia aquilo lá tudo, hoje não se mexe mais, porque o sol bate na terra, a umidade preserva mais umidade, a umidade, então, volta lá pro milho, então a gente o colhe o soja nessa palhada e já planta o milho em cima sem mexê(r), a gente só passa veneno pra

matá(r) o mato, e já planta o milho, eu, por exemplo, tô adotando a conven/ o sistema de milho com éh:: com braquiária, que existe... que eu esqueci, me fugiu o nome agora, planta milho, uma rua de milho e uma de braquiária, uma de milho e uma de braquiária, então por que essa braquiária? essa braquiária ela vai demorá(r) um pouca pa nascê(r), o milho vai tá um pouco maior, o milho vai produzi(r), primeiro, segundo, terceiro ano, o milho pede o potencial, o milho perde um pouco, mas você ganha em cobertura, então quê(r) dizer, quando você tira o milho, cê colhe o milho, por exemplo se cê olhá(r) a terra assim, você não vê terra cê vê só braquiária, como se fosse um pasto, eu uso essa braquiária pro gado também, então eu tenho sessenta dias, eu jogo meu gado todo aqui dentro, então, por exemplo, no inverno, passei o plano de pasto, pasto seco, pasto maduro, essa braquiária tá no vigor dela, verde, então você ganha muito aproveitamento com isso, certo, então isso aí é o plantio direto, você colhe, você passa o veneno pa matá(r) o mato que fica e planta em cima, sem mexê(r) na terra, por exemplo, que nem agora, colhi o milho, colhi o soja, só passei o veneno pa matá(r) o mato, e tô plantan(d)o em cima do mato.

Doc.: E com o soja?

Inf.01: É merma coisa, mermo processo.

Doc.: O senhor faz algum tipo de correção nesse solo?

Inf.01: Sim.

Doc.: Que tipo de correção o Senhor faz gessagem, calagem, como é esse processo? não precisa se preocupar se eu vou entender ou não, fique a vontade.

Inf.01: Não, como funciona? funciona o seguinte, todo ano a gente faz análise de solo, certo, então essa análise de solo ela vai te dá, a gente tem a análise comum e tem análise sofisticada, a gente fala assim, mais completa, você controla os N.P.K., a acidez e os micronutrientes, então se a terra tivê(r) ácida, vamos dizê(r) assim, fator P.H., então a terra ácida ela vai inibi(r) o adubo faz efeito, que são com sentidos opostos um com o outro, então quando a terra tá ácida, você coloca adubo, e não consegue absorvê(r) esse adubo, então a gente fala acidez da terra, aí que a gente entra com calcário, essa dosagem a análise que vai dizê(r), se é uma, se é duas, se é três, se é quatro, se é cinco toneladas por hectare, isso aí a análise que vai dizê(r), e, hoje em dia, já tá se usando muito é, por exemplo, jogá adubo por cobertura, não colocá(r) na máquina como (o cara tinha) antigamente, então por que, porque você vê preparando a terra, se você... o solo tem bastante matéria orgânica, bastante palhada, então, por exemplo, quando a chuva vem, ela num fica correndo, ela vai ficá(r) por ali, vai dá uma corridinha perto, coisa, pá, então num tem aquela enxurrada, que leva a tê(r) erosão, vamos dizê(r) assim, então você/ já tem pessoa que entraram com processo de jogá(r) tudo a lanço o adubo, não em cima da plantadeira.

Doc.: Então faz uma correção e normalmente um adubo?

Inf.01: É o adubo é normal, só que muita/ então a gente pode colocá(r) um pouco na linha que a gente fala onde planta ou então a lanço, depende a tecnologia que o cara fô(r) usá(r), depende se o cara, por exemplo, se a terra dele tá boa, se num tá boa, então isso é muito relativo, é tudo em cima de análise... o que eu falo muito é o seguinte que todo lavoure(i)ro tinha que quebrá(r)...

Doc.: Sim, pode explicar.

Inf.01: Não, porque o lavoure(i)ro, que é o seguinte porque antigamente, hoje em dia, já não é mais tanto, o lavoureiro que a gente fala, que eu falo é aquela pessoa que, por exemplo, ah:: vou tocá(r) roça lá, arrenda um pedaço de terra, compra um tratorzinho véio e começa a plantá(r), aí num se preocupa com análise de solo, num se preocupa com maquinário, se tá plantado correto, ou se não dá plantio direto, aí o cara diz que num produz, que por isso, por aquilo e dá mil desculpas, hoje em dia, num tem espaço pra esse tipo de gente, ou você é profissional, cê é produtor, eu falo assim, você é empresário ou você é ou você tá fora, parte pr'outro canto, pessoal não consegue nada (inint.), hoje em dia, porque a concorrência tá...

não se fala mais quanto tá o preço soja aqui em Dourados... não sei se você sabe, você num mexe muito com isso não? ¹[não.] mas uma pessoa que entende, ele fala assim como e que tá o preço de soja, vê a bolsa de Chicago, já é... como é que se fala é... já mundial o mercado... não é mais Dourados, num é mais mato Grosso do Sul, então, por exemplo, dá uma seca que nem tá dando uma seca nos Estados Unidos lá, repercutiu aqui, se dá seca, alguma coisa na América do Sul repercute o resto do mundo, se dê uma crise lá, repercute aqui, e o agricultor tá desse jeito, e se o caro num produzi(r) dentro dum parâmetro, o custo não compensa, aí e o cara fica patinan(d)o.

Doc.: Com relação aos problemas que acabam ocorrendo no decorrer desse plantio, existe alguma praga, que se faz controle, ou planta daninha ou outro tipo de doença que acontece no caso de sua lavoura, por exemplo, e que tipo de procedimento se faz?

Inf.01: Praga todo sempre existe e sempre vai existi(r), o que que tá acontecendo, existe ano após ano e todo ano é diferente do outro, por exemplo, ano trasado a gente teve problema de... com a praga que chama mosca branca, há dois atrás, há três, quatro anos atrás, teve a praga da, da... do canto... do.... uma doença no fugiu o nome dela, esqueci o nome da doença agora, na, na planta, quando a planta sai, ela cobre o galho, quando sai o galho, ela dá uma doença no pé... doença do pé –como chama a doença aquela dá doença no pé ((falando com outra pessoa))-

Int.: Cirrose, nematóide.

Inf.01: Não que deu no duzentos e nove.

Int.: Antracnose.

Inf.01: Antracnose isso, essa é a doença que dá, então, quer dizer, sai a praga sem que ninguém esperava e deu, e o ano passado, trasado deu mosca branca, agora tô com problema de uma praga que é a buva, então são, tipo, começa a se tornar difíceis, difíceis de controlá(r) e com isso, quer dizê(r), vai dinheiro, então é... todo ano é uma história, por exemplo o milho esse ano, choveu bem, teve variedade aí, por exemplo, não esperava, colhia bem, e colheu super bem, teve início de quem falá(r) que era sementes, aí, com muita chuva, deu praga, num deu nada, então isso é uma coisa de... vamos dizê(r) assim, cada ano é uma história, num existe, a gente se projeta, a gente programa, (qualqu'ê) doença, por exemplo, a ferrugem é uma doença que, a ferrugem era uma doença que todo mundo tinha medo, hoje ninguém mais se preocupa, por que, porque já tá na programação quando eu plantá(r) de (tacele em taleco) de passá(r) veneno pa ferrugem, vai vim, então já existe controle pra ela, a mosca branca, já existe um certo controle, então essas coisa já ir se programando, e pra evitá(r)... e já sabe mais ou menos o que vai acontecê(r), agora todo ano uma história, esse ano ano não sei o que que vai acontecê(r), mas a gente tem que tá sempre preparado, a gente se prepara, mas sempre tem uma coisinha, outra, uma doença a mais, uma doença a menos, por muita chuva, por muito sol, é sempre tem alguma coisinha, mas isso é...

Doc.: Tanto no milho como na soja?

Inf.01: Sim, sim, isso aí é como é que diz, são problemas naturais que vem, normal (inint.)

Doc.: O Senhor faz alguma rotação de cultura?

Inf.01: Não, não faço, teria que fazê(r), mas não faço.

Doc.: O Senhor pode falar um pouco sobre o que é isso?

Inf.01: Rotação de cultura é:: que que seria, isso aí é rotação de cultura, por exemplo, em vez de plantá(r) milho e soja, você plantaria soja e milheto, soja é algum/ com outra variedade de coisa, por que isso? porque as doenças do milho são umas, e no soja são outras, se você plantá(r) milho e soja, milho e soja, as doenças do milho elas, muitas vezes, eles resistem até o milho do ano seguinte, então ela vai atacá(r) o milho do ano seguinte, consequentemente vai tê(r) problema, então a rotação de cultura, você faz a planta e você quebra esse ciclo, ela pode aguenta um mês, seis meses, mas não aguenta mais de um ciclo, porque chegá(r) lá no fim, o que restou, ele num vai mais tê(r) comida, que são é o resto do

milho ou o resto do soja, que depende das pragas, então pa rotação de cultura é quebrá(r) o ciclo da praga, isso é rotação de cultura.

Doc.: O Senhor agora pouco falou que faz uma integração de braquiária e milho, o Senhor sabe falar sobre integração lavoura e pecuária?

Inf.01: É o que eu penso, eu o que eu tô fazen(d)o é isso aí.

Doc.: E integração lavoura/pecuária e floresta?

Inf.01: Nós aqui, (inint.) fazen(d)o, agora eu acredito, isso eu na minha opinião, minha opinião partícula, eu acredito que isso aqui seria localizado, que que é minha maneira de pensá(r), eu não vou pegá(r) uma área, que nem a minha, por exemplo, que é uma terra de cultura, produtiva e fazê(r) uma... uma árvore, plantá(r) uma floresta, por que? porque se eu plantá(r) soja, milho, o milho, feijão, eu vou produzi(r) alimento, precisa, sim precisa, mas existe, por exemplo, vamos falá(r) de Mato Grosso do Sul, por exemplo, cê sai daqui, passei pra frente de Aroeira, pra frente de Nova Alvorada, são regiões que só têm capim, por que a terra não é propícia pra lavoura, num (a)guenta, só que ela aguenta fazê(r) a integração, eucalipto com floresta, com braquiária, eu vou fazê(r) isso aqui no meu, só que eu vou fazê(r) em pequenas áreas, onde que eu tem/ mexe com gado, sempre tem um gadinho pequeno, é claro que dois, três hectare, cinco hectares, então be(i)rando as cercas, eu vou plantá(r) eucalipto, seria mais ou menos isso aí, só que o que você tá falando seria então, por exemplo, pra frente de Glória de Dourados aqui, nessa região Nova Andradina por ali, então são áreas que não suporta soja, que a terra, o calor nosso aqui com terra mista, queima a soja, então não se produz, agora se fizê(r) essa integração, a pessoa/ então que tem que sê(r) localizado, merma coisa (inint.) passando aqui, num dá, por que nós não temos frio.

Doc.: A gente percebe que a tecnologia aqui é bem forte até realizada a outras localidades, mas fale quais são normalmente ¹[Não concordo,não concordo], quando se fala em tecnologia, o Senhor por exemplo usa a tecnologia do agrônomo da orientação, isso é tecnologia.

Inf.01: Eu volto, eu volto lá (no início) se nós fizê isso, não a gente.

Doc.: Exatamente, mas isso é bem claro, as pessoas são bem esclarecidas na produção rural, mas o que é necessário de modo geral de ferramentas manuais e motorizadas ²[com'ê que é, volta a pergunta] ferramentas manuais e motorizadas].

Inf.01: Manual, meu anjo, meu anjo, essa palavra não se usa mais, essa palavra não se usa mais, nós temos dificuldade pa (arranjá(r)) gente pra trabalhá(r), não se bota mais gente pra trabalhar, se você pegá(r) seu empregado hoje botá(r) na propriedade rural e você mostrá(r) uma enxada pra ele, ele pede as conta na hora, então esse negócio de manual não existe mais, existe manual, o cara que tem lá, dependendo da casa, hortinha lá, negocinho assim, mas ninguém mais consegue trabalhá(r) manual, é tudo tecnologia, tudo tecnologia, hoje se fala em plantá(r) com G.P.S., fala em passá(r) veneno com G.P.S, então é tudo tecnologia, porque nós não podemos mais errá(r), custa semente, o custo adubo, o custo veneno, num dá mais espaço pra você, você tem o tempo pa plantá(r) é muito curto, você tem um limite de tempo pa plantá, pa cê consegui colhê(r), agora cê pode planta mais tempo, só que é o seguinte, aí tá chutando o balde, pode sê(r) que acerte pode sê(r) que erre, então num exis/ eu acho assim manual não existe mais, se o cara não usá(r) tecnologia, por exemplo, eu mesmo, não vamos falá(r) dos outro não, eu, éh:: por exemplo, eu fiquei praticamente, vamos dizê(r) assim, seis meses sem funcionário, tinha o funcionário que foi embora p'uma propriedade maior, mais ganhava mais claro né, nesse meio tempo passou três funcionário, máximo foi trinta dias, você não encontra gente pra trabalhá(r), então o que é qu'eu fiz, comprei um trator grande, cabou tinha uma plantadeira grande onze linhas, comprei um pulverizador de vinte e quatro linhas, dá passá(r) três mil litros, e comprei, tá chegando agora, um trator traçado gabinado, pra quê tudo isso? que se dê problema com gente, eu vou continuá(r) aplicando minha tecnologia em minha propriedade, eu mesmo porque você não acha gente pra trabalhá(r), e os que têm (inint.) a usina, que a usina lá pega todo mundo do bom e do ruim, paga um precinho

razoável, porque na minha opinião, eu digo que a usina é bancada pelo governo, que eles gastam com dinheiro com ali, e o povo tem dinheiro, ganha dinheiro que nem água, eles põe o preço que quê(r), eles pagam o preço que quê(r), e vende o preço que quê(r) pra (inint.), então, quer dizê(r) é diferente da agricultura, que você tem que jogá(r) no mercado, você tem que sabê(r) trabalhá(r), tem que sabê(r) comprá(r) e tem que sabê(r) vendê(r), senão você quebra, e não tem segurança, não tem ninguém

Doc.: O Senhor está há alguns anos na agricultura não é?

Inf.01: Dezesete anos.

Doc.: Dezesete anos, durante todo esse tempo sabe contar, que possa contar, algum fato interessante ou curioso que tenha acontecido no campo em plantio, que chamou atenção, pode ser entre funcionário no momento de plantio?

Inf.01: Não de especial, de especial, especial, é que eu... é que não levo muito a coisa nesse sentido, então, eu levo meio controlado, mais ou menos por esse tanto... assim não me impressiona mais, eu já vem do comércio há quarenta anos, eu tô acostumado tá lá todo dia, então a gente já tá acostumado, pode ser que tenha alguma coisa interessante, mas pra mim.

Doc.: Fale sobre as vantagens e desvantagens de um produtor rural na sua atividade?

Inf.01: Vantagem e desvantagens, você é professora?

Doc.: Sim.

Inf.01: Qual qu' é a vantagem e desvantagem?

Doc.: De quê?

Inf.01: De ser professora

Doc.: A vantagem é de doação mesmo de promover o crescimento da sociedade.

Inf.01: E desvantagens?

Doc.: Às vezes é a insegurança de acreditar que não tá conseguindo fazer isso.

Inf.01: Eu diria a merma coisa, a vantagem do produtor, você sabe que você... você tá fazendo uma coisa que vai... eu digo o seguinte, a vantagem é você tá produzindo, você tá trabalhando, ganhando dinheiro em cima de uma coisa que vai te sustentá(r), por exemplo, a diferença que eu falo assim, o governo incentiva produção de carro, produção de geladeira, produção de televisão, produção de cana, e eu pergunto.... como o produtor, o ser humano dessa cidade que num quê(r), é ignorante, totalmente ignorante do que acontece na propriedade rural, ele é ignorante ao extremo, num tem conhecimento nenhum e fala um monte de coisa, quero sabê(r) com' é que ela vai fazê(r), colocá(r) uma geladeira dentro do bucho, dentro do estômago, uma televisão com' é que ele faz pra (entrá(r)), então eu vejo essa a grande desvantagem que o produtor ele é... como que diz é recriminalizado um pouco – você é de onde?-

Doc.: Eu moro aqui mesmo.

Inf.01: Que que você vê as pessoas falarem, por exemplo, de um cara que tem uma caminhonete uma Silverado, uma Hyllux nova, grandona assim, que que passa na cabeça de vocês como população?

Doc.: Não sei, que a pessoa tem dinheiro... um utilitário, quando eu vejo, é porque é uma necessidade.

Inf.01: Tenho que melhorá(r) a pergunta, você é professora, que carro você tem um carro, tenho certeza absoluta que você não tem uma Hyllux, aí você vê uma cara, por exemplo, todo sujo, tal, tal, e o cara com uma camionetona, que que passa na cabeça?

Doc.: Talvez, é um utilitário, deve ser um produtor rural, porque precisa usar.

Inf.01: Que que passa na cabeça da população, que as pessoas falam? Esse é fazendeiro, né isso que as pessoas falam?

Doc.: Deve ser.

Inf.01: Então, vou explicá(r) que que isso aí, que que é o desgosto, até eu comento com as pessoas, as pessoas dizem que o cara, tem uma camionete, então o cara é fazendeiro, o

produtor é rico, num sofre, gente boa, gentil, nã, nã, nã, tudo essas coisa, tudo que tem de bom, fazendeiro é mão amiga, todo mundo queria sê(r) fazendeiro, mas ninguém quê(r) sê(r), queria sê(r), mas ninguém quê(r) sê(r), aí o cara tem uma camionete, mas se essa pessoa, ele melhora um carro pequeno, um golzinho, um fiatinho, e for trabalha, ele num (a)guenta, todo ano ele tem que trocá(r) de carro, por que esse carro num (a)guenta trabalhá(r), e se o cara num tivê(r) uma camionete pa fazê(r) o serviço, ele tem que saí daqui a cem quilômetro, estrada de chão, terra batida, meio da roça, é o carro pequeno... seis meses, um ano a carro tá todo estourado, (inint.) e aí, então, que eu falo, as pessoas fazem do produtor um bandido, e muitas vezes o cara tem uma camionete, o cara ele tá sufocado, claro que desse uns trinta por cento é sem vergonha mermo, o cara num tem nada, e tem uma camionete pa aparecê(r), mas eu acho que cinquenta por cento quem tem camionete é porque necessita mesmo, que outro carro num (a)güenta, isso que me deixa revoltado de vantagem e desvantagem, que a ignorância do povo, a mídia num passa isso pra frente, a mídia omite tudo isso, a mídia ela é muito comprada, por exemplo, cê vê, por exemplo, cê vê a mídia falá(r) dois mil e treze vai sê(r) uma super safra, o ano passado falava assim, super safra, super safra no Brasil, super safra, super safra, o cara nem tinha nem plantado ainda, aí vem a seca, aí depois agora esse ano, por exemplo, começan(d)o no Mato Grosso Sul começou a plantá(r), você viu, começou a plantá(r) semana passada, começou a plantá(r) milho, foi po beleléu maçã, pêssego, uva naquela regiões Sul, Santa Catarina, então quer dizer que esse povo vai fazê(r), então é essas coisa que que deixa a pessoa assim revoltada em função das desvantagens que a pessoa tem, mas é bom tem que gostá(r), tem que gostá(r), quem num gosta, num fica.

Doc.: Muito obrigada, o Senhor me ajudou muito mesmo.

ANEXOS

ANEXO A – Primeiro Parecer Consubstanciado do CEP

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas/Campus de São José do Rio Preto/IBILCE/UNESP

PROJETO DE PESQUISA

Título: Estudo comparativo entre o léxico de jovens universitários em agronomia e de moradores da área rural da Grande Dourados-MS

Área Temática: Área 5. Novos procedimentos ainda não consagrados na literatura.

Pesquisador: Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha **Versão:** 1

Instituição: Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas/ Campus de São José do Rio Preto **CAAE:** 00704012.8.0000.5466

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 73153

Data da Relatoria: 08/08/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de doutorado, de Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha, aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP. A pesquisa "consiste em um estudo comparativo lexical das variações diatópicas, diastráticas e diatécnicas, referente a falantes urbanos de nível superior e do meio rural da Região da Grande Dourados no Estado de Mato Grosso do Sul, pertencentes a três grupos: A - docentes do curso de Agronomia (representantes do sistema educacional); B - graduandos em formação no curso de Agronomia e C - produtores rurais com atividades práticas comuns ao curso de Agronomia. Parte-se de um corpus misto, com vocabulário comum e terminológico, extraído de entrevistas orais, para comparar as lexias usadas e refletir sobre questões relativas ao ensino de conteúdos do curso e seu uso na prática. Nos três grupos, observa-se até que ponto o léxico científico está presente na linguagem dos usuários entrevistados. Verifica-se também se há diferentes níveis para o léxico utilizado, se os usuários dominam os termos e conseguem assimilar jargões próprios dos ruralistas para reportar aos mesmos temas. Nesse sentido, busca-se levantar divergências, convergências, interseções, semelhanças, similaridades entre os níveis que vão dos termos técnicos à fala corrente e refletir sobre como o conhecimento contribui ou não na intercomunicação" entre os grupos investigados.

Objetivo da Pesquisa:

Observa-se, nos três grupos de participantes supracitados, até que ponto o léxico científico está presente na linguagem dos entrevistados. Verifica-se também se há diferentes níveis para o léxico utilizado, se os usuários dominam os termos e conseguem assimilar jargões próprios dos ruralistas para reportar aos mesmos temas. Nesse sentido, busca-se levantar divergências, convergências, interseções, semelhanças, similaridades entre os níveis que vão dos termos técnicos à fala corrente e refletir sobre como o conhecimento contribui ou não na intercomunicação entre os três grupos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A coleta de dados da pesquisa realizar-se-á por amostragem dos falantes e das lexias recorrentes: i) no grupo A, representado por 12 informantes do corpo docente das subáreas específicas do curso; ii) no grupo B, por 36 jovens acadêmicos, com menos de 25 anos, das turmas de 2º, 3º e 4º anos de três Instituições de Ensino Superior (IES), localizadas em Dourados; iii) no grupo C, representado por 20 pessoas adultas, acima de 25 anos e moradoras da zona rural do município, será realizada por meio de entrevistas presenciais. O procedimento de realizarem-se entrevistas, e sua transcrição, tendo-se como modelo o banco de dados do PROJETO ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), não apresenta riscos para os participantes da pesquisa, os quais colaborarão de modo voluntário, tendo para isso assinado o TCLE enviado juntamente com a documentação que embasa o projeto de pesquisa. Conforme mencionado no próprio projeto (pag. 1), "os resultados particulares" [do estudo proposto] permitirão "uma reflexão geral pautada na relação entre o conhecimento formal e o empírico na constituição da história da língua e da própria sociedade. Há, portanto, benefícios para a área dos estudos da linguagem, do léxico e de uma terminologia específica presente em falas em ambientes urbanos e rurais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a grande área e para a linha de pesquisa na qual se insere e, conforme mencionado à página 15 do projeto, "em se tratando de pesquisa de linguagem de grupo," poderá ajudar a promover a disseminação desse universo linguístico junto a outros interessados na linguagem desse grupo, sejam eles linguistas ou não. Para os falantes de uma comunidade específica, o conhecimento mais aprofundado poderá contribuir para a melhoria da comunicação entre eles e, além favorecer as relações entre si e os outros, demonstrar a visão de mundo do grupo, suas marcas individuais e a identidade enquanto grupo."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos apresentados estão de acordo com as normas de apresentação de um projeto de pesquisa, no caso, em nível de doutorado.

Recomendações:

Recomenda-se (1) que o cronograma apresentado seja seguido rigorosamente, de modo especial para que a coleta dos dados possa ser realizada integralmente ainda neste ano de 2012, e (2) que seja incluído, no TCLE, a informação de que a pesquisa pode trazer risco mínimo para os participantes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Dados a relevância do tema, a qualidade do projeto apresentado, e as possíveis contribuições do estudo, acima mencionadas, o projeto não pode ser aprovado devido a necessidade de adequação do TCLE.

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Sim

Considerações Finais a critério do CEP:

A pesquisadora deve atender as recomendações para adequação do TCLE no prazo de 30 dias.

O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.

SAO JOSE DO RIO PRETO, 13 de Agosto de 2012

Assinado por:
Ana Elizabete Silva

ANEXO B – Segundo Parecer Consubstanciado do CEP

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
LETRAS E CIÊNCIAS
EXATAS/CAMPUS DE SÃO

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Estudo comparativo entre o léxico de jovens universitários em agronomia e de moradores da área rural da Grande Dourados-MS

Pesquisador: Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha

Área Temática: Área 5. Novos procedimentos ainda não consagrados na literatura.

Versão: 2

CAAE: 00704012.8.0000.5466

Instituição Proponente: Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas/ Campus de São José do

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 130.700

Data da Relatoria: 10/09/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se do projeto de doutorado de Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha, aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP. A pesquisa consiste um estudo comparativo lexical das variações diatópicas, diastráticas e diatécnicas, referente a falantes urbanos de nível superior e do meio rural da região da Grande Dourados no Estado de Mato Grosso do Sul, pertencentes a três grupos: A - docentes do curso de Agronomia (representantes do sistema educacional); B - graduandos em formação no curso de Agronomia e C - produtores rurais com atividades práticas comuns ao curso de Agronomia. Parte-se de um corpus misto, com vocabulário comum e terminológico, extraído de entrevistas orais, para comparar as lexias usadas e refletir sobre questões relativas ao ensino de conteúdos do curso e seu uso na prática. Observa-se, nos três grupos, até que ponto o léxico científico está presente na linguagem dos usuários entrevistados. Verifica-se também se há diferentes níveis para o léxico utilizado, se os usuários

dominam os termos e conseguem assimilar jargões próprios dos ruralistas para reportar aos mesmos temas. Nesse sentido, busca-se levantar divergências, convergências, interseções, semelhanças, similaridades entre os níveis que vão dos termos técnicos à fala corrente e refletir sobre como o conhecimento contribui ou não na comunicação entre os grupos investigados.

Objetivo da Pesquisa:

Observar, nos três grupos de participantes supracitados, até que ponto o léxico científico está presente na linguagem dos entrevistados. Verificar também se há diferentes níveis para o léxico

Endereço: CRISTOVAO COLOMBO 1897/99999

Bairro: JARDIM NAZARETH

CEP: 15.054-000

UF: SP

Município: SAO JOSE DO RIO PRETO

Telefone: (17)3221-2456

Fax: (17)3221-2500

E-mail: soraiafr@ibilce.unesp.br;

**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
LETRAS E CIÊNCIAS
EXATAS/CAMPUS DE SÃO**



utilizado, se os usuários dominam os termos e conseguem assimilar jargões próprios dos ruralistas para reportar aos mesmos temas. Busca-se levantar divergências, convergências, interseções, semelhanças, similaridades entre

os níveis que vão dos termos técnicos à fala corrente e refletir sobre como o conhecimento contribui ou não na intercomunicação entre os três grupos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A coleta de dados da pesquisa realizar-se-á por amostragem dos falantes e das lexias recorrentes: i) no grupo A, representado por 12 informantes do corpo docente das subáreas específicas do curso; ii) no grupo B, por 36 jovens acadêmicos, com menos de 25 anos, das turmas de 2º, 3º e 4º anos de três Instituições de Ensino Superior (IES), localizadas em Dourados; iii) no grupo C, representado por 20 pessoas adultas, acima de 25 anos e moradoras da zona rural do município, será realizada por meio de entrevistas presenciais. O procedimento de realizarem-se entrevistas, e sua transcrição, tendo-se como modelo o banco de dados do PROJETO ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), apresenta somente riscos mínimos para os participantes da pesquisa, os quais colaborarão de modo voluntário, tendo para isso assinado o TCLE enviado juntamente com a documentação que embasa o projeto de pesquisa. Conforme mencionado no próprio projeto (pag. 1), "os

resultados particulares" [do estudo proposto] permitirão "uma reflexão geral pautada na relação entre o conhecimento formal e o empírico na constituição da história da língua e da própria sociedade. Há, portanto, benefícios para a área dos estudos da linguagem, do léxico e de uma terminologia específica presente em falas em ambientes urbanos e rurais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a grande área e para a linha de pesquisa na qual se insere e, conforme mencionado à página 15 do projeto, "em se tratando de pesquisa de linguagem de grupo," poderá ajudar a promover a disseminação desse universo linguístico junto a outros interessados na linguagem desse grupo, sejam eles linguistas ou não. Para os falantes de uma comunidade específica, o conhecimento mais aprofundado poderá contribuir para a melhoria da comunicação entre eles e, além favorecer as relações entre si e os outros, demonstrar a visão de mundo do grupo, suas marcas individuais e a identidade enquanto grupo."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos apresentados estão de acordo com as normas de apresentação de um projeto de pesquisa, no caso, em nível de doutorado. A versão modificada do TCLE atende as recomendações do CEP do Ibilce/UNESP.

Recomendações:

Recomenda-se que o cronograma apresentado seja seguido rigorosamente, de modo especial para

Endereço: CRISTOVAO COLOMBO 1897/99999

Bairro: JARDIM NAZARETH

CEP: 15.054-000

UF: SP

Município: SAO JOSE DO RIO PRETO

Telefone: (17)3221-2456

Fax: (17)3221-2500

E-mail: soraiafr@ibilce.unesp.br;

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
LETRAS E CIÊNCIAS
EXATAS/CAMPUS DE SÃO



que a coleta dos dados possa ser realizada a contento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Dados a relevância do tema, a qualidade do projeto apresentado, e as possíveis contribuições do estudo, além do fato de a versão anterior do TCLE e o projeto em si terem sido revisados para atender as recomendações do CEP, a proposta está adequada para ser aprovada pelo CEP.

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Sim

Considerações Finais a critério do CEP:

A pesquisadora precisa corrigir a área temática do projeto, pois não trata-se de projeto de área temática especial à ser enviado à CONEP. Portanto, conforme instrução da CONEP carta circular no. 121/2012, deve ser emitido parecer de pendência até a correção da área.

Os relatórios são obrigatórios e semestrais a partir da data da aprovação do projeto.

O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.

SAO JOSE DO RIO PRETO, 25 de Outubro de 2012

Assinador por:
Ana Elizabete Silva
(Coordenador)